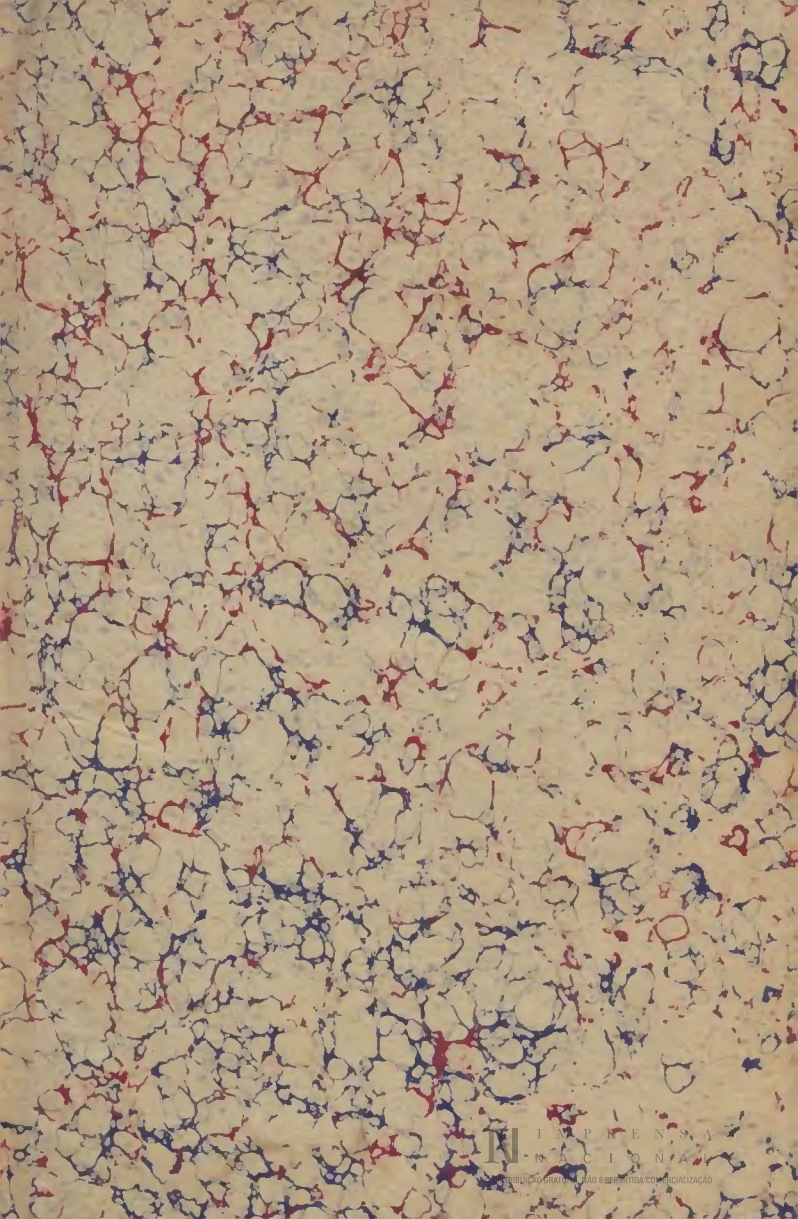


INSTITUTO
NACIONAL DE
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMIDA COMERCIALIZAÇÃO



IMPrensa
NACIONAL
Distribuição gratuita. Não é permitida a comercialização

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO

THOME JOSÉ DE BARROS QUEIROZ

DA ASIA DE DIOGO DE COUTO

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM
NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS
TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA SEXTA

PARTE PRIMEIRA.



LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA,

ANNO M. DCC. LXXXI.

Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.



IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

OFERTA

281304

79456

DA ÁSIA
 DE
 DIOS DE COUTO
 DE
 DECA DA SEXTA
 PARTE PRIMEIRA



LISBOA
 NA IMPRENSA NACIONAL
 ALVARO GOMES
 ALVARO GOMES

INDICE

DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM

NESTA PARTE I.

DA DECADE VI.

LIVRO I.

CAP. I. *De como foi eleito pera Governador da India D. João de Castro: e da Armada com que partio pera a India no anno de 1545. e de como chegou a Goa, e tomou posse da governança: e das cousas em que proveo: e da viagem que Martim Affonso de Sousa teve até o Reyno.* Pag. I.

CAP. II. *Da dissimulação com que Coge Cozar mandou visitar o Governador: e das pazes que se fizeram com ElRey de Cannanor: e dos recados que passáram antre o Governador, e o Idalxá sobre Mealecan.* II.

CAP. III. *Do que aconteceu a Diogo Soares de Mello indo pera Patane: e de como foi ter a Pegú, e foi em companhia daquelle Rey contra o de Arracão: e do que lhe succedeo até chegar a Patane.* 16.

CAP. IV. *Da chegada d'ElRey de Maluco a Goa: e de como o Governador Dom João de Castro o tornou a mandar pera seu*

I N D I C E

seu Reyno, e Bernaldim de Sousa foi entrar naquella fortaleza: e do que aconteceo na viagem a Fernão de Sousa de Tavora: e dos partidos com que Kuy Lopes de Villa-lobos se entregou. 22.

CAP. V. *Do que mais passou Fernão de Sousa de Tavora com os Castelhanos: e de como foram todos contra o Rey de Geilolo, e o cercaram na sua fortaleza: e de como se recolberam sem fazerem cousa alguma.* 30.

CAP. VI. *Das intelligencias que Coge Çofar teve com hum Kuy Freire, estando em Surrate, sobre lhe entregar a fortaleza de Dio: e da gente, que naquella Ilba entrou dissimuladamente.* 40.

CAP. VII. *De como Ruy Freire chegou a Goa com as cartas que o Capitão da fortaleza de Dio mandava ao Governador D. João de Castro: e elle mandou de socorro seu filho D. Fernando, e outros Fidalgos em nove navios: e da chegada de Coge Çofar a Dio: e do terceiro aviso, que D. João Mascarenhas teve: e dos recados que antre ambos correram.* 51.

CAP. VIII. *Do conselho que Coge Çofar tomou com seus Capitães sobre o modo de como cercaria a fortaleza: e de como asfentáram ganbar primeiro o baluarte do mar: e de huma grande máquina que pe-*
ra

DOS CAPITULOS.

ra isso armáram : e de como o Capitão lha mandou queimar : e das cousas que mais passáram até chegar D. Fernando de Castro. 63.

CAP. IX. *De como Coge Çofar começou a fazer a parede : e das cousas que succedêram com a chegada de D. Fernando de Castro : e de hum grande feito que fez Diogo da Nbaya Continbo.* 69.

L I V R O II.

CAP. I. *De como ElRey Soltão Maba-mude chegou a Dio : e de hum assignalado feito que seis soldados fizeram, em que tomáram hum Mouro: e das asperas baterias que deram á fortaleza.* Pag. 78.

CAP. II. *De como os Mouros continuáram a bateria, e ElRey se foi da Cidade por hum ruim agouro que tomou : e do monte da rama que os inimigos alevantáram de frente do baluarte S. Thomé.* 86.

CAP. III. *De como os nossos furtáram o entulho aos Mouros : e de como matáram Coge Çofar : e do soccorro que o Capitão mandou pedir a Goa : e de como os inimigos entulháram a cava : e de outras cousas.* 94.

CAP. IV. *Do recado que Rumeçan mandou ao Capitão por Simão Feio : e do grande,*

INDICE

- de, e aspero combate que os inimigos deram á fortaleza: e de como entráram o baluarte S. Thomé.* 103.
- CAP. V. *De outro muito grande, e aspero combate, que Rumeçan deo á fortaleza com todo o poder: e das cousas, que nelle succedêram.* 114.
- CAP. VI. *De como os Mouros entráram pela banda da rócha: e de hum valoroso feito, que huma mulher fez: e de como acudio o Capitão, e os lançou fóra: e de como matáram Fuzarcão.* 121.
- CAP. VII. *De algumas cousas que passaram em Goa: e de como o Governador D. João de Castro mandou seu filho Dom Alvaro de Castro de soccorro a Dio: e dos assaltos que os Mouros deram áquella fortaleza, de que se recolhêram desbaratados.* 130.
- CAP. VIII. *De outras baterias que deram á fortaleza: e de como chegou a ella o Vigario, que foi com recado a Chaul, e Baçaim: e de hum grande assalto que os Mouros deram: e das grandes fomes, e necessidades que havia na fortaleza: e de hum muito honroso, e valoroso feito que fez Martim Botelho.* 141.
- CAP. IX. *De como Rumeçan mandou minar o baluarte S. João: e da ardil de que usou de huma falsa espia pera segurar*

DOS CAPITULOS.

rar os nossos : e de como arrebentou o baluarte : e da morte de D. Fernando de Castro, e de outros Fidalgos, e Cavalheiros. 153.

CAP. X. De como os Mouros commettêram o baluarte S. João : e do grande valor, com que cinco homens o defendêram : e de outras cousas. 161.

L I V R O III.

CAP. I. Do que aconteceu na viagem a D. Alvaro de Castro até Chaul : e de como Antonio Moniz Barreto, e Garcia Rodrigues de Tavora chegaram a Dio : e do que fez Rumecan. Pag. 168.

CAP. II. De alguns assaltos, que os Mouros deram á fortaleza : e de huns escravos que della fugiram pera os Mouros : e de como os inimigos ganharam ametade do baluarte Sant-Iago. 177.

CAP. III. Dos soccorros que partiram de Baçaim : e do que aconteceu a Luiz de Mello de Mendoça, e aos mais até chegarem a Dio : e do grande assalto que os Mouros deram, em que ganharam parte de todos os baluartes. 186.

CAP. IV. De outros assaltos, que os Mouros deram á fortaleza : e de hum muito arriscado feito, que commetteo Antonio Cor-

I N D I C E

- Correia por tomar huma espia , em que foi cativo: e do grande , e aspero martyrio que recebeu. 194.
- CAP. V. De algumas cousas , que mais succedêram : e do que aconteceu na viagem a D. Alvaro de Castro: e de hum grande motim que houve dos Portuguezes contra o Capitão. 204.
- CAP. VI. De como D. João Mascarenhas por desconfiança sabio aos inimigos , e lhes ganhou as primeiras estancias , e a parede , e os commetteo no campo , onde foi desbaratado , e morto D. Francisco de Menezes , e outros Fidalgos. 215.
- CAP. VII. De como os Mouros ganhâram as peças de artilheria do baluarte São Thomé: e de como Rumecan mandou fazer huma nova Cidade junto da nossa fortaleza : e das náos , que este anno de quarenta e seis partíram do Reyno , de que era Capitão mór Lourenço Pires de Tavora : e de como D. Manoel de Lima chegou a Goa : e das novas que deram ao Governador dos successos de Dio , e do soccorro que mandou. 223.
- CAP. VIII. De como D. Alvaro de Castro mandou Luiz de Almeida a esperar as náos de Meca : e de como tomou duas : e dos mais damnos que algumas Armadas , que sabíram de Barça-

DOS CAPITULOS.

- çaim, e Chaul, fizeram na enceeda de Cambaya. 232.
- CAP. IX. De como o Governador D. João de Castro partio pera Dio, e de Baçaim despedio D. Manoel de Lima pera a enceeda de Cambaya, e da guerra que por ella fez: e de como as ndos, que partiram do Reyno no anno de 1546., de que era Capitão mór Lourenço Pires de Tavora, chegáram a Cochim, e Lourenço Pires de Tavora se partio pera Dio de soccorro. 239.
- CAP. X. De como o Governador D. João de Castro chegou á fortaleza de Dio: e do conselho que tomou sobre a desembarcação: e de como se ordenou pera dar batalha aos inimigos. 248.

L I V R O I V .

- CAP. I. De como o Governador D. João de Castro sabio da fortaleza, e commetteo as estancias dos inimigos: e do muito primoroso, e honroso desafio que tiveram D. João Manoel, e João Falcão: e de como os nossos ganháram as estancias: e dos grandes, e espantosos casos que aconteceram a alguns Portuguezes. Pag. 260.
- CAP. II. De como o Governador D. João de

I N D I C E

- de Castro apresentou batalha aos inimigos , e da crueza della , e de como os desbaratou , e ganhou a Cidade com morte de Rumecan , e cativoeiro de Juzarcan. 273.
- CAP. III. Das cousas que mais succederam : e de como Lourenço Pires de Tavora se embarcou pera o Reyno , e levou consigo Rax Nordin , filho de Rax Xarrafso , Guazil de Ormuz : e de como o Governador D. João de Castro mandou D. Manoel de Lima a fazer guerra á costa de Cambaya : e de como destruiu as Cidades de Goga , Gandar , e outras. 286.
- CAP. IV. De como D. João Mascarenhas desistio da fortaleza de Dio , e o Governador D. João de Castro a entregou a D. Manoel de Lima : e de como Antonio Moniz Barreto foi esperar as ndos de Cambaya : e de como chegaram a Goa as novas da vitoria : e de hum heroico feito que fizeram as matronas de Goa. 296.
- CAP. V. Do tempo em que os Turcos tomaram a Cidade de Baçorá : e de como D. Manoel de Lima foi entrar na fortaleza de Ormuz : e D. João Mascarenhas tornou a ficar na de Dio. 304.
- CAP. VI. Do grande triunfo com que o Governador D. João de Castro foi recebido na Cidade de Goa. 311.
- CAP.

DOS CAPITULOS.

CAP. VII. *Das cousas , que neste tempo acontecéram em Ceilão : e de como o Governador D. João de Castro mandou Antonio Moniz Barreto com huma Armada em soccorro de ElRey de Candea : e de como D. Forge de Menezes tomou a Cidade de Baroche.* 321.

CAP. VIII. *De como o Madune persuadiu a ElRey de Candea a levantar-se contra os Portuguezes : e do que aconteceu a Antonio Moniz Barreto na jornada : e de como atravessou toda a Ilha de Ceilão com as armas nas mãos , pelejando com o poder daquelle Rey.* 329.

CAP. IX. *De como o Idalxá mandou alguns Capitães sobre as terras de Salsete : e de como D. Diogo de Almeida , Capitão de Goa , o foi buscar , e desbaratou.* 338.

L I V R O V.

CAP. I. *Do que aconteceu na jornada a Bernaldim de Sousa : e de como huma Armada dos Achens foi a Malaca : e de como D. Francisco Deça sabio após ella , e do que lhe aconteceu.* Pag. 343.

CAP. II. *De como a nossa Armada achou os inimigos no rio de Parlés : e da victoria que os nossos alcançaram : e de como foi revelado ao Padre Mestre Francisco*
Xa-

I N D I C E

- Xavier da Companhia de Jesus, estando
prégando, e a denunciou logo a todos. 351.
- CAP. III. De como o Idalxá mandou outros
Capitães sobre as terras de Salfete: e do
recado que o Governador D. João de Cas-
tro teve de Dio: e das Armadas que es-
te anno partiram do Reyno. 361.
- CAP. IV. De como o Governador D. João
de Castro partio pera Pondá, e tomou
aquella fortaleza: e de hum Embaixa-
dor que o Rão mandou ao Governador: e
das pazes que com elle se assentaram. 368.
- CAP. V. Do fundamento deste Reyno Ca-
nará, e origem de seus Reys com todos
os que até hoje reindram: e donde nã-
ceo chamarem a este Reyno de Bisnagdã,
e de Narsingã. 375.
- CAP. VI. Da grande Armada com que o
Governador D. João de Castro partio pe-
ra o Norte: e de como mandou seu filho
D. Alvaro de Castro a Surrate: e do que
lhe aconteceu. 384.
- CAP. VII. Das cousas que o Governador
D. João de Castro fez: e de como che-
gou a Surrate, e passou a Baroche, on-
de achou ElRey de Cambaya com hum po-
deroso exercito: e de como desembar-
cou á sua vista: e do mais que lhe acon-
teceo. 391.
- CAP. VIII. De como o Governador Dom
João

DOS CAPITULOS.

João de Castro passou a Dio , e metteo de posse daquella fortaleza a Luiz Falcão , e D. João Mascarenhas se embarcou pera o Reyno : e de como o Governador destruiu as Cidades de Pate , e Patane.

397.

CAP. IX. De como o Idalxá mandou Calabatecan sobre as terras de Salsete : e de como os Vereadores de Goa não deixáram passar D. Diogo de Almeida , Capitão da Cidade , em busca delles : e da pressa com que o Governador D. João de Castro se embarcou pera Goa : e de como destruiu a Cidade de Dabul.

402.

CAP. X. De como o Governador D. João de Castro passou a Salsete em busca dos inimigos , e batalha que lhes deo , em que os desbaratou de todo.

408.

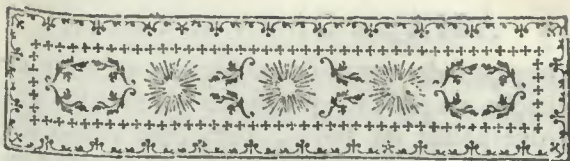
CAP. XI. De como o Governador D. João de Castro proveo nas cousas das terras de Salsete : e de como partio pera o Norte , e destruiu toda a costa do Idalxá.

416.

DE-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



DECADA SEXTA.

LIVRO I.

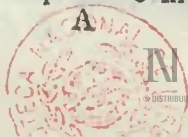
Da Historia da India.

CAPITULO I.

De como foi eleito pera Governador da India D. João de Castro : e da Armada com que partio pera a India no anno de 1545. e de como chegou a Goa, e tomou posse da governança : e das cousas em que proveo : e da viagem que Martim Affonso de Sousa teve até o Reyno.



CHEGADA a Armada de Diogo da Silveira a Portugal, e informado ElRey D. João o III. delle das cousas da India, e vendo as cartas de Martim Affonso de Sousa, e a instancia com que lhe pedia mandasse successor, e que o mesmo mandava pedir por Diogo da Silveira, indo-se ElRey pera Evora passar o inverno,
Couto. Tom. III. P. I.



IMPRENSA
NACIONAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

2 ASIA DE DIOGO DE COUTO

começou de tratar de negocios, e entrar na eleição da pessoa, que havia de mandar por Governador da India, pera cujo cargo lhe inculcou o Infante D. Luiz seu irmão a Dom João de Castro, filho de D. Alvaro de Castro, Governador da Casa do Civel, (que já tinha andado d'antes na India, como no Capitulo V. do setimo Livro da Quinta Decada fica dito,) a quem pelas partes que tinha era muito afeiçoado. E como o Infante D. Luiz tinha já muito obrigado a ElRey pelo grande amor, e cortezia com que o tratava, nomeou a D. João de Castro por Governador da India em Janeiro de quarenta e cinco, e lhe assignou seis náos com dous mil homens.

Com o despacho desta Armada correo o Conde da Castanheira. Nos requerimentos se dizia que não ficára, D. João de Castro satisfeito, porque como hia contra o gosto dos do Conselho, que o teriam de outro com aquelle cargo, não lhe responderam bem, do que elle andava pejado. Mas o Infante D. Luiz lhe disse, que se embarcasse, e se calasse, que como estivesse na India, segundo as novas que d'elle viessem, affim se lhe responderia, com o que se calou, e aviou, mandando negociar seus filhos Dom Alvaro, e D. Fernando de Castro pera irem com elle.

Aqui

Aqui se conta huma cousa de D. João de Castro, que se lhe notou por doudice, como outras muitas que o não eram. Esta foi, que passando hum dia pela porta de hum calceteiro, vio estar humas calças de veludo mui ricas, e de muito feitio, e detendo o cavallo, as pedio, e olhou, e depois de notar a obra que era curiosa, perguntou cujas eram? O calceteiro não o conhecendo, disse que eram de hum filho do Governador, que hia pera a India. D. João de Castro, dando-lhe a paixão, tomou huma tisoura, e as cortou todas em retalhos, e disse ao calceteiro: *Dizei a esse moço que faça armas*, e foi passando.

Em fim, como o tempo da embarcação se hia chegando, foi ElRey concluindo com os negocios da India, despachando Rax Xarrafo Guazil de Ormuz pera se ir naquella Armada, porque havia muitos annos que o tinha no Reyno, (como na Quarta Decada no Capitulo III. do Livro sexto fica dito,) e não continuamos com elle, porque de industria o guardámos pera este lugar.

Depois deste Mouro chegar ao Reyno, que foi no anno de vinte e sete, o teve ElRey no Castello de Lisboa muitos annos sem o ouvir, e depois a seu requerimento o mandou levar á Relação, onde lhe elle fez huma mui elegante falla sobre suas cou-

A ii

sas,

4 ASIA DE DIOGO DE COUTO

fás, allegando-lhe os serviços que lhe tinha feito, e contando-lhe os muitos agravos, e tyrannias, que sempre recebêra dos Capitães de Ormuz, concluindo que de tudo fizera muitas vezes queixas a S. A. por cartas, e isso mesmo aos Governadores da India, e que nem hum, nem outro lhe remediára suas queixas, por onde lhe pareceo que S. A. não fazia conta da fortaleza de Ormuz, e que elle por remir sua vexação fizera o que fez.

ElRey o ouviu bem; e parecendo-lhe que tinha justiça, o mandou pera Montemór o novo, entregue ao Capitão mór dos Ginetes, em huma prizão livre, pera que pudesse ir á caça, e passear pela Villa. Alli esteve até a entrada deste anno, que o despachou pera ir com D. João de Castro, e lhe fez mercê dos cargos de Guazil, e Juiz da Alfandega de Ormuz, pera elle, e pera seu filho, e que pudesse mandar á Cidade de Goa cada anno vinte cavallos, e que os tirasse pera os Reynos do Decan fôrros dos direitos, e outras mercês, e honras; e ao despedir-se, lhe disse ElRey, que folgaria de ver naquelle Reyno alguma cousa sua pera lhe fazer mercês. Desta palavra entendeo o Guazil, que ElRey ficava ainda desconfiado d'elle; e beijando-lhe a mão, lhe respondeu, que elle satisfaria S. A. e assim se

en-

embarcou satisfeito. Contam deste Guazil muitas grandezas, entre ellas huma foi, não querer acceitar mercês a ElRey de dinheiro, mandando-lhe dar muito, e muitas vezes. E que com saber mui bem a lingua Portugueza, nunca quiz usar della, e dizia muitas vezes, que o homem honrado não havia de mudar lei, nem lingua.

Antre muitas cousas, que ElRey proveo pera a India, e que deo por regimento ao Governador foi, que proveesse tres Veadores da Fazenda em Goa, que hiam nomeados, hum pera a Ribeira das Armadas de Goa, outro pera os Contos, e outro pera a carga das náos do Reyno em Cochim. E polto que alguns digam que lhe pareceo a ElRey ser assi necessario pelo grande crescimento, em que hiam as cousas da India; o que se tem por mais certo he, que o fez por não ter tanta confiança de D. João de Castro, nem o haver por homem de muito negocio.

Despachadas as cousas todas, o Governador se embarcou; e se fez á vèla meado Março, indo elle embarcado na náos S. Thomé. Os Capitães de sua conservaeram, D. Jeronymo de Menezes, de alcuinha o bacalháo, filho herdeiro de D. Henrique de Menezes, irmão do Marquez de Villa-Real. Era este Fidalgo casado com huma filha de D. Alvaro de Castro, irmão do

6 ASIA DE DIOGO DE COUTO

do Governador, que hia provido da fortaleza de Baçaim. Foi muito estranhada sua ida á India, porque tinha que comer, e era filho mais velho de seu pai; ao menos seu irmão D. Francisco de Menezes o sentio tanto assim por isso, como por ir despachado com Baçaim, que quando chegou a Goa, fingio-se doente pelo não ir buscar, porque dizia elle, que tinha escrito a El-Rey, que Baçaim era cousa pouca, e que não tirára dellá cousa alguma; e que vendo elle que seu irmão lho pediria, haveria que o enganára, e que lhe não escrevêra verdade. Os outros Capitães eram Jorge Cabral, que tambem hia provido com Baçaim. D. Manoel da Silveira, que levava a Capitania de Ormuz, Simão de Andrade, e Diogo Rebello, que haviam de tornar com a carga. E tendo estas náos boa viagem, tomáram Moçambique, onde o Governador achou Simão de Mello com a gente da sua náos, que se tinha perdido, (como na Quinta Decada, no Capitulo VI. do Livro decimo fica dito,) que o Governador repartio pela Armada, e fazendo-se dalli á véla, foram tomar a barra de Goa todas as náos dez de Setembro, tirando a de Diogo Rebello, que era a náos Santo Espirito, que ficou invernando na costa de Melinde.

A Cidade fez grande recebimento ao
Go-

Governador, e Martin Affonso de Sousa lhe entregou a India na fórma acostumada por termos, e papeis, que disso fez Cosme Anes, que hia provído do cargo de Secretario. A primeira cousa, em que o Governador proveo, foi nos cargos dos Veadores da Fazenda, que vinham nomeados em segredo. Simão Botelho (como já dissemos) pera a Ribeira; o Licenciado Manoel de Mergulhão pera os Contos; e Braz de Araujo pera a carga das náos. Mandou ElRey pelo Governador Alvará de Fidalgo de sua Casa a Coge Cemaçadim com grande acostamento, e lhe escreveo cartas cheias de miunos, e honras, o que tudo o Governador lhe mandou logo, e huma Provisão pera as suas náos poderem navegar pera Méca, e pera os mais portos que quizesse livremente, sem nossas Armadas entenderem com ellas; o que Coge Cemaçadim estimou muito, e o teve por merecê, e honra assignalada, mandando visitar o Governador com presentes, e cousas curiosas. O Guazil de Ormuz tanto que desembarcou em terra, logo despedio recado a Ormuz a chamar seu filho Rax Nordim, porque determinava não se ir pera Ormuz sem o deixar em Goa pera o mandar o anno seguinte pera o Reyno, por acabar de satisfazer ao gosto d'ElRey; e tanto que chegou a Goa, o entregou

8 ASIA DE DIOGO DE COUTO

gou ao Governador, e elle se embarcou para Ormuz.

O Governador achou Mealecan preso na torre da menagem, e tomando informação de suas cousas, o mandou soltar, e lhe fez muitas honras, mandando-lhe dar casas, assignando-lhe dous mil xerafins para seu entretimento, e despachou Simão de Mello para ir entrar na fortaleza de Malaca, e com elle Diogo Soares de Mello, que estava provido pelo Governador Martim Afonso de Sousa da Capitania de Patane, além de Malaca, para fazer ir os mercadores da China despachar suas fazendas a Malaca, porque por não pagarem direitos, tinham feito naquelle porto escala, no que a fazenda d'ElRey recebia notavel perda. E vendo quão necessario era acudir-se áquillo, o despachou, passando-lhe grandes Provisões sobre aquelle negocio, dando-lhe humma formosa galeota com quarenta Portuguezes; e assim se fizeram á vèla por fim de Setembro, e de suas viagens adiante daremos razão.

O Governador mandou dar grande aviamento ás náos da carreira para irem a Cochim tomar a carga. E porque Martim Afonso de Sousa andava para se embarcar, o mandou requerer Bastião da Fonseca Feitor de Goa por cento quarenta e oito mil
oi-

oitocentos e vinte cinco pardãos de ouro, dos quatrocentos mil, que dissemos na Quinta Decada, no Capitulo I. do Livro decimo, lhe déra Coge Cemaçadim em Março, quando se foi ver com elle em Cananor, que carregou em receita sobre o mesmo Feitor, ficando-lhe em si, e passando-lhe escritos rasos, que lhe daria delles despeza, ou lhos entregaria. E como Martim Affonso de Sousa desejava de levar o dinheiro a ElRey, pois o cavára, (porque o Governador apertavá por elle,) mandou-lhe dizer, que em Cochim pera onde lia o entregaria ao Veador da Fazenda, pois era pera a carga das náos. Com isto quietou o Governador, e elle se embarcou pera Cochim, pera onde foi tambem o Licenciado Manoel de Mergulhão pera fazer a carga. E sendo em Cochim, andou Martim Affonso de Sousa dilatando de dia em dia a entrega dos cento quarenta e oito mil oitocentos e vinte e cinco pardãos de ouro, até ser tempo de se embarcar, que desenganou o Veador da Fazenda, dizendo-lhe, que o dinheiro que elle cavára não queria que o Governador se lograsse delle, que em Portugal o entregaria a ElRey; e com isto se embarcou na náos S. Thomé, e deo á véla a treze de Dezembro, indo embarcado com elle Aleixos de Sousa, e Jorge de Sousa Chichor-

10 ASIA DE DIOGO DE COUTO

chorro irmãos, e Fernão da Silva Comendador, e Alcaide mór de Alpalhão, Martim Correa da Silva, Jorge Pimentel, Afonso Pereira de Lacerda, Christovão de Sá, D. João Coutinho, filho bastardo de D. Gonçalo Coutinho de Caparica, e outros. Foi esta náó tão lestes, e negociada, que no convéz não levou mais que algumas capoeiras, amarras, e pipas de agua pera se gastarem nos primeiros dias.

Não deixou Martim Affonso de Sousa embarcar nella matalotagem a pessoa alguma, porque a todos os que se embarcáram deo de comer, até aos grumetes. E teve tão boa viagem, que surgio na barra de Lisboa a treze de Junho do anno de quarenta e seis, cousa nunca acontecida até então. E a mesma viagem farão todas as náos, que partirem tão cedo, e tão lestes como foi esta. E em quanto as náos foram proprias d'ElRey, e a carga dellas corria por sua conta, fizeram sempre suas viagens, e aconteciam poucos defastres; mas depois que se contratáram a mercadores, e que a carga dellas correo por elles, são acontecidas grandes perdas, e defaventuras, porque a cubiça do ganho as faz carregar de feição, que nem lhes fica lugar pera se marearem, nem pera levarem bem humma amarra. E assim affogou, e sumio o mar a muitas com o
fo-

fobejo pezo que lhe põe ; e a mór parte das que são desapparecidas , se presume que foi nos primeiros dias com qualquer tempo , porque nem hiam pera se poderem marear , nem alijar cousa alguma , e assi as comeo o mar. E na barra de Cochim se foi huma náó (pelo grande , e espantoso pezo que tinha) ao fundo , porque como lhe mettêram mais daquillo com que podia , não pode o mar com ella , e assi a sorveo. E se estas desordens se não emendão , não deixará de haver todos os annos grandes desastres , e destruições ; e porque sobre esta materia havemos de fallar adiante mais largamente , a deixamos agora. Este anno nasceo o Principe Carlos em Valladolid a oito de Junho , e a Rainha D. Maria sua mãi faleceo dahi a quatro dias.

C A P I T U L O II.

Da dissimulação com que Coge Çofar mandou visitar o Governador : e das pazes que se fizeram com ElRey de Cananor : e dos recados que passáram antre o Governador , e o Idalxá sobre Mealecan.

COMO Coge Çofar andava com a tenção damnada preparando com mui grande segredo as cousas necessarias pera o cerco , que com Soltão Mahamude tinha assen-

ta-

12 ASIA DE DIOGO DE COUTO

tado de pôr á fortaleza de Dio na entrada de Maio seguinte, tempo em que não pudesse ser soccorrida da India; e como corria neste negocio com dissimulação, quiz segurar D. João Mascarenhas Capitão daquela fortaleza, e o mandou visitar, e fazer-lhe queixas de Manoel de Sousa de Sepulveda quebrar o contrato das pazes em lhe mandar desmanchar as paredes, pedindo-lhe quizesse consentir em se tornarem a alevantar, porque pera isso mandava officiaes. Dom João Mascarenhas recebeu bem este Embaixador, por quem lhe mandou responder que elle era seu servidor, e que em quanto alli estivesse por Capitão o mostraria por obras; mas que no negocio das paredes não podia deixar bolir sem recado do Governador D. João de Castro, que novamente era chegado, e que naquelle particular corresse com elle, e que dando-lhe elle licença, estava muito prestes pera com sua pessoa, e todos os seus soldados ajudar a carretar a pedra pera ellas. Com esta resposta (por encubrir mais sua peçonha) despedio logo hum Capitão dos principaes da Corte pera ir visitar o Governador, e a confirmar com elle as pazes, e lhe mandou hum presente de duas peças de bocado de Turquia, e cinco de veludo de Méca de cores, tres de chalmotes azeitoados, e hum leito dourado

fo-

fobre preto. Este Embaixador foi muito bem recebido, e ouvido, e o Governador o despachou logo, confirmando-lhe as pazés em todos os Capitulos, tirando no da parede, sobre o que se tornou a tomar conselho, e se assentou que sería grande affronta do Estado se tal se lhe concedesse. Com este desengano ficou Soltão Mahamude mui melanconizado, porque como tratava de levar aquelle negocio por via de cumprimentos, e diffimulação, sentio muito a mudança que se lhe fazia nos apontamentos, e isto lhe accendeo mais o desejo que tinha de tomar aquella fortaleza, pera o que mandou em muito segredo dar pressa ás cousas necessarias pera o cerco.

O Governador teve visitações, e Embaixadores de todos os Reys vizinhos, e o do Idalxá lhe requereo com muita instancia que lhe cumprisse os contratos que estavam assentados antre elle, e o Governador Martin Affonso de Sousa nas materias de Mealecan, que ou o mandasse pera onde estava assentado, ou lhe tornasse as suas terras de Salsete, e Bardes. O Governador lhe respondeo, que elle era chegado de novo, e que tomaria informação daquelle negocio, e faria nelle o que fosse justiça; e que pera mandar Mealecan pera fóra de Goa, tempo havia até Abril, que era a monção de

Ma-

Malaca, e Maluco. Com este entretimento quietou o Idalxá por então ; mas elle não largou João Fernandes de Nigreiros , que o Governador Martim Affonso de Sousa pouco antes que acabasse lhe tinha mandado por Embaixador , a quem elle tinha re-teudo com mais de vinte Portuguezes sobre este mesmo negocio , com lhos o Governador mandar pedir , antes lhe estreitou as prizaões , porque bem entendeu que aquillo do Governador eram cumprimentos ; e não ou-fava de romper a guerra , porque tinha hum muito grande freio em Mealecan , porque receava que se se puzesse em campo , hou-verse alguma perturbação em seus Capitães , e assi dissimulou por então até ver em que aquillo parava ; porque a todo o tempo que lhe bem viesse , podia lançar mão das suas terras.

Coge Cemaçadin com as cartas , e hon-ras d'ElRey , e do Governador despedio lo-go hum homem seu com huma grande vi-sitação ao Governador dos parabens de sua vinda , e agradecimentos da mercê que lhe ElRey fazia , e hum mui arrezoado presen-te de carlãs finissimas , beutilhas , rambotins , e outras peças ricas , e curiosas , e huma muito fina alcatifa grande , e de muito pre-ço , o que tudo foi avaliado em tres mil cruzados ; mandando offerecer ao Governador

dor tudo o que delle cumprisse pera o ser-
 viço d'ElRey de Portugal , cujo vassallo
 era. O Governador recebeo este homem bem,
 e lhe fez muitas honras , mandando entre-
 gar o presente ao 'Thesoureiro d'ElRey , e
 carregar-lho em receita pera sua fazenda,
 e não quiz tomar pera si cousa alguma , por-
 que em todo seu tempo viveo tão puro , e
 desinteressado , que até cousas muito poucas
 que lhe davam , mandava que se vendessem
 pera ElRey. E despedio este homem mui-
 to fatisfeito , escrevendo a Coge Cemaçadim
 huma carta muito honrada , e de grandes
 agradecimentos ; e assi escreveu a ElRey de
 Cananor outra cheia de mimos , pondo a
 culpa da morte de Pocarale ao Capitão que
 o matou , pedindo-lhe que pois Martin Af-
 fonso de Souza , em cujo tempo aquellas
 cousas acontecêram , era ido pera o Reino ,
 que quizesse correr com elle em paz , e ami-
 zade , porque ElRey seu Senhor lhe encom-
 mendava muito que corresse com as cousas
 de seu serviço muito a ponto , e que de sua
 parte estava prestes pera tudo , mandando-
 lhe as cartas d'ElRey , porque todos os an-
 nos lhe eserevia , encommendando a Coge
 Cemaçadim fosse terceiro nas pazes , sobre
 o que esereveo ao Capitão Diogo Alvares
 Telles. Todas estas cartas foram dadas , e
 o Coge Cemaçadim se metteo de permeio ,
 e tra-

16 ASIA DE DIOGO DE COUTO

e tratou o negocio das pazes, e de temperar ElRey de feição, que o moderou, e o tornou á amizade antiga; e se houve alguma satisfação, nós a não achámos na Índia, por ser tudo perdido. O Governador, depois de escrever pera o Reino, ficou entendendo em alguns negocios de justiça, e fazenda, despachando D. Jeronymo de Menezes pera a Capitania de Baçaim, e Antonio de Sousa Coutinho pera a de Chaul, que lhe ElRey mandou pelos muitos serviços que lhe fez no cerco dos Rumes em Dio, onde elle esteve por Capitão do baluarte do mar.

C A P I T U L O III.

Do que aconteceu a Diogo Soares de Mello indo pera Patane; e de como foi ter a Pegú, e foi em companhia daquelle Rey contra o de Arração: e do que lhe succedeo até chegar a Patane.

P Artidos Simão de Mello, e Diogo Soares de Mello, como atrás dissemos no primeiro Capitulo, pera Malaca, depois de passarem a Ilha de Ceilão, e entrarem no grande golfo de Nicubar, lhes deo tão grande tempo, que esteve Diogo Soares de Mello perdido, e foi-lhe necessario ir arribando em poppa á vontade dos ventos. Simão de Mello como hia em hum galeão forte, e pos-

e possante, soffreo o tempo, e depois que lhe passou, ficando-lhe os geraes, foi tomar Malaca em fim de Outubro, e tomou posse da fortaleza, com que começou a correr. Diogo Soares de Mello foi lançado com aquelle tempo na costa de Pegú; e sendo-lhe já passada a monção pera Malaca, pareceo-lhe melhor ficar naquelle porto, que ir buscar outro, porque já havia de esperar até Abril; e chegando áquella barra, achou nella Alvaro de Sousa, hum Fidalgo, que foi casado com huma irmã de D. Christovão de Moura (o grande privado d'ElRey D. Philippe, Marquez de Castello-Rodrigo, e Commendador mór de Alcantara, e hoje segunda vez Viso-Rey dos Reynos de Portugal.) Este Alvaro de Sousa estava alli com hum galeão fazendo aquellas viagens, e festejou muito Diogo Soares de Mello, porque era muito seu parente, deixando-se ficar no Bandel fazendo seu negocio.

Andava naquelle tempo o Bramá Rey de Pegú ajuntando hum muito grosso exercito pera ir contra o Rey de Arração, que era seu vassallo, porque se lhe tinha rebelado. Alvaro de Sousa como hia muitas vezes á Cidade, e fallava com ElRey, lhe fez a saber como era chegado áquelle porto hum grande Capitão Portuguez, que hia pera a banda de Malaca, que trabalhasse

Conto. Tom. III. P. I.

B

de

de o levar consigo naquella jornada, porque era muito bom cavalleiro, e levava outros Fidalgos, e bons soldados. ElRey mandou logo pedir a Diogo Soares de Mello se visse com elle, porque importava muito. Diogo Soares foi a elle acompanhado de todos os seus, muito lustrosamente vestidos; ElRey o recebeu muito bem, e lhe fez muitas honras, e gazalhados, e lhe pediu logo que em quanto lhe não fazia tempo para sua jornada, o quizesse acompanhar naquella, para que estava de caminho, e que a elle, e a todos os seus faria muitas mercês. Diogo Soares de Mello se lhe offerceco com muito gosto, e assentáram que elle, e Alvaro de Sousa fossem por mar com toda a Armada, e que ElRey iria por terra, mandando-lhes logo dar huma quantidade de dinheiro para partirem com seus soldados.

Prestes o exercito, e negociada a Armada, mandou ElRey que o fossem esperar sobre a barra de Arracão, indo Alvaro de Sousa no seu galeão, e Diogo Soares de Mello na sua galeota, e todos os Portuguezes, que estavam em Pegú, em outra, que ElRey tinha, e perto de outras sessenta embarcações da terra, em que hiam alguns Capitães Pegús com gente d'ElRey, e dada á véla, foram seguindo seu caminho. ElRey tambem começou a marchar, levando

hum milhão de homens, e tres mil Elefantes, e hum grande número de embarcações, que navegam por aquelles rios, que são muitos, e grandes, e retalliam todo aquelle Reyno, que sahem de huma mesma vêa com o Ganges, e tem como elle suas correntes, e inundações.

Dividem o Reino de Arracão do de Pegú outros Alpes maiores, e mais intrataveis, que os que dividem Italia de França, e de Alemanha, por onde era necessario abrir-se caminho, porque lho não deixou a natureza, e pera isso hia o Bramá negociado de todas as cousas necessarias; e chegando a elles, começou a pôr as mãos á obra, mettendo nella duzentos mil gastadores, que os começaram a cortar por huma parte, que lhes pareceo melhor de abrir; mas como tudo eram penedias asperissimas, e muito ingremes, e a ferra, que se havia de cortar, tinha perto de duas leguas de grossura, foi luzindo a obra pouco, com ElRey mandar dobrar a gente que andava no serviço della, e deixallos-hemos por ora em seu trabalho por continuarmos com a Armada.

Partidos Alvaro de Soufa, e Diogo Soares de Mello de Pegú, tanto que entraram no mar de Bengala, lhes deo hum tempo tão grosso, que os houvera de comer; e co-

mo os Pegús não são homens do mar, e os seus navios hiam mal apparelhados, alguns se foçobráram, e outros deram á costa. Alvaro de Soufa foi correndo no seu galeão pera a banda de Ceilão; e vendo que o tempo lhe não dava lugar pera mais, correo a Ilha por fóra, e foi demandar a costa da India. Diogo Soares de Mello na sua galeota, e a outra de Pegú, em que hiam os Portuguezes, chegáram-se á terra, e á sombra della surgíram, onde estiveram em grande perigo; e todavia crescendo o tempo lhes foi necessario levarem-se, o que fizeram com muito trabalho; e dando traquetes, foram correndo tormenta pera a banda de Pegú, e quiz Deos que ferráram áquelle porto, onde entráram sem saberem novas de Alvaro de Soufa.

Diogo Soares de Mello despedio logo hum soldado chamado Luiz Alvares em companhia de alguns Pegús pera ir dar novas a ElRey do que passava, e a pedir-lhe que pois o tempo era gastado, (por ser já em Março,) lhe mandasse licença pera ir aonde o Governador o mandava, e que lhe fizesse mercê da fusta, que mandou em sua companhia. Este homem foi em doze dias aonde ElRey estava occupado na obra da serra, que era infinita, de que hia já desconfiando; e dando-lhe o recado de Diogo Soares de

de Mello, e contando-lhe o successo da jornada, e perdição de sua Armada, e que de Alvaro de Sousa não havia novas, ficou El-Rey muito triste, e magoado; e mandando logo levar mão da obra, tornou a voltar para Pegú. E porque hia de vagar, despedio Luiz Alvares com resposta a Diogo Soares de Mello, mandando-lhe os agradecimentos de seu trabalho, e hum presente de tres moças muito formosas, e hum moço filho d'El-Rey de Chalão, e Porão, que cativou quando tomou aquelles Reynos, que podia haver perto de dous annos, e assi lhe concedeo a fusta que lhe pedio, e tudo o mais que lhe fosse necessario para sua jornada. E escrevco a seus Veadores da Fazenda, que tudo se lhe désse em abastança; e lhe mandou rogar muito, que quando se tornasse para Goa, tomasse aquelle porto, e que se visse com elle, porque era muito seu amigo, e desejava de lhe fazer mercês. Este recado chegou a Diogo Soares de Mello, que estimou muito o presente, porque era muito para isso. E tendo licença d'El-Rey, se fez prestes, negociando a fusta, de que lhe elle fez mercê, e tomando as cousas necessarias, deo á véla para Malaca, aonde chegou, e dahi se partio para Patane, escrevendo Simão de Mello Capitão de Malaca aquelle Rey, que estava de paz com o Est-

ta-

tado , da qualidade , partes , e pessoa de Diogo Soares de Mello , pedindo-lhe o favorecesse em quanto estivesse em seu porto. E alli ficou Diogo Soares de Mello fazendo ir os mercadores a Malaca , com o que aquella Alfandega começou a crescer nas rendas.

CAPITULO IV.

Da chegada d'ElRey de Maluco a Goa : e de como o Governador D. João de Castro o tornou a mandar pera seu Reyno , e Bernaldim de Sousa foi entrar naquella fortaleza : e do que acontecco na viagem a Fernão de Sousa de Tavora : e dos partidos com que Ruy Lopes de Villalobos se entregou.

DOm Jorge de Castro , que trazia ElRey de Maluco , (que na Quinta Decada no Capitulo V. do Livro decimo fica dito , que deixámos em Malaca ,) partio daquella fortaleza tão cedo , que chegou a Goa em Fevereiro deste anno de quarenta e seis , em que com o favor Divino entramos. O Governador recebeu aquelle Rey com muita honra , mandando-o agazalhar , e dar-lhe todo o necessario. E porque era tempo de prover nas cousas de Malaca , e Maluco , principalmente nas daquelle Reyno , onde por morte d'ElRey D. Manoel ,
que

que morreo em Malaca , não ficava outro herdeiro senão este Aeiro , que pudesse governar ; posto que ElRey D. João de Portugal ficou no testamento do Rey morto nomeado por herdeiro dos Reynos de Maluco , (como no fim da Quinta Decada no Capitulo X. do Livro decimo fica dito ,) tomando o Governador o parecer dos Fidalgos , e Capitães sobre aquellas cousas , se assentou , que pois Jordão de Freitas Capitão de Maluco não mandava aquelle Rey por culpas que d'elle tivesse , senão por se recear que com a chegada d'ElRey D. Manoel feito Christão , houvesse alguma alteração , que se tornasse a governar aquelle Reyno da mão d'ElRey de Portugal.

Assentado isto , o Governador em hum dia solemne , tendo pera isso dado recado aos Vereadores , Fidalgos , Capitães , e Officiaes da Fazenda , e Justiça em sala pública ; investio ElRey Aeiro no Reyno de Maluco , e o alevantou por esse : com condição , e declaração , que recebia aquelle Reyno da mão d'ElRey de Portugal , e que todas as vezes que o quizesse , lho tornaria a entregar livre , e desembargado á pessoa que elle mandasse , do que tudo se fizeram autos assinados por ElRey , e jurou nas mãos do Governador de ser servidor , e vassallo d'ElRey de Portugal , elle , e todos os que del-

delle herdassem aquelle Reyno, o que tudo se fez com o mór apparatus, e solemnidade que pode ser.

E pera ir fazer esta investidura deste Reyno, mandou o Governador D. João de Castro a Bernaldim de Sousa que se fizesse pres-tes, porque havia de ir a Maluco levar aquelle Rey, por cumprir assi ao serviço d'El-Rey de Portugal. Bernaldim de Sousa lhe disse, que elle pera o servir viera á India, e que em tudo o faria com muito gosto. O Governador lhe deo todas as cousas que lhe pedio, assi pera a viagem, como pera o provimento da fortaleza, e aos quinze dias de Abril se embarcou, entregando-lhe o Governador pela mão ElRey Aeiro, que foi acompanhando até o terreiro dos Paços, onde se despedio do Governador muito satisfeito das honras, e mercês que lhe fez; e assi se mostrou sempre agradecido, tanto, que podemos dizer, que o matáram por serviço d'ElRey de Portugal, como em seu lugar diremos. Embarcados todos, foram seguindo sua viagem, em que os deixaremos por continuarmos com Fernão de Sousa de Tavora, que no fim da Quinta Decada no Capitulo X. do Livro decimo deixámos partido de Malaca pera Maluco de soccorro contra os Castelhanos.

Foi este Capitão seguindo sua viagem
sem

sem achar contrastes até surgir no porto de Talangame da Ilha de Ternate em Novembro passado. Jordão de Freitas o foi buscar, e lhe deo conta do estado em que as cousas daquellas Ilhas estavam, e do que tinha passado com os Castellhanos, que El-Rey de Tidore tinha muito mimosos; e estava com elles tão soberbo, que cuidava que mui cedo seria Senhor de todas aquellas Ilhas. Fernão de Sousa desembarcou na fortaleza, onde se agazalhou Ruy Lopes de Villa-lobos: tanto que soube ser chegado hum Capitão novo, sem saber quem era, despedio hum Hespanhol em huma corocora com huma carta pera elle toda cheia de cumprimentos, offerecimentos, e desculpas, resumindo-se em lhe pedir que quizesse corressem em paz, e amizade; como era razão tivessem duas nações, vassallos de dous Reys tão conjuntos em parentesco, e mais em terras tão apartadas antre Mouros, e Genticios, que por natureza eram inimigos mortalissimos de Christãos, porque não amavam a algum senão por seu interesse, ou grande necessidade. Fernão de Sousa vendo a carta tão palavrosa, e tão copiosa de cumprimentos, (cousa de que os Hespanhoes não são avaros,) respondeo-lhe por outra muito breve, que continha o seguinte:

» Senhor. O Governador da India me
» man-

26 ASIA DE DIOGO DE COUTO

» mandou nesta Armada , sabendo que era
» chegada outra de Hespanhoes a estas Ilhas ,
» contra os contratos que estam feitos an-
» tre os Reys de Portugal , e Castella. A
» mim me chamam Fernão de Sousa de
» Tavora ; e assi como sou pequeno de cor-
» po , sou muito curto de cumprimentos :
» V. m. se determine , porque eu não venho
» cá senão a fazer o serviço d'ElRey de
» Portugal , como me he mandado. Aqui
» está esta fortaleza , onde se póde agaza-
» lhar até se ir pera Hespanha , porque não
» he razão que perturbe o commercio , e
» trato destas Ilhas , que são d'ElRey de Por-
» tugal ; quando o não quizer fazer , far-se-
» ha o que convem. »

Com esta carta assi secca despedio o Hespanhol , que pasmou de ver em homem tão pequeno tamanha determinação ; porque Fernão de Sousa de Tavora era hum dos pequenos homens de Portugal , mas muito grande de animo , e saber. Ruy Lopes de Villa-lobos pela carta bem entendeu que aquelle homem era de conclusão ; e porque não tinha nem gente , nem Armada pera se defender , mandou tratar com Fernão de Sousa de Tavora sobre se verem ambos , onde ; e como lhe a elle parecesse. E correndo sobre isto recados de parte a parte , vieram a concluir que se vissem cada hum em sua

CO-

corocora, com levar cada hum tres compa-
 nheiros, e que fossem as vistas no mar an-
 tre Ternate, e Tidore, tanta distancia de
 huma, como de outra. E ao dia limitado
 embarcou-se Fernão de Sousa de Tavora
 na sua corocora mui bem negociado, levan-
 do por companheiros Leonel de Lima, Ma-
 noel de Mesquita, e João Galvão, e hum
 pagem nascido na India, que se chamava
 Caceres, que este anno de noventa e sete,
 em que isto escrevemos, faleceo nesta Cida-
 de de Goa, onde sempre viveo rico, e hon-
 rado, e chamava-se Gaspar de Caceres, de
 quem nós soubemos o successo desta jorna-
 da, porque dava de tudo muito boa razão.
 Ruy Lopes de Villa-lobos partio de Tido-
 re em outra corocora muito ligeira, levan-
 do consigo D. Alonso Henriques, Bernar-
 do de la Torre, Gonçalo de Avila, e hum
 pagem Naraval.

Chegadas as embarcações huma á outra,
 proa com proa, onde os Capitães hiam em
 pé, e sobre quem entraria primeiro hum na
 outra, se passou hum grande espaço em cum-
 primentos, e todavia Ruy Lopes de Villa-
 lobos saltou na de Fernão de Sousa de Ta-
 vora, que o levou nos braços, e isso mes-
 mo aos companheiros. Recolhidos ao toldo,
 que estava alcatifado, e com alguns coxins
 de borcado, e veludo, se assentaram todos.

Fer-

Fernão de Sousa de Tavora, depois de passarem as palavras de cumprimentos, disse que elle era alli vindo por mandado do Governador da India, por saber que eram chegadas náos de Hespanha áquellas Ilhas contra os contratos, que estavam feitos antre os Reys de Castella, e Portugal, que logo alli mostrou, (porque os trazia muito autenticos,) e continham em foma, que o Emperador Carlos V. havia por bem, que nenhum vassallo seu, assi dos portos dos Reynos de Castella, como da nova Hespanha, fossem ás Ilhas de Maluco, em quanto durasse o tempo do concerto, que sobre ellas tinha feito com ElRey D. João de Portugal seu cunhado, sob pena que o dito Rey de Portugal pudesse mandar prender, e castigar qualquer Capitão, ou Capitães Hespanhoes que a ellas fossem, como revéis, e quebrantadores da paz, e amizade, que antre ambos os Reys havia, (como melhor se veram na nossa Quarta Decada no Capitulo I. do Livro setimo.)

Depois de lidos estes contratos, e lhos mostrarem pera os verem á sua vontade, lhe disse Fernão de Sousa de Tavora, que lhe pedia muito não quizesse quebrantar, e perturbar esta paz, e amizade antre estes Reys tantas vezes conjuntos em parentesco, que em lugar do castigo que o Emperador

man-

mandava que se lhe dêsse, quizesse ir com elle pera a India com todos os seus, e que se lhe daria todo o necessario, e se lhe não buliria em navio, artilheria, nem fazenda. E que os que se quizessem ir pera o Reyno, lhes daria o Governador embarcação franca, e livre; e que os que quizessem ficar em Goa, e pela India nas Cidades, e fortalezas d'ElRey de Portugal, seriam nelas agazalhados como naturaes, e que usariam dos privilegios, e liberdades, de que usavam os Cidadãos, e moradores Portuguezes. Ruy Lopes vendo os papeis, e considerando os partidos que Fernão de Sousa de Tavora lhe commettia, veio a concluir que os accitava, pois que assi era serviço do Emperador; e que elle, e todos os da sua companhia, se iriam pera a fortaleza de Ternate dentro em tres dias primeiros seguintes; com condição que ElRey de Tadore ficasse na graça dos Portuguezes, e tornassem a correr em amizade como dantes. Disto se fez hum auto por hum daquelles companheiros, em que Ruy Lopes, e os seus se assignáram com Fernão de Sousa de Tavora, e seus companheiros. Acabado este auto com grandes exteriores de alegria de todos, despedio Fernão de Sousa de Tavora o seu pagem Caceres na corocora de Ruy Lopes, pera que

fos-

fosse ao seu galeão buscar de jantar, por que tinha deixado recado que se lhe fizesse pera convidar os Castelhanos, o que se fez em quanto se trasladáram os papeis; e Carceres voltou muito depressa com o jantar, e foram todos servidos muito bem, e com muita abastança de tudo o que na terra havia. Alli estiveram em conversação até bem tarde, dando Fernão de Sousa de Tavora a Ruy Lopes de Villa-lobos algumas peças curiosas da India, que pera isso levava já, e o mesmo fez aos companheiros, que todos se despediram muito contentes, e satisfeitos; ficando Fernão de Sousa de Tavora com Ruy Lopes de Villa-lobos de o ir visitar a Tidore dahi a tres dias, primeiro que se elle passasse pera Ternate pera o fazer amigo com aquelle Rey.

C A P I T U L O V.

Do que mais passou Fernão de Sousa de Tavora com os Castelhanos: e de como foram todos contra o Rey de Geilolo, e o cercáram na sua fortaleza: e de como se recolhêram sem fazerem cousa alguma.

CHegado Ruy Lopes de Villa-lobos a Tidore, começou a haver antre os seus grandes murmurações sobre os contratos que fi-

fizera com Fernão de Sousa de Tavora; estranhando-lhe muito fazer huma cousa como aquella, sem parecer de todos, (porque estavam mais com o olho no interesse do cravo, que esperavam levar á nova Hespanha, que no serviço de seu Rey,) havendo que não podiam tambem ser os Portuguezes tão puros, que lhe cumprissem os contratos em todo; pelo que começou a haver alterações, e bandos contra Ruy Lopes de Villa-lobos, fazendo-se cabeça delles D. Alonso Henriques, que se achou presente aos contratos, e lhe parecêram bem, e se assignou nelles, pondo-se todos em armas pera matarem Ruy Lopes de Villa-lobos, que se recolheu em suas casas com cincoenta arcabuzeiros, trabalhando por apaziguar D. Alonso Henriques, sem o poder reduzir á razão, porque estavam todos determinados a lhe não obedecer naquelle particular, nem se passarem a Ternate, no que El Rey os favorecia em segredo, pelo proveito que tinha de ter comfigo os Hespanhoes, e tambem porque ficava odiado com os Portuguezes, de quem já determinava de se não fiar.

Destas alterações não sabia Fernão de Sousa de Tavora cousa alguma, e estava prestes pera recolher os Castelhanos por quem esperava no cabo dos tres dias assigna-

nados, como tinham assentado. Ao terceiro dia pela manhã se embarcou Fernão de Sousa de Tavora em huma corocora com os mesmos companheiros que da outra vez levou, e partio pera Tidore a visitar Ruy Lopes de Villa-lobos, como lhe tinha promettido, porque aquelle dia por noite esperava que se passassem todos os Hespanhoes a Ternate. E antes de chegar a Tidore hum tiro de espingarda, chegou a elle huma corocora mui ligeira, em que hia hum criado de Ruy Lopes de Villa-lobos, por quem lhe mandava pedir por mercê que não quizesse por então chegar a terra, porque cumpria assi ao serviço d'ElRey de Portugal, e que ficassem as visitas pera o dia seguinte. Fernão de Sousa de Tavora, que não sabia o que hia em Tidore, ficou apaixonado, cuidando que este recado de Ruy Lopes de Villa-lobos era estar arrependido dos concertos que estavam feitos; e disse ao homem que dissesse a seu amo, que aquelle recado lhe houvera de mandar primeiro que partira de Ternate; e que pois já estava tão perto, não havia de deixar de o ver, e visitar: e com isso mandou remar pera diante. Ruy Lopes de Villa-lobos da sua janel-la vio ir ambas as corocoras, e indireitarem com a terra; e porque não houvesse alguma alteração nos do bando, sahio de

ca-

casa muito apressado com os cincoenta arcabuzeiros, e foi esperar na praia a Fernão de Sousa de Tavora, que chegando a terra, saltou nella com os companheiros. Ruy Lopes de Villa-lobos o recebeu muito bem, e tomando-o em meio dos arcabuzeiros, se foi recolhendo pera sua casa, dando ordem pera que os arcabuzeiros ficassem sempre em guarda, festejando muito a Fernão de Sousa de Tavora; dando-lhe muito bem de jantar, e sobremeza, lhe deo conta de tudo o que era passado, e de como D. Alonso Henriques com os Hespanhoes estavam bandeados contra elle, e que essa fora a razão, por que lhe mandára pedir que não chegasse a terra por escusar alguma união, porque queria primeiro ver se os podia quietar. Fernão de Sousa de Tavora sentio muito aquelle negocio, e teve a Ruy Lopes de Villa-lobos por homem de muita honra, e primor. E parecendo-lhe necessario temperar aquellas cousas, mandou pedir a D. Alonso Henriques, que se quizesse ver com elle da maneira que ordenasse, porque cumpria assi ao serviço do Imperador; e tantos recados corrêram de parte a parte, que lho concedeo D. Alonso Henriques, mandando-lhe dizer, que as vistas fossem junto das casas de Ruy Lopes de Villa-lobos com dous companheiros. E chegados ao lugar orde-

Couto. Tom. III. P. I.

C

na-

nado, por taes modos se houve Fernão de Soufa de Tavora com D. Alonfo Henriques, e tantas obrigações lhe poz, e tantas cousas lhe disse, que o quietou, ficando com elle de ir moderar os do seu bando, e de logo tornar a elle, como fez, deixando os seus apaziguados, e Fernão de Soufa de Tavora levou D. Alonfo Henriques pela mão a casa de Ruy Lopes de Villa-lobos, e os fez amigos, e pela mesma maneira a todos os mais. ElRey tambem veio a casa de Ruy Lopes de Villa-lobos a visitar Fernão de Soufa de Tavora, que o recebeu com muita honra, e se fizeram amigos; e deixando tudo quieto, se despedio de todos, ficando elles de se irem pera a fortaleza ao outro dia, como fizeram; recebendo-os Fernão de Soufa de Tavora com muitas honras, agázalhando na fortaleza a Ruy Lopes de Villa-lobos, D. Alonfo Henriques, e Bernardo de la Torre, e aos mais mandou dar casas pela Cidade, com que ficáram satisfeitos. Alli ficáram todos correndo com grande amizade, não lhe tocando Fernão de Soufa de Tavora em suas fazendas, nem em cousa alguma sua.

E porqué aquelle negocio, que era o principal a que Fernão de Soufa de Tavora particularmente foi, estava acabado, determinou de entrar no de Catabruno Rey de

de Geilolo. E praticando com Jordão de Freitas sobre suas cousas, e tomando informação dellas, soube como aquelle tyranno matára o seu Rey, e tinha inquietas todas aquellas Ilhas, avexando muito aquella Christandade, (que era muita,) e que por mar, e por terra fazia guerra aos Portuguezes, defendendo-lhes os mantimentos, e navegações com suas Armadas. E praticando aquelle negocio com os Capitães Portuguezes, e Castelhanos, assentáram que era necessario acudir áquillo, e castigar aquelle tyranno, o que se havia de fazer com ir todo o poder dos Portuguezes, e Castelhanos, e de toda a Ilha, offerecendo-se Ruy Lopes de Villa-lobos pera isso. Fernão de Sousa de Tavora mandou pedir á Rainha, e aos Regedores do Reyno, que os quizessem ajudar com suas corocoras, e com toda a gente que pudessem, o que elles lhes concedêram, mandando fazer prestes a que lhes pareceo. Ruy Lopes de Villa-lobos, D. Alonfo Henriques, Bernardo de la Torre, que entráram no Conselho, com todos os Hespanhoes se fizeram prestes. E como Fernão de Sousa de Tavora desejava de se tornar aquelle anno pera a India, deo tanta pressa a estas cousas, que em Fevereiro poz todo o poder no mar, indo elle no seu galeão, e Jordão de Freitas no S. Joa-

nilho de Ruy Lopes de Villa-lobos , e os Hespanhoes repartidos por toda a Armada , e as corocoras de Ternate , em que hia hum dos Regedores ; e dando á vela , em poucos dias foram surgir no porto de Geilolo , onde o tyranno Catabruno tinha humma formosa fortaleza , mui bem provida de gente , artilheria , e mantimentos pera dous annos , em que elle estava muito confiado , esperando pelos Portuguezes , de cuja jornada elle logo foi avisado , e por isso se tinha repairado muito á sua vontade , mandando fazer derredor do muro mui grandes cavas cheias de estrepes perigosissimos.

Fernão de Sousa de Tavora tanto que surgio , tomou conselho com os Hespanhoes , e com os seus Capitães , e com a gente de Ternate sobre o modo que teria em se commetter á fortaleza , e assentou-se que a batesssem os galeões pela banda do mar , (por ficar a tiro de bateria ,) e com o poder todo se commettesse por assaltos.

Ordenado tudo o que era necessario , desembarcáram os nossos hum pouco affastados da fortaleza , tendo algumas escaramuzas com os Geilolos , que lhes sahíram a defender a desembarcação ; mas a pezar de todos , e com damno seu se foram assentar perto da fortaleza , onde fizeram seus vallos , e trincheiras mui fortes , e defensaveis , e af-

e affestáram algumas peças de campo nos lugares mais commodos pera a bateria. Havia no exercito entre Portuguezes , e Hespanhoes quatrocentos , toda gente mui limpa , e escolhida , e mil e quinhentos Ternatezes.

Prestes , e negociado tudo pera a bateria , foram-se os galeões chegando perto á terra , e começaram de huma , e de outra parte a bater o muro com tão grande força , que lhe derribáram os altos , que logo foram repairados. Catabruno , que era homem esforçado , e animoso , não se contentando com se defender dentro na fortaleza , sahia cada dia fóra a dar assaltos aos nossos , e a travar com elles escaramuças , de que sempre houve damno. Nisto se foram gastando alguns dias , não cessando a bateria , que não fez mais que derribar o muro pelos altos.

Fernão de Sousa de Tavora sendo informado do modo de como o tyranno estava provido , e fortificado , entendeu que havia mister muito vagar pera se concluir aquelle negocio ; e vendo que se lhe hia gastando o tempo , determinou de commetter a fortaleza á escala vista , e metter daquella feita todo o resto , ou pera a tomar , ou pera se defenganar. E preparando-se de escadas , alavancas , picões , machados , e

to-

todos os mais petrechos desta forte, em vindo o dia limitado de madrugada, sahíram todos do arraial postos em armas, e foram commetter a fortaleza, levando a dianteira João Galvão, e Bernardo de la Torre. E chegando-se aos muros pera lhe encostarem as escadas, deram nas trapeiras, que estavam cubertas, em que cahíram muitos, encravando-se nos estrepes, que eram mui agudos, e acudindo-lhes os outros, tiráram os vivos com muito trabalho, e risco, porque de cima do muro choviam sobre elles espingardadas, e fréchadas, de que a mór parte sahíram empenados.

Vendo Fernão de Sousa de Tavora aquelle negocio, tocou a recolher, porque lhe não matassem toda a gente, ficando muito enfadado de Jordão de Freitas, sendo Capitão de Ternate, não ter intelligencias pera saber de como os inimigos estavam fortificados, e donde se haviam os nossos de guardar, e poz-lhe toda a culpa desta jornada.

Vendo Catabruno que os Portuguezes se recolhiam quasi desbaratados, ficou tão soberbo, que sahio da fortaleza com perto de tres mil homiens, e com grande determinação os foi commetter, estando já recolhidos dos valos pera dentro. Vendo Fernão de Sousa de Tavora aquelle atrevimento,

lhe

lhe sahio ao campo, e lhe apresentou batalha, que elle não refusou, e assim travados todos se começaram a ferir, e matar com muita crueza, fazendo os Portuguezes, e Hespanhoes neste dia cousas tão assinaladas, que com damno muito conhecido dos inimigos os arrancáram do campo.

Ao outro dia tornou Catabruno a provar sua ventura, lançando diante alguns dos seus pera obrigar aos nossos a lhes sahirem, porque desejava de se tornar a baralhar com elles. Estes corredores chegaram perto dos valos, a quem sahio João Galvão com cem homens, e dando nelles, os foi arrancando do campo. Catabruno como vio a coufa travada, arreventou com grande poder sobre os nossos, que lhe tiveram o rosto com grande determinação, e antre todos se travou huma muito aspera batalha, em que João Galvão, depois de ter bem mostrado o valor, e esforço de sua pessoa, quiz a fortuna que acabasse naquelle feito de muitas, e mui grandes feridas, que elle estimou pouco até as forças o desampararem.

Os seus vendo-o morto, se foram recolhendo desbaratados; mas sahíram-lhes os Capitães Portuguezes, e Hespanhoes aos recolher, o que não puderam fazer sem se travarem com inimigos, a que assinaláram bem de seu ferro, e houveram por seu parti-

40 ASIA DE DIOGO DE COUTO

tido recolherem-se pera a sua fortaleza. Fernão de Sousa de Tavora sentio tanto a morte de João Galvão, que se vestio de preto por ser muito seu amigo. E desenganando-se daquelle negocio, entendendo, ou imaginando que Jordão de Freitas estava já contra seu gosto, havendo quarenta dias que alli eram chegados, se tornou a embarcar, e se recolheo a Ternate, onde pouco depois faleceo de febres Ruy Lopes de Villa-lobos. Fernão de Sousa de Tavora como foi tempo se partio pera Malaca, levando comsigo os Hespanhoes, e o seu galeão São Joanilho, e em Malaca se encontráram com Bernaldim de Sousa, e com ElRey Aeiro, e alli estiveram até ser tempo de partirem huns pera Maluco, e outros pera a India.

C A P I T U L O VI.

Das intelligencias, que Coge Çofar teve com hum Ruy Freire, estando em Surrate, sobre lhe entregar a fortaleza de Dio: e da gente, que naquella Ilha entrou dissimuladamente.

Vendo o Governador D. João de Castro que se gaitava o verão, provoço as fortalezas do Norte de gente, e munições, principalmente a de Dio, pera onde mandou duzentos homens debaixo das ca-

pitancias de D. João, e D. Pedro de Almeida, filhos de D. Lopo de Almeida, de Gil Coutinho, e de Luiz de Sousa, filho do Chanceller mór do Reyno. Estava neste tempo Coge Çofar em Surrate ajuntando as cousas necessarias pera o cerco, que determinava pôr á fortaleza de Dio, tanto que entrasse o mez de Maio, em que se não podia esperar soccorro de Goa. E como traçava de contínuo em sua imaginação modos, e ardís contra aquella fortaleza, tentou hum muito diabolico, que se o Deos não atalhára, não pudera deixar de se perder, e foi desta maneira.

Estava no mesmo tempo em Surrate hum Portuguez morador em Dio, chamado Ruy Freire, tão familiar amigo de Coge Çofar de muitos tempos atrás, que tinha d'elle tença; e quando hia a Goa, lhe negociava peças, e brincos, e ainda fazendas, que por elle mandava ás náos do Reyno, e a mór parte do verão residia em Surrate, onde em quanto estava comia, e bebia com o Coge Çofar. Em fim era tanta sua amizade, que o commetteo pera lhe dar entrada na fortaleza de Dio, promettendo-lhe huma somma de ouro, e humas aldeias de muita importancia. E como o diabo o venceo com tão grande interesse, vieram a se concertar, que se viesse o Ruy Freire pera Dio, e que

elle Coge Çofar sería naquella Ilha na entrada de Maio, e que como lá estivesse, lançasse peçonha (que lhe logo deo) na cisterna, donde todos bebiam, e que trabalhasse por dar fogo á casa da polvora. E quando não tivesse lugar pera isso, ordenasse chaves falsas pera lhe abrir hum postigo da fortaleza de noite, quando lhe elle fizesse hum sinal. E que quando tambem isto não pudesse vir a effeito, que então o metteria huma noite escura dentro na fortaleza pela banda do mar, onde elle poufava, e sobre quem tinha humas varandas baixas, por onde com escadas de corda podia metter dentro toda a gente que quizesse. Ordenado isto antre elles, desta maneira o Ruy Freire se fez prestes pera se ir pera Dio.

Andava alli tambem hum mourisco estante em Dio, chamado Francisco Rodrigues, de quem o Ruy Freire era amicissimo; e sentindo nelle natureza pera ser seu companheiro em tão grande maldade, e perversidade, lhe deo conta do negocio, sem o Coge Çofar saber, promettendo-lhe hum grande quinhão de tudo o que lhe dessem. O mourisco não foi muito de rogar, e acceitou acompanhallo, e ajudallo em tudo. Com esta determinação se foram pera Dio, aonde como homens de casa começaram a notar a casa da polvora pera verem
por

por onde se lhe podia pôr o fogo , (descuidando-se por então da cisterna , pelo permittir Deos Nosso Senhor assi , porque bem lhe puderam lançar a peçonha , se logo o tentáram.)

Partidos estes homens , despedio logo Coge Çofar hum Capitão com quinhentos Turcos , que lhe ElRey de Zebit tinha mandado de Méca , com regimento que se fossem metter na Cidade de Dio , e que com a mór dissimulação que pudessem defendessem vender-se na Cidade lenha , nem mantimentos , por os Portuguezes os não comprarem , porque não queria se declarasse a guerra até elle chegar ; e pera segurar Dom João Mascarenhas , lhe escreveo pelo mesmo Capitão huma carta , cuja substancia era esta :

» Que ElRey lhe tinha feito mercê da-
 » quella Ilha , e que ficava pera ir tomar
 » posse della , e que o que disto mais esti-
 » mava era ficar tão seu vizinho pera de
 » mais perto o servir ; que lhe pedia muito
 » tivesse lembrança da sua tão antiga ami-
 » zade , e que entendesse que todos os Por-
 » tuguezes teriam nelle muitos favores , e
 » gazalhados , assi em suas fazendas , como
 » em tudo o mais que lhes delle cumpris-
 » se ; e que aquelle Capitão , que mandava
 » diante , lhe faria mercê favorecer , e aju-
 » dar ,

» dar, e que o tratasse como seu vassallo,
 » porque hia fazer certos negocios, que lhe
 » importavam, pera o que lhe havia de ser
 » necessario seu favor, e que se não pejas-
 » se com elle, porque não hia senão pera
 » o servir. »

Chegado este Capitão a Dio aos quinze de Abril, mandou a carta a D. João Mascarenhas, que vendo-a tão cheia de cumprimentos, não deixou de lhe parecer novidade; e dissimulando com o negocio, mandou fazer seus offerecimentos ao Capitão Turco, e ordenou logo comprar á formiga todos os mantimentos, e lenha que pode, lançando suas espias pera saber a determinação do Turco, e despedindo outras pera a Corte a saber o que lá se tratava. Coge Çofar deo ordem pera que de todos os lugares vizinhos a Dio se levassem todos os mantimentos que havia, e se recolhessem na Ilha os que pudessem, e os mais se puzessem na Villa dos Rumes, aonde mandou fazer grandes celeiros pera isso, e assi começaram a se recolher huma grande somma delles.

D. João Mascarenhas foi avisado pelas espias da Cidade dos muitos mantimentos, que nella se recolhiam, e com muita pressa, e com isso lhe fizeram os moradores queixume, que já na Cidade lhe negavam le-

lenha, arroz, e mais cousas, e que as praças eram de todo alevantadas, estando até então cheias de tudo, e comprando nellas os nossos o que queriam pelos preços ordinarios. D. João Mascarenhas bem entendeu o negocio, e logo mandou com muita pressa recolher pera a fortaleza (porém com dissimulação, porque queria que os inimigos se declarassem primeiro) todos os pedreiros, cavouqueiros, carpinteiros, e todos os mais officiaes que viviam fóra, e assim mastos, vergas, taboado, madeira, e tudo o desta forte; e mandou pelo lingua hum recado ao Capitão Turco, cuja substancia era:

» Que lhe parecia novidade fecharem-se
 » as tendas na Cidade, e não se venderem
 » as cousas, que até então os Portuguezes
 » compravam por seu dinheiro; e que Co-
 » ge Çofar lhe escrevêra, que acceitára aquel-
 » la Cidade pera serem amigos de mais per-
 » to, mais firmes, e mais verdadeiros, que
 » elle o não mostrava nas cousas que de-
 » fendia, que aquillo eram indicios de guer-
 » ra; que logo mandasse abrir as tendas,
 » e vender aos Portuguezes todas as cou-
 » sas, de que tivessem necessidade, senão que
 » elle iria em pessoa á Cidade, e as faria
 » abrir, e o castigaria por traspassar os man-
 » dados de Coge Çofar. »

O

O Turco mandou-se-lhe desculpar com afirmar que tal não sabia, que seria aquillo alguma desordem dos seus soldados por algum interesse, que elle tiraria devassa do caso, e que os que achasse culpados na perturbação das pazes, seriam logo castigados, porque elle não era alli vindo senão para conservar a antiga amizade dos Portuguezes, porque assi lho mandava Coge Çofar. E logo mandou lançar pregões, que se vendessem aos Portuguezes todas as cousas como d'antes, franca, e liberalmente, sob pena de morte.

D. João Mascarenhas bem via que tudo eram invenções, mas dissimulava com isso por se aproveitar do tempo, mandando comprar pelos casados todo o mantimento, lenha, madeira, murrões, e tudo o mais que achassem, e pudessem. Nesta conjunção chegaram as espias da Corte, e affirmaram que na Cidade de Champanel se ajuntava hum exercito tão poderoso de gente, artillheria, e munições, que assombrava o mundo, e que claramente se dizia ser contra aquella fortaleza de Dio. D. João Mascarenhas não perdendo com aquellas novas seu animo, e conselho, despedio logo huma embarcação com cartas aos Capitães de Chaul, e Baçaim, em que lhes dava conta do estado em que ficava, pedindo-lhes que
com

com muita pressa o soccorressem com gente, e munições, e que avisassem ao Governador, e lhe mandassem as cartas que lhe escreveu então, e com isso ficou dando pressa ás cousas que se recolhiam; e naquella liberdade, que durou só tres dias, se metteo na fortaleza huma grande somma de tudo, porque logo se tornáram a alevantar as praças com a chegada do outro exercito, que entrou na Ilha a vinte de Abril, com que se começou a romper o segredo da guerra.

D. João Mascarenhas foi avisado logo, e no mesmo dia despedio outra embarcação com cartas aos Capitães da outra costa, em que lhes pedia o soccorressem, porque estava com pouco mais de duzentos homens; e o mesmo escreveu ao Governador Dom João de Castro. Ao outro dia, depois que este exercito chegou, se tornáram a fechar as praças, e logo o Capitão mandou recolher os Portuguezes, e não consentio irem mais á Cidade.

E inspirando Deos em hum Abexim, (pera que se descubrisse a maldade de Ruy Freire,) se sahio da Cidade onde pousava, e se foi á fortaleza, e disse aos porteiros, que o levassem ao Capitão, o que logo foi feito, e lhe disse, que tinha cousas de importancia que tratar com elle; e recolhendo-se pera huma camera, lhe disse, que elle era

era natural do Reyno da Abassia , nascido Christão , mas que fora cativo moço , e feyto Mouro por força , e que no seu coração confessava a Deos verdadeiro , e que elle o movêra ao vir avisar de huma grande traição , que lhe estava ordenada ; e que em paga daquelle serviço que lhe fazia , não queria mais d'elle , senão que ordenasse , quando fosse tempo , com que se pudesse passar á sua patria. E então lhe contou todos os tratos , que estavam feitos antre Ruy Freire , e Coge Çofar , sem lhe nomear o Ruy Freire , mas sómente dizer-lhe que estava o Coge Çofar concertado com hum Portuguez da fortaleza pera deitar peçonha na cisterna , e dar fogo ao armazem da polvora , e pera o metter dentro na fortaleza. D. João Mascarenhas ficou confuso , e embaraçado com aquelle negocio , e revolvendo mil cousas pela fantasia , cuidando se poderia aquillo ser ardil do Coge Çofar pera lançar zizania na fortaleza , e pera fazer desacoroçoar os Portuguezes todos. Mas por outra parte a confiança do Abexim (que lho affirmou muitas vezes , dando-se por penhor de sua verdade) lhe fazia crer que aquillo era obra de Deos , que queria que aquella fortaleza se não perdesse. E tendo tudo aquillo em segredo , defendeo ao Abexim , que não dissesse a pessoa viva cousa alguma def-

deste negocio, encommendando-o ao Alcaide mór que o agazalhasse, e o tratasse muito bem livremente, porém com resguardo, e olho nelle; e comecçou a tirar muito em segredo inquirição daquelle negocio, sem achar rasto algum. Mas como Deos Nosso Senhor tinha póstos seus Divinos olhos naquella fortaleza fundada sobre ossos de tantos cavalleiros, e martyres de Christo, não querendo que seus templos fossem profanados de Mouros, ordenou que aquella verdade se descubrisse por outra via; e foi desta maneira.

Havia na fortaleza huma mulher Turca de nação, casada com hum homem da terra, que se fez alli Christão, vivia bem, e era muito amiga de Deos. Costumava esta mulher ir á Cidade a comprar algumas coufas, e nestas idas foi conhecida de hum daquelles Turcos por natural, e tomou amizade com ella de feição, que a persuadio a se deixar ficar na Cidade, descobrindo-lhe o segredo que o Abexim tinha dito ao Capitão; affirmando-lhe, que tanto que Coge Çofar chegasse, se lhe entregaria a fortaleza; porque hum Portuguez, que pousava sobre o mar, o havia de metter nella por huma varanda que tinha. A Turca como boa mulher dissimulou com o negocio, mostrando folgar com o aviso, e disse que

Couto. Tom. III. P. I.

D

hia

hia negociar suas cousas pera se tornar pera a Cidade. E indo-se pera a fortaleza, descubrio ao Capitão tudo o que passára com o Turco, do que elle ficou maravilhado.

E vendo que conformava com o que o Abexim lhe tinha dito, deo muitas graças a Deos por tão grande mercê, conhecendo que aquillo era obra sua. E dissimulando com o caso, foi correr as estancias todas, como que as queria prover, e assi as casas da banda do mar, e achou as de Ruy Freire com a varanda, por onde facilmente se podia metter gente dentro na fortaleza. E notando bem tudo, sem fazer caso de cousa alguma, tirou outra vez em muito segredo devassa, e achou que Ruy Freire, e Francisco Rodrigues andavam sempre juntos, e viviam ambos, e que foram os derradeiros Portuguezes que vieram de Surrate. E vendo que os indicios eram bastantes pera lançar mão delles, não o quiz fazer pelos não infamar, até não haver prova mais clara; mas usou de hum ardil de Capitão bom Christão, e bom homem, que foi despedir o Ruy Freire em huma embarcação ligeira com cartas pera o Governador, em que por cifras lhe dava conta do negocio, pedindo-lhe o mandasse ter a bom recado; e ao Ruy Freire encommendou de palavra que trabalhasse por lhe tornar com a ref-

a resposta, porque importava muito, e que lhe faria mercê pelo segurar.

Depois de elle partido, mandou em outra embarcação o mulato Francisco Rodrigues com outras cartas pera o Capitão de Chaul da mesma maneira, pera que o mandasse ter em resguardo, porque o tirava de Dio por ser Mourisco, e não confiar d'elle, sem lhe descubrir o porque o mandava. Hum partio a vinte e hum de Abril, e o outro a vinte e tres.

C A P I T U L O VII.

De como Ruy Freire chegou a Goa com as cartas que o Capitão da fortaleza de Dio mandava ao Governador D. João de Castro: e elle mandou de soccorro seu filho D. Fernando, e outros Fidalgos em nove navios: e da chegada de Coge Cosar a Dio: e do terceiro aviso, que Dom João Mascarenhas teve: e dos recados que antre ambos corrêram.

Partido Ruy Freire de Dio, como ventavam os Ponentes rijos, em sete dias foi a Goa; e dando as cartas ao Governador, em que o certificava de tudo, mandou logo com grande pressa lançar ao mar nove navios, em que mandou embarcar seu filho D. Fernando. As novas corrêram lo-

go pela Cidade de Goa , a que acudiram todos os Fidalgos a se offerecerem ao Governador pera a jornada , e os primeiros que chegaram , effes mandou que se embarcasssem , que foram D. Francisco de Almeida , filho de D. Lopo de Almeida , que já tinha dous irmãos em Dio : Bastião de Sá , filho de João Rodrigues de Sá , Veador da Fazenda do Porto , a quem os soldados na India chamavam o Çapeca , (que he huma moeda a mais pequena que ha em Goa ,) por ser elle muito pequeno , mas grande no animo , e no conselho : Diogo de Reinoso , Pero Lopes de Sousa , Diogo da Silva , Antonio da Cunha , e outros dous a que não achámos os nomes ; e em tres dias os fez o Governador á véla , embarcando-se por soldados outros muitos Fidalgos , e cavalleiros desejosos de ganharem honra.

O Governador entregou seu filho Dom Fernando de Castro a Diogo de Reinoso , e escreveu a D. João Mascarenhas , que ficava descançado , e não receava todo o poder d'ElRey de Cambaya , pois o tinha naquella fortaleza , que lá lhe mandava seu filho pera ser seu soldado : que lhe pedia o ensinasse , e o puzesse nos lugares mais arriscados , e que se fosse necessario , todo o inverno o soccorreria. E mandou embarcar naquelles navios hum Armenio com cartas

pe-

pera o Reyno , em que dava conta a El-Rey do estado em que a India ficava , encommendando a D. João Mascarenhas que logo dêsse aviamento pera o lançarem na costa de Pôr pera dalli partir por terra pera Ormuz , e dalli passar ao Reyno. O Governador mandou ficar Ruy Freire em Goa com dissimulação , escrevendo a D. João Mascarenhas lhe mandasse a certeza daquelle negocio. E em quanto estes navios seguem sua viagem , continuaremos com as cousas de Dio.

D. João Mascarenhas , tanto que se declarou a tenção dos Mouros , tratou logo de se reparar , e fortificar , mandando quebrar a ponte que hia do postigo do baluarte Sant-Iago por cima da cava até a outra banda , e mandou fazer outra levadiça , pera que se fosse necessaria , se pudesse servir por ella. Nestas cousas gastou até nove de Maio , que chegou Coge Çofar a Dio com o resto do exercito , que logo se passou á Cidade , onde se aposentou. O estrepito , e ruido das armas , e da gente foi logo sentido na fortaleza , onde todos trabalhavam em sua fortificação. Aquelle dia se passou sem mais novidade ; e tanto que anoiteceo , chegou á porta da fortaleza huma escrava , que ficára na Cidade , que vinha fogindo daquelle confusão que nella vio , e bradou
aos

aos guardas que a recolhessem , porque tinha muitas cousas que fallar com o Capitão , que cumpriam muito ao bem da fortaleza. Foi esta escrava logo recolhida , e levada a D. João Mascarenhas , que se apartou com ella , e lhe disse : » Sabe , senhor » Capitão , que Deos he contigo. Eu me » achei em huma parte , onde huns Mou- » ros de casa de Coge Çofar estavam pra- » ticando , sem se recearem de mim , e di- » ziam que seu amo vinha mui alvoroçado , » cuidando que esta noite lhe entregassem » esta fortaleza ; e depois de ser na Cida- » de , sabendo que o homem com quem » pera isso estava concertado era ido pera » Goa , ficou muito triste ; por isso vê , se- » nhor , o que te cumpre , e não te descui- » des em cousa alguma ; sabe a verdade » disto , porque sem dúvida se te tem ordi- » do traição , porque este homem , em que » elles vinham confiados , (segundo os Mou- » ros diziam ,) tinha determinado de dei- » tar peçonha na cisterna , e de dar fogo » ao armazem da polvora , e depois metter » os Mouros nesta fortaleza por sua casa. »

O Capitão vendo quanto todos aquelles avisos conformavam , acabou de confirmar a presumpção que havia de Ruy Freire , e do Mourisco Francisco Rodrigues. E dando muitas graças a Deos , entregou a es-
cra-

crava a hum homem seu ; pera que a pro-
 vesse de tudo o necessario , e lhe mandou
 dar huma quantidade de dinheiro ; e tratan-
 do todas estas cousas com muito grande dis-
 simulação , a avisou que não fallasse cousa al-
 guma. E como era de noite , repartio os
 quartos das vigias , e foi elle roldar a for-
 taleza toda , e a parte de sobre o mar , en-
 trando em todas as casas por não fazer ca-
 so ; e chegando á de Ruy Freire , esteve
 vendo a varanda muito devagar , e notou
 bem que por ella se podiam metter os ini-
 migos dentro muito facilmente ; e achando
 alli hum sobrinho do Ruy Freire , o man-
 dou pera o baluarte do mar , com lhe dar
 a entender que o fazia por lhe melhorar a
 estancia , e logo tapou a varanda de pedra ,
 e cal ; as casas entregou a hum Capitão de
 muita confiança com alguns soldados. Ao
 outro dia pela manhã visitou a casa da pol-
 vora , e achou rota huma forte argamassa ,
 que a cubria por cima á maneira de aboba-
 da , e nella hum grande buraco , por onde
 determinavam de lhe dar o fogo ; e vendo
 tão grandes , e manifestos sinais de traição ,
 deu muitas graças de novo ao Altissimo
 Deos por tantas mercês , quantas lhe tinha
 feitas com os avisos. E sem dar conta a
 pessoa alguma do que passava ; mandou mu-
 dar a polvora pera outra casa , que man-
 dou

dou fortificar bem , provendo-a de continuas guardas de muita confiança , e a cisterna mandou cercar , e fechar com suas portas , que tambem entregou a pessoas mui apuradas.

Este dia , que foram dez do mez , chegou hum mercador gentio , morador na Cidade , muito conhecido dos da fortaleza , á porta della , e disse aos guardas , que levava hum recado de Coge Çofar pera o Capitão ; e dando-se-lhe recado , o mandou levar diante de si , e elle lhe disse , que Coge Çofar lhe mandava dizer , que tinha muitas cousas que tratar com elle , que lhe enviasse hum homem de recado pera as communicar. O Capitão posto que entendeu serem tudo invenções de Coge Çofar , tomou parecer sobre aquelle negocio com os Fidalgos , e Capitães ; assentou-se que se foubesse o que queria. Com isto elegeo o Capitão hum Simão Feio , homem honrado , sezudo , e de experiencia , que poderia notar mui bem as cousas. E indo em companhia do mercador , foi levado a Coge Çofar , que lhe disse , que ElRey Soltão Mahamude lhe mandava fazer a parede , que por contrato das pazes , que fizeram com o Viso-Rey D. Garcia de Noronha , estava assentada , que Manoel de Sousa de Sepulveda impedira. E que além disso mandava El-

Rey

Rey pedir ao Capitão de Dio duas cousas, que como amigo lhe podia conceder.

A primeira, que todos os navios dos mercadores de Cambaya pudessem navegar livremente por toda a costa do seu Reyno, sem cartazes dos Capitães d'ElRey de Portugal, porque era menoscabo seu, e de seu Estado tamanha obrigação.

A segunda, que as náos dos mercadores não fossem constringidas a tomar aquella fortaleza de Dio, mas que pudessem ir vender suas fazendas aos pórtos que lhes bem viesse. Pelo que lhe pedia muito por mercê tomasse logo resolução naquelle negocio, porque estimaria (pois vinha ser seu vizinho) não haver antre elles quebras, antes muita paz, e amizade. Com isto despedio Simão Feio, que o Capitão ouviu, presentes todos os Fidalgos, e Capitães, que pera isso chamou; e vendo a fórma do recado, lhe mandou logo a resposta pelo mesmo Simão Feio, em que dizia, que aquellas cousas que pedia se haviam de tratar com o Governador da India, porque elle não tinha poderes pera innovar, nem alterar os capitulos das pazes, que estavam feitas. Coge Çofar lhe tornou a mandar dizer, que ElRey não lhe mandava tratar aquellas cousas senão com elle, como Capitão, e Governador daquella fortaleza; e que quando

do lhe elle não quizesse differir a ellas, que mandaria elle correr com a parede como lhe mandavam; e que se elle lha defendesse, seria o quebrantador das pazes. Com esta resolução entendeu claramente o Capitão que lhe vinha Coge Çofar a fazer guerra. E tomando conselho sobre aquellas coufas, desejando de não ser elle o primeiro que quebrasse a paz, senão o inimigo, pera na guerra lhe ficar mais justiça, se assentou que lhe mandasse dizer, que senão vinha a mais que a fazer as paredes conforme ao contrato das pazes, que bastava pera isso hum Tanadar seu, e não tomar tamanho trabalho, nem vir com tamanho exercito. Com este recado tornou Simão Feio, levando o traslado do contrato das pazes, pera que lho mostrasse, e que lhe dissesse mais, que se os elle quizesse quebrar, e fazer a parede fóra do termo, e grandeza que estava naquelles capitulos, que soubesse de certo que lho havia de defender, e que esperava em Deos que o havia de ajudar contra elle, como contra quebrantador das pazes feitas pelo seu Rey.

Dado este recado a Coge Çofar, e lendo-lhe o contrato das pazes, vendo o Capitão tão justificado, como não queria senão guerra, lançou mão de Simão Feio, e o prendeo, e logo mandou publicar a guerra

ra pela Cidade ; o que se fez com grande alvoroço de instrumentos , e bombardadas. E no mesmo dia foi hum grande esquadrão de Turcos com suas bandeiras desenroladas dar vista á fortaleza , fazendo suas algazaras , e dando huma grande salva de arcabuzaria , e com outras bizarras , e soberbas , de que aquella barbara nação usa. O Capitão os mandou tambem salvar com algumas bombardas , de que alguns ficáram estirados no campo em final , e penhor dos muitos que por alli se haviam de despedçar ; e logo mandou embandeirar os baluartes , porque se visse na Cidade o alvoroço com que os esperavam , vestindo-se muito galante elle , e todos.

E porque os baluartes não estavam ainda providos de Capitães , o fez logo , pondo D. João de Almeida em Sant-Iago , e com elle D. Pedro seu irmão com trinta soldados ; e no baluarte S. Thomé poz Luiz de Sousa ; no de S. João poz Gil Coutinho ; e no de S. Jorge , Antonio Paçanha com trinta soldados cada hum. A couraça encarregou a Antonio Rodrigues Feitor d'EIRey , e a torre de sobre a porta ao Alcaide mór da fortaleza Antonio Freire , e por estas estancias repartio cento e cincoenta soldados , de duzentos que havia na fortaleza : dos cincoenta tomou alguns pera

an-

andarem com elle, e os mais poz em guarda da cisterna, e casa da polvora. Feito isto, ajuntou todos no terreiro da fortaleza, e posto no meio delles, lhes fez esta breve falla.

Falla, que o Capitão da fortaleza de Dio D. João Mascarenhas fez aos Capitães dos baluartes, e soldados, animando-os, e persuadindo-os á defensão da fortaleza.

» **B** Em pudéra, muito valorosos Capitães,
 » e esforçados cavalleiros, escusar de
 » vos fazer estas lembranças; porque a quem
 » tem tantas obrigações pera tudo, nenhuma
 » cousa os move mais, que o sangue, a
 » opinião, e a honra, assi particular de ca-
 » da hum; como em geral desta nossa na-
 » ção Portugueza, que todos tanto deseja-
 » mos conservar; mas satisfaço nisto a mi-
 » nha obrigação pelas muitas que carregão
 » sobre mim, como homem que ha de dar
 » conta desta fortaleza, que eu pertendo
 » defender com tão valorosos companhei-
 » ros, não só a todo o poder d'ElRey de
 » Cambaya, mas ainda ao do grão Turco,
 » se com elle se ajuntar. E pera isto tomá-
 » ra que não estiveramos rodeados destes mu-
 » ros, porque então mostraremos a todos co-
 » mo

» mo não ha outros mais fortes peitos , que
 » nunca se renderam a bombardas , trabu-
 » cos , nem a outro algum ameaço de mor-
 » te. E além de vosso esforço , e valor ,
 » que me assegura a victoria , ainda mo faz
 » mais a justiça , que de nossa parte temos ;
 » porque bem vistes como me justifiquei com
 » estes inimigos , porque quiz fossem elles
 » os quebrantadores da paz pera nos ficar
 » na guerra todo o direito. Não me em-
 » baraça tomar-nos este cerco em tempo ,
 » que duvidosamente poderemos ser soccor-
 » ridos de Goa , (pelas grandes tempestades
 » do inverno que entra ,) porque temos
 » hum Deos justicozo , que nos ha de dar
 » a victoria , assim pela razão que de nossa
 » parte temos , como porque havemos de
 » defender sua Santa Fé , e a honra de nos-
 » so Rey , que com tanto custo seu , e tra-
 » balho de seus vassallos trouxe a Lei do
 » sagrado Evangelho tantas mil leguas , por
 » tantos riscos , e perigos , e a tem dilata-
 » da por todo este Oriente , e ainda antre
 » as mais barbaras nações delle. Estes Mou-
 » ros , além de quebrantadores da paz , pele-
 » jão por defenderem as mentiras do seu
 » falso Profeta , que está no inferno pade-
 » cendo tormentos eternos. Por isso , ó Por-
 » tuguezes dignos de immortal nome , e
 » fama , aqui vos convem mostrar a diffe-

» rença que ha de nação a nação. Costuma-
 » dos sois todos a perigos , e trabalhos ,
 » por quem tendes alcançado grandes vi-
 » ctorias , e engrandecido vossa patria , e
 » nome. Agora neste transe não haja algum ,
 » que não trabalhe por fazer immortal a
 » fama Portugueza , pondo os olhos em
 » Deos, que tendes brando, e benigno, e
 » depois nos feitos de vossos antepassados,
 » e nas grandes proezas, e cavallerias, que
 » nossos parentes , e amigos ha bem pou-
 » cos annos obráram neste lugar, onde al-
 » cançáram victorias, que pareciam milagro-
 » sas, destes, e de outros inimigos mais po-
 » derosos, e de huma Armada, que pudé-
 » ra assombrar a toda Europa se lá passára,
 » pera assi vos accenderdes no desejo de
 » vos igualardes com elles , e alcançardes
 » a fama que elles alcançáram. »

Acabada esta falla , todos com os co-
 rações mui determinados, e desejosos de se
 verem já ás mãos com os inimigos, lhe re-
 spondêram, que todos estavam alvoroçados
 pera defenganarem aquelles barbaros; e que
 em quanto os elle governasse os estimavam
 pouco, e dalli se foram todos armar o mais
 custosamente que puderam, pondo-se de
 plumas, e cores alegres, e foram dar vista
 ao Capitão, que tambem se vestio de escar-
 lata; e em sua companhia foram correr as

estancias, e a tomar posse dellas. O Capitão mandou salvar a Cidade com toda a artilheria, que foi huma mostra muito pera arrecear, e que não deixou de pôr grandes desconfianças nos inimigos.

C A P I T U L O V I I I .

Do conselho que Coge Çofar tomou com seus Capitães sobre o modo de como cercaria a fortaleza: e de como assentáram ganhar primeiro o baluarte do mar: e de huma grande máquina que pera isso armáram: e de como o Capitão lha mandou queimar: e das cousas que mais passáram até chegar D. Fernando de Castro.

VENDO Coge Çofar perdida a occasião de Ruy Freire, que lhe havia de entregar a fortaleza, em que elle vinha mais confiado, que no poder que trazia, porque bem sabia que lhe havia de ser muito difficuloso tomalla por armas aos Portuguezes, de quem já tinha tanta experiencia; e fazendo ajuntamento de seus Capitães, praticou com elles sobre o modo de como se poria o cerco, e porque parte poderiam bater a fortaleza; e debatido antre elles este negocio, foi assentado que se ganhasse primeiro o baluarte do mar pera dous effeitos. O

primeiro, pera defenderem os soccorros que viessem pera a fortaleza; e o segundo, pera dalli a baterem por aquella parte do mar, que era mais fraca, e por onde se podia tomar com mais facilidade, e que nisto se mettesse todo o cabedal, porque sem isto ficaria todo o seu trabalho perdido, e não fariam mais que gastar o tempo, e as munições.

Assentado isto, praticáram sobre o modo de como se commetteria o baluarte; e lembrando-lhe a Coge Çofar a grande máquina que no outro cerco fizeram pera abalroarem, e entrarem no castello da Villa dos Rumes, assentou que pera estoutro negocio sería de mais effeito, porque de maré cheia podia abordar o baluarte por qualquer parte que quizessem, por estar fundado sobre hum penedo, que está no meio do rio. E parecendo bem a todos, mandou logo armar sobre huma formosa náó, das que navegáão pera Méca, tres castellos mui grandes de madeira: hum na proa, outro na poppa, e outro no meio, liados, e atravesados com grossas vigas, em que mandou metter muitos artificios de fogo, barrís de alcatrão, e de outros materiaes, pera lançar dentro no baluarte muitos dardos, lanças, pedras, e outros instrumentos de guerra, encommendando aquelle negocio a hum

Sangiaco com duzentos Turcos, pera como fossem aguas vivas, na maré da noite abordar com a náó o baluarte, e ganhallo, o que lhe fora muito facil se Deos o não descobrira. Porque como o Capitão trazia espias mui fieis antre os inimigos, logo foi avisado daquella fabrica, que estava surta hum pouco abaixo da Alfandega com toda a gente já dentro esperando pelas aguas vivas. E não fazendo rumor algum por não alvoroçar a gente, tomou Jacome Leite, Capitão mór da Armada daquella fortaleza, homem muito determinado, e lhe deo conta daquelle negocio em muito segredo, encomendando-lhe que trabalhasse por queimar aquella máquina.

Jacome Leite o houve por muito grande alvitre, e logo se foi negociar. Tinha elle dous navios de remo no mar, chegados á couraça com suas esquipações dentro, e sem dar conta a seus soldados, mandou embarcar dez em cada navio, mettendo nelles muitas lanças de fogo, e panellas de polvora; e sendo ineio quarto da modorra, tomou o remo no mór silencio que pode, e no começo da enchente da maré se deixou ir na vêa da agua; e pouco antes de chegarem á náó, foram vistos das vigias, que estavam nella bem áleria, e começaram a bradar. Os Turcos que estavam dentro

Conto. Tom. III. P. I.

E

N I A C U - R E N S A
N A C I O N A L

acudíram a bordo com as armas nas mãos pera verem o que aquillo era. Jacome Leite aos primeiros gritos apertou o remo pera fazer o a que hiam, primeiro que os Turcos se pudessem determinar. E pondo as proas na náó, cada hum por sua parte lhe lançou logo dentro huma grande somma de panellas de polvora, e o navio, que ficou da banda da proa, cortou logo as amarras á náó. Os Turcos tambem lançaram sobre os nossos muitos tiros, arremessos, e muito fogo. A náó como ficou defamarrada, começou a cabecear, e a levalla a maré pera dentro, não cessando antre os inoffos, e os Turcos os arremessos, e espingardadas. Isto foi logo ouvido da terra, e o exercito todo se poz em armas, e acudindo á praia, se mettêram muitos em algumas embarcações pera irem soccorrer á náó; mas quiz a boa fortuna de Jacome Leite, que algumas das panellas de polvora, que se arremessáram dentro, cahissém em hum dos castellos, que estavam cheios de materiaes pestiferos; e pegando o fogo de huma couza em outra, foi dar na polvora, cuja força, e furor lançou logo pelos ares as cubertas da náó, e os castellos, avoando abrazados os mais dos Turcos, que dentro estavam. A náó ficou entregue ás lavaredas, que foram taes, que descubi-

briam a Cidade , e a gente do exercito , que se embarcava com muita pressa. Jacome Leite vendo sua boa fortuna , virou as proas a terra , e apontou os falcões nos cardumes dos inimigos que fervião , e desparrando nelles as cargas , fez hum muito grande destruição , e tomando o remo em punho , se foi recolhendo com sete companheiros feridos , e queimados , deixando acabado hum feito digno de perpétua memoria ; e chegados á fortaleza , foram todos recebidos nos braços do Capitão , e de todos os mais com louvores muito públicos.

Coge Cofar acudio ao caes da Alfandega ; e vendo a grande máquina , em que fundava suas esperanças , abrazada , e desfeita , ficou pasmado , porque na não perdeu mui grande quantidade de munições , e muitas peças grossas de artilheria , com que determinava de bater a fortaleza do baluarte do mar , depois que o tomasse , e sobre tudo sentio os Turcos , que elle estimava muito , com cujo esforço , e industria esperava de acabar aquelle cerco , e deitar os Portuguezes fóra daquella Ilha. E arrebrandando em blasfemias , disse mal á sua ventura ; e depois fez voto a Mafamede de se não alevantar de sobre aquella fortaleza até a não arrazar , e tomar. Mas bem differente era o pensamento do Capitão della , e de

todos os mais , porque toda a noite gastá-
rão em danças , e folias , havendo aquelle
princípio de vitoria por hum muito certo
signal de sempre a alcançar daquelles ini-
migos. Assim ficárão tres dias fortificando-
se huns , e outros , ordenando as cousas ne-
cessarias pera a bateria.

Neste tempo foi tambem o Capitão pe-
las espias avisado , que se esperava no exer-
cito por huma grande cafila de mantimen-
tos , que lhes havia de vir por mar , de to-
da aquella costa de Balsar até Damão , pe-
lo que logo despedio Jacome Leite com
tres navios bem negociados , pera que a
fosse esperar até á Ilha dos Mortos. E fa-
hindo-se de noite pela barra fóra , foi cor-
rendo aquella costa por onde encontrou al-
gumas cotias carregadas de mantimentos ,
que tomou , não dando a vida senão a al-
guns que guardou pera embandeirar os seus
navios , quando entrasse em Dio ; e depois
de deixar feito huma mui grande destrui-
ção , se foi recolhendo , e entrou dahi a
poucos dias pela barra com as vergas cheias
daquelles esténdartes , e huma grande cafila
de mantimentos , que se recolhêram na for-
teza ; e ás cotias todas , depois de descar-
regadas , se lhes mandou dar fogo no meio
do rio , pera que os inimigos as vissem
bem , o que foi pera todos elles huma mui-

to grande dor, e tristeza. Coge Çofar andava como areado; e vendo que lhe mandavam tomar os seus navios por aquella costa, despedio com muita pressa recado a Surrate, que armassem vinte fustas, e que se fossem lançar sobre a barra de Dio, assim pera segurarem os seus navios, como pera defenderem a entrada aos nossos, se viessem de soccorro da India. D. João Mascarenhas escreveu aos Capitães de Baçaim, e Chaul que trabalhassem muito por impedirem a navegação aos Mouros por aquella costa de Balsar, e Damão, porque lhes não fossem mantimentos ao exercito: o que elles fizeram armando alguns navios, que em poucos dias tomáram dous tauris grandes, e quinze cotias carregadas de mantimentos, mettendo todos os que nellas acháram á espada.

CAPITULO IX.

De como Coge Çofar começou a fazer a parede, e das cousas, que succedêram com a chegada de D. Fernando de Castro: e de hum grande feito, que fez Diogo da Nhaya Coutinho.

Vendo Coge Çofar que sem ter começado a guerra, tinha recebido tantas perdas, (porque logo teve aviso da destruição

ção que a Armada fez pela outra costa,) andava como fóra de fizo, e de juizo, por que receava ruim fim áquelle negocio, e mandou com muita pressa pôr as mãos na obra da parede, (ou pera lhe melhor chamarmos do muro,) o que começou a fazer com hum grande número de officiaes. Esta parede se fabricou pouco mais de hum tiro de bésta da fortaleza, pelo começo donde depois esteve o jogo da bola, e foi cortando da borda do rio por aquelle tejo affirma até o mar, e tinha quinze palmos de largo. E porque de dia não podiam trabalhar por causa da nossa artilheria, e arcabuzaria, que lhe matava muitos obreiros, trabalhavão de noite, abrindo por baixo do chão caminhos intrincados, e em carambol, pera a gente poder passar ao serviço segura das bombardadas. E assim fizeram huma fábrica de ruas, travessas, e encruzilhadas, que parecia hum labyrintho de Creta; mas nem com isso deixavam de morrer muitos, porque a nossa arcabuzaria lá os hia descubrir, e derribar. O Capitão mandava de noite bater os lugares onde sentiam trabalhar, derribando-lhes a obra, que hiam fazendo por partes. Mas com tudo, como os officiaes eram muitos, foi o muro crescendo, e subindo nelle alguns baluartes fortes com bombardeiras rasteiras,

em que Coge Çofar mandou assentar bazaliscos , leões , e outras peças grossas com que determinava de bater a fortaleza. E defronte do baluarte Sant-Iago se poz hum quartão , que lançava pelouro de treze palmos em roda , que se entregou a hum bombardeiro Francez arrenegado , homem mui destro em seu officio , que o assistou por esquadria tão certa na parte em que a cisterna estava , que lhe lançava nella todos os pelouros que queria. Vendo Coge Çofar a parede já alevantada , mandou logo fazer valos , e trincheiras naquella parte baixa do jogo da bola pera se passar pera alli com o seu exercito , correndo com humma cousa , e com outra á mór pressa que podiam.

D. Fernando de Castro , que deixámos partido de Goa no Capitulo VII. do primeiro Livro , foi seguindo sua viagem até Baçaim , levando já ameaços do inverno ; e tomando alli algumas cousas , atravessou logo o golfo , que achou tão soberbo , e alterado , que se vio muitas vezes perdido com toda a Armada : e passando por todos aquelles medos , chegou a Dio em fim de Maio , o que foi pera todos os nossos a mór alegria que podia ser , e embandeirando os navios , commettêram a barra , entrando por ella dentro , esbombardeando , e salvando a Cidade dos Mouros , deitan-

do

do nella alguns pelouros por signal dos mais ; com que haviam de servir , e hospedar os inimigos ; e assim foram surgir no caes aonde desembarcáram , achando já D. João Mascarenhas com todos os Fidalgos , que os leváram nos braços com grande alvoroço de todos. E recolhidos pera a fortaleza, os leitos dourados , e camas molles , em que os agazalháram pera repoufarem do trabalho do caminho , foram os baluartes , guaritas , e mais lugares do muro por onde o Capitão os repartio. Os da fortaleza ficáram muito ufanos com este soccorro , que ainda que pequeno em número , era muito grande na estimação pelo grande valor , e esforço dos Capitães , e soldados , que nelle vinham. Esta noite passáram os nossos em grandes regozijos , e festas , lançando muitos foguetes , e outros artificios de fogo por esses ares pera mostrarem aos inimigos o alvoroço com que todos estavam , e o pouco temor que delles tinham.

Ao outro dia em amanhecendo appareceo sobre a barra a Armada que Coge Çofar mandou fazer em Surrate , que vindo correndo a costa de Dio , encontrou alguns navios , que os Capitães de Baçaim , e Chaul mandavam com gente , e providimentos ; e como haviam espalhados , dous delles foram cair nas mãos dos inimigos

que os abalroáráo; e posto que os poucos Portuguezes que nelles vinham pelejáram mui valorosamente, e vendêram muito bem suas vidas, (que todos quizeram antes perder, que ficar cativos,) foram mortos, e espedaçados. Outros alguns navios havendo vista desta Armada dos inimigos, e conhecendo-a; tornáram a voltar pera a outra costa. Os inimigos com aquella preza, e vitoria chegáram á barra de Dio embandeirados a dar vista aos nossos, salvando a fortaleza de longe. D. Fernando de Castrolhes quizera sahir, mas o Capitão llio não consentio, porque bem sabia que os inimigos o não haviam de esperar, e que sería trabalho perdido tornar a negociar as fustas, que estavam já recolhidas na couraça, e assim se não fez por então cousa alguma, nem foi necessario, porque logo ao outro dia desappareceo a Armada, que tambem receou que lhe sahisses os nossos. Esta Armada andou por aquella costa des da Ilha dos Mortos até Madre Faval, em quanto o tempo lhe deo lugar; e como entrou o inverno, recolheo-se a Surrate sem fazer mais prezas que aquellas primeiras.

D. João Mascarenhas ao outro dia, depois que D. Fernando de Castro chegou, mandou negociar hum catur muito ligeiro, em que mandou embarcar o Armenio, que

havia de passar ao Reino, por quem também escreveu a ElRey o estado em que aquella fortaleza ficava. Este homem foi lançado na costa de Pôr, e dalli em trajos de Jogue, (que he huma gente, que se preza de Religiosa, e que nos trajos mostra grande desprezo do mundo, porque não trazem mais vestido que humas capas como os mantos dos Capuchinhos, feitas de farrapos que achão nos monturos,) foi caminhando até o Cinde, onde achou ainda embarcação pera Ormuz, em que se meteo, e foi ter áquella fortaleza, e deo as cartas do Governador a Luiz Falcão, em que lhe encommendava muito dêsse logo ordem pera que aquelle homem se partisse pera o Reino, o que elle fez, negociando-se com os mercadores de Baçorá que o leváram, e o passáram a Babylonia pelo rio Eufrates affina, e dalli tomou seu caminho em companhia de cafilas que sempre as ha, e foi seguindo sua derrota. E porque não achámos as particularidades desta jornada, passamos por ellas, e de sua chegada ao Reyno adiante daremos razão.

Coge Çofar foi continuando com as obras da fortaleza até as pôr em sua perfeição, passando o seu exercito pera aquella parte, repartindo pelos lugares da bateria perto de sessenta peças grossas, de ba-

zaliscos, salvagens, aguias, e camelos, e da outra miuda huma grande quantidade, mandando fazer muitas escadas, huma grande somma de picões, alavancas, cudilins, padiolas, e em fim toda a mais cousa desta qualidade, que lhe pareceo necessaria pera aquelle negocio. D. João Mascarenhas não estava descuidado, que tambem de dia, e de noite trabalhava em sua fortificação, vendo, e notando tudo o de que tinha necessidade, esperando cada dia pelos combates com hum animo muito determinado, e seguro.

Mas como desejava muito saber de certo o intento, e determinação dos inimigos, era-lhe necessario pera isto tomar algum lingua, de que se pudesse informar. Isto praticou algumas vezes com os Fidalgos, cavalleiros, e soldados, de que presumia que prestariam pera este feito; foi huma dellas em tempo, que se achou presente Diogo da Nhaya Coutinho, natural de Santarem, Fidalgo de nobre geração, de grande valor, e notaveis forças, que dissimulando seu intento, vindo a noite, sem dar conta a pessoa alguma, mais que a hum soldado, a quem pedio hum capacete emprestado, (por ser o bom Fidalgo tão pobre que até isto lhe faltava, sobejando-lhe o animo pera pelejar com os inimigos,) lançando-se por

humã cerda do muro abaixo acompanhado de sua espada, e humã lança. E indo-se pera a parte onde os inimigos estavam, pouco affastado do caminho, se poz deitado com grande silencio, esperando algum bom encontro. Em pouco espaço vio vir dous Mouros bem dispostos, que vinham praticando, e bem descuidados de imaginarem o que lhes aconteceo. Bem sentio Diogo da Nhaya Coutinho serem dous, e receou commettellos; não porque senão atrevesse a pelear com ambos, e com mais, mas porque temeo que brigando com ambos, de força havia de haver roido, e podia fer ouvido, e elle não poder pôr em effeito o negocio a que hia; mas tomando conselho com a necessidade do caso, e do tempo, determinou commettellos. E deixando-os passar, levantou-se, e deo a hum tal golpe com a lança, que logo o derribou, e remettendo ao segundo, o levou nos braços, sem lhe valer pernear, morder, nem bracejar, e assim asido chegou com elle á porta da fortaleza a que bradou, que lhe abrissem depressa; e abrindo-lhe a porta, deo com elle dentro, de que o Capitão, e os mais Fidalgos, e cavalleiros ficaram pasmados, e maravilhados de tão raro successo, que festejaram muito alegres, e contentes.

E porque será roubo, que lhe faremos, calarmos o mais que na mesma noite lhe aconteco, contarei o que fez, porque fiquemos satisfazendo assim a nossa obrigação, (que he dizermos as cousas, que neste cerco acontecêram,) como a seu merecimento, e esforço, com fama depois de morto, já que na vida lhe faltou ventura de ter com que mataste a fome. Prometteo este Fidalgo ao soldado, que lhe emprestou o capacete, de lho tornar a trazer, certificando-lhe, que antes deixaria a vida, que o proprio capacete. Na briga, e revolta que teve com os Mouros lhe cahio da cabeça sem o elle sentir, nem achar menos, senão depois de entrar na fortaleza, e o soldado lho pedir. *Senhor*, disse elle, *eu o vou buscar*. E tornando a descer por onde descêra a primeira vez, havendo que pela porta o não deixaria o Capitão sair, se foi á parte onde teve a briga, e achando o capacete, o trouxe, e tornou a subir, e o entregou a seu dono. Bem merecia este Fidalgo por isto que fez por seu Rey, que enxergáramos nós nelle as mercês que estes feitos estam pedindo; mas pois as não teve, não lhe faltemos nós com o deixarmos nesta nossa escriptura dado a conhecer aos que o não alcançáram.



DECADA SEXTA.

LIVRO II.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

De como ElRey Soltão Mahamude chegou a Dio : e de hum assignalado feito que seis soldados fizeram , em que tomáram hum Mouro : e das asperas baterias que deram á fortaleza.

ACABADAS todas as obras , assim da parede , como dos valos , e trincheiras , desejou Coge Çofar de ver ElRey as primeiras baterias , porque lhe pareceo que nellas se averiguasse tudo , mandando-lhe recado a Champanel , onde elle estava com o resto de sua potencia pera acudir onde fosse necessario. E tanto que teve recado , se abalou afforrado só com dez mil de cavallo ; e tanta pressa se deo , que chegou á Villa dos Rumes dez dias depois da chegada de D. Fernando de Cas-

tro.

tro. E ao outro dia depois de sua chegada se passou á Ilha pera de mais perto ver a notomia que Coge Çofar lhe promettia de fazer naquella fortaleza. E á sua entrada na Cidade lhe fez Coge Çofar tão grandes recebimentos, e foram os instrumentos tantos, que se ouvíram na fortaleza, enxergando na Villa dos Rumes novas bandeiras; mas pareceo-lhes que era gente que chegava de refresco, não imaginando que podia ser ElRey. E pera saberem daquella novidade, mandou o Capitão Dom João Mascarenhas dizer a Fernão Carvalho, (que estava no baluarte do mar,) que mandasse algumas pessoas de recado de noite no batel do serviço pera ver se podiam haver ás mãos algum Mouro, de quem pudessem saber o que hia na Cidade.

Fernão Carvalho, tanto que foi o quarto da modorra, despedio o batel com seis soldados, que pera aquillo escolheo, cujos nomes ficáram em esquecimento aos daquelle tempo, (porque os destes homens, que não nascêram illustres, e fizeram cousas abalizadas, não lhes luzíram nem em historias, nem em mercês, e satisfações; porque he muito antiga esta miseria Portugueza não saber dar lugar ás virtudes, nem engrandecer honrosos pensamentos, antes acanhellos, e desprezallos pelos verem avan-

tajar nas obras a alguns, que se contentão da gloria de seus passados.) E esta he a razão, por que muitos não trabalham por obra-rem grandes proezas, porque antes querem poupar as vidas, que arriscallas sem esperança de galardão. Mas diante daquelle famoso Antigonon não se dava lugar senão ás virtudes, e ao valor ganhado por proprio braço, e não aos que os herdaram de seus avós, como elle disse áquelle mancebo, que por nascer nobre queria preceder a outros que o não eram, tendo mais merecimentos.

E tornando á nossa historia. Partidos os seis valorosos soldados, foram pelo rio afflicta em grande silencio, sem tocarem com os remos na agua por não serem sentidos na terra; e no lugar em que está a Alfandega, viram estancia muito perto do mar, em que não sentiram vigias, e parecendo-lhes que estariam dormindo, se chegaram á terra, e saltáram nella muito manso, e com grande determinação commettêram a estancia, em que estavam sessenta Mouros sepultados todos em hum profundo somno, como homens que alli se não receavam de cousa alguma; e dando nos primeiros que acháram, matáram nelles á vontade, e ao tom dos golpes, e dos gritos acordáram os outros, andando já o ferro dos valentes seis companheiros sobre elles, e não sa-

bendo o que aquillo era, nem donde se haviam de guardar, embaraçavam-se huns com os outros, porque sem verem o que era, sentiam o cruel ferro dos seis Portuguezes em suas carnes, e de outras partes as vozes, e ais dos que ficavam estirados. E foi a cousa de feição, que aos gritos dos daquella estancia se puzeram todas as mais em armas, cuidando que todos os Portuguezes andavam nelles. Os seis soldados, que andavam encarniçados nos Mouros, sentindo que chegava soccorro, se foram recolhendo ao seu batel, e não sem muito trabalho, e risco, porque apertáram tanto com elles, que lhes matáram dous; e quiz a ventura que os quatro ao recolher deram com hum Mouro na praia, que por ventura hia fugindo da morte, e liando-se hum com elle, acudindo-lhe os outros, deram com elle no batel, e tomando o remo se foram sahindo, indo apôs elles grandes nuvens de fréchas, e pelouros. Chegados á couraça bradáram ás guardas, que os recolhêram dentro, e levando o Mouro ao Capitão, lhe contáram o successo: elle os abraçou a todos, louvando-os, e engrandecendo-os publicamente. E recolhendo-se com o Mouro, e lingua, d'elle soube que as festas que se fizeram, eram á chegada d'El-Rey, que era vindo pera ver tomar aquel-

la fortaleza, e assim deo razão de todas as mais cousas que lhe perguntáram, que o Capitão estimou muito saber, mandando ter o Mouro a bom recado, e aos soldados deo dinheiro de sua casa.

Tão affrontados ficáram os Mouros deste successo, por ser no mesmo dia que o seu Rey chegou, que desejavam de ir todos morrer ao pé dos muros da fortaleza: Coge Çofar andava como doudo sem saber o que dissesse, nem fizesse, e tomára ser antes aleijado da outra mão, que ter-se tão penhorado com ElRey em negocio que tão ruins principios teve. Ao outro dia chegaram huns poucos de Mouros á falla com os do baluarte S. João, e lhes disseram muitas injúrias, e vituperios; affirmando-lhes que cedo teriam o pago daquelle atrevimento, e de não entregarem logo aquella fortaleza ao grande Rey Soltão Mahamude, que era chegado. Os nossos lhes responderam que folgavam muito com sua vinda, porque muito cedo sería dependurado de huma daquellas ameaças pelo atrevimento que teve de mandar cercar a fortaleza, em que estavam Portuguezes, que a haviam de defender a todo o mundo junto, quanto mais a elle, e aos seus, que eram huns coutados, covardes, e biguairins, de que não faziam conta alguma.

Todas estas cousas soube ElRey, de que se houve por tão affrontado, e offendido, que mandou a Coge Çofar, que logo começasse a bateria; o que elle fez na força do meio dia com mui grande terror, e espanto, batendo os tres baluartes, São João, S. Thomé, e Sant-Iago com oito peças cada hum, e o quartão na parte da cisterna, que cada vez que desparava, parecia que todo mundo se abalava; e certo que poz grande espanto, e causou muito temor. Os Capitães dos baluartes, que eram D. João de Almeida, Luiz de Sousa, e Gil Coutinho, tambem lhe respondêram com sua artilheria, batendo as estancias dos inimigos com grande furor, andando cada hum reformando as ruinas que a artilheria fazia. A grita, o rugido das armas, os fuzís do fogo, o fumo da artilheria que escurecia o Sol, tudo representava o dia final do juizo. No baluarte Sant-Iago de Luiz de Sousa, onde estava D. Fernando de Castro, começou a fazer a bateria mais damno, por ser mais fraco; mas logo tudo era reformado, e repairado de novo.

O Capitão D. João Mascarenhas, que neste dia começou a mostrar os quilates de sua prudencia, e esforço, tinha dado tal ordem a tudo, que em se pedindo pedra, madeira, taboas, panellas de polyora, pe-

louros, e todas as mais cousas necessarias, logo eram dadas, porque este trabalho commendou a alguns homens velhos, com muitos escravos, e marinheiros, e assim nunca faltou cousa alguma.

D. Fernando de Castro como era moço, e nunca se tinha visto em outro perigo, desejou de se assignalar neste, e assim deo mostras de seu grande valor, e animo, de que a fortuna lhe começou logo a ter inveja. Todos os mais Fidalgos, e cavalleiros trabalháram em quanto durou o espantoso combate mui animosamente. Huns ajudando a carregar, e bornear as peças da artilheria; outros em reformar as ruinas, e em outras semelhantes, e necessarias occupações, de sorte que todos deram muito grandes esperanças no animo com que acudiam a todas as cousas, e na alegria que mostravam nos trabalhos, de huma muito certa, e grande victoria. A bateria durou até se pôr o Sol, que cessou, deixando os baluartes todos destruidos, e arrazados das ameias, e parapeitos, ficando a artilheria toda delles quasi descuberta. O Capitão Dom João Mascarenhas não tomando repouso toda a noite, trabalhou em reedificar os baluartes, sendo todos os Fidalgos, e cavalleiros os pedreiros, e officiaes da obra, a que deram tanta pressa, que quando ama-

nheceo estava tudo renovado, como se nunca fora derribado, do que os inimigos passaram.

Ao outro dia tornáram a continuar a bateria com grande braveza, tornando a arruinar os baluartes por outros lugares, andando sempre os Capitães mui promptos em reparar tudo, batendo tambem espantosamente as estancias dos inimigos, em que o dia dantes fizeram bem de damno, como tambem este, em que lhe matáram muitos. Desta maneira foram continuando os combates naquelles tres baluartes quatro dias, alevantando os nossos de noite, o que lhes derribavam de dia com muito trabalho, e presteza. O quartáo, que estava frente ao baluarte Sant-Iago, que o Francez regia, tinha feito na fortaleza grande damno, porque derribou casas, arruinou edificios, e lançou alguns pelouros na cisterna, que Deos sempre guardou, porque nella estava o remedio de tudo, e andavam todos affombrados, porque cada vez que atirava, fazia hum terremoto, que parecia que tremia o ar, e a terra.

Mas enfadado Deos nosso Senhor de soffrer áquelle arrenegado tantas offensas, e affrontas, indireitou hum dardo, que se arremeçou da fortaleza, sem se saber de que mão, e tomando o Francez pelos peitos o

derribou morto. Esta perda sentio Coge Cofar muito, porque aquelle homem era o mais importante que tinha no seu exercito pera o maneo da artilheria, e da bateria, e logo em seu lugar poz outro arrenegado, que não sabendo a esquadria, nem a medida do ponto do quartáo, todos os pelouros que tirava cahiam sobre o seu exercito, matando muitos dos seus, que isto foi tambem obra da Divina mão de Deos, porque só aquelle tiro se receava na fortaleza mais que todos os outros, porque fazia mór damno.

CAPITULO II.

De como os Mouros continuaram a bateria, e ElRey se foi da Cidade por hum ruim agouro que tomou: e do monte da rama que os inimigos alevantáram defronte do baluarte S. Thomé.

FOi-se continuando a bateria, em que os nossos soffrêram muito grandes trabalhos, porque não largavam de dia, nem de noite as armas das costas, nem das mãos as achegas pera a reformação dos lugares derribados, sendo tudo assim em huma parte como na outra, vozes, clamores, gritos, estrondos, fogo, fumo, trovões, e tempestades da cruel, e horrenda artilheria, que

que quasi tinha enfurdecidos todos os da fortaleza. E havendo dez dias que durava esta confusão, estando ElRey vendo huma aspera, e geral bateria, que se dava á fortaleza, disparando hum camelo de hum dos baluartes, guiou Deos o pelouro de feição, que entrou pela estancia em que ElRey estava, e matou hum privado seu muito junto d'elle, ficando todo borrifado do seu sangue. E como os Mouros são muito agourentos, assim este tomou aquillo á tão ruim signal, e máo prognostico, que logo se foi pera a Cidade, e no mesmo dia se passou á outra banda, e dahi pela posta caminhou pera Amadabá, tão assombrado, que lhe pareceo que ainda o pelouro hia apòs elle, ficando com a gente de cavallo, que trouxe hum Capitão Abexim chamado Juzarcão, homem de grande authoridade, esforço, e conselho, e grande Senhor no Reino de Cambaya. Coge Çofar sentio muito a ida d'ElRey, porque lhe pareceo que hia desconfiado; e pera mostrar assim a elle, como aos nossos que nenhuma cousa lhe causava temor, mandou dobrar a bateria pera fazer alguma entrada na fortaleza, porque determinava ou perder-se de todo, ou ganhalla, e assim forão continuando sem cessarem até arrazarem todos os altos dos baluartes S. João, S. Thomé,

e huma grande parte da cortina do muro, que corria de hum ao outro. Luiz de Sousa, e Gil Coutinho Capitães delles com os mais Fidalgos, e cavalleiros, soffrêram aquelles combates com animo muito grande, acudindo logo a todas as cousas necessarias, pelejando, trabalhando, animando os soldados, tendo-lhes já mortos alguns, e feridos muitos; e certo que quanto maior era o perigo, tanto mais parecia que cresciam forças, e animo de novo a todos pera sustentar tudo, e acudir a tanta cousa, como era pelejar, e reformar.

D. João Mascarenhas vendo os baluartes arrazados, acudio áquella parte; e vendo que estava a fortaleza muito arriscada pela cortina, tratou de fazer por dentro hum contra-muro; e vendo que não tinha parte commoda pera isso, mandou logo na rotura armar hum cubello alto, e grande, no meio de traves, que servia de triangulo, e se corria delle para ambos os baluartes, correndo com hum pedaço de muro pera tornar a fechar aquella parte, com que ficava mais forte. Esta obra se começou com grande pressa; e porque faltavam servidores por serem mortos alguns, e outros estarem doentes, acudiram as mulheres da fortaleza, assim casadas, como viúvas, a acarretar os materiaes, como já fizeram outras no outro

cerco passado: e a que ordenou isto foi huma Isabel Madeira, dona honrada, casada com Mestre João Cirurgião, Christão velho, de quem tinha dous filhos, e huma filha; esta foi eleita por Capitoa de todas, formando-se hum muito grande esquadrão dellas, de que as principaes eram Garcia Rodrigues mulher de Ruy Freire, Isabel Dias casada com o Feitor d'ElRey, Catharina Lopes mulher de Antonio Gil, e Isabel Fernandes, que depois se chamou a velha de Dio, digna do sobrenome que lhe deram, pelas cousas que neste cerco fez, como em seu lugar diremos. Estas com seus filhos, e escravos tomáram á sua conta acarretarem a pedra, e terra pera as obras, que traziam com cestos sobre suas cabeças, de algumas casas que o Capitão mandou derribar dentro na fortaleza, e o mesmo fizeram ás traves, taboado, e a todas as mais cousas que se pediam. Este trabalho começaram a continuar com tanta pressa, e alegria, que deo a todos huma certa confiança de bom fim naquella guerra, com o que ficaram os homens mais desalivados pera acudirem ás baterias. A obra foi crescendo de feição, que em breves dias se poz o cubello em pé, de que encarregou Antonio Paçanha, varão de conselho, e de muito esforço, dando-lhe quarenta espingardeiros.

O Capitão andava muito ufano, e alegre de ver a alegria, e gosto, com que aquelle esquadrão feminino acudia ás cousas, assim de dia, como de noite, porque o havia por hum mui bom prognostico, e assim ahia ver muitas vezes á obra, louvando-as com palavras muito honrosas, e de muito agradecimento. A estancia, que era de Antonio Paçanha, deo o Capitão a hum João de Venezianos com alguns soldados. Em quanto a obra do cubello durou, não cessou a bateria, que deo muito trabalho aos que andavam na obra; mas quiz Deos que não fizesse damno, ainda que estorvava, e impedia os officiaes, mas de noite se fez a mór parte della.

Coge Çofar tanto que vio o baluarte em pé, (com que ficavam aquellas partes cahidas muito seguras,) mandou fabricar de frente do baluarte S. Thomé, outro maior que elle, de terra, e rama pera lhe ficar alli em padrasto, e entulhar a cava, porque determinava de entrar por alli a fortaleza. Esta obra se começou a fazer de noite, porque de dia a nossa artilheria, e arcabuzaria lho defendia. E sentindo o Capitão que de noite trabalhavam, mandou fazer nos baluartes tantas luminarias que acclarou todo o campo, e se descubriam muito bem os officiaes que andavam na obra; e afeftan-

do alli a artilheria , começáram a lhe dar bateria , com que lhe matáram muita parte dos trabalhadores , e os mais largando o trabalho , ficou tudo desamparado ; porque além dos pelouros , choviam sobre os que acarretavam as cousas , tantos dardos , pedras , e panellas de polvora ; que lhes não davam lugar a apparecerem. E posto que isto causava , e quebrantava muito aos nossos , o perigo em que estavam lhes dava forças pera tudo. Mas Coge Çofar não desistindo da obra , mandou fazer novas ruas por baixo do chão pera passarem os seus encubertos pera a obra ; mas ainda assim não deixou de lhes custar muito , e a poder de mortes dos miseros officiaes , e trabalhadores , acabou o baluarte , que ficou tão alto , que descubria todo o de S. Thomé. E em cima d'elle mandou Coge Çofar pôr muitas arvores grossas com toda sua rama , que se traziam alli a poder de força pera servirem de tranqueiras aos seus , e poz alli hum formoso esquadrão de Turcos , e de outras nações estrangeiras , não cessando em todo este tempo a bateria nas outras partes , com que derribavam os baluartes de D. João de Almeida , e de Antonio Freire , Alcaide mór da fortaleza ; mas logo o Capitão acudio a reformar tudo , em cuja obra D. João de Almeida , e seus irmãos mostráram bem o

valor de suas pessoas, cumprindo muito á risca com as obrigações do sangue de que procediam, pelejando, e trabalhando sem tomarem repouso algum. Coge Çofar vendo a fortaleza tão desbaratada por todas as partes, e o muito trabalho que os Portuguezes passavam em as reformar, havendo que não poderiam já soffrer mais, e que se entregariam com alguns partidos, porque se não podia esperar de corpos humanos, o que aquelles homens tinham passado, e passavam havia tantos dias, sem tomarem huma só hora de descanso, e pera lhes não dar folego, e os apertar mais por todas as partes, mandou novamente abrir caminhos por debaixo da terra, pera as estancias de Alonso de Bonifacio, Luiz de Soufa, e Gil Coutinho, até sahirem á cava, porque determinava de a entulhar pera commetter a fortaleza por assalto; e tanto trabalháram neste negocio, que ainda que foi á custa de muitos dos seus, que a nossa espingardaria sempre pescava, chegáram aonde pertendiam, trabalhando D. João Mascarenhas muito por lho defender.

E porque o lugar de que se mais receavam, e de que mór damno recebiam, era o baluarte do monte da rama, mandou o Capitão fazer hum terraplano no taboleiro da Igreja, que era o mais alto da for-

taleza , pera o descubrir , e alli mandou assestar hum bazalisco , e outras peças grossas , e encommendou ao Condestable da fortaleza , homem mui experimentado em seu officio , que trabalhasse muito por derribar aquelle monte. E dando elle recado aos do baluarte S. Thomé , pera que se recolhessem a partes seguras , por cima delle o começou a bater , e quiz Deos que em quinze dias o desfizesse todo , matando muitos dos que nelle estavam.

Isto sentio Coge Çofar muito , e mandou correr com o entulho da cava , mandando cubrir as ruas soterraneas (por onde corriam os trabalhadores) com palmeiras , rama , e terra , pera andarem por baixo seguros. E ordenou grandes , e fortes mantas pera as bocas das ruas , que sahiam á cava pera seu amparo ; e assim mesmo mandou fazer muitas pranchas de vigas folhadas com taboas , pera atravessarem a cava de huma parte á outra , cubrindo-as por cima de rama , e terra molhada por causa do fogo , sem os nossos lho poderem defender , posto que pera isso lhes lançaram infinitos artificios de fogo. Tanto que os inimigos tiveram lançadas as pranchas , começaram a entulhar a cava , trazendo por baixo das ruas a faxina , terra , e outras couzas sem perigo algum.

CAPITULO III.

De como os nossos furtáram o entulho aos Mouros : e de como matáram Coge Co-far : e do soccorro que o Capitão mandou pedir a Goa : e de como os inimigos entulháram a cava : e de outras cousas.

Foram os Mouros correndo com a obra do entulho com muita pressa sem se lhes poder defender, o que deo grandes cuidados ao Capitão, traçando em sua imaginação algum modo pera poder impedir aquella obra, que era de muito perigo, praticando, e tomando conselho com todos sobre isso. Alguns homens velhos lhe disseram : » Que no muro defronte donde a » cava se entulhava, estava hum antigo, e » pequeno postigo, que o tempo foi es- » condendo com terra, e cisco, que de si- » ma do muro se lançava, por onde se po- » dia muito bem furtar o entulho aos ini- » migos. » Não pareceo isto mal ao Capitão, e indo-o logo ver pela banda de dentro, pareceo-lhe que podia aquelle ser o melhor remedio de todos. E logo deo ordem com que se fizessem algumas mantas muito fortes, que mandou armar por cima do postigo, lançadas como pontes, e mandou abrir, e desentulhar o postigo, que fi-

cava escondido debaixo das mantas. E de noite os moços, e marinheiros, com cestos por baixo foram furtando o entulho á formiga pera dentro, estando sempre gente em guarda pera os animar, e fazer trabalhar. E ainda que os Mouros na obra do entulho corriam com grande número de servidores, e crescia muito, de noite punham os nossos tanta diligencia, revezando-se huns, e outros, que lhes furtavam a mór parte sem os Mouros o sentirem. O entulho fazia hum modo de pyramide muito largo no pé, e agudo na ponta, e todavia vendo elles sempre a obra em hum ser, e que lhes não crescia mais de hum certo limite, andavam embaraçados.

Os nossos trabalhadores hiam por baixo solapando a modo de mina; e assim lhe fizeram tão grande vão, que não podendo com o pezo, esborralhou-se pelo pé, cahindo toda aquella máquina, do que Cogefar ficou pasmado, porque nunca entenderam, nem sentíram que lhe furtavam o entulho, e cahindo no engano, começaram de defender o trabalho, pondo-se hum grande esquadrão á borda da cava, donde lançavam grandes penedos, muitas panellas de polvora, e outras cousas, com que offendiam os nossos trabalhadores. D. João Mascarenhas os mandou soccorrer por mais soldá-

dos, que sahiam pelo postigo fóra, e travavam com os Mouros, ateando-se de parte a parte hum formoso jogo de arcabuzaria, de que todos recebêram afsás de dano, acudindo a mór parte dos Fidalgos, e cavalleiros áquelle negocio, que era de importancia. E antre estes foi Antonio Freire, que esta noite fez obras merecedoras de maiores louvores; mas a fortuna invejosa dellas, ordenou que lhe dessem huma espingardada, de que cahio logo morto, o que se sentio bem antre todos os da fortaleza, porque este era hum dos homens, que mais sustentava o pezo, e o trabalho daquelle cerco, com seu esforço, conselho, e com seu dinheiro, de que deo muito a muitos. Durou esta noite a briga hum grande espaço, em que os nossos apertáram tanto os Mouros, que os fizeram recolher. Mas Dom João Mascarenhas não tomando repouso, mandou com muita pressa carretar muitas traves, taboas, e portas, que tudo foi levado por aquellas valerosas matronas, (que neste cerco a seu modo tiveram tão grande quinhão como todos.) E tudo isto mandou atravessar de noite des do postigo até á outra parte, onde ficou alevantado hum grande monte do entulho, e fazendo huma forte ponte, a cubrio de terra, e rama molhada por causa do fogo; e por baixo ficá-

ram os nossos defendendo a obra do entulho mais á sua vontade, e em damno dos inimigos, sem elles lhes poderem empecer; e quando amanheceo estava tudo acabado.

Dada a nova disto a Coge Çofar, acudio alli, e vendo a obra, defenganou-se de poder por alli entulhar a cava, e cheio de paixão começou a esbravejar contra os seus, porque não defendêram aquillo, e de todo desconfiou do cerco, por ver a grande diligencia, e presteza, com que os nossos se repairavão, e lhes desfaziam suas traças. E no pezar que aqui mostrou, parecia que lhe denunciava o coração algum grande mal feu. E estando alli dando ordem ao que se havia de fazer, ordenou Deos, e não permitio que tardasse mais o castigo a este inimigo de sua santa Fé, (nascido, e creado nella,) que desparassem da fortaleza algumas bombardas naquella multidão de gente, que com elle se ajuntou; e endireitando hum dos pelouros com elle, tomando-o pela cabeça, lha fez logo em pedaços, borri-fando os que estavam derredor com seus miolos, e aquella perversa, e maldita alma foi levada dos diabos ás penas perpetuas do Inferno, aonde será atormentada em quanto Deos durar. Profetizado estava já pela triste mãe (que ainda vivia em Otranto catholicamente) o lugar, a que havia de ir

Couto. Tom. III, P. I.

G

N I pa- R E N S A
N A C I O N A L

parar; porque todos os annos lhe escrevia cartas; em que lhe lembrava que era Christão, pedindo-lhe que deixasse os enganos da falsa Lei de Mafamede, em que andava embebido; e nos sobrescritos das cartas lhe punha assim: *Pera Coge Çofar meu filho ás portas do Inferno.* O seu corpo foi logo levado dalli com grande dor, e tristeza de todos; e lhe foram dar sepultura em huma das mesquitas da Ilha com a maior pompa que podia ser. Juntos logo todos os Capitães, elegêram em seu lugar seu filho Rumeçan, tão máo, perverso, e arditoso como seu pai, que logo alli jurou a Mafamede sobre o corpo do pai, de tomar cruel vingança de sua morte, e de não dar vida a pessoa alguma da fortaleza. E começando a correr com sua obrigação, a primeira cousa que fez, foi mandar abrir seis ruas por debaixo do chão, que hiam todas diffirir na cava de frente do nosso postigo, por onde lhe furtáram o entulho, que quasi hiam fechar sobre a ponte, que os nossos fizeram por baixo, donde furtavam o entulho, e sobre ella lançáram pedras de tamanha grandeza, e pezo, que fizeram render as traves, e deram com toda a ponte em baixo, tratando mal alguns dos servidores.

Vendo D. João Mascarenhas este máo successo, mandou tapar o postigo, porque

lhe

lhe não acontecesse por elle algum desastre, ficando os Mouros desapressados pera irem continuando com a obra do entulho, como fizeram por seis partes, que cresceo tanto, que cubria já o postigo. O Capitão andava muito pensativo, porque via que os inimigos acabáram todas as obras que queriam, sem lhas elle poder defender, e que lhe hia já faltando gente, por ser alguma morta, e outros doentes, e feridos; mas não pera que com tudo isto perdesse hum ponto de seu grande animo; porém via que lhe tardava o soccorro de Goa, e que hiam faltando mantimentos, que era mór guerra que a que lhe faziam os inimigos: pelo que mandou recollir todos os que havia pelas casas pera se despenderem por regra, desejando de certificar ao Governador o perigo em que estava; mas via o inverno tão encarnigado, e cruel, que havia que nenhum homem se quereria arriscar.

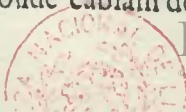
Entendida esta vontade pelo Vigario da fortaleza, (que era hum Sacerdote honrado, e bom homem, que naquelle cerco tinha mostrado muita caridade com todos; e por ser este, communicava o Capitão com elle só seus móres segredos, como foi este,) se lhe foi offerecer pera ir a Chaul levar as cartas pera se enviarem ao Governador, e ainda ir a Goa, se fosse necessario.

O Capitão estimou aquillo muito, e mandou logo negociar hum catur ligeiro, em que se embarcou, com cartas por tres, ou quatro vias pera o Governador, levando por regimento que não fizesse mais que tocar Baçaim, e Chaul, e dêsse as cartas que levava pera aquelles Capitães, em que lhes pedia o soccorressem com muita presteza, porque ficava em trabalhos, e que despedissem logo as cartas pera o Governador por differentes patamares, que são caminheiros de pé. O Vigario deo á véla, e foi seguindo sua derrota, onde o deixaremos até tornar a elle.

Os Mouros foram continuando com o entulho até de todo igualarem a cava. E pela parte em que estava Gil Coutinho, que se não podia entulhar, atravessáram grandes mastros com taboas pregadas pera passarem por cima a picar o muro, o que tambem se lhe não pode defender, porque tudo faziam por baixo de reparios, e ruas. D. João Mascarenhas acudio áquella parte; e vendo a ponte lançada, mandou logo com muita pressa fazer huma grossa cadeia de ferro tão comprida, que pudesse chegar do baluarte abaixo, em que mandou amarrar grandes saccoas de gunes cheias de polvora, salitre, enxofre, e outros materiaes com fogo artificioso por dentro, e as mandou lan-

çar de cima sobre as pontes, ficando as cadeias prezas ás argolas das peças grossas; e sendo em baixo, tomáram o fogo com tamanha braveza, que pegou nos mastros de feição, que em pouco espaço os desfez em cinza, e em carvão, queimando, e abraçando a muitos dos que por baixo andavam. Rumecan acudio logo áquella parte, e mandou trazer outros mastros, e taboas, de que ordenou outras pontes, que se lançáram no mesmo lugar, sobre o que se ateou hum grande jogo de bombardadas, e espingardadas, de que os inimigos recebêram mui grande damno, matando-lhes, e derribando-lhes muitos dos que andavam em o trabalho, cujos lugares se tornavam a encher logo de outros de refresco; e tantos se arriscáram, e trabalháram, que a pezar dos nossos cubríram as pontes de terra, e rama por causa do fogo, ordenando-lhes paredes pelas ilhargas, e outras pelo meio, que se cubríram por cima de outras vigas, sobre que se armou hum forte terrado para os debaixo ficarem seguros, o que tudo se fez á custa das vidas de muitos.

Feita esta obra, começáram a picar o baluarte S. João, no que gastáram alguns dias, havendo da nossa parte toda a resistencia possível; mas em fim elles fizeram hum portilhão, por onde cabiam dez homens



juntos; mas D. João Mascarenhas mandou fazer por dentro hum reparo muito forte, com que ficou seguro, sem os Mouros darem fé d'elle. Rumeçan como vio aquelle lugar aberto, determinou de entrar por elle; e pera o fazer mais a seu salvo, mandou dar hum assalto geral á fortaleza por todas as partes pera por ellas se repartirem os nossos poucos, e lhes ficar aquelle lugar com menos risco; mas acháram tal resistencia, que com perda de muitos dos Mouros os fizeram affaltar, fazendo todos os Fidalgos, Capitães, e cavalleiros Portuguezes este dia obras mui dignas de muito maior escriptura, que não especificamos por não gastarmos o tempo em louvor de homens, cujos feitos contados singelamente, e sem ornamento de palavras, (de que aquelles famosos escritores Gregos, e Romanos usavam no contar dos feitos dos seus,) podem escurecer a todos. O Capitão em tudo merecco sempre mais que todos, porque cada hum pelejava, e tinha cuidado do seu lugar, e elle dos de todos, provendo, mandando, e governando com muito animo, e prudencia, sem tomar huma hora de descanso, e em todas as cousas tão alegre, e contente, que dobrava o esforço, e animo aos seus em o verem.

CAPITULO IV.

Do recado que Rumecan mandou ao Capitão por Simão Feio: e do grande, e aspero combate que os inimigos deram á fortaleza: e de como entráram o baluarte S. Thomé.

PAssado o combate, tanto que anoiteceo, ouvíram os do baluarte Sant-Iago chamar de fóra pelos da vigia, dizendo:

» Que lhe chamassem o Capitão, que lhe

» queriam dizer certas cousas que importavam, declarando-se que era Simão Feio

» o que lhe queria fallar. » Este recado se deo logo ao Capitão, que affomou ao baluarte, e mandou perguntar a Simão Feio que era o que lhe queria? que lhe disse:

» Doo-me tanto de todos, e vejo tudo tão

» arriscado, que pedi licença pera vos vir

» fallar. Bem vedes estes muros todos derribados, as cavas entupidas, e vós faltos de tudo, cansados das vigias, e trabalhos, perdidos muitos companheiros

» na guerra, o soccorro longe, e tão impellido com o inverno, o poder d'El-Rey de Cambaya grande, e que cada dia póde vir mais. Rumecan Capitão geral deseja de vos não perderdes todos

» pela grande amizade que seu pai teve

» sempre com os Portuguezes , folgará de
 » haver algum bom meio justo , e honesto
 » pera se escusar tanto damno. Por isso sou
 » de parecer que devicis de vos entregar a
 » elle , porque está apostado a usar com to-
 » dos de muita brandura , e liberalidade ;
 » e sendo de outra maneira , e insultando
 » em vossa contumacia , cerrareis as portas
 » a toda a misericordia , e fereis gravissi-
 » mamente castigados , por isso dos males
 » escolhei o menor , porque he conselho de
 » prudentes. »

O Capitão entendendo que lhe faziam
 dizer aquellas cousas por força , mandou-
 lhe dizer : Que bem entendia que aquellas
 » palavras , e conselhos não eram seus ; por-
 » que bem sabia elle que os Portuguezes
 » não costumavam a entregar huma parede
 » velha , que primeiro não morressem to-
 » dos cem mil mortes sobre sua defensão ;
 » que aquella fortaleza estava ainda pera se
 » defender a todo o poder do Turco , quan-
 » to mais a hum tão pequeno , e tão fraco ,
 » como era o d'ElRey de Cambaya ; e que
 » esperava em Deos de muito cedo os ir
 » buscar a suas estancias , e quebrar-lhes
 » sua soberba ; e que bem se sabia pelo
 » mundo que os Portuguezes não se ven-
 » ciam nem de trabalhos , nem de medos ,
 » nem da mesma morte : que se fosse , e

» não tornasse alli mais com aquelles álvires, porque o mandaria fustigar rijamente com aquella artilheria.» Simão Feio, que estava amarrado por muitos que o tinham, calou-se, e os Mouros sem dizerem cousa alguma se recolhêram, e o levaram a Rumeçan, a quem contáram tudo o que passára, de que elle ficou accezo em ira, e furor, e já desejava a manhã pera dar hum assalto á fortaleza, em que esperava de arrematar aquelle negocio. Nos nossos havia bem differente pensamento, porque se reformáram o melhor que puderam, e se preparáram pera os esperar, e desenganar, porque bem entendiam que o Rumeçan os havia de commetter com toda sua potencia.

Ao outro dia em amanhecendo appareceo derredor da fortaleza todo o exercito dos Mouros com todas suas insignias, e bandeiras desenroladas, tocando muitos instrumentos, dando todos tão grandes, e espantosos gritos, e bramidos, que pudera aquelle barbaro apparatus pôr, e causar medo a muitos mil milhares de cavalleiros sãos, e folgados; o que não fez a tão poucos homens, (que não passavam de duzentos,) tão quebrantados, maltratados, cansados, e tão moidos de nunca despirem as armas, e não dormirem huma hora inteira; antes crescendo-lhes a todos novo furor, pare-

cen-

cendo-lhes pouco o que viam, se puzeram em seus lugares esperando os inimigos, que vinham arremettendo com o baluarte São João com tantos estrondos, que parecia que o mundo se fundia. Luiz de Sousa Capitão do baluarte, e D. Fernando de Castro, que com elle estava, acompanhados de Bastião de Sá, Diogo de Reinoso, Pero Lopes de Sousa, Diogo da Silva, Antonio da Cunha, e de todos os mais Capitães, que com elle tinham vindo de soccorro, se lhes apresentáram com grande valor, e confiança, fazendo todos taes cousas, que não ha palavras, com que se pôsão engrandecer como merecem.

O poder dos inimigos vinha repartido em duas partes. Rumecan com todos os Turcos, e Estrangeiros, e com toda a gente de seu pai commetteo o baluarte S. Thomé, Juzarcão com todo o mais poder o de S. João. Rumecan lançou diante quinhentos Turcos com escadas pera encoistarem ao baluarte, como fizeram, commettendo a subida com grande determinação, sendo favorecidos dos mais com muita espingardaria. Os que subíram chegaram a pôr as mãos em cima nos muros; mas tornáram a virar por detrás feitos pedaços, levando outros apôs si. As bombardadas soavam em todas as partes, porque em todas se batia.

Do

Do baluarte do mar fizeram grande estrago nos inimigos, porque os tomavam em descubierto, e empregavam bem nelles sua munição. Rumezan apertou com o baluarte; que tinha á sua conta, favorecendo outros que de novo subiam a elle, com tantas espingardadas, e fréchadas, dardos, e pedras, que parecia chover tudo isto dos ares sobre os nosos, que desfestimando tudo, nunca largáram os lugares, offendendo tambem aos inimigos com todo o genero de instrumentos de morte que achavam, deitando sobre elles grandes cantos, muito fogo, infinitos dardos; o que tudo se empregava tão bem, que era grande destruição, por cahir sobre aquelle cardume, que estava ao pé do baluarte amontoado, fazendo nelles tal estrago, que puderam internecer outros peitos, que não foram tão barbaros, e crueis, como os dos seus Capitães, que lhes não dava cousa alguma de verem tantos dos seus espedaçados, abrazados, e com as entranhas abertas.

D. João Mascarenhas exercitou aqui bem o officio de prudente, e esforçado Capitão, vendo, notando, provendo em tudo, pelejando, animando, e esforçando aos seus com palavras de muita confiança, e honra. O exercito das matronas fez aqui tambem seu officio, acudindo aos baluar-

tes,

tes, em que pelejavam, carregadas de lanças, dardos, panellas de polvora, pedras, e de outras muitas cousas desta qualidade pera empecerem aos inimigos, que repariam pelos que pelejavam. E algumas dellas se mettiã entre aquelles valorosos soldados, e cavalleiros, que estavam accezos em furor, chamando-lhes: Filhos, cavalleiros de Christo, pelejai por vossa fé, que Deos tendes, que vos ha de favorecer » ajudando tambem a lançar sobre os inimigos os instrumentos de sua perdição. E a boa velha Isabel Fernandes, que teve aquelle honrado sobrenome da velha de Dio, que já pera aquelle tempo trazia muitos bolos de assucar, e bocados doces, corria os baluartes, e aos que via mais cansados, e fracos, lhes mettia nas bocas alguma daquellas cousas, dizendo-lhes: Esforçai, filhos: pelejai, cavalleiros, que a Virgem nossa Senhora está comvosco. »

Juzarcan, que foi commetter os baluartes S. Thomé, e S. João, achou tão grande resistencia em D. João de Almeida, e em Gil Coutinho seus Capitães, que recebeu de suas mãos outro tão grande estrago, como o de Rumecan. Em todas as partes crescia a crueza, e furor cada vez mais, sendo já tantos os mortos, que estorvavam os vivos, principalmente nos baluartes, que

alli onde cahiam, ficavam. Sómente os feridos eram logo recolhidos a curar por aquellas matronas, e levados a casa de Isabel Madeira, onde seu marido Mestre João sempre estava, pelo não deixar o Capitão entrar nos lugares da peleja pela necessidade que d'elle havia: e assim curava a todos com muito amor, e caridade, fazendo-lhes sua mulher os fios, e batendo-lhes os ovos, alimpando-lhes as feridas por sua mão, agasalhando-os em sua propria casa, fazendo-lhes de comer, e dando-lhes seus mimos, como se todos foram seus filhos. O mesmo fizeram as outras donas, repartindo antre si estas obras de caridade, que todas exercitavam com muito gosto, e diligencia: e pôde bem ser, que se ellas não foram, que morrêra a mór parte dos soldados á mingua.

Nos baluartes (principalmente no de S. Thomé, que estava mais damnificado) crescia a crueza muito, porque os inimigos no lugar de dez, que lhe matavam, se punham logo vinte; mas nós nos baluartes não, porque o que cahia, alli ficava, sem haver outro que se puzesse em seu lugar: e certo que parecia, que ainda aquelles corpos assim espedaçados se queriam alevantar pera tomarem vingança de seu damno. Os vivos trabalhavam tudo o que podiam por se não sentir o defeito, e falta dos que ca-

hiam feridos, ou mortos, enchendo hum só o lugar que foi de tres, e de quatro, pelejando com tanto furor, e esforço, que parecia que as forças dos mortos se uniam, e ajuntavam ás dos vivos. Bastião de Sá desejando de alcançar hum nome eterno, e de illustrar com façanhas aquelle seu antigo appellido, fez obras dignas de grandes louvores, matando, e ferindo nos inimigos com muito animo, e valor, até que o derribáram de huma cruel fréchada, que o tomou por cima do giolho por antre os miudos, de que se mais não pode sustentar na perna, e assim foi recolhido com mágoa de todos, por perderem hum tão grande defensor daquella fortaleza, e companheiro em seus trabalhos. Isabel Madeira o levou pera sua casa, e o agazalhou, e seu marido o curou com muito resguardo.

Pois dos soldados, que se aqui acháram, a que o descuido sepultou os nomes em esquecimento, por certo que bem se puderam fazer delles muitos, e mui grandes capitulos, pelas grandes cousas que obráram, tanto sobre tudo o que se pode crer. E posto que a miseria Portugueza, de que ha tão pouco nos queixámos, vos deixasse escurecidos, e apagados; vós, ó valerosos soldados, que neste cerco subistes o nome Portuguez até as estrellas, e pela for-

taleza de vossos braços lhes fizestes ganhar
 hum nome eterno, não vos poderão tirar
 aos que aqui morrestes, defendendo a hon-
 ra de vosso Deos, e do vosso Rey, outra
 gloria maior, e mais segura, de que esta-
 reis todos gozando, e onde vossos nomes
 serão tão patentes, e conhecidos, antre os
 Cortezãos do Ceo, e vossos feitos illustra-
 dos com outros titulos tanto maiores, que
 todos os que a terra vos podia dar, (que
 são os de martyres de Christo,) que não
 tendeis inveja a cousa alguma. E todos os
 mais que daqui escapastes, e que a fortu-
 na vos guardou pera mais comprida vida,
 a todo o tempo havia Deos de permittir;
 que fosseis gozar do galardão de vossas
 obras. Porque se os Gentios haviam, (co-
 mo diz Marco Tullio no sexto de sua Re-
 publica,) que todo o que ajudasse a con-
 servar a Patria, tinha hum certo, e deter-
 minado lugar no Ceo: quanto com mais
 razão podemos os Catholicos esperar, que
 todo o que não só ajudou a sustentar a Pa-
 tria, mas ainda a defender, e dilatar a Fé
 de Christo, lhe haja elle em nenhum tem-
 po de negar o galardão de seus merecimen-
 tos. E posto que o mundo os negasse a es-
 tes, que mór premio, e gloria podiam el-
 les alcançar, que verem que suas obras fo-
 ram famosas, e grandes.

E tornando ao fio da nossa historia. Os inimigos como eram muitos, e recreciam cada vez mais, subíram o baluarte S. Thomé a pezar dos golpes dos nossos, que nenhum davam em vão; mas assim os empregavam, que tinham ao pé do muro hum grande número, e monte de mortos, e vivos misturados: huns sem pernas, outros sem braços, outros com as entranhas passadas, com tamanhos, e tão vivos gemidos das afflicções, e ansias da morte, que causavam medo, e pavor. Vendo os nossos os inimigos em cima do baluarte, animando-se huns aos outros, com corações de leões bravos remettêram com elles determinados a morrerem, ou aos deitarem fóra; e de tal maneira, e com tanto esforço pelejaram, que os mesmos Mouros ficáram passados, e com mortes de muitos os foram arrancando do baluarte. Ao que alguns soldados valorosos bradáram por Sant-Iago, mettendo-se de envolta com os inimigos, como leões esfaimados, e que os queriam comer aos bocados; e de feição apertáram com elles, que os fizeram lançar do baluarte abaixo, onde muitos se fizeram em pedaços; e ainda fora o damno maior, se os mais delles não cahíram sobre aquella grande multidão de mortos, que ao pé delle, e sobre elles lançáram logo grandes alcan-

zias

zias de polvora , acabando alli banhados em fangue , e abrazados em fogo. Este foi o dia , em que todos os que se acháram neste baluarte , puderam com muita razão dizer aquillo , que disse Cesar daquella grande batalha , que em Hespanha teve com os filhos de Pompeo , que todas as vezes que pelejára , o fizera pelo interesse da vitoria ; mas que aquella pelejára pela vida. Assim que nesta batalha se víram os nossos em estado , que pelejaram só por sua defensão , e não pela da fortaleza. Rumecan vendo tão grande estrago , tocou a recolher , levando dos seus menos quinhentos , e affastado mandou dar fogo aos bazaliscos , e salvagens , que estavam apontados naquelle baluarte , em que os pelouros com grandes terremotos foram fazendo muitas ruinas , por estar já pouco que derribar nelle , por estar quasi arrazado até o entulho. Tão escaldados ficáram os Mouros deste successo , que nunca mais ousáram commetter os baluartes descubertamente ; mas quasi todos os dias faziam remettiduras com todo o exercito , tornando-se logo a recolher , como viam os nossos postos em defensão : e tendo a artilheria prestes , a desparavam junta pera os tomarem em descoberto ; mas de todas estas vezes livrou Deos aos nossos ; porque de todas ellas nenhum perigou. E

Conto. Tom. III. P. I.

H

al-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

algumas noites commettêram as estancias com grandes estrondos, só a fim de inquietarem os nossos. Neste tempo eram já sessenta Portuguezes mortos, sem acharmos antre elles algum de nome, posto que todos o merecêram mui honrado; pois he certo que os que recebêram maior damno, esses se offerecêram aos maiores perigos, e á mesma morte.

CAPITULO V.

De outro muito grande, e aspero combate, que Rumeçan deo á fortaleza com todo o poder: e das cousas, que nelle succedêram.

Vendo Rumeçan quão mal lhe succediam as cousas daquelle cerco, pareceo-lhe que Mafamede estava irado contra elle, porque pelo grande poder que tinha, e pouco dos Portuguezes, e defenderem-se delle em huma fortaleza arrazada até o chão, houve que seriam peccados commettidos contra o seu Profeta. E querendo-o aplacar, ordenou de noite grandes procissões, sahindo da Cidade em romaria ás mesquitas da Ilha, com todo o exercito posto em ordem, com grandes, e formosas luminarias, e com muitos clamores, e vozes, pedindó soccorro a Mafamede. E entrando nas mesquitas,

fizeram grandes orações, e superstições, sahindo pera fóra, e entrando pera dentro, andando á roda muitas vezes, e isto com tamanhos gritos, e prantos, como quando no tempo de huma geral, e contagiosa enfermidade os Christãos em suas procissões, cantando suas Ladainhas por toda a Cidade, a certos passos se levanta aquella geral, e piedosa voz de todos, bradando pela misericordia de Deos, com muitas lagrimas, e gemidos.

Foi tudo isto visto do baluarte do mar, que descubria o campo todo; e parecendo a Fernão Carvalho aquillo novidade, meteo-se em hum pequeno batel, e foi á fortaleza dar conta ao Capitão do que víra. Bem pareceo a D. João Mascarenhas que aquillo era alguma superstição pera ao outro dia lhe darem geral assalto; e despedindo Fernão Carvalho, lhe encommendou que de lá o favorecesse com a artilheria, e logo foi correr toda a fortaleza, animando, e esforçando a todos, pedindo-lhes que estivessem apercebidos, porque ao outro dia haviam de ser commettidos com todo o poder, mandando com muita presteza encher em todos os baluartes muitas tinhas de agua pera o reparo do fogo, e prover as estancias de muitas lanças, alabardas, panellas de polvora, pelouros, pedras, e em fin

de toda a mais cousa, com que se pudesse offender aos inimigos, negociando, e dando ordem a tudo o mais que lhe pareceo necessario, com muita prudencia, e conselho. Era este dia vespera do Apostolo Santiago, Padroeiro das Hespanhas; e em rompendo o quarto d'alva, appareceo toda a fortaleza cercada á roda de todo o poder dos inimigos póstos em armas com muitas bandeiras desenroladas, e em meio de todas huma muito grande, em que estava pintada a figura de Mafamede, tão feia, e medonha, como foram suas obras, que tiravam este dia por grande reliquia, liavendo que nelle se arremataria a vitoria, que elles tinham por muito certa. Vinham tocando os instrumentos de guerra, com som, e estrondo tão confuso, e triste, que parecia huma denunciação do final juizo, porque com isso as vozarias, gritos, e alaridos daquelles barbaros, representavam os tristes condemnados ás penas eternas em suas lamentações, e blasfemias. Com esta representação (que por ainda ser escuro fazia tudo mais medonho) remettêram com os baluartes S. João, e S. Thomé, e com a guarita de Antonio Paçanha, que estava entre ambos, repartindo-se o poder em tres esquadrões pera estes lugares, em que logo arvoráram muitas escadas, por onde os mais

ousados começaram a subir com grande determinação; e chegando assima, foram recebidos nas mãos dos nossos, que já estavam prestes, onde pagáram seu atrevimento, tornando os primeiros a virar sobre os de detrás de pernas assima espedaçados, levando muitos apôs si. Mas como a multidão delles era grande, não se deixava sentir aquella perda: foram logo tantos outros que subíram, que entulhâram os lugares, pondo-se muitos sobre o baluarte de barba a barba com os nossos. Aqui foi o retinir das armas, os gritos, e estrondos de huns, e outros, os instrumentos, que se não deixavam de tocar, a artilheria, que fazia seu terremoto, de sorte que tudo fazia tão grande confusão, que parecia que toda a máquina do mundo se sovertia. Este foi o dia, em que os Portuguezes mostráram todo o preço, e valor de suas pessoas. Luiz de Sousa, D. Fernando de Castro com os Capitães, e Fidalgos de sua companhia, pôz-se diante de todos aos trabalhos, não pelevavam como homens tão quebrantados, e cansados de tantos dias, senão como se áquella hora chegáram de soccorro muito folgados. Os tres irmãos D. João, D. Francisco, e D. Pedro de Almeida fizeram tão grandes cousas, que se não podem particularizar. Antonio Paçanha com seus companhe-

nheiros no cubello tiveram mui grande trabalho, porque foram mui rijamente commettidos do poder de Juzarcão. Em fim todos em todas as partes fizeram taes façanhas, que pasmavam os inimigos, porque não só pelejavam com ambos os braços, mas ainda com os pés, com que deitavam grandes galgas sobre os que estavam aos pés dos baluartes, e com as bocas ainda o faziam mais, porque ora affrontavam os inimigos, ora consolavam, e animavam aos amigos, e companheiros, com que lhes davam forças a huns, e quebrantavam aos outros; e taes andavam todos, que se desejavam lançar em baixo sobre os inimigos, que muitas vezes arrancáram dos baluartes, fazendo-os virar pera trás feitos em pedaços. A furia crescia em todas as partes cada vez mais; o damno era maior assim em huns, como em outros; os gritos rompiam os ares, tudo era confusão, e espanto. O Capitão D. João Mascarenhas com seu animo nunca rendido a trabalhos, nem a meados, com sua prudencia, e conselho governava tudo, correndo de hum lugar a outro, mandando trazer as cousas que se pediam; no que tinha dado tal ordem, que em bradando por panellas de polvora, já alli havia quem lhas mettesse nas mãos, por lanças, por dardos, e em fim por tudo o mais,

mais, que era tudo trazido ás costas, e cabeças daquellas honradas, e animosas matronas.

A velha Isabel Fernandes corria os baluartes com seus bolos, e bocados doces, esforçando a todos, acudindo aos fracos com aquella refeição, mettendo-lha nas bocas por não desoccuparem as mãos, que estavam offendendo aos inimigos, alevantando a voz a toda a parte a que chegava, pera que todos a ouvissem, pera se della quizessem alguma cousa, a dar, dizendo:

» Ali filhos, cavalleiros de Christo, pe-

» jai, que elle he convosco: vede o de

» que tendes necessidade, que logo se vos

» dará.» E assim todas as vezes que entrava nos baluartes, que a ouviam, assim se animavam todos tanto, que pelejavam com alegria, e sem receio. As outras companheiras estavam repartidas pelos baluartes da briga, e em cahindo hum morto, logo o affastavam por não ser estorvo aos vivos, e os feridos eram logo levados por ellas a casa de Isabel Madeira pera serem curados.

Rumecan posto que vio o estrago, que era feito nos seus, não desistia do negocio, porque determinava de ou tomar daquella vez a fortaleza, ou perder-se de todo; e assim fazia chegar os Capitães ao assaio, o que os mais delles faziam com vergonha,

por verem quão mal recebidos eram dos nossos em cima. Aqui se dobrou a cruzeira, porque se metteo todo o resto no commettimento dos baluartes, tornando os Turcos do terço de Rumeçan a cavalgar o baluarte S. Thomé á custa de tantas mortes, que era espanto; porque os nossos vendo que fô em Deos, e nos seus braços estava o remedio de sua salvação, com o coração no Ceo pedindo favor, e ajuda, e com os braços á defensão, pelejavam todos tão valorosamente, que com fazerem tanto, não havia quem não tivesse inveja do companheiro, que a par de si tinha, das grandes proezas, que lhe via obrar.

Esta vez esteve a cousa tão arriscada, que começou a correr hum voz pela fortaleza, que já os Mouros estavam senhores do baluarte S. Thomé. E chegando aos soldados, que vigiavam as casas da banda do mar, largando tudo, acudiram a elle, entrando de refresco com aquelle furor, e ira, que a nova que ouviram accendeo nelles, e taes cousas fizeram, que tornaram, os que pelejavam no baluarte, a ficar com mais folego, porque os inimigos vendo o soccorro, pararam alguns, e outros se lançaram dos muros abaixo. Do baluarte do mar não fazia a artilheria, que em roda viva não fazia senão carregar, e descarregar nos ini-

migos, que eram tantos, e estavam tão apinhoados, que nenhum tiro se errava, e assim fizeram nelles, em quanto durou o assalto, muito grande estrago.

CAPITULO VI.

De como os Mouros entráram pela banda da rocha: e de hum valoroso feito, que hum mulher fez: e de como acudio o Capitão, e os lançou fóra: e de como matáram Juzarcão.

E Stando o assalto neste estado, Juzarcan, que andava pela outra parte da banda do mar mandando pelejar os seus, foi rodeando pela banda da rocha por ver se havia por alli lugar, por onde pudesse entrar na fortaleza, e lá junto do baluarte Sant-Iago sentio tudo calado, e quieto, e pareceo-lhe que estava sem guarda, como de feito assim era; porque os soldados, que alli estavam por aquellas casas, tinham ido soccorrer o baluarte, como já dissemos. E chamando hum Sangiaco de cem Turcos, lhe encommendou que subisse por humas casas, que estavam encostadas á Igreja de Sant-Iago, que tinham hum varanda baixa, em que logo arvoráram algumas escadas, por que subíram alguns Turcos em muito silencio. Chegando á varanda, entrá-

ram dentro, e hum delles mais atrevido foi passando, e abrio huma porta, que hia pera huma camara, em que estava huma mulher casada, Turca de nação, que ao estrondo se alevantou, e dando com o Turco, ficou toda traspassada de medo. O Turco vendo-a assim, tomou-a por hum braço, e lhe disse: » Que não liouvesse medo, que » elle a segurava, que foubesse que a forteza era tomada, que lhe dêsse algum » dinheiro, que elle a salvaria, e tomaria » á sua conta. »

A pobre mulher dando-lhe Deos forças, e alento, lhe disse, que esperasse, que hia dentro buscar-lho, e sahindo-se pera fóra, abrio a porta da rua manso, e entrou em casa de outra vizinha, e lhe disse, que os Turcos ficavam em sua casa: ao que a outra começou a bradar alto, chamando por nossa Senhora, que lhe valesse, a cujos gritos acudio outra mulher tambem vizinha, a que não achámos nome; e sabendo que eram os Turcos entrados na casa da outra, remetteo a huma chuça, e como leoa raivosa sahio pela porta fóra, e foi demandar a casa em que estavam, e chegando á porta, vio que hum Turco lançava a cabeça fóra pera ver o que hia na rua. A valorosa mulher com hum animo varonil remetteo a elle, dizendo: *Ab perro, que ds minbas*

mãos has de morrer: e com grande valor, e esforço se poz ás chuçadas com o Turco, que fechou a porta, ficando ella de fóra pera os não deixar sahir.

As outras vizinhas foram gritando pelas ruas, e encontrando com o Capitão, lhe differam, que acudisse á fortaleza, que era entrada pela banda da rocha. O Capitão sem se torvar lhes disse: » Que se calassem, » que tal não era; e logo despedio hum » dos tres homens, que com elle hiam, pe- » ra que fosse buscar alguns soldados a al- » guns lugares, que estivessem menos apres- » fados; e ao outro mandou que fosse pe- » las ruas, e todos os que achasse encami- » nhasse pera aquella parte, avisando-os » que lhes não dissessem o pera que » por- que se aquillo chegasse ás orelhas dos que pelejavam nos baluartes, desamparallos- hiam, e perder-se-hia tudo. O Capitão com hum só pagem que lhe ficou, que sempre o acompanhava com o guião de Christo, foi pera a parte pera onde as mulheres o encaminháram, e pelo caminho se lhe ajuntáram dous soldados, hum chamado André Baião, mui bom cavalleiro, e ao outro não soubemos o nome, e chegando á porta, onde os Turcos estavam, achou aquella valorosa mulher, (qual outra Poncella de França,) que sem medo algum tinha os

Turcos encurralados na casa, tendo-lhe tomada a porta, que defendia com tamanha ira, e furor, que fez pasmar a todos.

O Capitão vendo aquelle espectáculo, ficou alegre, e confiado, vendo como até a natureza tinha em seu favor, pois assim mudava hum coração tão sujeito a medo, e a temor, em outro tão determinado, que sem mostras de receio estava offerecida a morrer pela defensão de sua fortaleza. O Capitão chegando a ella, com palavras de muito louvor lhe perguntou o que era? ao que lhe respondeo, que Turcos dentro naquella casa. O Capitão parou bradando por hum panella de polvora: áquella hora sahia de dentro de hum daquellas casas hum Abexim, que ficou diante de D. João Mascarenhas pasmado; o Capitão vendo-o assim, o tomou por hum braço, e o arremeçou por diante d'elle, dizendo-lhe que fosse trazer hum panella de polvora, e ao passar por diante d'elle, lhe deram huma espingardada de cima de hum eirado da Igreja, onde já estavam alguns Turcos, do que o Abexim cahio morto aos pés do Capitão, que quiz Deos polio por seu amparo, porque se não executasse nelle a cruel espingardada, porque fora total perdição daquella fortaleza.

A'quelle tempo chegou hum soldado com

com huma panella de polvora, e tomando-lha o Capitão, remetteo com a casa onde os Turcos estavam, e dando-lhe hum grande couce, deo com as portas dentro, e lançou a panella, quebrando-se em meio dos Turcos, (que eram mais de trinta os que estavam dentro,) e accendendo-se a polvora da panella, e dando por elles, os abraçou. O Capitão apôs a panella, entrou a casa cuberto de huma rodela de aço, e huma formosa espada na mão, e com elle os tres, ou quatro soldados, que com elle estavam, e dando em os Turcos, a poder de golpes os leváram até á varanda, fazendo-os lançar com a pressa della abaixo sobre a rocha, onde se fizeram em pedaços.

Feito isto, sahio-se o Capitão pera fóra, e vio que estavam sobre o eirado da Igreja hum cardume de Turcos com dous guiões desenrolados, e vinham já descendo pera o muro, pera dalli (que era baixo) saltarem dentro na fortaleza. A este tempo vinham já chegando alguns soldados, e debaixo se puzeram ás espingardadas com os Turcos, que de cima tambem faziam o mesmo. O Capitão bradou por huma escada, que logo lhe trouxe huma mulher, e encostando-a ao eirado, começaram alguns dos nossos a subir, e outros debaixo aos favorecer com a arcabuzaria; mas era tão pe-

quena a escada, que não cabia por ella mais que hum e hum, e o primeiro que affima chegou, tornou a virar sobre os debaixo com algumas lançadas.

Neste tempo acudiam já soldados áquelle parte, e vendo os Turcos sobre o muro, que era baixo, puzeram-se ás espingardadas a elles, derribando alguns. Pela banda da rocha vinham subindo mais Turcos, porque Juzarcão, que em baixo estava, os lia favorecendo com mais soccorro, e assim poucos e poucos subiram tantos, que entulharam aquelle lugar, ateando-se antre elles, e os nossos huma cruel briga, por ser toda de espingardadas, a que não havia reparo. O Capitão andava animando os seus, e bradando por escadas, que lhe trouxeram mais capazes, e arrimando-as ao muro, começaram a subir os nossos, favorecendo-os o Capitão debaixo, dizendo-lhes:

» Ah valorosos, e esforçados cavalleiros,
 » dia he este pera deixardes de vossa nação
 » huma perpétua memoria ao mundo.» Os golpes retiniam, os arremessos de ambas as partes eram muitos, e os que subiam tanto trabalharam, que a poder de golpes que recebêram, se puzeram em fim do muro, onde os primeiros começaram mão por mão huma aspera batalha com os Turcos, sustentando o pezo delles, em quanto outros

subiam de refresco. E pondo-se em cima, chamando pelo Apostolo Sant-Iago, em cuja casa estavam, arremettêram com os inimigos, e com hum grande impeto, e furor os leváram de arrancada; e vendo-os embaraçados huns com os outros, os apertáram de feição, que os fizeram lançar do muro abaixo sobre a rocha, onde se fizeram em pedaços, não escapando hum só.

Despejado o muro, entrou o Capitão nas casas por onde subíram, e provendo aquelle lugar de guarda, voltou pera os baluartes. Juzarcão vendo o estrago dos seus, se foi recolhendo o melhor que pode, porque vinha já a manhã esclarecendo, e de todas as partes se descubriam os inimigos claramente, varejando-os com a artilheria, e com a arcabuzaria, que antre elles fazia bem de damno.

Chegado o Capitão aos baluartes, e vendo o perigo, e crueza da batalha, e as maravilhas que os nossos faziam, levantou a voz pera os animar, dizendo: » Ah señores Fidalgos, Capitães, e Cavalleiros de Christo, fazei-vos hoje acabar de comhecer a estes barbaros, porque não queiram provar mais vosso ferro: fazei que este dia do bemaventurado Apostolo Sant-Iago seja muito ditoso, e glorioso á vossa nação; aqui me tendes com vosco

» por companheiro em vossos trabalhos.
 » Ah senhores, demos nestes inimigos da
 » fé de Christo, e deitemo-los fóra » e que-
 rendo passar adiante, o detiveram todos, não
 lhe consentindo que se puzesse em lugar de
 perigo. E cobrando todos novo animo, e
 rebentando de furor, remettêram aos ini-
 migos, e com morte de muitos deram com
 elles dos muros abaixo.

No mesmo tempo encaminhou Deos
 nosso Senhor hum pelouro de hum camelo,
 e tomando a Juzarcão de meio a meio, o
 desfez em pedaços. Esta nova correo logo
 pelos seus, que acudíram ao lugar onde es-
 tava feito pedaços pera o levarem. Rume-
 can tanto que o soube, quizera morrer de
 pesar, e tocando a recolher, o fez pera a
 Cidade com tamanha melancolia, e tristeza,
 que não ousava pessoa alguma a lhe fallar.
 Os nossos ficáram desalivados, e bem can-
 fados. Perdêram-se neste grande assalto sete
 Portuguezes, ficando perto de trinta feri-
 dos. Dos Mouros morrêram mil dos prin-
 cipaes, e foram mil e quinhentos feridos,
 de que depois acabáram muitos, e perdê-
 ram a mór parte das suas bandeiras, e a
 do seu Mafamede leváram toda rota, e es-
 farrapada, que foi pera elles huma affron-
 ta muito grande.

D. João Mascarenhas vendo-se desapres-
 sa-

fado, e os inimigos recolhidos, deo grandes louvores a Deos nosso Senhor por tão grande vitoria, mandando enterrar os mortos, e curar os feridos com muito grande cuidado. Ao outro dia despedio o Capitão hum navio com cartas pera o Governador D. João de Castro, em que lhe dava conta de todos os successos, porque logo soube da morte de Juzarcão, e dos inimigos, que na batalha morrêram. E porque Bastião de Sá estava muito mal de sua perna, o fez o Capitão embarcar pera se ir curar a Baçaim, onde ao outro dia, que a fusta partio, chegou arrazada de agua. Desembarcou Bastião de Sá; e D. Jeronymo de Menezes, Capitão da fortaleza, o foi buscar, e o levou pera sua casa, onde o mandou curar com todo o cuidado, e resguardo, e o navio partio logo pera Goa.

CAPITULO VII.

De algumas cousas que passáram em Goa: e de como o Governador D. João de Castro mandou seu filho D. Alvaro de Castro de soccorro a Dio: e dos assaltos que os Mouros deram áquella fortaleza, de que se recolhérám desbaratados.

DEpois do Governador despedir seu filho D. Fernando de Castro, ficou esperando por recado do que lhe succedêra na viagem, mandando encommendar as cousas de Dio a Deos por todos os Religiosos, sentindo em estremo tomallo este successo em tempo, que não podia soccorrer aquella fortaleza em pessoa; e sendo entrada do mez de Junho, chegou á barra de Goa velha a náó Espirito Santo, de que era Capitão Diogo Rebello, da conserva do Governador, que elle receava fosse perdida, que (cômo dissemos no Capitulo primeiro do Livro primeiro) foi tomar Melinde, onde esperou os Ponentes, que lhe entráram em Abril; e dando á véla pera Goa, tendo grandes calnarias, no caminho gastou todo aquelle tempo, e com muito trabalho foi ferrar Goa velha, onde o Governador mandou logo embarcações por dentro dos rios a buscar os doentes, e a

descarregar a náo. E depois do mez de Julho chegaram as cartas de D. João Mascarenhas, que eram as que o Vigario levou, e se mandáram de Baçaim, e Chaul por terra. E sabendo por ellas o grande aperto, em que aquella fortaleza estava, se foi logo pôr na ribeira dos navios, e fez logo lançar ao mar os que estavam melhor negociados, e mandou chamar seu filho Dom Alvaro de Castro, a quem disse, que se fizesse prestes pera ir soccorrer a fortaleza d'ElRey. Estas novas se espalháram logo por Goa, a que acudíram todos os Fidalgos, e Capitães a se offerecerem pera aquelle negocio, sendo o primeiro D. Francisco de Menezes, a que o Governador acciitou os offercimentos, mandando-lhe que se preparasse pera o outro dia se partir com alguns navios diante, em quanto D. Alvaro de Castro se fazia prestes, o que elle fez com muita diligencia, acudindo-lhe muitos soldados, e alguns Fidalgos mancebos seus parentes, e amigos pera o acompanharem, e em dous dias se poz no mar com sete navios, de cujos Capitães não achámos os nomes. Aos vinte e sete de Julho se fez á véla, e de sua viagem adiante daremos razão.

O Governador ficou negociando o mais soccorro com muita pressa, e tres dias de-

pois de D. Francisco de Menezes , foi fazer á véla seu filho , que sahio pela barra de Goa a velha , despedindo-o com muitas bençãos , escrevendo por elle a D. João Malfarenhas , e de novo a D. Francisco de Menezes , (sem embargo de lho já ter pedido ,) que alli lhe mandava D. Alvaro de Castro seu filho pera não fazer mais que o que elles lhe mandassem , e assim lho deo a elle por regimento. Os Capitães dos navios (que eram dezenove) foram , D. Jorge de Menezes , que depois se chamou Barroche , D. Duarte de Menezes filho do Conde da Feira , Luiz de Mello de Mendonça , e Jorge de Mendonça seu irmão , Dom Antonio de Taíde , Garcia Rodrigues de Tavora , Lopo de Sousa , Nuno Pereira de Lacerda , Athanasio Freire , Pero de Taíde Inferno , D. João de Taíde , Balthazar da Silva , D. Duarte Deça , Antonio de Sá , Belchior Moniz , Lopo Vaz Coutinho , Francisco Tavares , e Francisco Guilherme.

Partido D. Alvaro de Castro , ficou o Governador negociando hum caravelão carregado de munições , e mantimentos pera mandar apôs elle ; e por ser navio muito pezado , e não poder remar , era muito arriscado naquelle tempo , e por tal não ouzava de commetter com elle a algumas pessoas , que elle desejava , porque o não queria

ria entregar senão a huma de muita confiança, por ser cousa muito importante. E praticando isto com Manoel de Sousa de Sepulveda, elle lhe disse: » Que lhe inculcava hum Fidalgo, que por debaixo do mar o levasse a Dio, e que este era Antonio Moniz Barreto. » Andava este Fidalgo aggravado do Governador por cousas leves, e não se offereceo pera ir naquelles navios por não querer pedir ao Governador cousa alguma, e andava negociando hum pera se partir, e de todas suas cousas dava conta a Manoel de Sousa de Sepulveda, de quem era muito amigo. O Governador lhe disse: » Que não se atrevia a commetter Antonio Moniz Barreto com aquelle negocio, que era hum Fidalgo, que andava separado, e aggravado d'elle; » que se elle o quizesse acabar com elle, » que folgaria muito de elle ir no navio, » ainda que não fosse mais que até o entregar a seu filho D. Alvaro de Castro. » Manoel de Sousa de Sepulveda foi logo buscar Antonio Moniz Barreto, e lhe deo conta do que tinha passado com o Governador, e lhe aconselhou que logo se fosse embarcar naquelle navio, porque era o maior serviço, que podia fazer a ElRey. Antonio Moniz Barreto vendo aquillo, disse que o faria. E tomando alguns amigos,

que tinha grangeados pera irem com elle, se foi logo embarcar sem se ver com o Governador, porque estava já o navio em Gouvelha, e o Governador sabendo d'elle, o mandou logo fazer á véla pelo Veador da Fazenda, e foi seguindo sua jornada com tempo mui forte: e d'elle, e de D. Alvaro de Castro a seu tempo daremos razão, por guardarmos a ordem da historia, e tornarmos ás cousas de Dio.

Andava Rumecan mui envergonhado, e muito mais o estava ElRey, (que todos os dias era avisado do que se passava,) de ver huma fortaleza toda arrazada, e posta por terra, e com tão pouca, e cansada gente, não só se defender a tamanho exercito, mas ainda alcançarem os de dentro tão grandes vitorias, e terem-lhe mortos dous tão grandes Capitães, e mais de dous mil homens. E tendo recado deste derradeiro successo, mandou reprender a Rumecan, e a todos os mais Capitães da fraqueza, e covardia, que nelles havia; do que elles tomados, e affrontados, determináram de metter todo o resto do poder, e ou tomarem a fortaleza daquella feita, ou morrerem todos em cima de seus baluartes, e assim se lhes cumpriram seus desejos. E pera lhes ficar mais facil a entrada da fortaleza, mandou Rumecan fabricar defronte do baluar-
te

te Sant-Iago hum muito grande bestião, e tão alto, que igualava com elle, pera se irem chegando, e pera ficarem cavalleiros ao bualarte pera o fazerem despejar. D. João Mascarenhas vendo obra tão prejudicial, determinou de a mandar desfazer, e o encarregou a D. João, e a D. Pedro de Almeida seu irmão, dando-lhes pera isso cem escolhidos soldados.

E aos quatro dias de Agosto, ao quarto da modorra sahíam por huma bombardeira em muito silencio, e com huma grande, e resoluta determinação foram commetter o bestião, e dando de subito nos Mouros, que nelle estavam bem descuidados daquelle sobressalto, matáram, e espedaçáram nelles bem ás suas vontades, porque muitos recebêram a morte sem darem fé della, senão depois que se víram sepultados no Inferno, e outros as feridas, e suas dores os despertáram. E como os tomáram de sobressalto, não tratavam de mais que de salvar as vidas, largando tudo, ficando os nossos senhores do bestião, que começaram a desfazer. Os que hiam fugindo deram novas no exercito do damno que recebêram, sem saberem dar razão do que era; porque não sentíram mais que cortarem-nos, sem verem se eram os nossos cento, se quinhentos. Rumeacán acudio logo lá com todo.

do o exercito posto em armas ; mas já foi a tempo que os nossos tinham desfinchado tudo , e em sentindo os inimigos , se foram recolhendo com muita ordem , e se metteram na fortaleza sem se perder algum , deixando mortos perto de trezentos dos inimigos.

Vendo Rumecan aquelle damno , mandou alevantar logo humas muito grossas paredes defronte do baluarte S. João , e a segunda noite que se começaram , lançou o Capitão por huma bombardeira quatorze soldados , que pera isso escolheo , que dando de subito nos que vigiavam as paredes , achando-os dormindo , cortáram os que alcançáram , e os mais aos gritos dos que matavam foram fugindo , e ficando tudo despejado , derribáram as paredes com muitos fervidores , que pera isso levavam. A revolta foi ouvida no arraial , e acudio hum grande tropel de Turcos ; e sendo sentidos dos nossos , deixando tudo derribado , se foram recolhendo a seu salvo.

Affrontado Rumecan daquella ousadia , deo recado a todos os Capitães , que ao outro dia havia de dar hum geral assalto , pera o que se preparáram. E em rompendo a luz da manhã , começaram a apparecer os inimigos com suas bandeiras defenroladas , levando diante de todas outra no-

va, em que estava a figura de Mafamede; tão feia, e disforme, que causava medo: levava os cabellos (que eram muito compridos, e espalhados) por cima do rosto, e das costas, e com esta medonha visão, a que se todos encommendáram, remettêram com a fortaleza, tocando todos os seus instrumentos, e dando tamanhos gritos, que ensurdeciam o mundo. Os dianteiros, que eram os Rumes, e Turcos, começaram a subir pelas paredes derribadas dos baluartes S. Thomé, e S. João, com huma muito confiada determinação de morrerem todos, ou os ganharem, lançando os de detrás grandes panellas de polvora, e varejando os altos dos baluartes com sua arcabuzaria pera affugentarem os nossos; e os seus que subiam, terem lugar de cavalgar em cima.

Mas os Portuguezes não temendo, e tendo em nada aquellas carrancas, esperáram os inimigos com a mesma determinação de ou morrerem todos, ou de desbaratarem de todo aquelles barbaros, e não tardáram mais em virarem os Turcos de pernas assima, que em quanto os nossos lhes não alcançáram; mas como lhes puderam chegar, logo lhes mostráram quão caro lhes havia de custar quererem pôr os pés em cima dos baluartes, pagando muitos com a

morte sua porfia , e atrevimento ; porque assim como cahiam dez , subiam vinte , indo á porfia todos a buscar seu damno ; e todavia como eram muitos , e vinham com aquella barbara determinação , commetteram todos os baluartes mui denodadamente , fazendo todos os seus Capitães , e companheiros maravilhas nas armas. E posto que em todas as partes havia trabalho , e risco , todavia o de Luiz de Sousa , em que estava D. Fernando de Castro com os Capitães de sua companhia , esteve mais apertado que todos , porque carregaram alli os mais escolhidos do exercito , e tambem estava mais aberto , e damnificado que os outros ; mas os valorosos defensores delles fizeram taes cousas , que se não pôde imaginar de tão poucos braços poder sahir tamanho estrago , como se via ao pé do baluarte nos inimigos , onde estavam tantos estirados , que pera os outros chegarem , era forçado passar por cima de corpos , que estavam ainda palpitando , e revolvendo-se no seu sangue com as ansias , e afflicções da morte. As vozes , os gritos , os bramidos em todas as partes (porque em todas se pelejava) era cousa muito horrenda , e medonha. Os baluartes quasi se não viam , porque estavam escondidos em nuvens de fogo , e fumo , das muitas panellas de pol-

vo-

vora, e bombardadas, que delles sahiam, e que sobre elles cahiam. De huma parte chamavam por nossa Senhora, e pelo Apostolo Sant-Iago; da outra pelo falso, e enganoso Mafamede, constrangendo os Capitães Mouros aos seus a subirem, o que elles receavam fazer pelos muitos que viam voltar feitos pedaços sobre elles. Os Capitães, Fidalgos, e soldados Portuguezes merecêram muito, porque fizeram tanto, que de cada hum se puderam fazer muitos Capitulos; porque este foi o dia, em que se elles mais assignaláram que todos, por pelejarem em meio de chammas, e labaredas, porque em todos os baluartes era tanto o fogo, que parecia que ardia o mundo. Os que andavam vestidos de couro, (de que muitos se provêram pera sua defensão,) passáram bem; mas os mais foram queimados por muitas partes, acudindo ás tinas de agua pera matarem o fogo, que lhes andava pelos vestidos, que eram de algodão, tornando logo a seus lugares, e como que vinham de refresco, assim entravam furiosos, que pareciam leões famintos.

Do baluarte do mar nunca cessou a bateria, descarregando todas suas cargas nos Mouros, que lhes ficavam por huma ilha-ga descubertos, em que fizeram tal estrago, que de não poderem soffrer tanto, se

affastáram , ficando-lhes trezentos , e mais mortos aos pés dos baluartes , levando dous mil feridos , e abrazados. Dos Portuguezes foi cousa milagrosa , que neste temeroso assalto não perigou algum , posto que houve muitos feridos , e queimados. O Capitão em quanto durou o assalto não descansou , correndo todos os baluartes muitas vezes , e os proveo de todas as cousas necessarias , que tudo lhe era logo trazido por aquellas honradas , e animosas mulheres.

Affastados os inimigos , mandou o Capitão reparar os baluartes , e curar os feridos com muita diligencia. E vendo o grande , e importante reparo , que era para o fogo , vestidos de couro , mandou desarmar seus aposentos dos ricos , e formosos guadamecis que tinha , e os mandou cortar todos em vestidos , que repartio pelos que abrangêram.

CAPITULO VIII.

De outras baterias que deram á fortaleza: e de como chegou a ella o Vigario, que foi com recado a Chaul, e Baçaim: e de hum grande assalto que os Mouros deram: e das grandes fomes, e necessidades, que havia na fortaleza: e de hum muito honroso, e valoroso feito, que fez Martim Botelho.

PASSADO este assalto, de que Rumecan ficou bem escandalizado, mandou que se proseguisse no entulho da cava des do baluarte S. João até o de Sant-Iago, recebendo sempre grande damno da nossa artilheria, que lhes derribou os caminhos por onde passavam, onde ficavam enterrados muitos servidores. Vendo Rumecan aquelle damno, mandou fabricar dous bestiaes naquella parte de muito grossas, e fortes taipas, em que se asselaram dous leões, a que fizeram seus reparios, e mantas, e com elles batêram fortemente o baluarte S. Thomé, até lhes cegarem hum camelo, com que lhes tinham feito grande damno, e com isto lhes ficou tempo mais occasionado pera entulharem a cava. Esta obra tinham tomado á sua conta os Janizaros, que neste cerco mais se avantajaram de todos, e assim

o pagavam tambem mais, porque já eram mortos nos assaltos perto de quatrocentos.

Ao outro dia, depois disto passar, chegou á fortaleza o Padre Vigario, que, como dissemos no Capitulo III. deste Livro II. foi a Baçaim, e Chaul a pedir soccorro, que deo o recado áquelles Capitães, que logo despediram as cartas pera o Governador, e começaram a fazer prestes gente, e navios pera mandarem de soccorro, acudindo todos a Baçaim pera dalli atravessarem como lhes o tempo désse jazigo. E vendo o Vigario a muita gente, que alli ficava pera se embarcar, quiz levar a Dio aquellas novas. E posto que o tempo era grosso, se embarcou no seu navio com nove soldados, e se metteo no golfo, onde deo em mares tão grossos, e cruzados, que os comiam, vendo-se muitas vezes alagados; mas á força do trabalho, e diligencia de todos, chegaram a Dio o dia que o camelo se cegou (como assim dissemos.) Tanto que da fortaleza víram entrar aquelle navio, foi grande o alvoroço em todos, porque apôs elle podiam vir outros, e já não ficavam tão desconfiados de soccorro como estavam. O catur foi surgir á couraça, por onde entrou o Vigario com os seus soldados, que foram recebidos todos nos braços do Capitão, e mais Fidalgos, com pa-

lavras de grande louvor. O Vigario disse a D. João Mascarenhas, que em Baçaim ficavam quinhentos homens com navios prestes, e negociados pera partirem em lhes o tempo dando lugar, e que não tardariam cinco dias. Estas novas se espalharam por toda a fortaleza, que foram festejadas com folias, danças, e outras mostras de alegria, o que tudo foi ouvido no arraial, onde a fama lhes levou logo as novas de tudo, com que Rumezan ficou muito triste. E vendo que cada dia lhes podia vir soccorro, determinou de concluir aquelle negocio primeiro que elle chegasse. Pelo que encomendou a seus Capitães que se batessem todas as estancias, e se preparassem pera darem o derradeiro assalto, em que esperava de arrematar a vitoria.

Nesta conjunção chegou outro Capitão chamado tambem Juzarcão, que Soltão Mahamude mandava em lugar do morto, que era tio de estoutro, pera que ficasse em seu lugar com sua gente. A bateria se começou a dar, que durou todo aquelle dia, e parte da noite, e ao outro dia ás tres horas da tarde, que sahiram os Mouros dos seus exercitos com todo o poder, levando diante suas bandeiras desenroladas, e ao som de muitos, e mui desordenados instrumentos, remetteram com a fortaleza, ha-

vendo que daquella feita a levariam nas mãos. E chegando os primeiros, e mais escolhidos ao baluarte S. Thomé, que estava todo arrazado, começaram a subir por elle com grande soberba, e arrogancia. Luiz de Sousa, D. Fernando de Castro com seus Capitães, e D. Francisco de Almeida, que D. João Mascarenhas mandou aquelle dia passar pera alli, recebêram os inimigos como sempre, quebrando-lhes logo aquelle furor, e orgulho, que levavam, lançando todos os que alcançáram das paredes abaixo feitos em pedaços. Mas como eram muitos, logo tornáram a encher os lugares, recrescendo a crueza, e furia da batalha por todas as partes, tanto, que parecia que se desfazia o mundo em gritos, e bramidos. O Capitão acudio logo ao baluarte S. Thomé, que estava mais arriscado, mandando-o prover de panellas de polvora, lanças de fogo, pedras, e de todos os mais instrumentos mortaes, que tudo as honradas matronas levavam sobre suas cabeças; porque tanto que havia rebato, logo acudiam com o seu esquadrão ao trabalho, dando com isso mui grande allivio aos homens, que se não occupavam em mais que em menear as mãos em danno dos inimigos, porque tudo o que pediam pera aquelle effeito, achavam logo alli prestes, que as honradas

mulheres eram as que proviam, repartindo tudo por elles, sem receio de pelouros, nem fogo, em que os baluartes se desfazião; antes com muito animo mettidas entre os soldados que pelejavam, os animavam, e esforçavam, mettendo-lhes nas mãos as panellas de polvora, e algumas tambem arremessavam sobre os inimigos, que desprezavam todas aquellas cousas, e se mettiã pela morte sem receio de cousa alguma. Sobre o baluarte chovia fogo, porque este dia quizeram os Mouros despende toda sua munição; e o que mais empeco aos nossos, foi terem o vento contra si, que todo o fumo, e pó do entulho, que os inimigos revolviam com os pés, os cegava a todos; mas elles fechando os olhos, e apertando os dentes, cerravam com os Mouros denodadamente, matando tantos, que não lhes escapavam senão os que não podiam alcançar.

No baluarte S. João tambem houve grande trabalho, porque foi commettido de Juzarcão com todo o seu poder, trabalhando pelo subirem; mas os seus Capitães acompanhavam, lho defendêram muito bem, fazendo nos inimigos mui grande estrago. Bem lhe pareceo a Juzarcão que o levasse logo nas mãos, por estar todo razo, e sem

amparo algum ; e porque não tinha ainda experimentado o ferro Portuguez , que o esforço , e animo dos nossos lhes fizeram parecer aquelle baluarte tão forte , como se nunca fora batido , nem damnificado ; porque se puzeram aquelles valorosos defensores por muro , e ameias delle , tão immóveis , que não havia bombardadas , e espingardadas , nem chaminas de fogo , nem ainda a mesma morte , que os abalasse , nem movesse do lugar em que se punham , fazendo tanto damno nos inimigos , que já cançavam de matar nelles.

Na guarita de Antonio Paçanha tambem houve grande confusão , e baralha ; mas em todos os lugares que os inimigos commettiam , não achavam outra cousa mais , que generos de mortes , e defenganos da sua contumacia , mostrando-lhes que quando cuidassem que estavam mais cançados , então os haviam de achar mais fortes , e promptos , pera lhes defenderem a sua fortaleza. E assim (por não particularizarmos tantas miudezas) os trataram em todas as partes tão mal , que os fizeram affastar com morte de mil e seiscentos , que ficaram estirados , e espedaçados aos pés das estancias , levando muito maior cópia de feridos , e abrazados. Rumecan pasmava de ver aquelle estrago feito por tão poucos homens ,

mens, e blasfemava contra o seu Mafamede, porque cuidava que lhe podia elle dar coufa, que não fossem damnos, e perdição.

Juzarcão (que esta foi a primeira vez que vio, e experimentou as obras dos Portuguezes) ficou admirado, e bem entendeu que todo aquelle trabalho era em vão, porque não eram aquelles os homens, a que se tomava a sua fortaleza, por mais raza, e desbaratada que estivesse; e assim ficou dalli com tão grandes desconfianças, que quasi corria com seu cargo por demais.

Dos nossos morreram neste assalto tres, e ficaram feridos trinta e cinco, mandando o Capitão enterrar huns, e curar outros, e reformar os baluartes o melhor que pode, no que gastou toda aquella noite sem dormirem todos, nem repoufarem. Já neste tempo eram mortos, assim na guerra, como de doenças, cento e sincoenta Portuguezes, e não havia sãos mais que duzentos e sincoenta, que o tempo que lhes restava da peleja, gastavam em reparar os muros, e em derribarem os edificios da fortaleza, e casas dos casados, pera reparo das ruinas, e em desfazerem minas, e em outros muitos trabalhos, em que aquellas matronas lhes eram companheiras, sem lhes ficar huma hora pera repoufarem. Mas o que mais os atormentava, e punha em cuidados, era

a falta que havia já de mantimentos, porque tinham chegado a estado, que o alqueire de trigo que se achava, valia a tres cruzados; e huma gralha, se a tomavam, quatro, e cinco, (porque depois de faltarem as gallinhas, se davam estas aos purgados, porque acudiam muitas aos corpos mortos, e sobre os muros as matavam á espingarda.) E por esta maneira todas as mais cousas até chegarem a estado, que comêram gatos, cães, e alguns legumes podres, e damnados, e com isto andavam todos tão contentes, e tão esforçados, como se tiveram tudo de sobejo. O Capitão suppria a estas faltas com tudo o que tinha; e se se achava por dinheiro, não perdoava a despesas por remediar aquellas necessidades.

As munições eram acabadas, e não havia mais polvora, que a que se fazia cada dia, que eram quatro arrobas, que despendia o bazalisco cada vez que atirava; mas poupava-se muita por faltarem já panellas pera ella, que era o principal instrumento, com que se defendiam, de maneira que não ficavam já mais que os braços, e as armas de mãos. O Capitão provia a tudo com muita prudencia; e porque faltavam as panellas pera a polvora, inventou duas telhas dos telhados juntas huma com outra, com os vãos pera dentro, e breadas pelas ilhar-

gas, e as bocas tapadas com betume, e cheias de polvora por dentro com murrões atados pelo meio dellas, com as pontas accezas, ficáram servindo, e foi muito grande invenção, porque levavam mais polvora que as panelas, e faziam mór damno nos inimigos. Neste estado estavam as coufas, que era o mais miseravel que podia ser, sem os nossos mostrarem, nem haver nelles huma pequena tristeza, nem desconfiança, antes alegres, e tão confiados, que lhes parecia que tinham a vitoria certa.

D. João Mascarenhas andava hum pouco melancolizado, porque não sabia o que se passava no exercito, nem tinha espias, que o avisassem de cousa alguma. E porque os do baluarte de sobre a barra lhe disseram que algumas noites viam chegar alguns Mouros até a ponte da fortaleza, e que alli se deixavam estar sem saberem o pera que, e que os mais, que sempre vinham, seriam de oito até dez; certificando-se daquillo, determinou de ver se podia colher algum delles pera se informar do que lá lia, e encommendou aquelle negocio a hum cavalleiro da sua obrigação, chamado Martin Botelho, homem de animo, e muito determinado. Este escolhendo dez companheiros, no quarto da modorra, os lançáram pelas bombardeiras da couraça, com

fô espadas, e rodclas, por irem mais leves, e tomando o caminho da ponte de longo da agua muito encubertos, se foram lançar no posto, que os Mouros costumavam a ir demandar, que era na entrada da ponte, e alli baqueados no chão se deixáram estar. Não tardou muito que não ouvissem rumor, e apôs isso enxergáram gente, que se vinha chegando pera a ponte, que seriam quasi dezoito pessoas. E entrando a ponte, onde os nossos estavam agachados á sombra dos parapeitos que fazia de huma, e da outra parte, e sendo em meio delles, se levantáram todos a la una, e deram nelles tão de subito, e com tamanha pressa, que os não sentíram senão nas carnes, que os nossos começáram a cortar ás suas vontades, fallando alto, pera que os do baluarte ouvissem, que estavam pera isso áleria, que em sentindo-os, os começáram a favorecer com as trombetas. Os Mouros ficáram tão sobrefaltados, que se não souberam determinar; e todavia sentindo-se cortar, leváram das armas, e puzeram-se em defensão, travando-se antre todos huma perigosa batalha; mas os valentes soldados Portuguezes desejosos de ganharem honra, e credito com o seu Capitão, apertáram tanto com os Mouros, que os fizeram voltar: sómente hum Noby de nação (homem de

opinião, e grande cavalleiro, que quiz antes morrer que fugir) ficou na entrada da ponte sustentando o pezo dos nossos, pelejando hum arrezoado espaço com todos muito valorosamente. Martin Botelho vendo o esforço daquelle Mouro, desejou de o haver ás mãos, e pondo-se diante dos companheiros, endireitou com elle pera o ferir. O Noby tinha huma meia lança, com que lhe atirou hum golpe, que lhe Martin Botelho tomou na rodela, e largando-lha no ferro, cerrou com elle, e o liou; o Noby tambem o fez com elle, cahindo ambos, e tornando-se logo a alevantar sem se desasirem, andáram travados hum espaço; e posto que o Noby era membrudo, grande, e muito forçoso, Martin Botelho, que nada lhe faltava daquellas partes, fechando os dentes, o arcou, e levantou nos ares, indo-se recolhendo com elle pera a fortaleza, soffrendo grande trabalho, porque o Noby perneava, mordida, e arranhava; os mais companheiros não ousavam de o ajudar pelo não estorvarem, e assim chegáram á porta da fortaleza brandando pelos de cima. Já a este tempo o Noby estava seguro, porque todos estavam afidos nelle, e dando-se recado ao Capitão, acudio com huma companhia de soldados, e mandou abrir hum pequeno postigo, (que

dei-

deixou de tapar pera alguma necessidade,) por onde os recolheo a todos dentro. Martin Botelho lho entregou. O Noby como se vio dentro, deixou-se cahir no chão, fingindo-se morto. O Capitão entendendo que aquillo era manha, disse a hum soldado que o picasse com a ponta da espada, o que elle fez de feição, que em a sentindo se levantou com tanta pressa, que deo materia de riso a todos. E recolhendo-se pera casa, fez só com a lingua perguntas ao Noby, e delle soube tudo o que quiz, affirmando-lhe que Rumecan estava descontente, e desconfiado daquelle negocio, e que eram já mortos no exercito quasi cinco mil homens dos melhores d'elle, e que todos os mais estavam alli contra sua vontade. O Capitão o mandou pôr a bom recado, ficando desalivado do pejo que trazia, de não ter aviso do que passava.

CA-

CAPITULO IX.

De como Rumecan mandou minar o baluarte S. João : e do ardil de que usou de huma falsa espia pera segurar os nossos : e de como arrebentou o baluarte : e da morte de D. Fernando de Castro , e de outros Fidalgos , e cavalleiros.

COM o successo passado , e com tardar o soccorro , que Rumecan tinha mandado pedir a ElRey , ficou tão desconfiado , que receoso de chegar cada dia a Armada , que se fazia em Baçaim , e que com sua chegada lhe acontecesse hum desastre , mandou alevantar a artilheria das estancias , e recolhella á Cidade. Isto foi logo sentido dos nossos , com o que lhes dobrou o animo , entendendo as desconfianças dos inimigos , e houveram o negocio por acabado. Rumecan andava tal , que se com sua honra pudéra alevantar o cerco , sempre o fizera ; mas já lhe convinha ir com aquelle negocio ao cabo , ou pera bem , ou pera mal. E chamando alguns officiaes de minas , lhes encarregou que minassem o baluarte São João , pera onde se tinha passado D. Fernando de Castro com Diogo de Reinoso , e alguns Capitães de sua conserva. A mina se começou a fazer por aquella parte , que

ficava sobre a cava; porque, como dissemos no Capitulo IX. do Livro X. da quinta Decada, quando Manoel de Sousa de Sepalveda alargou o sitio da fortaleza por aquella parte, chegou com aquelle baluarte á cava, e hum grande pedaço delle ficou sobre hum entulho, e o mais sobre a rócha. Isto sabia Rumecan, pelo que mandou que se minasse a parte de sobre o entulho, começando-se a pôr as mãos á obra com muitos officiaes, o que se fazia por debaixo de ruas cubertas até o pé do baluarte sem os nossos o sentirem. E pera mór dissimulação, mandou Rumecan que se picasse o muro por todas as partes, porque se não entendesse a mina. E porque tambem se não precatassem tanto daquella parte, mandou armar muitos cavallos de madeira grossa, e os fez chegar ao baluarte S. Thomé, como que determinava de commetter por elle a fortaleza, porque com o tento naquella máquina se descuidassem do baluarte São João.

O Capitão vendo a fabrica dos cavallos, receou-os muito, e acudindo áquella parte, mandou com muita pressa fazer huns revêzes de vigas muito grossas nas illargas do baluarte, que lançavam muito pera fóra, pera dalli descobrirem bem os inimigos, donde os começaram a fustigar com somma de.

de arcabuzaria, e com alguns falcões, com que lhe fizeram bem de damno; não desistindo com tudo os Mouros da obra, nem os nossos de os escandalizar. E andando continuando na obra da mina, chegou huma noite ao pé do muro huma pessoa, (que o Rumecan tinha mui bem ensaiado,) e bradou pelos de cima, pera que o recolhessem, que tinha muitas cousas que tratar com o Capitão, que lhe importavam muito. O Capitão lhe mandou lançar huma escada de corda, por onde subio affima. Era este homem hum mercador, Guzarate de nação, e por as grandes promessas que o Rumecan lhe fez, se offereceo a ir com aquelle enganado. Levado ao Capitão, lhe disse: » Que » elle vinha tocado da mão de Deos, e que- » ria ser Christão, e que elle o movêra a » lhe vir dar aquelle aviso, que soubesse » de certo, que os Magores estavam já em » campo pera tornarem sobre o Reyno de » Cambaya com muito grosso poder, e que » Soltão Mahamude estava por isso em gran- » de confusão; e que era chegado de re- » fresco a Dio hum grande Capitão chama- » do Mojatecan pera recolher o campo to- » do, e o levar, e que por isso os dias » passados recolhêram a artilheria, que a- » quellas cousas estavam em segredo por » não haver alteração; mas que os Capi-

» tães tinham determinado de dar hum mui-
 » to cruel assalto á fortaleza, primeiro que
 » se partissem daquella Ilha, por verem se
 » a podiam tomar, e que já se preparavam
 » pera elle.» O Capitão lhe disse: » Que
 » lhe agradecia o aviso, e estimava muito
 » querer-se fazer Christão, que elle lhe pro-
 » mettia de lhe fazer honras, e mercês, e
 » o mandou recolher, e ter a bom recado.»
 E segundo nosso juizo, este ardil desta es-
 pia foi pera os Portuguezes se descuidarem,
 e pera o Capitão não puxar tanto pelo soc-
 corro de Baçaim, que se esperava cada dia,
 e pera que escrevesse ao Governador que se
 não abalasse, porque tudo o que o Guza-
 rate disse era mentira, ainda que só era ver-
 dade o que disse da vinda do Mojatecan,
 que o dia dantes tinha chegado de soccor-
 ro com dez mil homens.

Algum alvoroço causáram nos da for-
 taleza as novas, cuidando serem verdadei-
 ras, porque já desejavam de se acabarem
 seus trabalhos, ainda que fosse á custa do
 grande assalto que esperavam. Os inimigos
 hiam continuando na obra da mina sem ba-
 terem a fortaleza, o que foi pera os della
 muito grande allívio, porque ficáram tendo
 alguns dias de folego. Andava neste tempo
 D. Fernando de Castro doente de febres,
 e sabendo que se esperava por hum grande
 af-

assalto, mandou-se levar pera o baluarte S. João, sem o Capitão lho poder defender, porque desejava de se não bulir até cobrar mais alento.

Os Mouros acabáram a obra da mina, e dia do Bemaventurado Martyr S. Lourenço, que cahe a dez de Agosto, na força do meio dia apparecêram os inimigos com todo o poder, suas bandeiras desenroladas, tocando todos os instrumentos de guerra, com hum rustico, e mal ordenado som, e com tão grandes clamores, vozes, e alaridos, que parecia que se sovertia aquella Ilha: com esta desordenada confusão se foram chegando á fortaleza com tantas carancas, que puderam causar mui espantoso medo a outros muitos mais, e mais folgados homens, e que não estiveram em fortaleza tão rota, e desbaratada, e tão mal provida de tudo como aquella estava. Mas esses poucos que eram estavam tão animados, e contentes, que em nada estimavam aquellas cousas. O Capitão acudio ao baluarte S. Thomé pera ver o campo, e pera dali prover no que lhe parecesse. Os inimigos foram remettendo ao baluarte S. João com aquelle tropel confuso, sem guardarem ordem de milicia, nem distincção de bandeiras, e insignias; mas tudo misturado, e baralhado, como barbaros que eram. E

chegando ao baluarte , commettêram a subida pelas quebradas , achando primeiro no caminho muitos signaes do que em cima esperava por elles , que eram muitas das telhas de polvora , que os abrazou , muitas bombardadas , e espingardadas , de que muitos cahiram espedaçados. Os inimigos como aquella arremettida foi pera segurar os do baluarte , porque determinavam de lhes dar fogo , tornáram a recuar pera trás como que fugiam.

D. João Mascarenhas , que estava no baluarte S. Thomé , vendo aquelle termo , não lhe pareceo medo ; mas logo entendeu que aquillo era ardil pera darem fogo a alguma mina , e mandou dizer a D. Fernando de Castro , que se recolhesse com todos , e deixasse o baluarte , porque entendia que estava minado , e que aquelle affastar dos inimigos era pera lhe darem fogo. Com este recado se começaram a fahir alguns , o que visto por Diogo de Reinoso , disse alto :

» Não ha Deos de permittir que por me-
 » do algum commettam Portuguezes fraque-
 » za , e que se diga no mundo , que com
 » temor da morte largáram o lugar que
 » sustentavam. Póde bem ser seja isto ar-
 » dil pera cuidarmos que querem dar fogo
 » a algumas minas pera nos affastarmos , e
 » elles terem lugar de entrarem , e ganhar
 » es-

» este baluarte, o que será causa de se per-
 » der esta fortaleza. Por isso, senhores, ve-
 » de o que fazeis, não desfamparcis este ba-
 » luarte que he d'ElRey; e se a ventura
 » nos tem aqui guardado nosso fim, não
 » queiramos mais ditosa, nem mais honro-
 » sa morte: e affirmo-vos que o que se fa-
 » hir daqui, o hei de pregoar por fraco, e
 » covarde.»

Com estas palavras se detiveram todos, e tornáram alguns dos que se tinham ido. Os Mouros tanto que se affastáram, deram fogo ás minas, que arrebentáram com tão grande estrondo, que parecia cahirem os Ceos. O fumo, que era espesso, escuro, e medonho, cubrio toda a fortaleza de feição, que se não viam huns aos outros. Todos aquelles, que estavam no baluarte, naquelle lugar que cahia sobre a cava, foram voando pelos ares, e huns calíram dentro feitos pedaços, outros pera fóra sobre o arraial dos inimigos ainda vivos, outros foram abrazados, e feitos em cinza. Hum soldado foi cahir fóra no campo com a sua lança na mão, sem a largar, vivo, e sem lesão, que foi logo espedaçado dos inimigos. Dos que estavam neste baluarte coube melhor sorte a D. Diogo de Souto-Maior, que voando pelo ar com a força do fogo, cahio dentro na fortaleza com huma lança

nas mãos, porque veio escorregando até o chão, onde ficou sem lesão alguma. Todos os que estavam na parte do baluarte, que ficava sobre a rocha, cahiram dentro na cava, huns com pernas quebradas, outros com braços, outros com focinhos, e outros com outros membros; mas escapáram alguns. Morrêram nesta desventura quasi sessenta pessoas das principaes da fortaleza, e os de nome foram: D. Fernando de Castro em idade de dezenove annos, mancebo, em que o mundo tinha pôstos os olhos pelas grandes esperanças que de si dava; mas parece que a fortuna invejosa do que promettia, ordenou que acabasse com tal genero de morte, pera maior mágoa do velho pai. Morrêram mais D. João de Almeida, Gil Coutinho, Ruy de Sousa, Diogo de Reinoso, Luiz de Mello, Alvaro Ferreira, Tristão de Sá, e outros. Escapáram treze pessoas, as tres morrêram dalli a dous dias, os mais vivêram, e antre estes foi D. Pedro de Almeida, que ficou tão abrazado, que muitos dias se não alevantou da cama.

CAPITULO X.

De como os Mouros commettêram o baluarte S. João: e do grande valor, com que cinco homens o defendêram: e de outras cousas.

Vendo os Mouros tamanho estrago; e o baluarte todo arrazado, remettêram a elle com grandes gritas, e alaridos pera o ganharem; mas acháram nas ruinas cinco homens, que se lhes appresentáram com muito grande esforço, que acudíram áquelle parte, porque estava só, e a defendêram só como se foram quinhentos: estes foram Antonio Paçanha, Bento Barbosa, Bartholomeu Correia, Mestre João, que naquello tempo não quiz estar em casa, e do quinto não achámos o nome em parte alguma, senão em Jeronymo Corte-Real neste cerco que fez em verso, que diz que era Bastião de Sá, sem declarar se era o filho de João Rodrigues de Sá, se outro; porque pera ser aquelle, temo-lo deixado em Baçaim, curando-se da sua perna, aonde se foi pelo mandar o Capitão num catur, em que mandou o segundo recado a Baçaim a pedir soccorro ao Capitão, e com cartas pera o Governador, em que lhe dava conta de tudo o que até então era acontecido, como

Couto. Tom. III. P. I.

L N I M P R E N S A
N A C I O N A L

está dito no fim do Capitulo VI. do Livro II. Em toda a India não achámos homem deste tempo, que nos foubesse tirar esta dúvida, basta qualquer que seja: Os inimigos (como liamos dizendo) entrando por meio daquellas nuvens de fumo, cuidando acharem a entrada franca, e que daquella feita ganhassem a fortaleza, deram com aquelles cinco Heitores, que lha defendêram com tanto valor, e animo, fazendo taes cousas, que pasmáram os inimigos, e que não especificamos, porque não temos palavras bastantes pera os engrandecer.

Aqui pudemos com muita razão dizer o que Lucio Floro dos Romanos, engrandecendo suas obras, que se senão acháram escritas em Annaes, que se puderam ter por fabulosas: e nós dizemos destes cinco Cavalheiros, (e de todos os mais, que neste cerco se acháram,) que senão houvera ainda vivas tantas testemunhas de suas grandezas, e senão estiveram ainda tão frescas na memoria de todos os homens as façanhas que neste, e no outro cerco fizeram os Portuguezes, que nos não atreveramos a escreverellas, ainda que não faremos mais que contar seus feitos puros, e sem ornamento de palavras, porque elles mesmos ficam sendo o louvor de quem os obrou. E ainda podemos dizer mais, que aquelles dos Ro-

manos vieram a ser celebrados no mundo mais pela eloquencia, e facundia de seus Escriitores, que por sua grandeza: porque elles nunca pelearam contra bazaliscos, salvagens, quartãos, e outros instrumentos diabolicos, arruinadores do mundo, e destruidores de todo o esforço, e valor d'elle, como o fizeram estes nossos Portuguezes, cujos feitos não sabemos se a inveja (ainda de seus naturaes) causou ficarem muitos em esquecimento.

E tornando á nossa historia. Andando a cousa travada com tão desigual partido, como era o de treze mil homens (que tantos commettêram o baluarte) contra cinco sós, chegou o Capitão com quinze companheiros, com o animo tão seguro, e inteiro, como senão vira tudo tão arriscado, e em tamanho perigo; e pondo-se na defensão do baluarte, animando, e esforçando os seus, fez tantas cousas, que pasnavam os inimigos, que trabalhavam tudo o que podiam por concluir aquelle negocio, andando affrontados de se defenderem de tamanho poder tão poucos homens, e mais em hum baluarte tão arrazado, e descoberto; e assim pelejavam como homens, que não temiam a morte, que muitos recebiam das mãos destes poucos. A crueza era grande, os gritos, alaridos, estrondos, e bar-

bara vozaria dos Turcos , e Mouros era tudo de feição que causavam medo. Esteve aqui a coufa por muitas vezes tão arriscada , que a cada momento tinham os das outras estancias rebate , que a fortaleza era entrada. O esquadrão feminino desamparando as casas , se foram ao baluarte pera nelle morrerein em companhia daquelles esforçados defensores , e dos caros consortes que algumas alli tinham , levando sobre suas cabeças polvora , pedras , e outras cousas pera offenderem aos inimigos , mettendo-se no meio dos que pelejavam com animos varonís , esforçando , e animando aos que pelejavam.

A boa Isabel Fernandes com huma chuzga nas mãos se metteo no meio daquelle conflicto , dizendo : » Ah filhos , pelejemos » pela Fé de Christo , e mostremos a estes » inimigos della , que temos Deos por nós » que nos favorece. » E como andava pela fortaleza huma voz que o baluarte era perdido , desampararam alguns Capitães as estancias , e foram-lhes acudir ; e ao mesmo tempo chegou o Padre Vigairo com hum Crucifixo levantado em huma hastea , e entrou pelo baluarte com aquella Divina bandeira de nossa redempção arvorada , e pondo-se no meio de todos , levantou a voz , dizendo :

» Ah Cavalleiros de Christo, aqui tendes
 » a figura de vosso Deos, que vos não ha
 » de desamparar: aqui o vereis com as mãos,
 » e pés cravados, e lado aberto derraman-
 » do seu preciosissimo Sangue por vosso res-
 » gate: derramai vós tambem o vosso ago-
 » ra pelo resgatar a elle, porque não vá
 » ter a poder de seus inimigos. Pelejai, va-
 » lerosos Portuguezes, e defendei vosso
 » Deos, que elle está comvosco nestes tra-
 » balhos, pera vos ajudar a defender. Aqui
 » o tendes, ponde os olhos, e o coração
 » nelle, porque delle vos ha de vir o es-
 » forço contra vossos inimigos.» E assim
 se apresentou diante no mór perigo. Os que
 estavam accezos na batalha ouvindo a voz,
 levantando os olhos, que víram o Crucifixo
 arvorado, bradando por misericordia, re-
 mettêram com os inimigos como leões bra-
 vos, e lançando-se no meio delles, fizeram
 tão grande estrago que foi espanto.

O Capitão não se descuidou de sua obri-
 gação, porque vendo o baluarte com gen-
 te bastante pera sua defensão, e que os ini-
 migos já começavam a afracar, sahio-se del-
 le, e mandou ajuntar todos os officiaes, e
 escravos, e ordenou logo pela banda de
 dentro daquelle baluarte, huma muito forte
 tranqueira de pedra, e terra, que toda foi
 acatretada ás cabeças daquellas honradas mu-

Iheres, posto que das mesmas ruinas do baluarte acháram á mão a mór parte, e assim uns trabalhavam, e outros pelejavam, sustentando o pezo da batalha, que durou até se pôr o Sol, e o mundo se encher de trevas, que os inimigos se affastáram com perda de trezentos, a fóra oitocentos feridos, e queimados. Dos nossos morreram alguns, e dos sinco, a que podemos dar o sobre nome de Manlios Capitolinos, morreo só Mestre João, que foi perda geral, assim por seu officio, como por seu esforço, caridade, e outras partes de homem muito honrado. Pelejou este dia de feição, que lhe tiveram todos inveja; e depois que o Capitão chegou de soccorro, nunca se quiz fahir do seu lugar, com ter muitas feridas, trabalhando todos pelo pouparem, e assim acabou ataçalhado.

Isabel Madeira sua mulher, que andava na obra da tranqueira com as mais companheiras, em lhe dando a triste nova, correo áquella parte com muitas que a seguiram, e achando o amado consorte espedaçado, o alevantou nos braços ajudada de suas amigas, e o levou pera sua casa, onde o chorou com muita honra, enterrando-o logo com grande dor, e tristeza de todos. E acabado o funebre autho, tornou muito segura, e com grande coração á obra da

da tranqueira, que durou toda a noite, que se acabou muito larga, e forte, com o que aquella parte ficou mui segura.

Tanto que amanheceo, foi o Capitão recolher os mortos, e antre elles acháram o bem logrado mancebo D. Fernando de Castro, (que assim lhe podemos chamar,) pois morreo de feição, que mais se lhe póde ter inveja que mágoa; acháram-lhe a cabeça toda pizada. O Capitão com todos os Fidalgos o leváram á Igreja, e todos os mais, onde foram enterrados juntos, tirando D. Fernando, que o puzeram separado dos outros. Muitos dias durou o ruim cheiro dos corpos mortos, e queimados, que ficáram enterrados nas ruinas do baluarte, o que deo a todos muito grande trabalho. Com isto ficou a fortaleza em tal estado, que haviam que se não poderia defender, assim por rota, como por falta de tudo.

E praticando D. João Mascarenhas com os Capitães sobre o que fariam, porque se lhes acabavam as munições, houve alguns de parecer, que tanto que de todo se acabassem, que se encravasse a artilheria, e que sahisses todos aos inimigos, e morressem pelejando com elles em campo, e assim pareceo a todos bem. Com esta resolução determinação se foram remediando o melhor que puderam.



DECADA SEXTA.

LIVRO III.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

Do que aconteceu na viagem a D. Alvaro de Castro até Chaul: e de como Antonio Moniz Barreto, e Garcia Rodrigues de Tavora chegaram a Dio: e do que fez Rumezan.

PARECE razão que continuemos com D. Francisco de Menezes, e com Dom Alvaro de Castro, que no Capitulo VII. do Livro II. deixámos partidos de Goa, que foram seguindo sua viagem com tão grandes tempestades, que cada dia se viam alagados, e perdidos; porque o vento era travessão, e os mares tão alevantados que subiam ás nuvens, e pera lhes pôrem as poppas haviam de arribar pera a terra, onde ficavam arriscados a varar. E encommendando-se a Deos, foram rompendo por todas

das aquellas tempestades, que além de vento rijo, e mates grossos, havia tão grandes chuveiros, e cerrações, que quasi não differençavam o dia da noite. Alguns navios por de todo se verem perdidos foram arribando á terra, e tomáram algumas encaçadas, e rios, os mais foram sua derrota. D. Francisco de Menezes, que era partido diante, chegou a Baçaim alagado, e desapparelhado, onde seu irmão D. Jeronymo de Menezes o reformou, e negociou, e logo se metteo no golfo pera atravessar a Dio; mas achou-o tão feroz, e tempestuoso, que lhe foi forçado tornar a arribar a Baçaim, onde chegou alagado. Alli se deixou ficar pera esperar outra conjunção; mas vendo que o tempo não cessava, e que a fortaleza podia estar em muito trabalho, tornou-se a embarcar, e commetteo outra vez o golfo, que achou como de primeiro, e querendo forçar, o navio se desapparelhou de todo, e tornou a voltar pera Baçaim com tudo alijado ao mar.

Ao outro dia chegou D. Alvaro de Castro com a mór parte dos navios tão destrogados dos mares, e ventos, que lhe foi forçado reformallos, no que se deteve tres dias, e nelles chegou Antonio Moniz Barreto no caravelão das munições, que não passou menor trabalho que todos elles: e

furgindo na barra, o entregou a D. Alvaro de Castro, porque determinava passar a Dio em algum navio pequeno, pera o que se foi a terra fazer prestes. Estando aqui reformando-se, cresceu o tempo de tal maneira, que esteve o caravelão quasi perdido. E porque era a mais importante cousa que hia de soccorro, acudio D. Alvaro de Castro com alguns Capitães, e navios pera lhe valerem. Antonio Moniz Barreto acudindo á praia, achou huma galueta de hum mercador prestes, e esquipada de marinheiros, e embarcando-se nella, foi acudir ao caravelão que estava em perigo, e nenhum navio dos outros lhe podia chegar com vento, e mares; e Antonio Moniz Barreto forçando a galueta que era leve, e andava na bagueira da agua, teve tal ventura que chegou ao caravelão, e o soccorreu, e fazendo-lhe dar traquete, o metteo pera dentro. E vendo que a galueta soffreu tamanhos mares, determinou de passar nella a Dio, e a fretou a seu dono á sua vontade, e se negociou pera ao outro dia se partir em tanto segredo, que não deo conta a pessoa alguma; porque quatro, ou cinco companheiros, que determinava de levar, em casa os tinha, e ao embarcar os levaria consigo, como fez ao outro dia. E estando na praia, chegou Garcia Rodrigues de Tavora,

e vendo-o embarcar, lhe pediu o quizesse levar consigo, do que Antonio Moniz Barreto se escusou com lhe dizer: » Que elle » era hum Fidalgo tão honrado, que se »-chegasse a Dio, haviam todos de dizer » que a galueta era sua, e que elle naquella » honra não queria companheiro.» Garcia Rodrigues de Tavora lhe disse: » Que el- » le não se queria embarcar senão por seu » soldado, e que assim o diria, e lhe da- » ria ainda disso hum assignado cada vez » que lho pedisse.» Com isto lhe não pode Antonio Moniz Barreto negar a embarcação, mettendo-se nella, que não levava outra cousa mais que avila, que he arroz torrado, lanhas, e cocos pera mantimentos, e pera beberem; porque nenhuma outra agua, nem cousa de comer se podia arriscar, nem guardar.

Estando já embarcados, chegou á praia Luiz de Mello de Mendoça, primo de Antonio Moniz Barreto, pera se embarcar com elle; e vendo como a galueta hia pejada, lhe pediu que se passasse a Dio, lha tornasse logo a mandar pera se elle ir nella, e elle lho prometteo.

Indo-se já desamarrando, chegou á borda da praia hum soldado chamado Miguel Darnide, (que depois viveo muitos annos em Lisboa, e ElRey se servio delle,) que

era da obrigação de Antonio Moniz Barreto : este foubé áquella hora que se partia, e bradando por elle, lhe disse : » Pois que » he isso, Senhor, determinais ir a Dio sem » mim? » Antonio Moniz Barreto lhe respondeu, que a galueta era pequena pera elle : e era verdade, porque Miguel de Arvide era tão agigantado, que trazia na cinta hum montante por espada ordinaria. Evendo elle que o não queria recolher, tomou a espingarda na boca, e lançou-se ao mar á galueta, que hia com o cabo solto. Antonio Moniz Barreto vendo aquella honrosa porfia, ainda que hia de largo já, e juntamente sua determinação, voltou a elle, e o recolheo. E sahindo pela barra fóra, deo á véla, e começou atravessar, e a engolfar-se. E entrando naquelle bravo, e empolado golfo, deram naquelles marouços que os comiam. A galueta como era pequena, e leve, faziam os mares della o que queriam. E entrando-a por todas as partes, e quasi cubrindo-a, ella surdio sempre por diante, e foi passando, e furando aquellas medonhas, e temerosas ondas. Neste risco, e trabalho passáram todo aquelle dia, e parte do outro, sem dormirem, nem repousarem toda a noite, e ao segundo á tarde foram a ver vista da terra já perto da fortaleza, que foram demandar, chegando já

já de noite. Antonio Moniz Barreto hia receoso que tivesse acontecido algum desastre á fortaleza ; e indo entrando á barra, disse : » Que ninguem fallasse, até verem se » da fortaleza chamavam por elles. » E disse em segredo a hum soldado muito de sua obrigação , que fosse de proa , e que ao surgir estivesse prestes ; e fazendo-lhe elle hum certo signal , (que lhe deo ,) cortasse o cabo , e mandasse affastar a galueta pera fóra. Indo já dentro , foram surgir junto do caes sem fallarem, nem de cima os verem por ser escuro ; e assim estiveram em silencio pera verem se ouviam alguma cousa , e sentíram fallar os Mouros, que estavam nas estancias á entrada da ponte, e vieram alguns chegando pera a praia , porque já viam a galueta. Antonio Moniz Barreto havendo que era tudo perdido, bradou ao soldado que estava de proa, que cortasse o cabo ; mas o soldado, porque lho elle tinha dito em segredo, e que lhe faria pera isso signal, vendo que lho dizia alto, havendo-o por opinião, lhe respondeo, que o fosse elle cortar.

Outros contáo isto de outra maneira, e dizem que tinha Antonio Moniz Barreto posto aquelle soldado na proa por ser homem de recado, e que presentes todos lhe dissera, que se sentisse Mouros, cortasse o

cabo, e que o soldado bem os sentira; mas que não bullira, pelo que Antonio Moniz Barreto, que estava perto, lhe disse que cortasse o cabo muito passo sem o ouvir alguém, e que o soldado virando pera elle quasi agastado, lhe disse que o cortasse elle; e deixando a proa, se recolhêra pera dentro, dando-lhe a desconfiança de poderem alguma hora dizer, que elle cortára o cabo de medo. E estando nisto, foram sentidos do baluarte de sobre a barra, e bradando as vigias, perguntáram o que era? Ouvindo Antonio Moniz Barreto fallar Portuguezes, se foi chegando á couraça, e se deo a conhecer.

Alguns dizem que ao perguntar de si-ma, respondêra hum homem de proa, que vinha alli Garcia Rodrigues de Tavora, porque era elle de sua obrigação: do que enfadado Antonio Moniz Barreto, estivera pera o arrepelar, bradando então alto: *Sou Antonio Moniz Barreto*; e dando recado ao Capitão, acudio com grande alvoroço á couraça, mandando abrir huma bombardeira por onde os recolheo dentro, levando-os nos braços com grande prazer, e alvoroço de todos, porque alli acudíram todos os Fidalgos, e Cavalleiros aos receber. D. João Mascarenhas perguntou á orelha a Antonio Moniz Barreto por D. Alvaro de Castro, e on-

e onde ficava; ao que lhe respondeo alto, que todos o ouvissem: » D. Alvaro, Senhor, fica com sessenta navios aqui em Madrefaval, e não tardará dous dias.» Estas novas corrêram logo pela fortaleza, que causáram geral alegria em todos. O Capitão recolheo aquelles Fidalgos, e os foi agazalhar, Antonio Moniz Barreto no baluarte S. Thomé, e a Garcia Rodrigues de Tavora no de S. João: e depois de recolhidos, apartou Antonio Moniz Barreto o Capitão, e lhe disse: » Que D. Alvaro de Castro ficava ainda em Baçaim sem poder atravessar por não fazer tempo.»

Ao outro dia, que foram quatorze de Agosto, (quatro dias depois do desastrado successo do baluarte S. João,) despedio Antonio Moniz Barreto a galueta pera vir seu primo Luiz de Mello de Mendouça, em que o Capitão mandou embarcar hum soldado dos da mina, que ficou sem mãos, por quem escreveo a D. Alvaro de Castro, que se apressasse, porque estava em grande aperto, avisando a todos os da galueta, que não dissessem a pessoa alguma da morte de D. Fernando, nem do desastre do baluarte. Este navio atravessou o golfo com muito grande trabalho, e risco, e ao outro dia foi tomar Baçaim, onde logo se souberam as novas de Antonio Moniz Barreto, e

Garcia Rodrigues de Tavora ferem chegados a Dio: com o que todos se alvoroçaram pera commetterem a jornada. E deixaremos os de Baçaim por hum pouco, por continuarmos com as cousas do cerco.

Sabendo Rumecan o grande damno, que as minas fizeram, e da morte do filho do Governador, e de tantos Fidalgos, e Cavalheiros, tornou a mandar plantar a artilleria, que tinha recolhido, nos lugares em que dantes estava, porque sem dúvida houve que tomaria a fortaleza pela pouca gente que lhe ficava, e logo com muita pressa mandou minar o baluarte Sant-Iago, e picar o lanço do muro que hia pera elle, o que tudo se fazia por baixo de ruas, e pontes, sem os nossos os verem, posto que bem ouviam o tom, sem saberem em que parte era.

O Capitão receando-se do cubello de Antonio Paçanha, mandou-lhe fazer por dentro grandes, e fortes reparos, e abrir escutas, pera ouvirem se o minavam. Os Mouros acháram o muro tão forte, que o não puderam romper com picões; o que sabido por Rumecan, mandou trazer muito vinagre, com que molháram o muro, e depois lhe applicáram muito fogo, com o que se começou a desfazer, (como o já Anibal fez aos caminhos dos Alpes, por on-

onde passou,) pelo que se verá, que não faltaram a estes Capitães todos os ardís dos passados, e que não pelejavam os Portuguezes na India com homens nús, e despídos, e tão barbaros como alguns os fazem, se não contra tão grandes Capitães, como foram os Carthaginenses, e contra mais bombardas das com que os Romanos nunca pelejaram. O muro começou a cahir, e no recanto antre o cubello, e o baluarte São Thomé, começaram os Mouros huma mina, que foi sentida dos nossos; o Capitão lhe mandou logo fazer huma contra-mina; e pela banda de dentro foi alevantando hum muro mui grosso, e forte, em cujo trabalho suppríram as famosas mulheres com muito trabalho, zelo, e risco.

CAPITULO II.

De alguns assaltos, que os Mouros deram á fortaleza: e de huns escravos, que della fugiram pera os Mouros: e de como os inimigos ganharam ametade do baluarte Sant-Iago.

Continuando os inimigos na obra das minas, acabáram de as fazer dous dias depois da chegada de Antonio Moniz Barreto; e ao outro, que foram dezeseis de Agosto, querendo-lhe dar o fogo, sahiram

do arraial com suas bandeiras desenroladas, com os terrores, e espantos que das outras vezes, e com aquella rustica desordem remettêram ao baluarte Sant-Iago, como que lhe queriam dar assalto. Os nossos que estavam já prestes, esperáram por elles com muita confiança. Vendo os inimigos o baluarte cheio de gente, tornáram-se a affastar, como o fizeram o dia do baluarte de S. João; e como os nossos estavam já avisados nelle, sahíram-se pera fóra. Os inimigos deram o fogo, e chegando ás minas, achando grande força nos repuxos, que pela banda de dentro estavam feitos, arreventou pera fóra toda a face do muro com mui grande braveza, e foi cahir sobre os mesmos inimigos, ficando mais de trezentos delles espedaçados debaixo das paredes, vafando-se o fogo pelas contra-minas de dentro, sem fazer mais damno, que ficar a fortaleza toda cuberta de hum espesso, e negro fumo.

Os Capitães, Fidalgos, e Cavalleiros, que se tinham affastado, rompendo por aquellas trévas, tornáram-se ao baluarte. Os inimigos tanto que as minas arreventáram, remettêram com o baluarte com todo o poder, e começaram a subir pelas ruinas del-le; mas foram recebidos dos de cima nas pontas das armas, fazendo-os tornar por de-

detrás com as entranhas abertas sobre os seus. Aqui foi a maior, e mais aspera batalha de todas as que houve em todo o cerco; porque como os inimigos estavam derredor do baluarte com mais de vinte mil homens, eram tantos os arremessos sobre os nossos, tanto o fogo, e tantos todos os mais instrumentos de mortes, que cubriam os ares. Tudo o que se via eram labaredas, e trovões; quanto se ouvia gritos, bramidos, prantos, e lastimas dos miseros, que cahiam das mãos dos nossos sobre os seus, abrazados, e feitos pedaços. Os Portuguezes não estavam fóra do damno; porque como o fogo era muito, e os arremessos tão bastos, huns queimados acudiam ás tinhas a se banharem na agua, e outros com as cabeças quebradas, braços, e pernas espedaçadas, sahiam-se a pedir cura, de maneira que em todas as partes havia desaventuras. As honradas matronas não faltaram aqui, porque em todos os assaltos tiveram sempre cuidado de acudirem ao baluarte, e andavam antre os que pelejavam, mettendo-lhes nas mãos panellas de polvora, e dando-lhes todas as mais cousas que eram necessarias, e que se pediam, porque se não tirassem dos seus lugares; tanto que hum cahia, era tirado por ellas, e levado a curar. A boa Isabel Fernandes andava com

humas chuça nas mãos, e com o feio cheio de seus bocadinhos, humas vezes pelejando, outras animando a todos, e aos que via fracos acudia-lhes com seus mimos, mettendo-lhos na boca, dizendo: » Esforçai, » Cavalleiros de Christo, e pelejai por sua » fé, que elle está comvosco. »

Antonio Moniz Barreto, e Garcia Rodrigues de Tavora acudiram áquella parte; e por ser este o primeiro assalto, em que se acharam, se assignaláram tanto, que com as armas banhadas em sangue, e os rostos cheios de pó, e suor, andavam como leões fazendo tal estrago nos inimigos, que lhes fizeram perder aquelle primeiro furor. No cubello de Antonio Paçanha, e nas mais estancias não estiveram ociosos, antes com sua artilheria, e arcabuzaria fizeram por sua parte assás de damno. Os Mouros vendo-se tão maltratados, foram-se affastando pasmados das cousas que viam fazer a tão poucos Portuguezes, porque já a este tempo não havia mais de cento e sincoenta: perdêram os Mouros desta vez duzentos, a fóra os trezentos que as minas lhes matáram. Rumeçan não se sabia determinar, porque quanto mór cabedal mettia, e quantos mais ardís inventava, tanto menos fazia, e tantas móres perdas recebia.

Mojatecan, que havia pouco era che-

gado de soccorro, ficou como assombrado do que vira fazer aos Portuguezes; porque como nunca os vio pelejar, tinha delles mui differente opinião. Rumezan já não sabia que fizesse, e encommendou aos Mestres de Campo, que batessem a Igreja da fortaleza, (que parecia de fóra por estar no mais alto della,) por cuidar que nisso faria grande offensa á nossa Religião, e que causaria grande mágoa nos nossos, e assim foi em poucos dias arrazada, e posta por terra. Estava neste tempo a fortaleza tão destroçada por todas as partes, que quem de fóra a via, parecia que se não poderia defender, nem sustentar a hum muito pequeno poder, quanto mais a tamanho exercito, a tão potente artilheria, e a tantos outros instrumentos de guerra, porque nem tinha muros, nem cousa, que pudesse amparar os de dentro, mais que os seus valorosos peitos, que todos apresentáram ás furiosas bombardas, e ás muitas, e mui aniudadas espingardas, e áquellas espessas nuvens de fréchas, e labaredas de polvora, que cahiam sobre todos, e assim se podia dizer por estes o que Agisilao pelos Lacedemonios, que suas Cidades não tinham outros muros, mais que os peitos dos seus Cidadãos.

Estando as cousas neste bem ruim estado, fugiram da fortaleza tres escravos, que

foram levados a Rumeçan, e delles soube a miseria dos Portuguezes, e da fortaleza, e tudo o mais que até então era succedido, affirmando que não havia já mais de sessenta homens sãos, que pudessem tomar armas, porque os pouco mais que havia, estavam feridos, e doentes. Sabendo Rumeçan aquillo, mandou aos Capitães, que se fizessem prestes pera ao outro dia darem hum grande assalto á fortaleza. E assim tanto que amanhecco, sahíram de suas estancias com seus instrumentos confusos, e desordenados, e remettêram com o baluarte São Thomé, começando huns a subir pelas ruínas d'elle, e outros por escadas; mas os primeiros que chegaram assima, pagáram logo seu atrevimento com as vidas, achando tal resistencia nos de dentro, e recebendo delles tanto damno, que houve Rumeçan, que os escravos o enganáram, porque não parecia que pelejavam com sessenta, senão com seiscentos. Luiz de Sousa Capitão daquelle baluarte, Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Pedro, e D. Francisco de Almeida, que alli acudíram, e outros Fidalgos, e Cavalheiros, mostráram aos inimigos o preço, e valor de suas pessoas, assignalando-se Miguel Darnide antre todos. Em fim foi o estrago tal nos inimigos, que tocou Rumeçan

can a recolher, e affastado pera fóra, foi commetter a tranqueira do baluarte S. João, cuidando que estivesse vazia; mas não foi assim, porque a acháram tão forte, e bem guarneçada de Cavalleiros, que em mui breve espaço de tempo os defenganáram com mortes de muitos.

O Capitão em todas estas cousas sempre se achou muito alegre, e contente, por dar animo aos seus, provendo, e governando tudo com muita prudencia, e conselho. Vendo Rumezan quão mal lhe succedia tudo, recolheo-se a suas estancias mui anojado, e triste, mandando logo fazer na parede, que dividia o exercito da fortaleza, muitas seteiras, por onde a sua arcabuzaria começou a laborar, tratando muito mal os nossos, porque estavam desabrigados, e tornou a mandar bater a cisterna com o quartáo, em que lançáram muitos pelouros. Está esta cisterna á entrada de huma rua, que chamam a cova, que foi a cava antiga dos Mouros, onde se recolhia toda a gente inutil, e as mulheres solteiras. Fazem-se nesta parte duas ruas de casinhas pequenas, e não tem mais que a serventia pela boca da rua, onde está a cisterna, que pela outra parte he muito alta. Nesta rua cahiam muitos pelouros, que matavam alguma gente daquella. O Capitão açudio alli,

e mandou fazer no topo da rua huma tranqueira alta de vigas pera reparo dos pelouros, que todos entravam pela boca da covoa, e mandou furar as casas por dentro pera se servirem resguardados dos pelouros.

Vendo Rumeçan que todavia as minas sempre faziam damno, mandou fazer outras no baluarte Sant-Iago, que foram sentidas dos de dentro, mandando logo o Capitão ordenar suas contraminas, e hum muito forte repuxo, de feição, que quando os inimigos lhes derão fogo, achou tão grande resistencia, que deo com parte do baluarte pera a banda de fóra, que cahio sobre os Mouros, e matou muitos, sem dos nossos perigar hum só; e quiz Deos que ficou o muro são sem receber damno. Os Mouros ao arrebentar da mina, remettêram com o baluarte com huma grita, e alaridos, que parecia que se desfazia o mundo, e subindo pelas partes derribadas, o entraram, arvorando logo em cima delle suas bandeiras, e guiões, rodeando-as de huma boa cópia de espingardeiros, que dalli varejavam pera dentro da fortaleza, com o que deram mui grande trabalho aos nossos. Dalli se descêram ao muro, e foram até a casa do Apostolo Sant-Iago, que estava encostada ao mesmo baluarte, onde os nossos acudíram, mettendo-se nos altos da casa, e af-

assim ficou o baluarte, e a casa, á metade dos Mouros, e a outra dos Portuguezes, antre quem se travou huma muito aspera batalha, que durou todo o dia.

Tanto que anoiteceo, mandou o Capitão fazer huma grossa parede antre huns, e outros, o que se fez sempre com as armas nas mãos, no que gastáram toda a noite sem repousarem. Acabada a obra, que foi pela manhã, mandou o Capitão pôr hum camello grande á porta da Igreja, que ficava sobre o alto, e descobria a parte que os inimigos tinham do baluarte, e dalli os mandou varejar, e foi o negocio de feição, que fez nelles mui grande estrago. Neste conflicto passáram os nossos muito trabalho por serem poucos, e terem muitas partes a que acudir; mas sempre Deos os favoreceo, com dar a todos novo animo, e forças para acudirem a tudo. Os soldados, que estavam no alto da Igreja de Sant-Iago, como sempre pelejavam em huma roda viva, ás vezes lançavam os inimigos fóra do que tinham ganhado, e outras se tornavam a recolher: nisto passáram dous dias, em que todos os da fortaleza pelejáram muito bem, fortificando cada vez mais a parede, que estava no meio de huns, e de outros, porque tudo o mais estava seguro com as grossas paredes que o Capitão tinha feitas pela

banda de dentro. Rumeçan tambem se fortificou sobre o entulho do baluarte que arrebentou, mandando fazer alguns valos, e tranqueiras pera se segurar nelles. O que tudo se fez sem os nossos lho poderem defender, posto que lhes custou as vidas a muitos.

C A P I T U L O III.

Dos soccorros que partíram de Baçaim: e do que acontecco a Luiz de Mello de Mendoça, e aos mais até chegarem a Dio: e do grande assalto que os Mouros deram, em que ganháram parte de todos os baluartes.

CHegada a galueta, em que Antonio Moniz Barreto, e Garcia Rodrigues de Tavora partíram de Baçaim pera Dio, ao outro dia, que foram quatorze de Agosto, se embarcou nella Luiz de Mello de Mendoça com nove companheiros, e apôs elle tambem D. Jorge, e D. Duarte de Menezes, ambos em hum catur com dezefete soldados, e D. Antonio de Taíde, e Francisco Guilherme, cada hum delles em seu navio com quinze companheiros, e deram á véla huns apôs os outros, ficando D. Alvaro com os mais navios negociando-se pera partir ao outro dia. Luiz de Mello de Men-

Mendoça tanto que se foi engolfando, como a galneta era pequena, e estroçada, e os mares soberbissimos, começou-se a alargar por ambos os bordos, porque o tempo era o mais cruel que podia ser: os marinheiros começaram a defacoraçoar, e ainda os soldados; mas nada Luiz de Mello de Mendoça, que com muito animo acudia ás cousas necessarias, entregando o leme a hum homem de muito recado, e a escota, e mais aparelhos a outros de mais confiança. O tempo era tão grosso que o mar parecia que fervia, e que debaixo das ondas sahiam labaredas de fogo. De cima não tinham menos perigo, porque tambem parecia que as cataratas do Ceo queriam fazer outro segundo diluvio, e com isso eram tão grandes, e espantosos os fuzis, e relampagos, que pasmavam todos. Os soldados pediram a Luiz de Mello de Mendoça, que quizesse arribar, porque parecia que os elementos todos estavam conjurados em seu damno, e que era temeridade querer ir contra a ira de Deos; porque segundo havia necessidade de homens em Dio, melhor era pouparem-se pera outra conjunção, que deixarem-se morrer por teima. Luiz de Mello de Mendoça muito seguro, e sem mostras de algum receio, os esforçou, e animou, dizendo-lhes:

» Esforçados companheiros, não vos es-
 » pantem estas carrancas, porque alguma
 » cousa he necessario que sofframos pera
 » chegarmos a soccorrer a fortaleza d'El-
 » Rey. A honra não se ganha sem riscos,
 » e perigos, com tempo quieto, e brando
 » pouco havia que nos agradecer. Esta he
 » a mesma galueta, em que meu primo An-
 » tonio Moniz Barreto passou este mesmo
 » golfo, e estas mesmas tempestades, pois
 » nós que menos temos que elle, que não
 » passemos por onde o elle fez? e ainda
 » que não fora pela honra, que pertendemos
 » ganhar, só pela infamia, em que cahire-
 » mos, vendo-nos arribar de medo, nos
 » haviamos de arriscar a mores perigos: an-
 » dar por diante, e vá Deos conosco,
 » que elle nos encaminhará.»

Todavia, como a galueta era muito pe-
 quena, e os mares tão soberbos, e gran-
 des, deixando-se vencer delles, ficou ador-
 nada, e quasi submergida. Luiz de Mello
 de Mendoça acudio com os companheiros
 aos baldes, com que começaram a lançar
 a agua fóra, não largando os homens o
 leme, e a escota: e quiz Deos que tornou
 a surdir a galueta, indo todos aos baldes,
 deitando a agua ao mar com grandissimo
 trabalho; porque se a lançavam por hum
 bordo, tornava-lhes a entrar por todos.

Vendo os soldados hum tamanho perigo, requerêram a Luiz de Mello de Mendoça que arribassem; mas elle dissimulou, mandando-lhes que trabalhassem. Vendo elles tamanha contumacia, fallaram-se em segredo huns com os outros, e determináram de lho fazer por força.

Disto foi elle avisado por hum Gomes de Quadros de sua obrigação, e dissimulando se foi ás armas, e as tomou todas, e as metteo em hum pequeno paiol, e posto em cima delle com huma espada nua na mão, disse com grande colera.

» Ninguem seja ousado de fallar em ar-
 » ribarmos, porque eu ou hei de morrer,
 » ou hei de chegar a soccorrer a fortaleza
 » d'ElRey, por isso cada hum trabalhe por
 » se segurar, e não temer, que Deos irá
 » comnosco: e folgai todos de passardes
 » comigo a ventura que eu passar, pois
 » não tendes que perder mais que eu; e se
 » passardes riscos, e perigos, os Portugue-
 » zes assim servem o seu Rey, e pera ven-
 » cerem todos os trabalhos nascêram: por
 » isso não sejamos fós os que nos deixemos
 » vencer delles, acuda cada hum ao que
 » lhe he encommendado, e vamos por
 » diante.»

Com isto se caláram todos, e forão tra-
 ballhando com os baldes todo o dia, e to-

da a noite. Ao outro dia já sobre a tarde, navegando sempre por baixo da agua, chegaram a haver vista da fortaleza.

Cessem aqui os encarecimentos das navegações de Ulysses, e de Eneas, que aquellos famosos Poetas Homero, e Virgilio tanto celebráram em versos suaves, e brandos, que isto que assim toscamente escrevemos destes nossos Portuguezes passa por tudo quanto elles fabuláram.

Tanto que os da galueta víram a fortaleza, assim se alegráram como homens, que resuscitáram, e demandando a barra, entráram por ella com grande risco, e perigo, e foram surgir á couraça, por onde foram recolhidos dentro, e recebidos do Capitão, e de todos os mais com muito grande alvoroço. Luiz de Mello de Mendouça affirmou ao Capitão, que D. Alvaro de Castro teria já dado á véla, e que não tardaria dous dias. Foi este Fidalgo com seus soldados posto no baluarte Sant-Iago, de que os inimigos tinham ganhado a maior parte. Ao outro dia, que foram vinte do mez de Agosto, chegaram D. Jorge, e D. Duarte de Menezes, (que não passáram muitos riscos, e trabalhos, que Luiz de Mello de Mendouça,) que foram recebidos com grande alegria de todos, e aposentados no mesmo baluarte.

Com a vinda destes tres Fidalgos ficaram os da fortaleza mais desalivados. O Capitão desejou de festejar os novos hospedes, porque lhes sentio desejo de provarem a mão com os inimigos, e quiz que ao dia seguinte commettessem lançallos fóra do baluarte, e pera isto deo recado a todos, pera que estivessem prestes, querendo-se tambem elle achar em pessoa naquelle negocio. Tanto que amanheceo, se foi D. João Mascarenhas ao baluarte com alguns companheiros, que dos outros escolheo, e com todos os mais, que nelle estavam, commetteo os Mouros com tão grande determinação, que com morte de muitos delles lhes ganhou os valos, que tinham feitos, e os lançou fóra. Rumecan teve logo aviso daquelle negocio, e acudio alli com todo o poder, e tornou a cavalgar a estancia, sobre que houve fazerem-se cousas notaveis, e muitas mortes dos inimigos, que tudo faziam á custa das vidas dos seus.

Rumecan tanto que tornou a ganhar aquella parte, deo hum geral assalto á fortaleza, commettendo todas as estancias, que lhe foram defendidas com o valor, e esforço acostumado, fazendo os nossos que tinham chegado de refresco, cousas muito pera se escreverem, e imitarem. Estando este negocio da batalha na força do maior con-

flicto, se começou a escurecer o Sol, e se cubrir o ar de nuvens mui grossas, e espessas, que se desfizeram em grandes chuviscos sobre a fortaleza. Vendo os Mouros aquella terrivel trovoada, e que por causa da agua lhes não podia empecer o fogo dos nossos, (que era o que elles mais receavam,) remettêram mui determinadamente com os baluartes pera os ganharem; mas os Portuguezes á espada, e lança lhes tiveram o encontro com muito valor, matando, e espedaçando muitos.

D. Duarte, D. Jorge de Menezes, Dom Francisco de Almeida, Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, e outros Fidalgos, e Cavalleiros fizeram tão altas proezas, que muitos dos inimigos deixavam de pelear pelos verem. O Capitão correndo todas as partes, e deixando-as providas, acudio ao baluarte Sant-Iago, que estava em mór trabalho, e mettendo-se entre todos, animando-os, e esforçando-os, pelejou hum espaço grande, em que os nossos apertáram tanto com os inimigos, que os fizeram afloxar. D. João Mascarenhas não lhe consentindo o coração, nem a obrigação de seu officio deter-se alli muito, fazendo suas lembranças áquelles Fidalgos, e Cavalleiros, tornou a correr as mais estancias pera ver com o olho tudo, e pro-

ver no de que houvesse necessidade, e em todas achou a batalha muito travada. A fortaleza toda em roda se desfazia em gritos, alaridos, golpes, e estrondos de instrumentos, em fim que tudo era confusão. Durou este conflicto (que foi o maior de todos os em que aquelles cercados se víram) seis horas, até que o tempo começou a abrir, e o Sol tornou a apparecer.

Os Portuguezes tornáram-se aproveitar das panellas de polvora, ou das telhas, com que fizeram huma grande, e espantosa destruição nos inimigos, que por honra sustentavam os lugares á custa das vidas, até que de todo anoiteceo, que se recolhêram. Ficáram de esta feita mortos aos pés dos baluartes quatrocentos, a fóra mais de mil, que foram feridos, e da nossa parte morrêram alguns, que haviam de ser sem nome, porque não lhos achámos. Esta noite passaram todos os da fortaleza com grande vigia; ao outro dia em amanhecendo entráram pela barra os navios de D. Antonio de Taíde, e Francisco Guilherme, que rompendo a braveza, a força, e impeto dos mares, e ventos, alagados muitas vezes passáram sempre adiante, até descobrirem as torres da fortaleza, que foi pera todos causa de grande alvoroço. Foram estes Fidalgos recolhidos pela couraça, e postos nos

baluartes S. João, e S. Thomé; e affirmáram que ao outro dia sería alli D. Alvaro de Castro, com o que mostráram por cima dos muros grandes signaes de alegria, tãgendo, e foliando, cousa que os mais dos dias faziam acabados os assaltos pera se alegrarem, e alentarem.

C A P I T U L O IV.

De outros assaltos, que os Mouros deram á fortaleza: e de hum muito arriscado feito, que commetteo Antonio Correia por tomar huma espia, em que foi cativo: e do grande, e aspero martyrio que recebeo.

VEndo Rumecan que começavam a chegar os soccorros da India, e que em todo o inverno não tinha feito cousa alguma, estando a fortaleza arrazada, e com rão pouca gente, e que tinha perdido perto de sinco mil homens, começaram-no a entrar mui grandes desconfianças daquelle negocio, porque bem entendeo que como fosse tempo melhor, haviam de vir muitos soccorros, e ainda a pessoa do Governador; e que como elle chegasse, não se havia de deixar estar cercado, antes o havia de ir buscar a suas estancias. Causavam-lhes estes discursos muito grande melancolia, e tristeza,

za, que elle dissimulava o melhor que podia, pelos seus o não entenderem, e não se lhe irem; e todavia parecendo-lhe que era obrigação proseguir naquelle negocio, mandou fazer huma grande mina no lanço do muro, que hia do baluarte S. João até a guarita de Antonio Paçanha, e começando-se a obra, foi sentida dos nossos. O Capitão acudio com muita pressa a fazer suas contraminas, e reparios, e outro muro muito grosso pela banda de dentro, em que trabalhavam todos os Fidalgos, e Cavalheiros, de mistura com as honradas matronas.

Os Mouros, acabada a mina, deram-lhe fogo, e arrebrandando deo com o muro pera fóra, ficando o que estava feito pela banda de dentro; e ao dar do fogo remetteram pera entrar á fortaleza por alli, cuidando ficasse tudo aberto; mas achando-se com outro muro diante, voltáram com todo o poder pera a guarita de Antonio Paçanha, que com a furia do fogo cahio hum bom pedaço; e posto que accommetteo bravissimamente, fez pouco, porque os nossos lhe defendêram de feição, que com grande damno seu os fez affastar. Em quanto isto durou, das estancias dos inimigos batêram toda a fortaleza em roda; e como todos os baluartes estavam razos, cahíram tantos pelouros dentro, que parecia que choviam,

fem fazerem damno algum nos nossos, o que se notou a milagre, havendo que Deos os favorecia, e tinha os olhos nelles, e assim se lhes encommendaram de coração, e andavam todos tão contritos, e arrependidos de seus peccados, que era grande consolação pera elles.

Este dia ficou isto assim, recolhendo-se os inimigos também arrefoadamente escalavrados. Rumecan blasfemava de Mafamede, vendo tantos máos successos, e como desesperado tornou ao outro dia commetter a fortaleza com todo o poder, fazendo-o elle em pessoa ao baluarte S. Thomé, tendo dado recado, que em quanto elle o commettia, se batessem as outras estancias, como fizeram. Os inimigos remettêram com o baluarte com grande determinação, travando-se entre elles, e nossos huma mui aspera batalha, em que elles não receavam perder as vidas, porque como brutos se mettiã pelas armas dos nossos. E tanto porfiaram, que subíram ao baluarte, e tornaram a ganhar aquella parte, que já tiveram, onde arvoráram suas bandeiras. Dalli começaram com os nossos a mais aspera, e cruel batalha que se vio, lançando os Mouros tanto fogo sobre os de dentro, que os abrazáram a todos.

Antonio Moniz Barreto, que aqui fez gran-

grandes maravilhas, ficou todo ardendo em chammas sem largar o lugar, (o que todos fizeram pera se irem banhar nas tinas da agua,) não ficando alli mais que elle, e dous soldados; que pelejaram como leões; e todavia apertou tanto o fogo com Antonio Moniz Barreto, que se foi sahindo pera ir buscar as tinas da agua. Hum daquelles soldados, que tambem estava abrazado, fazendo façanhas nunca imaginadas, vendo affastar-se Antonio Moniz Barreto, tomou-o por hum braço, dizendo-lhe: » Que he isto, senhor Antonio Moniz, aonde ides, » e deixais o baluarte d'ElRey? Não deixes, respondeo elle; mas estou ardendo vivo, e vou áquellas tinas pera matar este fogo. O soldado lhe disse: Em quanto as mãos estão fias, e podem pelear, tudo o outro he nada: tornai, Senhor, a voltar, não acabem os Mouros de ganhar este baluarte.» Antonio Moniz Barreto vendo o esforço do soldado, voltou, e se poz junto d'elle, tornando a pelear, como se entrára de novo naquelle lugar.

Aqui esteve a cousa de todo perdida; porque os inimigos, que a cada momento eram cevados de outros de refresco, apertaram tanto com esses poucos, que havia no baluarte, que sempre acontecêra hum grande defastre, se áquella hora não acu-

díram alguns dos nossos de refresco, que apertáram com os inimigos de feição, que os lançáram fóra, fazendo aquelles dous soldados, a que não achámos os nomes, taes cousas, que pasmou Antonio Moniz, principalmente aquelle que o deteve, a quem elle levou nos braços depois do combate passado, dizendo-lhe palavras de grandes louvores, pedindo-lhe: » Que quando se » elle embarcasse pera o Reino, se fosse com » elle, que o apresentaria a ElRey, e lhe » diria seus feitos, e o faria despachar »: e assim foi, que quando Antonio Moniz Barreto chegou ao Reino, o desembarcou consigo, e o entregou ao Infante D. Luiz, contando-lhe tudo o que com elle lhe acontecera. O Infante o tomou por seu, e lhe fez dar a feitoria de Baçaim, que elle não servio por morrer primeiro, e ficou sempre conhecido pelo soldado do fogo.

O que se mais louva em Antonio Moniz Barreto, foi a confiança com que contou a ElRey, e ao Infante, o como o soldado o fizera tornar pera o baluarte, indo elle buscar as tinas da agua, e que sem dár vida o baluarte se perdêra, se o soldado não fora. E com este homem ser por isto digno de outro tão honroso sobrenome, como os Romanos deram a Manlio Capitolino por defender o Capitolio aos Gallos, foi

foi o descuido Portuguez tal, que nem nome, nem sobrenome ficou delle.

E tornando á nossa historia: lançados os Mouros do baluarte, ficáram no entulho de fóra, detrás dos reparos que tinham feitos, e dalli ás lançadas, e espingardadas pelevavam com os nossos todo o dia, sem tomar descanso. O Capitão mandou reparar o baluarte, e fazer huma parede alta, e grossa, com que os nossos ficáram mais seguros.

Ao outro dia, depois que isto passou, mandou o Capitão a Antonio Correia que fosse em hum catur ligeiro á outra banda, e que trabalhasse por tomar alguma espia pera se informar do que determinava Rumecan. Embarcado Antonio Correia no quarto da modorra com vinte soldados, passou-se á outra banda em grande silencio, e chegou-se á terra pera ver se sentia alguma gente, onde estiveram até de madrugada, que se recolhêram sem fazer cousa alguma, e por esta maneira foram cinco noites, sem fazer preza alguma, do que Antonio Correia andava triste. E dizendo-lhe humas vias de hum dos baluartes da fortaleza, que viam todas as noites hum fogo no cabo da Ilha, determinou de ir ver o que era. E sahindo-se pela barra fóra, foi costeando-se a terra no mór silencio que pode, e che-

gando áquella parte vio o fogo , e pondo a proa em terra hum pouco desviado , saltou nella só com huma espada , e rodella , e foi muito encubertamente demandar o fogo ; e sendo perto , vio estar doze Mouros assentados derredor de huma fogucira aqueitando-se , o que muito bem pode divisar , porque a labareda os descubria todos , e voltando pera o catur , chamou os soldados , e tornou pera dar nelles , e chegando perto víram ainda os Mouros. Antonio Correia disse aos companheiros muito passo :

» Aqui temos boa preza , vamos por duas
 » partes , dez por cada huma , e demos
 » nelles de subito , e tomemos dous ás mãos ,
 » e todos os mais se mettam á espada. » Os
 » vis soldados tanto que aquillo víram , perdêram o animo , e a vergonha , e disseram :

» Que aquelle negocio era muito arriscado ,
 » que elles não queriam commetter cousa
 » duvidosa , porque pela ventura seriam os
 » Mouros muitos mais , que estariam por
 » ahi derredor que acudiriam , e nenhum
 » delles escaparia com vida » e sem esperarem razão alguma voltáram pera o navio.

Vendo Antonio Correia tamanha infamia , e covardia em Portuguezes , cousa tão alheia delles , magoado daquelle negocio , que lhe accrescentou a ira , e furor , encomendou-se a Deos , e determinou de com-

metter os Mouros. E indo-os demandar mui agachado, sendo já perto, deo de subito nos que alcançou com grandes gritos pera os espantar, e ferio alguns bem á sua vontade. Os Mouros sobrefaltados espertando-os a dor das feridas, leváram das armas, e começaram de se defender; e vendo que era hum só homem, ficáram como pasmados, e rodeando-o o começaram a perseguir; mas o esforçado cavalleiro não desmaiando, nem temendo cousa alguma, com sua espada, e rodella se poz em defensão, saltando a huma, e a outra parte mui ligeiramente, ferindo aos inimigos de feridas mortaes. Mas como era hum só, e a briga durou muito, começaram-lhe a faltar as forças, e sobejando-lhe o animo, os Mouros sentindo-o enfraquecer, remettêram a elle, e oliáram todos, bracejando elle, mordendo, e fazendo cousas, de que os Mouros pasmáram. E como desejavam de o levar vivo a Rumecan, o atáram, ainda que com bem de trabalho, e com grandes tangeres, e festas o leváram á Cidade, e lho apresentáram, contando-lhe as façanhas que lhe víram fazer, mostrando os mais delles muitas, e mui disformes cutilladas que lhes elle deo.

Rumecan o estimou muito, e lhe perguntou pelo estado da fortaleza, e que gente

te tinha , e se se esperava cedo pelo soccorro de Baçaim , e se havia novas de se o Governador fazer presles pera vir soccorrer a fortaleza , e por outras muitas cousas. Antonio Correia lhe respondeo a tudo muito differente do que o Mouro desejava , affirmando-lhe , que na fortaleza havia quatrocentos homens , e que tinham de refresco muitas munições , e que até o outro dia se esperava pelo filho do Governador , que já era partido de Baçaim com seiscentos homens , e que o Governador em Goa fazia huma grande Armada , e que esperava pelas náos do Reino pera se embarcar , e que sempre traria de vantagem de quatro mil Portuguezes , e outras cousas desta sorte , de que Rumeçan ficou tão agastado , que o mandou amarrar ao cabo de hum cavallo , e tanto que amanheceo , o mandou levar arrastando pela Cidade , pera que todos o vissem , e depois lhe mandou cortar a cabeça.

Todos estes martyrios soffreo o Cavalheiro de Christo com grande paciencia , e com o coração todo em Deos , pedindo-lhe misericordia , e perdão de seus peccados , offercendo-lhe por elles aquelles tormentos , e morte , que por honra de sua santa Fé passava. E de crer he que sua alma subiria banhada no quente sangue a gozar

zar da gloriosa coroa de martyrio, e seria recebida antre os bemaventurados. Sua cabeça foi posta em huma lança defronte dos nossos baluartes S. João, e S. Thomé, onde foi vista tanto que amanheceo. Os vís, e fracos soldados que o deixáram se foram metter no navio; e esperando por elle até amanhecer, vendo que tardava, deram á véla pera a fortaleza, aonde chegáram ao mesmo tempo que a cabeça do seu valente, e esforçado Capitão apparecia posta na lança, acompanhada daquella infernal turba, que com vozes, gritas, e tangeres mostravam o contentamento daquella vitoria.

A cabeça foi logo conhecida dos baluartes, e causou em todos huma grande tristeza, principalmente no Capitão, por perder hum tal, e tão esforçado companheiro nos trabalhos daquella fortaleza. O navio chegou á couraça, e os soldados se recolhêram dentro, de quem o Capitão soube logo a verdade, particularmente de hum delles, que lha confessou assim como passára, ficando admirado de tal successo, porque aquelles homens em todo o decurso do cerco tinham feito façanhas, e recebido por muitas vezes muitas feridas: e todavia não os quiz ver, porque o tempo não estava pera proceder em outra fórma contra elles, deixando-lhes por castigo a infamia com que

ficáram , que elles purgáram affás bem depois nos affaltos , assignalando-se diante de todos , e morrendo alguns de muitas feridas , que lhes deram nos lugares , em que estavam , sem os quererem largar.

C A P I T U L O V.

De algumas cousas , que mais succedêram : e do que aconteceu na viagem a D. Alvaro de Castro : e de hum grande motim , que houve dos Portuguezes contra o Capitão.

D Este successo de Antonio Correia ficáram os Mouros tão soberbos , que se arriscáram alguns a fazerem sortes , como foi hum que ao outro dia determinou de tomar huma bandeira , que estava arvorada em huma guarita , que se fazia antre o baluarte S. Thomé , e Sant-Iago ; e sahindo das estancias só , e muito agachado , chegou ao pé da guarita , e subio pelas quebradas do muro , e chegou até a bandeira , de que ferrou sem a poder arrancar , e tornou a saltar em baixo , e se recolheu. Como isto foi subitamente feito , não tiveram os nossos tempo pera lhe atirarem com alguma cousa. O Mouro vendo o pouco risco que correo , deseioso de levar aquella bandeira a Rumecan , tornou a commetter

a mesma sorte , e já não pode ser tão encuberto , que não fosse visto de alguns soldados de hum daquelles baluartes ; e vendo-o commetter a subida , preparáram as espingardas , e com elle pegando da bandeira lhe deo hum pelouro pelos peitos de que logo cahio , e acudindo alguns daquelles soldados , lhe cortáram a cabeça , e a arvoráram em huma lança defronte donde estava a de Antonio Correia , o que Rumecan sentio muito. Os Mouros , que estavam no entulho do baluarte S. Thomé , foram fazendo muros , e reparios , cada vez mais pera dentro , até se fazerem senhores da mór parte delle ; e sempre o ganháram todo , se o Capitão com sua muita prudencia , e providencia não acudira logo com hum bazalisco , que mandou levar á porta da Igreja , donde se descubria todo o baluarte , e dali mandou bater as estancias , e tranqueiras , que os Mouros tinham nelle. O que se fez com tanta braveza , que com poucos tiros lhes puzeram as paredes por terra , desamparando os Mouros o baluarte , que o Capitão mandou reformar o melhor que pode ser.

E deixaremos estas cousas por hum pouco , porque he razão tornemos a D. Alvaro de Castro , que depois de reformar sua Armada muito bem , logo dahi a dous dias ,

depois que partíram D. Jorge, e D. Duarte de Menezes, deo elle á véla com cincoenta navios, que ajuntou com os das fortalezas de Chaul, e Baçaim, e começou a atravessar o golfo; mas como a braveza delle não cessava, e os navios eram grandes, e peçados, não podendo soffrer os mares, tornáram a arribar em poppa quasi perdidos, e alagados, e foram demandar diferentes postos; D. Alvaro com a mór parte dos navios foi ferrar Agaçaim com todos desapparelhados, e os mantimentos podres, e alijados ao mar. Estava por Capitão naquella Tanadaria Luiz Xira Lobo, homem Fidalgo, que com muita presteza, e diligencia reformou os navios, e os proveo de todas as cousas necessarias.

Antre os mais navios, que foram correndo tormenta pera diferentes partes, foi o de que era Capitão Athanasio Freire; este indo demandar a terra, foi-se mettendo na enxada de Cambaia quasi alagado, e desapparelhado, e em estado que se assentou antre todos, que varassem na primeira terra que pudessem tomar, porque era menos mal, que deixarem-se morrer affogados, e assim foram encalhar junto de Surrate; e sabendo todos em terra, foram cativos da gente que acudio, e levados a ElRey Sol-tão Mahamude, que os mandou metter em

pendo por riscos, e por perigos, foram lhad^a ver vista da outra costa por junto de Madrefaval, e juntamente houveram vista de huma náó d'ElRey de Cambaya, que vinha de Ormuz. D. Alvaro de Castro poz os navios em armas, e a foi demandar, e chegando perto lhe atirou huma bombardada a amainar, o que ella logo fez conhecida no salvo conduto que trazia, porque tinha partido em tempo de paz com elle. O Capitão da náó tomou o cartaz, e se embarcou com os officiaes no batel, e se foi ao navio do Capitão mór; elle como os teve dentro, os reprezou, e mandou metter gente na náó, e que lhe levasssem todos os mercadores, que logo se mettêram em ferros. Feito isto, despedio logo D. Alvaro de Castro a náó ao Governador pera determinar se era de preza, e metteo-lhe dentro hum Capitão com gente. Esta náó em poucos dias foi tomar a barra de Goa, e os mercadores foram desembarcados prezos, e a fazenda tirada, que era muito coral, alcatifas, chamalotes, larins, e outras coufas, que tudo montaria perto de trinta e cinco mil pardãos, o que tudo foi a muito bom tempo pera as despezas da Armada, que se estava fazendo prestes.

D. Alvaro de Castro tanto que despedio a náó, foi sua derrota até tomar a barra

ra de Dio , por onde entrou com toda a Armada , que passava de quarenta navios formosissimamente embandeirados , dando huma soberba salva de artilheria , cujos pelouros foram dar nas estancias dos Mouros , e por dentro da Cidade , onde causáram affás de temor. Da fortaleza lhe respondêram com outra salva mais temerosa por ser com bazaliscos , aguias , salvagens , e outras pedras muito grossas. D. João Mascarenhas acudio com grande alvoroço á porta , e a mandou abrir pera por ella receber D. Alvaro de Castro , que desembarcou no caes , armado elle , e todos os da Armada , que seriam perto de quatrocentos homens , e á porta da fortaleza foi recebido do Capitão com grandes festas , e alvoroços de todos. Dalli foi levado ás ruinas do baluarte São João , onde seu irmão D. Fernando de Castro acabou a vida , pera que nelle tomasse della mui grande satisfação , e alli o appointáram com alguns dos seus Capitães. Dom Francisco de Menezes foi posto no baluarte S. Thomé , de que sempre foi Capitão Luiz de Sousa , e os mais Capitães se repartiram pelas outras estancias. D. Alvaro de Castro mandou desembarcar os mantimentos , e munições , que nos navios vinham , de que já havia bem de necessidade , e com isto ficou a fortaleza muito dif-

ferente do estado em que dantes estava, e com muito perto de seiscentos homens, que já enchiam os baluartes, e estancias.

D. Alvaro de Castro o mesmo dia que chegou, despedio o seu navio com cartas ao Governador, em que lhe dava conta de sua chegada, e do estado, em que achou aquella fortaleza, e D. João Mascarenhas o fez tambem de todos os successos passados até então. Vendo-se o Capitão tão prospero de gente, dava-se-lhe pouco já dos inimigos, e quiz-lhes mostrar quão cedo os havia de defenganar de todo, mandando logo affestar tres camellos de marca maior em tres estancias fronteiras ás dos inimigos, e as mandou bater fortemente, e fez nellas tal estrago, que foi forçado a Rumezan fortificar-se mais.

E porque nas ruinas do baluarte São Thomé ficou hum façanhoso bazalisco enterrado, tratou o Capitão de o tirar, pera o que mandou ordenar cabrestantes, e engenhos; mas nada bastou por muito que todos trabalháram. E vendo que era trabalho em vão, mandou-o liar com dous viradores grossos pera o segurarem dos inimigos; mas nem isto aproveitou, porque os inimigos servindo-se por baixo das ruas, e pontes, determináram de acabar de derribar aquelle baluarte, e assim o foram solapando

do pelos fundamentos, até que arrunhou de todo, e cahio pera muitas partes, ficando o bazalisco suspendido nos viradores. Isto succedco quatro dias depois da chegada de D. Alvaro de Castro. Vendo os Mouros todo o baluarte derribado, e o bazalisco dependurado, determináram de o ganhar, e assim sahindo de suas estancias com todo o poder, e com os terremotos acostumados, remettêram com o baluarte por onde começáram a subir, e outros a dar cabos ao bazalisco, porque tirava muita gente pera o levarem. D. Francisco de Menezes, que alli estava de refresco, acudio com os seus, e remettendo com os inimigos, travou com elles huma muito arriscada batalha, trabalhando muito os Mouros por se pôrem em cima do baluarte; mas como os nossos pelejavam já mais desaffogado, e com mais brio pelo novo foccorro, foi-lhes muito facil lançarem os inimigos fóra do baluarte, e os fizeram recolher a suas estancias com mortes, e feridos de muitos dos Mouros. O Capitão mandou vigiar se havia mina pera prover nisso.

Os soldados da Armada de D. Alvaro de Castro, ouvindo fallar em minas, tendo sabido o desastrado successo do baluarte S. João, receando acontecer-lhes outra desventura, e que todos os baluartes estives-

sem minados, ajuntando-se quasi quatrocentos póstos em armas, juramentáram-se a seguirem todos a voz a hum, e depois saltaram pelas ruas com grande motim, e arrogancia, bramindo, e gritando, dizendo:

» Que não haviam de soffrer estar encurralados, e virem-lhes os inimigos tomar as peças de artilheria dos seus baluartes; e que não queriam morrer debaixo de minas, senão no campo antre os inimigos como Cavalleiros.» Com esta união, e determinação se foram a casa do Capitão, e com palavras arrogantes, e desordenadas, lhe requerêram: » Que os deixasse ir pelear no campo com os inimigos; e que se elle tinha já ganhado muita honra na defensão da fortaleza, que muito mais ganharia pelejando no campo, e não aguardar alli a furia, e braveza do fogo das minas; porque não era honra dos Portuguezes morrerem encerrados, e de fome, tendo a vitoria tão certa, como todos esperavam.» O Capitão achou-se embaraçado com aquella união, a que acudiram D. Alvaro de Castro, e D. Francisco de Menezes (que já tinham rebate disto) para os apaziguarem, sem poderem acabar com elles couza alguma. O Capitão com muita brandura, e mansidão lhes pediu » se quietassem, e que o ouvissem, e se lhes não

» não désse razões muito licitas pera não
 » commetterem o que queriam, que elle
 » estava prestes pera lhes fazer a vontade
 » em tudo.» E querendo ir por diante com
 a prática, lha atalháram, começando a bra-
 dar: » Que aquillo era covardia, e fraque-
 » za, que se elle não queria sair ao cam-
 » po, que elles elegeriam antre si Capitão
 » que os guiasse, porque não haviam de
 » soffrer tanta soberba aos inimigos, que
 » tinham ousadia pera lhes levarem as pe-
 » ças da artilheria de dentro do baluarte,
 » porque ao outro dia tentariam outra cou-
 » sa de mór affronta, e vituperio pera el-
 » les.» Vendo o Capitão aquelle desatino,
 disse: » Que se fossem quietar, que elle lhes
 » faria as vontades contra a sua, e contra
 » o serviço d'ElRey; e que se fizessem pres-
 » tes pera o outro dia pela manhã, que el-
 » le os metteria onde se arrependessem.»
 Com isto se foram recolhendo, ficando o
 Capitão affombrado daquelle negocio, por-
 que via quão arriscado era. Todo aquelle
 resto do dia, e toda a noite trabalháram
 D. Alvaro de Castro, e D. Francisco de
 Menezes, e o Padre Vigario, com os mais
 Fidalgos, e Capitães, pera os moderar, sem
 os poderem mover de sua pertinacia. Bem
 differente do que fizeram aquelles valentes
 soldados Romanos, quealeyantados contra

o seu Dictador Quinto Fabio Maximo, pera que désse batalha a Anibal, com outra fêmelhante arrogancia, e soberba á destes nossos Portuguezes; e dando-lhes o bom velho Fabio suas razões, e apontando-lhes os inconvenientes que tinha pera não romper batalha com os inimigos, tiveram tanta força, e authoridade suas palavras, que os sujeitáram, moderáram, e apaziguáram de todo; porque as leis da disciplina militar, que entre nós falece, os trazia mui enfreado. E fê ante as virtudes que os Portuguezes tem, como são, fortaleza, valor, e fidelidade, tiveram esta da disciplina militar, e da obediência na guerra; puderam fazer em tudo vantagem áquelles antigos Romanos, e ainda a todas as mais Nações do mundo. Nem se póde negar que este motim destes Portuguezes foi huma temeridade guiada de seus esforçados, e grandiosos animos, que lhes fazia parecer que tudo pera elles era pouco, e facil.

CAPITULO VI.

De como D. João Mascarenhas por desconfiança sabio aos inimigos, e lhes ganhou as primeiras estancias, e a parede, e os commetteo no campo, onde foi desbaratado, e morto D. Francisco de Menezes, e outros Fidalgos.

AO outro dia tanto que amanheceo, armando-se os soldados do motim, se foram juntos ao terreiro da fortaleza, chamando a altas vozes pelo Capitão, e pedindo batalha com palavras mui soberbas, e desordenadas. D. Alvaro de Castro, e D. Francisco de Menezes acudiram logo pera os quietarem com branduras, mimos, e promessas, o que tudo era peor, porque quanto mais lhes diziam, tanto mais des-temperados se mostravam. O Capitão entrando-lhe a desconfiança, disse a D. Alvaro de Castro, e a D. Francisco de Menezes: » Ora em fim, senhores, façamos-lhes as » vontades, e encommendemo-nos a Deos. » E encarregando as estancias a seus Capitães, repartio por ellas cem homens, e de todos os mais, que eram perto de quinhentos, fez tres batalhas, dando as duas a D. Alvaro de Castro, e a D. Francisco de Menezes, e a outra tomou pera si. E pôstos

em ordem, sahíram da fortaleza pelo postigo, e remettêram com as estancias, que os inimigos tinham á boca da cava, e aos primeiros encontros as ganháram com mortes de muitos Mouros, fugindo os mais pera o exercito, indo os nossos apôs elles. E chegando ás paredes (que estavam já com as portas fechadas) as começaram a subir. Dom Alvaro de Castro pedio a Jorge de Mendoça, e a seu irmão Luiz de Mello, que o ajudassem a subir ao muro, e que tivessem o olho nelle, o que elles fizeram pondo-o em cima, e elles logo apôs elle saltáram da outra banda. O mesmo fez D. Francisco de Menezes com os mais da sua companhia, sendo os primeiros Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, Dom Jorge, e D. Duarte de Menezes, D. Francisco, e D. Pedro de Almeida irmãos, e outros Fidalgos, e Cavalleiros, que foram com grande determinação pera darem no exercito.

Rumecan, Juzarcán, e Mojatecan acudindo com seus esquadrões fóra, deram com os nossos, começando-se antre todos huma muita aspera batalha, mui desarranjada, e sem ordem alguma da nossa parte. D. Francisco de Menezes tinha ajuntado a si a mór parte do seu esquadrão, com que commetteo os inimigos pelo alto do jogo da bolla,

(porque alli foi a batalha,) e rompendo nelles com grande furia, e força, animando, e esforçando os seus, foram fazendo grande destroço nos Mouros. O Capitão com o guião de Christo, que hia hum pouco atrás, chegou ás paredes hum espaço pequeno, depois de D. Alvaro de Castro, e D. Francisco de Menezes estarem já da outra banda, e achou os principaes soldados do motim embaraçados nas paredes, e sem as ousarem a subir, porque des que víram a grossura, e altura dellas, ficarão como palmados. Elle vendo-os assim, chegou a elles, dizendo alto: » Que he isto, ousados, » e atrevidos nas palavras, e tão timidos, » e covardes nas obras? que do vosso brio, » e arrogancia, ou pera melhor dizer, o » vosso mal considerado esforço? como não » subís essas paredes? que medo he o que » vos ata as mãos, tendo ha tão pouco a » lingua tão solta? segui-me que eu vos » guiarei aonde estão os inimigos, e quero » ver se os achais tão fracos como dizeis. » E commettendo as paredes, as subio, seguindo-o todos mais por vergonha, que por vontade (bem arrependidos do que tinham commettido.) E saltando da outra banda, commettêram os inimigos, que andavam baralhados com D. Alvaro de Castro, e com aquelle primeiro impeto os arrancáram hum

pouco do campo. D. Francisco de Menezes, que pela parte de cima pelejava, tendo feitas muitas cousas dignas de quem era, e muito grande estrago nos Mouros, parece que invejosa a fortuna de sua virtude, e esforço, ordenou que lhe dêsse hum pelouro de hum arcabuz, que o passou de parte a parte, desbaratando em hum muito pequeno momento tão grandes forças, e tão honrosos pensamentos. Os seus em o vindo cahir logo se foram retrahindo desordenadamente. D. Alvaro de Castro na parte em que pelejava, carregava sobre elle hum grande esquadrão; e foram tantas as espingardadas, e frêchadas sobre os seus, que lhe calíram muitos, e a mór parte dos outros começaram a perder o campo. Vendo-se D. Alvaro perdido, se foi recolhendo pela as paredes com o rosto nos inimigos, pelejando sempre com muito valor, e esforço. Vendo Jorge de Mendocça a cousa tão arriscada, (posto que tinha huma espingardada em huma perna,) tomou D. Alvaro de Castro nos braços pera o pôr em cima da parede; mas a fraqueza lho não deixou fazer, e todavia acudio-lhe seu irmão Luiz de Mello, que o ajudou a subir. Neste transe deram a D. Alvaro de Castro huma pedrada na cabeça, de que cahio da outra banda atordoado. Luiz de Mello poz tam-

tambem o irmão em cima da parede, ficando em baixo elle, Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, e outros Fidalgos, que fizeram cousas notaveis, sustentando o impeto dos inimigos, em quanto os outros subiam. Aqui deram huma espingardada em Luiz de Mello de que cahio; mas foi logo alevantado pelos companheiros, e posto em cima da parede, e recolhido, e levado á fortaleza, e depois foi morrer a Chaul da ferida. O Capitão na parte em que andava, teve logo aviso da morte de D. Francisco de Menezes, e do desbarato de D. Alvaro de Castro, e no mesmo tempo lhe gritou hum soldado que acudisse á fortaleza, que era tudo perdido, primeiro que os Mouros entrassem nella; e tomando estas novas com grande paciencia, e animo, tocou logo a recolher.

Os seus tanto que souberão daquella desventura, começaram a se pôr em desbarato. Vendo elle a desordem com que alguns se recolhiam, acudio a isso, dizendo: » Que he isto, soldados, que vergonha he esta? » como arriscais assim a fama Portugueza por hum pequeno temor da morte? aonde de vos ides? esperais de vos salvar, deixando o vosso Capitão no campo? Tornai, valorosos cavalleiros, e segui-me, que hoje havemos de alcançar huma fa-

» mofa vitoria » e com isto voltou a ter o encontro aos inimigos, que carregavam sobre elles, como homens vitoriosos. O Capitão com alguns que o seguiram, fizeram aqui tudo o que se podia esperar de seu animo, e esforço, matando, e derribando muitos dos inimigos. Aqui matáram Dom Francisco de Almeida de huma arcabuzada, tendo feito por seu braço cousas muito notaveis. D. João Mascarenhas vendo tudo perdido, andava como leão bravo antre os inimigos, com o rosto cheio de pó, e suor, as armas todas banhadas em sangue, e cortadas por algumas partes, a espada já sem fios de cortar pelas armas dos inimigos; e gritando-lhe hum soldado que se recolhesse, porque tudo se perdia, elle o fez com grande mágoa, e dor de seu coração, levando os seus mui bem ordenados, e o rosto sempre nos inimigos. Os da companhia de Dom Alvaro de Castro, que pelejavam encurralados ao muro, fizeram todos cousas dignas de muito maior escriptura, porque alli carregou Rumezan com o seu esquadrão, apertando tanto com elles, que encraváram nas paredes Ruy Freire, Francisco Guilherme, e outros; os mais ajudando-se huns aos outros o melhor que puderam, subíram o muro. Lopo de Sousa ficou a huma parte cercado de hum corpo de Mouros, e

elle em meio de todos como leão feroz, ferindo a huma, e a outra parte, até que lhe deram com hum dardo de arremesso pelos peitos, de que cahio morto. Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Duarte, e D. Jorge de Menezes, (que trazia dezefete feridas, que o furor lhe não deixava sentir,) com outros Fidalgos, e Cavalleiros, com o rosto nos inimigos, e as costas na parede, fizeram cousas admiraveis, e não esperadas de tão poucos homens, e tão cançados, ficando todos em barreira ás fréchas dos inimigos, de que todos estavam bem empenados, e todavia tinham diante de si hum monte de mortos.

Rumecan vendo todos os nossos desbaratados., mandou a Mojatecan, que com cinco mil homens fosse demandar a fortaleza, e se mettesse nella, porque os que escapassem da batalha não tivessem onde se acolher, e assim acabassem todos. Mojatecan foi pelo muro adiante até huma porta, que mandou abrir, por onde sahio, e foi demandar o baluarte S. Thomé, cuidando que estivesse sem gente; mas Luiz de Sousa com seus companheiros o começaram a fustigar de bombardadas, e espingardadas, de que lhe matáram muitos. O Capitão foi logo avisado daquelle negocio, e recolheo-se pela banda da praia em muito boa or-

dem, voltando aos Mouros de quando em quando, fazendo-os affastar até terem lugar pera cavalgarem as paredes, e de cima com a arcabuzaria varejaram o campo, pera todos os mais terem tempo de se recolherem, como fizeram, e na ponte acharam a gente da companhia de D. Alvaro de Castro, que estavam favorecendo os que chegavam. Aqui soube o Capitão como D. Alvaro de Castro era recolhido na fortaleza com a cabeça tão maltratada, que haviam todos que não escaparia, o que elle sentio em estremo. E recolhendo-se á fortaleza mui anojado, foi ver D. Alvaro de Castro, que achou curando-se, e sem falla, encomendando ao Cirurgião tivesse muito grande conta com sua cura, e com a de todos os mais feridos, que foi ver curar.

Ficaram desta cavalgada mortos dos nossos trinta, em que entraram os Fidalgos, que já nomeámos, e setenta mal feridos, todos Capitães, e Fidalgos, em que entrava Nuno Pereira, que ficou peor que todos. O Capitão quizera morrer de paixão do feito; e segundo a cousa esteve arriscada, ainda lhe fez Deos mui grande mercê em se não perder de todo. No baluarte S. Thomé pelejavam com Mojatecan bravissimamente, e acudiado os que escaparam da batalha, o fizeram reco-

lher com muitos dos seus menos , e feri-
dos.

CAPITULO VII.

De como os Mouros ganharam as peças da artilheria do baluarte S. Thomé : e de como Rumeçan mandou fazer huma nova Cidade junto da nossa fortaleza : e das náos , que este anno de quarenta e seis partiram do Reino , de que era Capitão mór Lourenço Pires de Tavora : e de como D. Manoel de Lima chegou a Goa : e das novas que deram ao Governador dos successos de Dio , e do soccorro que mandou.

AO outro dia depois que passou o triste, e desaventurado successo, achando-se mal Nuno Pereira, pediu licença ao Capitão pera ir morrer a Goa a sua casa, onde era casado de pouco, e rico, e dando-lha, se embarcou no seu navio, e se fez á véla, escrevendo D. João Mascarenhas ao Governador o successo passado, pedindo-lhe que se apressasse ao ir soccorrer, e de sua viagem adiante daremos razão.

Rumeçan vendo a grande vitoria que alcançou dos Portuguezes, ficou tão soberbo, que já lhe não dava da vinda do Governador, e logo mandou proseguir na obra do baluarte S. Thomé, com tenção de o

pôr no andar da cava, e assim o foram solapando tanto por baixo, que não se podendo já sustentar o pezo do bazalisco, (que ficou em vão,) quebráram os viradores, e cahio em baixo, e com elle hum formoso leão, que sempre alli esteve. Rumecan acudio áquella parte, e os mandou recolher, sem os nossos lhe poderem valer, o que o Capitão sentio muito, e o houve por grande affronta. E vendo o baluarte todo quebrado, mandou fazer pela banda de dentro outro muito forte com degrãos pera dentro. Nesta obra pelejárom sempre em todas as estancias, porque a quizeram os Mouros divertir; mas as mulheres com os officiaes foram proseguindo nella, ficando todos os mais de fóra pera a peleja. Desejava Rumecan de mostrar aos nossos o pouco que receava a vinda do Governador; e pera os defenganar que estava alli muito de vagar, fez duas cousas: huma foi atravessar a passagem do rio (que passa da Alfandega á Villa dos Rumes) com pontes sobre barcas fortissimas, e largas, cubertas de terra, e rama, pera passarem as carretas, que traziam os mantimentos até á Cidade. Foi esta obra mui grande, e feita com grandes despezas, por ser (como dissemos) sobre grandes barcas surtas, com muitas, e grossas amarras, e haver naquelle canal sete

braças de fundo, e correr a agua nelle com grande furia. A outra obra foi começar huma formosa Cidade na parte onde tinha o exercito, com formosos aposentos pera si, e pera os Capitães, e muito grandes, e altas mesquitas, o que se fez com muita pressa; e em quanto esta obra dura, daremos conta das cousas que neste tempo succedêram em Goa.

Os Mouros como he seu costume, (e como já o fizeram no tempo de Antonio da Silveira, quando os Rumes tinham cercado aquella fortaleza,) espalháram por todo o Reino de Cambaya, que tinham tomado a fortaleza de Dio, e assim o escreveram aos Reys Mouros do Balagatc. E como sempre a má nova voa, foi de boca em boca ter á Ilha de Goa, onde se começou a espalhar huma voz surda, que foi ter ás orelhas do Governador, sem saber, nem poder enfecar donde fora, e quem a levára. Isto causou em seu peito huma grande tristeza, posto que a encubria bem, e receava que tivesse acontecido alguma desaventura, porque nem tinha novas do que lia na fortaleza, nem da chegada de seu filho D. Alvaro de Castro; e andando com estas melancolias, surgio huma náó na barra de Goa, de seis, que eram partidas do Reino, de que era Capitão mór Lourenço

Conto. Tom. III. P. I.

P

N Pi- P R E N S A
N A C I O N A L

Pires de Tavora, e os mais Capitães eram: D. João Lobo, João Rodrigues Paçanha, Fernão Alvares da Cunha, Alvaro Barradas, e D. Manoel de Lima, que era o que surgio na barra a quinze de Setembro. Vinha este Fidalgo provido da fortaleza de Ormuz apôs D. Manoel da Silveira; e além dos mercimentos que tinha pera lhe darem tudo o que pedisse, teve o seu despacho esta occasião.

Depois que D. Manoel de Lima chegou a Portugal, aggravado de Martim Affonso de Sousa, (como na quinta Decada, no Capitulo VII. do Livro X. temos dito,) deixou-se andar em Lisboa, sem requerer, nem ir ver ElRey a Almeirim, onde estava, e affirmava-se que esperava por Martim Affonso pera o desafiar, o que foi entendido dos grandes. E fazendo-se a Armada de Lourenço Pires de Tavora prestes pera se partir, não faltou quem dissesse a ElRey os desgostos com que D. Manoel de Lima andava; e alguns dizem que o Conde da Castanheira D. Antonio de Taide, que era primo com irmão de Martim Affonso de Sousa, fallando com ElRey lhe dissera: » Que sem dúvida D. Manoel de Lima mandaria desafiar Martim Affonso de Sousa, que o bom seria evitar aquillo, pelo desgosto que S. A. disso havia » de

» de ter; que o melhor meio que havia pe-
 » ra isso, era despachar D. Manoel de Li-
 » ma pera a India, e mandallo naquella
 » Armada, porque Martim Affonso de Sou-
 » sa vinha já por mar, e não se podiam
 » encontrar, e que mettendo-se o tempo
 » neste meio, se curariam estas cousas.»
 ElRey parecendo-lhe aquillo bem, mandou
 chamar D. Manoel de Lima, e lhe disse:
 » Que era seu serviço ir á India por ter
 » novas de Rumes, e que lhe fazia mercê
 » da fortaleza de Ormuz, e de huma náó
 » pera ir nella por Capitão.» D. Manoel
 de Lima, vendo os termos por onde ElRey
 levava aquelle negocio, não pode deixar
 de se embarcar, e teve tal ventura, que foi
 tomar Goa, indo todas as mais náos por
 fóra, e com tempos mui ruins tomar Co-
 chim, como adiante diremos. D. Manoel
 de Lima desembarcou, e foi ao Governador,
 que o recebeu com muita honra, es-
 timando muito sua vinda pelas muitas par-
 tes que este Fidalgo tinha, e muito grande
 experiencia das cousas da India, e porque
 tinha nelle hum grande companheiro pera
 os trabalhos que se lhe offereciam.

Poucos dias depois da chegada de Dom
 Manoel de Lima, quando o Governador
 estava em maior agonia, por não ter novas
 de Dio, entrou pela barra de Goa o na-

vio, que levou D. Alvaro de Castro. O homem que vinha nelle, á entrada da barra de Goa soube as novas que corriam nella, e ainda que levava as da morte de D. Fernando de Castro, embandeirou, e enramou todo o navio, e foi entrando pelo rio de Goa atirando muitas bombardadas pera alegrar a Cidade. A este alvoroço acudio toda a gente ao caes a saber novas, (que já não podiam deixar de ser boas, pois vinham tão festejadas.) O Capirão do navio em desembarcando foi levado nos ares a casa do Governador, que estava com o Bispo Dom João de Albuquerque, e com o Padre Frei Antonio do Casal, Custodio dos Frades de S. Francisco, e chegando ao Governador, levantou-se elle muito depressa, e antes que lhe fallasse o homem, lhe perguntou se a fortaleza de Dio estava por ElRey de Portugal? Ao que o homem lhe respondeo: » Sim está, senhor, e estará em quanto os Portuguezes forem vivos. »

Ouvindo o Governador isto, com os olhos arrazados de lagrimas de prazer, se ajoelhou com as mãos levantadas ao Ceo, dando graças ao Altissimo Deos por tamanha mercê, e o mesmo fez o Bispo, e Custodio. O Governador mandou logo trazer humo rica cabaia de bocado, e a lançou aos hombros do homem, mandando-lhe que

que fosse por toda a Cidade dar aquellas tão boas novas, o que elle fez, acompanhado de hum grande tropel de gente. O Bispo mandou recado ás Igrejas que repicassem os sinos, que todo o dia não cessaram. O Governador depois deste alvoroço leu as cartas, e achou nellas as novas da morte de seu filho, fazendo o mundo naquillo seu officio, que he não dar hum gozto sem o aguar logo com huma grande tristeza. Pelo que dizia o Sabio mui bem, que o pezar occupava os extremos do prazer. Por isso receava Filippo pai de Alexandre, dando-lhe tres boas novas em hum dia, que viessem ellas sem seus descontos, e levantando os olhos aos Ceos, pediu aos Deuses, que aquelle grande prazer se lhe aguasse com algum pequeno pezar.

O Governador tanto que deo com as tristes novas, que lhe cortáram bem o coração, encubrio-as de feição, que ninguem lhas sentio. Estando assim neste alvoroço, não seriam passadas duas horas, quando entrou pelo rio o navio de Nuno Pereira, que havia dous dias era falecido, e trazia seu corpo, e dando-se as cartas ao Governador, por ellas soube a grande desventura da sahida do Capitão, e da morte de D. Francisco de Menezes, e de tantos Fidalgos, e Cavalleiros, cousa que o cortou

muito; mas a morte do filho o traspassou, porque tanto que foi noite que se recolheu, mettido na sua camara, disse mil mágoas, chorando rios de agua por aquellas venerandas cans abaixo, não dormindo toda a noite, que passou em vivos suspiros das saudades do filho.

Aquelle mesmo dia foi enterrado o corpo de Nuno Pereira em S. Francisco, acompanhado do Governador, Bispo, Cabido, Freguezias, e de todos os Fidalgos, e Cidadãos, fazendo-lhe seu Officio com grande, e funeral pompa. Ficaram a este Fidalgo tres filhos, hum macho chamado Duarte Pereira, que tambem morreo em Goa, estando desposado com huma filha de hum Cidadão rico; e duas filhas, D. Ignez, que casou com Affonso Pereira de Lacerda, cujo filho he Manoel de Lacerda, que foi Capitão de Chaul, e ainda vive; e Dona Joanna, que foi casada com D. João Lobo, irmão do Barão velho, de que houve Dom Diogo Lobo, que hoje vive casado na Cidade de Goa; e por falecimento de Dom João Lobo, casou segunda vez com D. Pedro de Sousa, que foi Capitão de Goa, e agora acabou de ser de Cofala.

Ao outro dia se fez huma muito solenne Procissão, em que o Governador foi vestido de escarlata por encubrir sua tristeza,

za, e por alegrar o povo, que andava afombrado das ruins novas, que os Mouros espalháram. Este mesmo dia despedio o Governador Vasco da Cunha, pera que fosse por todas aquellas costas recólher os navios da Armada de D. Alvaro de Castro, que estavam em diferentes portos, e que os levasse a Dio, escrevendo por elle a D. João Mascarenhas os agradecimentos dos trabalhos que tinha passado, rogando-lhe que por nenhuma occasião sahisse mais da sua fortaleza, e que afsás tinha feito em a defender. E logo apôs Vasco da Cunha despedio o Governador seis caravélas carregadas de mantimentos, munições, escadas, picões, cudilins, enxadas, cestos, padiolas, e de todas as mais cousas desta qualidade pera effeito do que determinava, e mandou embarcar quatrocentos espingardeiros. Destas caravélas foi por Capitão mór Luiz de Almeida, e de suas viagens adiante daremos razão.

CAPITULO VIII.

De como D. Alvaro de Castro mandou Luiz de Almeida a esperar as náos de Meca: e de como tomou duas: e dos mais damnos, que algumas Armadas, que sahiram de Baçaim, e Chaul, fizeram na enxada de Cambaya.

VENDO D. Manoel de Lima o trabalho, em que a fortaleza de Dio estava, e que ainda se receavam outros maiores, se foi ao Governador, e se lhe offerceo pera ir diante com trezentos soldados á sua custa, porque não era razão, que estando tantos, e tão honrados Fidalgos tão arriscados naquella fortaleza, estivesse elle em Goa fóra daquelles trabalhos, porque elle não queria a vida, e a fazenda, senão pera tudo se despender, e gastar em serviço d'ElRey. O Governador lhe agradeceo muito aquelle offercimento com palavras mui honradas, dizendo-lhe: » Que bem sabia o grande zelo que sempre tivera do » serviço d'ElRey; mas que a elle lhe não » convinha largallo de si, porque se queria aproveitar de seu conselho, e esforço, » que se fizesse prestes pera ir em sua companhia em hum navio ligeiro. » D. Manoel de Lima não pode fazer outra coisa, man-

mandando logo negociar huma fusta , que escolheo pera isso. O Governador foi dando grande pressia a toda a Armada , porque esperava de se partir , tanto que lhe viesse o soccorro de Cochim , e Cananor , que tinha mandado pedir. E em quanto isto tarda , daremos razão de Vasco da Cunha , e de Luiz de Almeida , que deixámos partidos de Goa.

Vasco da Cunha como hia em nãvio ligeiro , foi mais apressado tomando as bocas dos rios , e enceadas , por onde foi recolhendo alguns navios , que por alli ficaram desapparelhados da companhia de Dom Alvaro de Castro , e os levou consigo até Baçaim , onde achou D. Jeronymo de Menezes muito anojado pela morte de seu irmão D. Francisco de Menezes , e tinha perto de quinze navios prestes pera ir em pessoa soccorrer a fortaleza de Dio ; mas por ter novas que o Brenaluco Senhor de Damão fazia gente pera vir sobre aquellas terras , tanto que elle partisse , sobreestive na ida. Vasco da Cunha tomou os navios que alli achou , e atravessou logo pera Dio , e no meio do golfo encontrou as caravélas de Luiz de Almeida , e ajuntando-se todos , entraram em Dio com huma formosa Armada toda embandeirada , tocando muitos instrumentos , e dando grandes salvas de artilhe-

ria , o que foi pera huns grandes mostras de contentamento , e alvoroço , e pera outros de maior dor , e tristeza , porque bem entendêram os inimigos o ruin successo , em que aquella sua jornada havia de vir a parar , porque lhes lembrava quanto lhes tinha custado o tempo do inverno , em que os nossos não tiveram soccorro mais que de quatro navios sem gente , e que já entrava o Verão , e começavam a chegar Armadas poderosas , e que se esperava ainda pelo Governador : estas cousas causáram grandes desconfianças em todos.

D. Alvaro de Castro , que tinha poderes em toda a Armada do mar , sendo avisado que em Surrate se esperava por algumas náos de Meca , com conselho do Capitão despedio Luiz de Almeida com tres caravélas , de que a fóra elle eram Capitães Paio Rodrigues de Araujo , e Pedro Affonso , dando-lhes por regimento que se fossem pôr na barra de Surrate , e que ahi esperassem as náos , que a haviam de ir demandar. Dada á véla , foram surgir , onde levavam por regimento ; e passados alguns dias depois de alli estarem , víram vir de mar em fóra duas náos enfunadas , huma mui grande , e formosa , e a outra de menos porte , e levando ancora , puzeram-se as caravélas em armas , e com os traquetes da-

dos as foram demandar , e como ellas vinham com vento em poppa , em vendo as caravélas , foram virando em outro bordo ; mas como as caravélas largáram as vélas , e eram muito ligeiras , logo as alcançáram. Luiz de Almeida abalroou a não grande , em que vinha por Capitão hum Janizaro , parente de Coge Cofar , que trazia muita gente , e mui boa artilheria , e ferrando huma da outra , começaram huma muito aspera batalha , trabalhando huns por entrarem , e outros por se defenderem ; mas todavia os nossos entráram a não dos Mouros , e dentro se começou antre todos outra nova batalha , em que os nossos fizeram tanto , que com morte de muitos Mouros se renderam os mais , e o Capitão Janizaro acháram ferido de muitas feridas , e Luiz de Almeida o mandou passar á sua caravéla pera ser curado. Paio Rodrigues de Araujo bordou á outra naveta , que tambem rendeo.

Feito isto , deixáram-se ficar mais alguns dias , em que tomáram algumas embarcações de mantimentos. Pedro Affonso rendeo hum tabó , que vinha de Ormuz com muita fazenda. E acabando-se-lhes os dias do provimento , se foram recolhendo com as náos por poppa , e entráram pela barra de Dio com todos os Mouros , que cativáram ,

enforcados pelas vergas. D. Alvaro de Castro estimou muito o successo, e mandou cortar as cabeças aos Mouros, e lançallos no rio com a enchente, e antre ellas foi tambem a do Capitão Janizaro, parente de Coge Çofar, que dava por si trinta e dous mil pardaos de ouro, havendo os Capitães que se os accitassem fariam offensa a tantos, e tão honrados Fidalgos, e Cavalleiros, como naquelle cerco eram mortos. As fazendas das náos foram desembarcadas, e em dinheiro de ouro, e prata, e fazendas se fizeram cincoenta e quatro mil trezentos e oitenta e oito pardaos, (que tantos achámos nas receitas dos Officiaes daquelle tempo sobre quem se carregáram.) Foi isto huma grande ajuda pera as despezas da guerra, de que pagáram logo a todos seus quartéis, e fazendo os Capitães muitas mercês, porque tinham pera tudo poder.

Rumecan houvera de morrer de paixão, tanto que as cabeças foram conhecidas, porque foram dar á praia junto do exercito.

No mesmo tempo sahíram alguns navios de Baçaim, e Chaul, de cujos Capitães não achámos os nomes, que entráram pela enchada de Cambaya pera defenderem os mantimentos, que hiam pera o exercito, e tomáram muitas embarcações carregadas delles, e os Gentios, e Mouros dellas foram en-

enforcados nas vergas em Palancos, e com estas bandeiras se recolliêram a suas fortalezas.

Rumecan mandou minar a guarita de sobre a porta, em que esteve Antonio Freire, e proseguindo-se na obra, foi sentida dos nossos, a que acudio o Capitão com muita presteza, e lhe mandou fazer por dentro suas contraminas, e reparos, porque se cahia aquella torre, ficava por alli a fortaleza toda descuberta. Os Mouros acabáram a obra da mina a dez dias de Outubro, em que lhe deram fogo, arrebrandando com grande furor; mas não fez mais dano que derribar alguma parte da face de fóra, ficando dos soldados, que nella estavam, tres feridos. Com estas cousas andava Rumecan como doudo, vendo quão mal lhe succedia tudo, e mandou com muita pressa abrir no muro da fortaleza (naquelle parte, que ficava fronteira á cisterna) dous grandes buracos, em que mandou affestardous camelos pera a baterem, e derribarem, o que tudo se fez por baixo das ruas, e pontes, sem os nossos lho poderem defender, e aos primeiros tiros mandou o Capitão prover, porque se lhe arrombavam a cisterna, perder-se-hiam todos. E ordenou com muita pressa huma parede muito grossa na fronteira da cisterna, que se fez de

duas faces entulhada, e ficava servindo de bestião, e em cima mandou plantar dous camelos de marca maior contra os dos inimigos, e dos primeiros tiros lhos fez recolher.

Rumecan pasmava da brevidade com que os nossos repairavam tudo, e já se não sabia determinar, e todavia determinou de cançar os nossos, mandando logo fazer outra mina no baluarte Sant-Iago, que logo foi sentida, e atalhada, como as dantes: e hum pouco affastado do baluarte S. Thomé, mandou o Capitão fazer huma grossa parede, que foi correndo até o de Sant-Iago, porque se arrebetasse não ficassem descubertos, não deixando aquellas honradas mulheres de exercitar seu officio, (posto que já na fortaleza havia gente bastante pera o trabalho; mas quizeram ellas até o cabo do cerco ter tambem quinhão em todos os trabalhos delle.) Acabada a mina, deram-lhe os Mouros fogo ao primeiro de Novembro, e como tinha contraminas, vafou-se a força por ellas, e todavia arrebetou hum pedaço de parede pera fóra.

CAPITULO IX.

De como o Governador D. João de Castro partio pera Dio, e de Baçaim despedio D. Manoel de Lima pera a enceeda de Cambaya, e da guerra que por ella fez: e de como as náos, que partíram do Reino no anno de 1546., de que era Capitão mór Lourenço Pires de Tavora, chegaram a Cochim, e Lourenço Pires de Tavora se partio pera Dio de soccorro.

TInha o Governador assentado em conselho soccorrer Dio em pessoa com todo o poder, e resto da India, pera o que se fazia prestes com mui grande pressa, esperando pera se partir pelo soccorro de Nayres, que tinha mandado pedir aos Reys de Cananor, e Cochim. E pera isto tinha mandado dar embarcações, ordem, e dinheiro, se fosse necessario, e tinha mandado recolher todos os mantimentos que pudessem de toda a costa do Canará; e em quanto estas cousas tardavam, negociou a Armada, e mandou fazer gente da terra pelas Ilhas vizinhas á de Goa, donde se ajuntáram mil e duzentos piães, de que deo a Capitanía a Vasco Fernandes, Tanadar mór da Ilha de Goa, dando a cada cento seus Naiques pera os regerem, e mandou fazer

alardo de todos os Portuguezes que havia em Goa, que o podiam acompanhar, e achou perto de dous mil, que mandou exercitar aos Domingos, e dias Santos no campo de S. Lazaro, onde mandou fazer a fortaleza de Dio de madeira, e a parede, e estancias dos inimigos, assim, e da maneira que estavam, (porque lhas tinha D. João Mascarenhas mandado mui bem pintadas,) e com muitas escadas que repartia pelos Capitães, e elle em pessoa armado, como se houvesse de entrar em batalha de verdade, com as bandeiras repartidas, e gente posta em ordem, commettiam as paredes dos inimigos, encostando-lhes suas escadas, ensaiando-se assim do modo que as haviam de arvorar, encostar, e subir, no que andavam muito bem exercitados.

E sendo quinze de Outubro, começaram a chegar os soccorros de Cananor, e Cochim, de muitos navios, e gente, e Coage Cemaçadim mandou ao Governador huma formosa não carregada de mantimentos, arroz, legumes, manteiga, carnes, pescados, e lhe escreveu huma muito honrada carta, em que lhe offerencia todo o dinheiro que houvesse mister pera a jornada. E porque ainda vinham atrás mais navios, quiz o Governador illos esperar a Baçaim, e em dezefete de Outubro se fez á véla,

entregando primeiro o governo ao Bispo D. João de Alboquerque, e ao Capitão Dom Diogo de Almeida Freire.

A Armada que o Governador levava, eram doze galeões, de que, a fóra elle (que hia em S. Diniz) eram Capitães Garcia de Sá, Jorge Cabral, D. Manoel da Silveira, Manoel de Sousa de Sepulveda, Jorge de Sousa, João Falcão, D. João Manoel Labastro, Luiz Alvares de Sousa, e outros, a que não achámos os nomes. Levava mais de sessenta navios de remo, cujos Capitães eram, D. Manoel de Lima, D. Antonio de Noronha, Miguel da Cunha, D. Diogo de Sotomaior, o Secretario Antonio Carneiro, com quem hia seu filho Vicente Carneiro, Alvaro Peres de Andrade, D. Manoel Deça, Jorge da Silva, Luiz Figueira, Jeronymo de Sousa, Nuno Fernandes Pegado o Ramalho, Lourenço Ribeiro, Antonio Leme, Alvaro Serrão, Cosmo Fernandes, Manoel Lobo, hum catureiro, chamado o Rey de Zamzibar, Francisco de Azevedo, Pero de Taide Inferno, Francisco da Cunha, Antonio de Sá o Rume, Cosmo de Paiva, Vasco Fernandes, Tanador mór de Goa, que levava á sua conta doze, ou quinze navios, cotias, e taurins, em que hiam os Canarins de Goa, e outros navios de Cananor, e Cochim; e dada á véla em seis

Couto. Tom. III. P. I.

Q

NDIAS IMPRENSA NACIONAL

dias, foi surgir na barra de Baçaim da banda de fóra, onde D. Jeronymo de Menezes seu cunhado o foi visitar, e lhe deo as novas que havia de Dio, depois da chegada de D. Alvaro de Castro. O Governador por que esperava por mais Armada, que em Goa se ficava negociando, não quiz passar sem ajuntar todo o poder. E por não estar ocioso, quiz nesses dias, que havia de se deter, fazer guerra a Cambaya; pera o que despedio D. Manoel de Lima com seis navios ligeiros, com regimento, que fosse por dentro da enxada ás prezas dos navios, que levavam mantimentos pera o exercito. E assim despedio alguns navios pera se irem pôr na ponta de Dio a esperar as náos Portuguezas, que haviam de vir de Ormuz, pera que as fizessem arribar a Baçaim pera o acompanharem, pera mór terror, e espanto dos Mouros, como fez, porque fizeram voltar tres, ou quatro, que hiam já na volta de Goa.

D. Manoel de Lima tanto que deo á vela, foi correndo a costa de Damão até Gandar, e por vezes tomou trinta cotias de mantimentos, mandando espedaçar toda a gente que nella achou, tirando sessenta Mouros escolhidos, que mandou metter nos navios, e os pedaços dos corpos mortos mandou metter em algumas das cotias as mais pe-

quenas, que se leváram á toa até ás bocas dos rios, onde as largáram com a enchente da maré, que as levou até ás povoações, onde foi visto aquelle terrivel, e medonho espectáculo, que encheo a todos de temor, e espanto, dizendo mal aos que foram occasião daquella guerra. D. Manoel de Lima, como passáram os dias limitados, tornou-se pera o Governador, aonde chegou com os navios embandeirados com os corpos dos sessenta Mouros, que para isso mandou guardar.

O Governador vendo o bom successo, logo o tornou a mandar com trinta navios ligeiros, pera que tornasse pela mesma encada, e fizesse por ella toda a guerra que pudesse, não perdoando a lugar maritimo algum, e que o fosse esperar á Ilha dos Mortos. D. Manoel de Lima se fez á véla com os navios, cujos Capitães eram, Dom Manoel Deça, Alvaro Peres de Andrade, Jorge da Silva, Luiz Figueira, Jeronymo de Souza, hum sobrinho de Francisco Siqueira o Malavar, Nuno Fernandes Pegado o Ramalho, Lourenço Ribeiro, Antonio Leme, Alvaro Serrão, Cosmo Fernandes, o Rey de Zamzibar, e outros. Com D. Manoel de Lima, e outros Capitães foram embarcados todos os Fidalgos Reynois (que assim chamam na India aos que aquell-

le anno vem do Reyno,) D. Fernando, Dom Antonio, D. Duarte, todos Limas, parentes do Capitão mór; D. Jeronymo, D. Antonio, D. Gemes, todos da geração dos Deças, Bernabé de Sá, Mathias de Sousa, Miguel Carneiro, filho de Pero de Alcaçova Carneiro, que então era Secretario de El-Rey D. João, e depois foi Conde das Idanhas, e outros. E em quanto esta Armada vai seguindo sua derrota, daremos razão das náos do Reyno que faltam.

Depois de passarem o Cabo de Boa Esperança, tendo grandes contrastes, e gastando-se-lhes o tempo, tomáram a derrota por fóra da Ilha de S. Lourenço, e com muitos riscos, e trabalhos foram tomar Cochim aos vinte dias de Outubro. E sabendo Lourenço Pires de Tavora, Capitão mór das náos do cerco de Dio, e de como o Governador ficava em Goa prestes pera lhe ir soccorrer, achando ainda alguns navios que a Cidade negoceava pera lhe mandar, fretou huma formosa galeota, e se embarcou nella com quarenta Fidalgos, e Cavalleiros da sua Armada; e tomando todos os navios consigo, deo á véla pera Goa mui apressado, e sem se deterem cousa alguma, foram seguindo sua jornada.

D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, que com elle

le vinha despachado com a fortaleza de Malaca, negociou huma caravela; e ajuntando sessenta soldados, se embarcou logo pera Dio; e chegando todos á barra de Goa, acháram já o Governador partido, e sem se deterem passáram adiante. Lourenço Pires de Tavora, que hia em navio ligeiro, chegando a Dabul, soube estar alli o Governador; e sem lhe querer fallar, passou adiante, e foi atravessar a Baçaim, e em dous dias foi haver vista da fortaleza de Dio cercada; e entrando pela barra dentro, foi surgir no caes. As vigias, que já tinham perguntado quem eram, deram recado ao Capitão, que acudio com D. Alvaro de Castro, e todos os Fidalgos, e Capitães; e mandando abrir a porta, o receberam, e a todos com grandes alvoroços; e recolhendo-se na fortaleza, tomou o Capitão a Lourenço Pires de Tavora por seu hospede, e os outros Fidalgos foram repartidos pelas estancias. De todas estas cousas eram os inimigos logo avisados, e todos os soccorros que entravam de novo, o mesmo dia davam assaltos, por mostrarem quão pouco temiam todos; e assim o deram este, em que os hospedes prováram a mão em damno dos inimigos. E deixallos-hemos agora hum pouco por tornarmos a D. Manoel de Lima.

Que partido de Baçaim, foi tomar o rio de Surrate de noite, e de madrugada entrou

por elle com a maré, e foi desembarcar em huma mui formosa povoação, que se chama dos Abexins, huma legua pelo rio affirma da banda do Levante; e commettendo-a com grande determinação, acháram nella mui grande resistencia, porque foram sentidos, e os moradores estavam já postos em armas; e todavia depois de grande referta foi entrada com morte de muitos Mouros, mettendo-a toda a ferro, e a fogo, matando toda a coufa viva que acháram pera maior terror, e espanto; e depois deram fogo ás casas, em que ardêram muitos celheiros de trigo, milho, grãos, e outros legumes; e o mesmo fizeram a algumas náos, que estavam no porto, cujas labaredas foram vistas da fortaleza de Surrate, que era de Rumezan, e onde tinha sua mulher, e filhos, que causou em todos hum grande temor; e entre as pessoas que os nossos cativáram, (que foram mais de duzentos,) não deram vida mais que a hum Mouro, a quem cortáram as mãos pera ir dar fé do que víra.

Acabado este feito, sahio-se a Armada pera fóra, e foi tomar a Cidade de Ansofo, formosa, e estendida em hum campo raso, de grandes, e custosos edificios. Aqui desembarcáram os nossos, dando o Capitão mór a dianteira a Alvaro Serrão; e commettendo a Cidade em muito boa ordem, a en-

tráram logo, levando os inimigos diante de si em hum tropel, (que foram os que sahíram fóra a esperar os nossos.) Dentro na Cidade, posto que houve grande baralha, todavia os inimigos a defamparáram, e a deixáram aos nossos, que nella fizeram a mesma crueza, que na dos Abexins, espedaçando muitas, e mui formosas Baneanas, e Brameanas, (porque as havia alli mui bellas, e alvas.) E assim nellas, como em toda a mais cousa viva que acháram, fizeram tamanhas, e tão deshumanas cruezas, que excedêram a natureza Portugueza; porque assim como ella estremou aos seus em valor, e esforço a muitos, assim o fez a todos em piedade, e pouca crueza. Dalli se passou a Armada a outros lugares vizinhos, que passaram a mesma desventura que os passados. E assim correo D. Manoel de Lima toda aquella enxada, por onde fez taes cousas, que causou, e poz espanto até na Corte de Amadabá; e o que se mais sentio foi, a queima que se fez de todos os mantimentos que tinham recolhidos, pelo que começou o Reyno todo a padecer mui grande falta delles.

O Governador D. João de Castro, tanto que despedio D. Manoel de Lima, deo pressa a muitas cousas, e recolheo a Armada que hia chegando pouco e pouco. E porque os de Dio se animassem, despedio o

caturreiro, chamado Antonio Rodrigues, com cartas ao Capitão, e a seu filho, em que lhes fazia a saber de sua chegada, certificando-lhes que logo seria com elles. Este homem em quatro dias foi, e tornou com a resposta; e assim em quanto se alli deteve, cada dous dias tinha recado de Dio, porque trazia naquelle caminho tres catures ordinarios. O Governador depois de recolher de todo a Armada, deo á véla, e foi tomar a Ilha dos Mortos, onde se deteve dous dias, em que D. Manoel de Lima chegou com toda sua Armada vitoriosa, e cheia de prezas. O Governador o recebeu com muitas honras, e ao outro dia, que foram seis de Novembro, se fez á véla pera Dio.

C A P I T U L O X.

De como o Governador D. João de Castro chegou á fortaleza de Dio: e do conselho que tomou sobre a desembarcação: e de como se ordenou pera dar batalha aos inimigos.

O Mesmo dia que o Governador partio da Ilha dos Mortos, já sobre a tarde, chegou á vista daquella tão destrozada, e desbaratada fortaleza, o que foi pera todos causa de muito grande alvoroço. E tanto que della começaram a enxergar aquella formo-

fura dos galeões , e náos , que pareciam montanhas que hiam á véla , e aquella multidão de fustalhas , todas embandeiradas com formosos toldos , estandartes , e galhardetes , que enchiam todo o mar , mandou logo o Capitão embandeirar os baluartes todos , e desparar toda a artilheria pera mostrar o alvoroço com que os esperavam. Lourenço Pires de Tavora se embarcou logo na sua galeota , e foi buscar o Governador , que vinha já em outra , a que se tinha passado , toda toldada de borcado rico ; e chegando a ella , depois de a salvar , saltou dentro. O Governador foi avisado logo de como era Lourenço Pires de Tavora , e acudio depressa a bordo ao levar nos braços , tendo com elle muitas palavras de muitos primores , e cortezia ; e recolhidos ao toldo , soube delle todas as novas do Reyno , e de sua viagem ; e por ser já tarde , mandou o Governador furtir a Armada na ponta da outra banda da terra firme , aonde foi ter com elle D. João Mascarenhas , que o Governador recebeu com muitas honras ; e logo mandou chamar Garcia de Sá , Jorge Cabral , Manoel de Sousa de Sepulveda , e outros Fidalgos , e Capitães velhos , e com todos praticou sobre o modo que teria na sahida contra os inimigos , porque elle não vinha pera estar cercado , senão pera descercar a fortaleza

de ElRey. Depois de debatidas de parte a parte muitas cousas, assentáram » que o Governador com toda a gente desembarcasse » de noite, e se recolhesse na fortaleza, sem » os inimigos o saberem, ficando toda a Armada fóra; e que o dia que se houvessem » de commetter os inimigos, entrasse toda a Armada pela barra dentro ao final de tres » foguetes, que deitariam da fortaleza; e » que na representação mostrasse que vinha » nella o Governador com toda a gente; e » que pera isso mettessem pelas perchas das » fustas muitas lanças arvoradas, e que as » fustas passassem pela fortaleza, como que » queriam ir desembarcar na Alfandega, aonde » de forçado os Mouros liaviam de acudir; e » que o Governador então sahisse da fortaleza com todo o poder pera ganhar as parades, e estancias mais facilmente, e com » menos risco.»

Assentado isto, tornou-se o Capitão pera a fortaleza, tendo em segredo o que estava assentado. Toda aquella noite gastou em mandar fazer muita somma de escadas de corda pera recolher na fortaleza toda a gente em segredo. O Governador ao outro dia foi surgir com toda a Armada na bahia, e pouso das náos, da banda de fóra, salvando a fortaleza, e a Cidade com a mais soberba salva de artilheria, que já mais se

vio, porque durou muitas horas. Rumecan tambem lhe respondeo com outra, pera lhe mostrar o pouco que o receava. O Governador mandou Luiz de Almeida, Antonio Leme, Francisco Fernandes Moricale em tres caravelas, que fossem surgir defronte das estancias dos inimigos, e lhas bateassem de dia, e de noite; e mandou recado ao Capitão do baluarte do mar, que os ajudasse de lá. Estas caravelas foram surgir onde o Governador mandou, fazendo grandes arrombadas pera defensão da artilheria dos inimigos, e começaram a dar sua bateria com grande terror, mas tambem das estancias os varejaram bem.

Durou isto tres dias, e tres noites, em que toda a gente da Armada se metteo na fortaleza por escadas de corda, e o Governador com todos os Capitães, e Fidalgos velhos pela couraça no môr silencio que pode fer. No exercito tanto que víram o grande poder do Governador, que julgavam pelas vasilhas da Armada, que cubriam o mar, começou a haver antre todos varios pareceres; porque bem sabiam elles que o Governador os havia de ir buscar, e que não era bem que se esperasse tamanho poder. Rumecan andou por todo o seu exercito curando aquellas desconfianças, e provendo nas cousas que lhe parecêram ser ne-

cessarias , mandando pôr sobre as paredes muitos barrís de alcatrão , grande quantidade de pedras , e galgas pera se lançarem sobre os nossos ao commetter dellas ; e deixou alli quinze mil soldados pera sua defensão , em que entravam todos os Rumes , Turcos , e mais estrangeiros , por serem homens de mais confiança. E receando-se que o commettessem pelo baluarte de Diogo Lopes de Siqueira , (que ficava da banda do mar , aonde a ponta do muro hia fencer , por haver alli huma calheta , em que podiam pôr navios de remo ,) o mandou renovar , e guarnecer de algumas bombardas grossas , e poz nelle setecentos homens de guarnição. E na ponte que atravessava o rio des da Alfandega até á Villa dos Rumes , mandou pôr outras bombardas , e outros seiscentos soldados , temendo-se que as fustas fossem alli lançar gente ; e assim se deixou estar tão confiado , como quem estava em sua casa , e que tinha a vitoria por certa.

O Governador tanto que se vio na fortaleza , chamou todos os Fidalgos velhos , e Capitães da Armada a conselho , e lhes disse » que elle determinava de commetter as » estancias dos inimigos ; e porque elle não » queria fazer cousa alguma sem o parecer » de todos , lhes pedia que livremente lho » dissessem ; » e começando a votar , huns fo-

ram de parecer que se commettessem os inimigos , e outros que não , dizendo » que » não era bem arriscasse a India em huma só » batalha com tão desigual partido como tinham ; porque acontecendo hum desastre , » se perderia tudo. E que posto que alcançassem a vitoria , havia ElRey de estranhar » muito ao Governador , e a todos que alli » estavam , consentirem pôr-se o Estado todo em hum tombo de dado (como lá dizem.) » Sobre isto se baralhou todo o conselho , com grandes gritos , porfias , e altercações.

O Governador se levantou , e mandou que se calassem ; e disse a Garcia de Sá , (que ainda estava por votar ,) que dissesse seu parecer , o que elle logo fez , levantando-se em pé , com aquella sua veneranda , e longa barba , que lhe dava pelos peitos , com aquella sua authoridade , e gravidade , a que todos tinham mui grande respeito , pedindo que o ouvissem , porque ainda se não quietavam. E suspendendo-se hum pouco aquelle reboliço , fallando o bom velho com o Governador , lhe disse estas palavras :

» Eu , Senhor , nunca ferei de parecer. » que deixeis de dar batalha aos inimigos , » por duas razões : huma , porque vendo os » inimigos que os receais , vos virám com- » metter dentro nesta fortaleza ; a outra , por- » que

» que não convem á reputação do Estado,
 » que o Governador da Índia esteja como
 » encurralado, porque pera isso muito me-
 » lhor fora ficardes Senhor em Goa, e man-
 » dar todo este poder, que ainda que não
 » fizera mais que segurar, e defender a for-
 » taleza, não daria ousadia aos inimigos (co-
 » mo teram) se vos virem cercado. Estes
 » Mouros estão agora medrosos, e acovar-
 » dados, porque tem os olhos cheios da
 » grandeza daquella Armada, em que não
 » devem de cuidar, que em tantas, e tão
 » grandes vasilhas não haja mais que tres
 » mil homens, mas julgam o poder pelo ap-
 » parato della, e ao menos devem de espe-
 » rar sete, ou oito mil. E como hão de es-
 » tar com esta imaginação, tantos lhes hão
 » de parecer os tres mil com que lhe haveis
 » de dar a batalha; e em vos vendo sahir
 » desta fortaleza, vos hão de temer, e arre-
 » cear, e pelejar com temor, e desconfian-
 » ça. Por isso, Senhor, vede o que fazeis,
 » porque no commetter está não só o credito,
 » e opinião do Estado, mas ainda a victoria.
 » E pois temos Deos, que nos ha de ajudar,
 » e favorecer, não temos que arreçar, que
 » se a eu pudera segurar com o penhor da
 » pessoa, e da vida, por certo que o fizera.»
 Tiveram tanta força estas palavras, que
 suspendêram a todos tanto, que bradáram

por batalha. O Governador foi muito grande o seu alvoroço, pedindo a todos que se fizessem prestes pera o outro dia, e aquelle gastou todo em ordenar sua gente, por esta maneira.

A dianteira encommendou a D. João Mascarenhas com quinhentos homens, pera quem se passáram os Capitães, e Fidalgos seguintes: Antonio Moniz Barreto, Dom João Manoel, João Falcão, Garcia Rodrigues de Tavora, Antonio da Cunha, Dom Manoel da Silveira, Francisco de Azevedo Coutinho, Jorge de Sousa, e outros; e assim lhe deo o Governador Vasco Fernandes, Capitão mór dos Canarins, com seiscentos escolhidos, e quinhentos Nayres de ElRey de Cochim.

A seu filho D. Alvaro de Castro ordenou outra companhia de outros quinhentos homens, em que entravam todos os Fidalgos, e Capitães da sua Armada.

A D. Manoel de Lima deo outra tanta gente, com os mais dos Capitães, e Fidalgos, que com elle se acháram na encçada de Cambaya.

O Governador ficou com o resto da gente, que seriam quasi mil homens, a fóra Canarins, e Malavares, deixando pera o acompanharem Lourenço Pires de Tavora, Garcia de Sá, Jorge Cabral, e Manoel de Sou-

fa de Sepulveda, ordenando ficar o Alcaide mór na fortaleza com trezentos soldados. Todo aquelle dia passaram em se prepararem, e em se confessarem todos, a que supprio o Custodio de S. Francisco com seus companheiros, que aqui exercitaram bem o officio de verdadeiros, e caritativos Religiosos.

Tanto que amanheceo, se armou hum formoso Altar no meio do terreiro da fortaleza, em que o Custodio disse Missa, e deo o Divino Sacramento da Eucharistia a todos com muito grande veneração, e devoção, sendo o Governador, Capitães, e Fidalgos velhos os primeiros. Acabado este solemne auto, (que foi de muito grande alegria, e consolação pera todos,) alevantou-se o Governador no meio de toda aquella multidão de soldados, e alçando a voz, lhes fez esta breve prática.

» Muito valorosos, e esforçados Fidalgos, e Cavalleiros de Christo, se a alegria, e desejo de vos ver ás mãos com os inimigos, que em todos vejo, cuidasse que vos procedia de temeridade, confesso-vos que estivera menos confiado do que estou; mas como sei mui certo que vos nasce da lembrança de quem sois, e da vontade de que tendes de imitar no valor, e esforço áquelles antigos Portuguezes nossos an-

» cravos, a fama com elles se acaba, só no
 » inferno vão gozar do galardão de suas
 » obras em penas perpétuas. Nós não assim,
 » que os que daqui escaparmos, temos por
 » muito certas as honras, e mercês do nos-
 » so Rey, que nos ama como pai; e os que
 » morrerem, ficarám vivendo no Mundo em
 » fama, e suas almas iram gozar de huma
 » bemaventurança, que não tem fim. Por is-
 » so, Senhores Fidalgos, e Cavalleiros de
 » Christo, pelejemos confiados, como quem
 » peleja diante de seu Deos, e do seu Rey,
 » defendendo suas honras, como verdadei-
 » ros Christãos, e filhos. Aqui tendes a figu-
 » ra daquelle Christo Jesus Senhor, e Salva-
 » dor nosso, (a este tempo arvorou o Cus-
 » todio hum devoto Crucifixo sobre huma haf-
 » tia no ar, pera que de todos fosse visto,)
 » este he o que vos ha de ajudar, e favo-
 » recer, e debaixo de tão piedosa, precio-
 » sa, e poderosa bandeira pelejai seguros,
 » e desbarataremos diante delle todos estes
 » inimigos de sua santa Fé, e Nome.»

Toda aquella multidão, e concurso que
 estava suspenso, e calado, ouvindo depen-
 durado da boca do Governador, ouvindo-
 lhe com grande attenção o que lhes dizia,
 em vendo arvorar aquella sacratissima figu-
 ra de nossa Redempção, se prostráram to-
 dos logo por terra, e com os olhos arra-

zados de lagrimas, adoráram aquella Divina Imagem, pedindo-lhe misericordia, favor, e ajuda, e bradando por batalha. O Governador lhes disse, que se fizessem pres-tes pera o outro dia, repartindo aquelle as escadas pelos Fidalgos, e Capitães de mais recado, promettendo ao primeiro que subisse as paredes, se fosse Fidalgo, huma viagem de Bengala, (que então era das mais importantes da India, por se fazer com navio de ElRey, e levar resgate seu); e se fosse Cavalleiro, ou soldado, duzentos cruzados em dinheiro. Este dia á tarde entráram na Ilha de Dio dous Capitães, Accedecan, e Alucan com sinco mil homens, que ElRey despedio de Amadabá, tanto que teve recado que o Governador ficava em Baçaim.





DECADA SEXTA.

LIVRO IV.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

De como o Governador D. João de Castro sabio da fortaleza , e commetteo as estancias dos inimigos : e do muito primo-roso , e honroso desafio que tiveram Dom João Manoel , e João Falcão : e de como os nossos ganharam as estancias : e dos grandes , e espantosos casos que aconteceram a alguns Portuguezes.

A Os onze dias do mez de Novembro , em que a Igreja Catholica celebra a festa de S. Martinho , Bispo , e Confessor , em rompendo a manhã , mandou o Governador fazer sinal á Armada com os tres foguetes , e elle se poz no terreiro da fortaleza com a bandeira de Christo , ar-

mado, pondo em ordem as cousas necessarias ; e mandou ao Alcaide mór que se tirassem as portas fóra de seus antigos couces, e que ficasse a fortaleza aberta. E querendo já sahir por ellas, chegou o Padre Custodio, acompanhado dos Frades que comtigo levava, e hum Crucifixo arvorado em huma lança, e posto em meio de todos, rezou em voz alta o Evangelho de S. João; e acabado, fez huma Absolvição geral a todos, concedendo-lhes remissão de todos seus peccados, por virtude dos Breves Apostolicos, que os Summos Pontifices tinham concedido a ElRey D. Manoel de gloriosa memoria, pera todos os que morressem na guerra. Com isto ficáram todos tão animados, e esforçados, que lhes ferviam os corações nos peitos.

Aqui aconteceu hum caso espantoso de honra a tres soldados Reinois, que tinham vindo em companhia de Ruy Lourenço de Tavora, naturaes do Torrão, patria de Antonio Moniz Barreto, que eram parentes huns dos outros, que não he bem calar-se. Estes soldados desejosos de ganharem fama, e honra, tanto que as bandeiras se começaram a pôr em ordem, foram demandar Antonio Moniz Barreto, que estava na dianteira com huma escada que lhe tinham commendada; e chegando a elle, lhe deram

huma carta de sua mãe, em que lhos encommendava muito, pedindo-lhe os favorecesse, e agasalhasse, porque eram naturaes daquela Villa, e filhos de homens honrados. Antonio Moniz Barreto leu a carta, que o alegrou muito naquelle tempo, por ser de sua mãe, e disse aos soldados, » que » a guardassem, que se elle escapasse da ba- » talha, lha déssem, porque faria tudo o que » nelle fosse, assim por sua mãe lho encom- » mendar, como pelo elles merecerem. » A isto tomou hum delles a mão, e disse, » que » as mercês, e honras que delle queriam eram » alli, que depois não haviam mister cousa » alguma; e se por aquella carta lhes havia » de fazer pelo tempo muitas, só huma na- » quelle queriam delle, e era, lhes entre- » gasse aquella escada, pera elles a arvora- » rem aonde lhes elle mandasse. » Antonio Moniz Barreto vendo a opinião, e brio dos soldados, lhe entregou a escada, dizendo- » lhes: » Vede-la ali, e nella vos entrego to- » da minha honra; eu a hei por muito bem » arriscada nas mãos de soldados de tão hon- » rosos pensamentos. »

A Armada tanto que vio o final que lhe fizeram da fortaleza, estando já prestes, e negociada, porque Nicoláo Gonçalves (a quem aquelle negocio estava encommenda- do) tinha arvorado muitas lanças por to- dos

dos os navios, que estavam formosamente embandeirados, e tinha cortados muitos murrões em pedaços, e accezos, os repartio pelos moços, e marinheiros, pera que os inimigos cuidassem que eram espingardas. E arrancando do posto em que estava com sessenta navios de remo, tocando muitos tambores, pifaros, e outros muitos instrumentos, com tamanhos gritos, e alaridos de moços, e marinheiros, que punha medo. E como isto era de madrugada, fazia parecer aquella cousa mais medonha. Assim foram entrando pelo rio dentro, indo diante a galeota do Governador, com seu toldo de brocado, e bandeira de Christo por quadra, pera que cuidassem os Mouros que hia elle ali; e voga arrancada, foram passando pelas estancias dos Mouros com aquellas carrancas, como que queriam desembarcar na ponte da Alfandega.

Rumecan parecendo-lhe que vinha alli o Governador, deixando as estancias encomendadas a Juzarcán com oito mil homens, acudio áquella parte acompanhado de Mojarcán, Alucan, e Accedecan com todo o mais poder. A Armada levava toda a artilleria cevada; e tanto que emparelhou com as estancias, foi-lhes dando hum formosa salva, de que matou alguns Mouros. O Governador que já estava prestes, tanto que a

Armada paísson pelas estancias, sahio da fortaleza tocando suas trombetas, e outros muitos generos de instrumentos bellicos. Dom João Mascarenhas, Capitão della, que levava a dianteira, foi cingindo a cava pera ir commetter pelo cabo do muro, naquella parte em que estava o baluarte de Diogo Lopes de Siqueira.

Aqui aconteceo hum caso milagroso, e foi, que estavam affestadas algumas peças de artilheria pera a ponte, por onde os nossos haviam de sair aos inimigos; e entre ellas entrava aquella grande, medonha, e temerosa, que hoje está na fortaleza de São Gião na barra de Lisboa, que estava carregada de jellalas, que he huma moeda de cobre grossa, e redonda, que tem valia de tres reis. Os Mouros tanto que os nossos sahiram da fortaleza, vendo a ponte entulhada delles, puzeram fogo ás bombardas por quatro vezes, sem de alguma dellas por tomar; e sem dúvida que se Deos assim o não permittira, daquelle só tiro fora o Governador desbaratado. E porque não passemos por outro milagre, de que os Mouros foram testemunhas, elles mesmos affirmáram, que em quanto a batalha durou, víram sobre as ruinas da Igreja huma mulher tão formosa, e resplandecente, que com os seus raios os cegava a todos; e isto particular-

mente testemunharam os que ficaram cativos na batalha.

E tornando aos da dianteira, tanto que subiram a cava á outra banda, remettêram com o muro, em que começaram a arvorar suas escadas. Os inimigos como estavam áler-ta, despararam nelles sua artilheria; e quiz a fortuna que hum pelouro acertasse na es-cada de Antonio Moniz Barreto, que leva-vam os soldados da Villa do Torrão; e fa-zendo-a em pedaços, assim ella, como as rachas della mataram os tres soldados logo, atalhando-se-lhes em frol seus tão honrados pensamentos.

Aqui succedeo outro caso mui digno de memoria, e foi, que estando em Goa desfa-zidos D. João Manoel com João Falcão, por certas paixões que tiveram, andando o Governador pera se embarcar, e vendo que em tempo de tão grande necessidade era razão que se poupassem pera socorrerem a fortaleza de ElRey, concertaram-se ambos » que o primeiro que subisse a parede dos » inimigos em Dio, esse ganhasse a honra do » desafio. » E assim sabindo diante de todos, levando cada hum sua escada, remettêram com o muro, aonde as encoistaram quasi a hum mesmo tempo. D. João Manoel tinha pedido a Antonio Moniz Barreto que o favorecesse na subida, e lhe tivesse a esca-da,

da , como fez ; o mesmo pediu João Falcão a outros Fidalgos seus amigos.

D. João Manoel subindo pela escada , e lançando a mão direita pera aferrar da parede já em cima , lha cortáram os Mouros , e acudindo com a esquerda , lhe fizeram o mesmo ; e vendo-se sem mãos , não sentindo o furor de seu animo a perda dellas , foi com os cotos dos braços pera se pendurar , e suspender do muro , trabalhando por se pôr em cima , porque o desejo da honra lhe fazia muito faciles todos os riscos , e perigos : estando quasi em cima , lhe deram hum golpe pelo pescoço , que lhe lançáram a cabeça fóra , atalhando a morte huma das mais honradas opiniões que no Mundo nasceo. Era este Fidalgo filho de D. Bernardo Manoel , e de huma filha do Conde de Villanova , neto do grande D. João Manoel , que foi Camereiro mór de ElRey D. Manoel , e Guarda mór , e Almotacé mór , e Capitão dos Ginetes.

João Falcão deseioso tambem de ganhar a honra do desafio , subio pela escada ajudado daquelles a quem se encommendou ; e chegando á borda do muro , foi morto de muitas cutilladas , e lançadas , não desmerecendo aqui cousa alguma do outro. Por esta maneira se encostáram muitas escadas de longo a longo do muro , porque as outras

duas companhias de D. Alvaro de Castro, e D. Manoel de Lima chegaram logo, trabalhando muitos por subirem, favorecendo-os os debaixo com sua espingardaria, começando-se de parte a parte huma muito rija, e cruel batalha sobre a entrada; e todavia alguns dos nossos cavalgaram o muro, e se puzeram em cima ás cutilladas com os Mouros; e como a couza foi tão baralhada, e subíram por tantas partes, não se pode averiguar quem foi o primeiro. Mas dos primeiros foi Miguel Rodrigues Coutinho, de alcunha Fios secos, Cidadão nobre de Goa, mui bom Cavalleiro, e Cosmo de Paiva. Este homem deo aqui grandes mostras de seu esforço, porque teve só o pezo de todos os inimigos, que carregaram áquella parte; e como o muro era largo, cercando-o hum monte delles, trabalharam pelo matar; mas elle defendendo-se de todos, ferindo, e derribando alguns, se fez tão temido a todos, que não ousando a lhe chegarem por diante, o perseguiam por detrás, e pelas ilhargas com muitos arremessos, andando elle já ferido de muitas feridas; e como estava em meio de tantos, hum Turco teve tempo de lhe dar hum golpe por detrás por huma perna, que lha cortou quasi toda. Vendo-se o esforçado Cavalleiro sem perna, poz o outro giolho no chão, e af-

sim se defendeo grande espaço, fazendo cou-
 fas notaveis até que o matáram. Aqui nes-
 te tempo subio Antonio Moniz Barreto o
 muro, e achou Miguel Rodrigues Couti-
 nho Fios secos cercado de muitos Mou-
 ros; e remettendo com elles, os começou a
 cortar, pondo-se á ilharga de Miguel Ro-
 drigues Coutinho; e ambos tiveram hum
 grande pezo dos inimigos que recrefcêram.

Vasco Fernandes, Tanadar mór de Goa,
 tambem foi dos primeiros que subíram ao
 muro, e em cima se poz como hum leão
 bravo em meio dos Mouros, sem receio da
 morte, fazendo nelles grande estrago; e sen-
 do mui perseguido de alguns Turcos, re-
 metteo com hum, e deo-lhe tal golpe por
 cima do turbante, que lho cortou todo, e
 a cabeça até o meio, cahindo-lhe aos pés;
 e abaixando-se pera o acabar de matar, cui-
 dando que estava ainda vivo, lhe deo ou-
 tro Turco huma cutilada pelas costas, que
 lhe cortou hum grosso cotão de malha, e
 o fendeo pelo meio, cahindo sobre o Mou-
 ro que tinha aos pés. Já os nossos subiam
 com menos trabalho o muro, porque os que
 estavam em cima o tinham franqueado.

D. João Mascarenhas foi correndo a pa-
 rede até o cabo, aonde estava o baluarte de
 Diogo Lopes de Siqueira, que commetteo
 com grande determinação; e posto que nel-

le achou mui aspera resistencia , o ganhou com morte dos mais Mouros que nelle estavam , não lhe custando tão pouco , que não perdesse perto de dez homens , em que entrou Francisco de Azevedo , que este dia fez cousas , em que mostrou bem seu valor , e esforço ; e estando já em cima do muro no meio de hum esquadrão de Mouros , em que fez mui grande destruição , e estando obrando cousas dignas de quem era , lhe deram com huma lança de arremesso , de que acabou com muito louvor , passado de parte a parte. D. João Mascarenhas depois de ganhar o baluarte , e o muro daquella parte , passou-se ao campo da outra banda , e tomou a recolher os seus á sua bandeira ; e formando hum formoso esquadrão , foi demandar os inimigos , que estavam já em outro , e lhe apresentou batalha já no campo largo , em que a nossa arcabuzaria jogou bem á sua vontade. Aqui se travou huma muito aspera batalha com grande destruição dos inimigos , em que os nossos pelejaram de maneira , que a poder de golpes arrancáram os Mouros do campo , e os leváram até os metterem dentro na Cidade.

Os mais Capitães , D. Alvaro de Castro , e D. Manoel de Lima commettêram o muro por differentes partes ; e depois de muitos casos acontecidos , que se não podem

particularizar, o subíram, lançando delle os inimigos com grande estrago seu delles, e não tem damno, e mortes de alguns dos nossos. Ganhado o muro, se descêram abaixo, e formáram seus esquadrões, e ao som de tambores, e pifaros foram commetter Juzarcan, que estava com seis mil homens em hum corpo autre o muro, e o exercito, e começáram com elle humo muito travada, e arriscada batalha, que esteve por hum espaço bem suspensa da parte dos nossos, por estarem com Juzarcan todos os Rumes, e Turcos do exercito, que pelejavam mui valorosamente. Quando o Governador chegou á parede, já achou a passagem franca, e subio por ella com a bandeira de Christo apparelhada, que levava Duarte Barbudo, mui bom Cavalleiro, indo cercada de Lourenço Pires de Tavora, Garcia de Sá, Jorge Cabral, Manoel de Sousa de Sepulveda, e de outros muitos Fidalgos velhos, que leváram sempre o Governador em meio; e descendo-se abaixo, tocou a recolher, e ajuntou a si D. Alvato de Castro, e D. Manoel de Lima com suas bandeiras, que andavam em batalha com Juzarcan: e tendo já aquelle poder junto, deo Sant-Iago nos inimigos, que se traváram com os nossos mui determinadamente, com grande damno, e risco de ambas as partes. Mas como os Portuguezes

zes pelejavam diante do seu Governador, houveram-se de maneira na briga, que arrancaram os Mouros do campo, fazendo-os recolher a suas estancias. O Governador mandou que apertassem com elles, e entrassem de envolta, e assim os de diante commettêram os vallos, que subíram a pezar dos inimigos, mas com grande damno, porque aqui se perdêram muitos dos nossos. O Governador hia junto da bandeira Real de Christo, e mandou ao Alferes que lha puzesse em cima das estancias dos Mouros, o que elle logo fez, bradando *Vitoria, vitoria*; mas como os tiros, e arremessos eram muitos, deram alguns no Alferes, que o derribáram dos vallos abaixo. Aqui tornáram os Mouros a cobrar animo, e rebentáram das estancias com tamanha furia, que começou a haver nos nossos grande desordem. Os Fidalgos que hiam com o Governador acudíram á bandeira Real, ajudando a alevantar o Alferes, que com muito animo, e risco seu a tornou a arvorar sobre os vallos, bradando *Vitoria, vitoria*. Os Mouros tornáram a apertar tanto, e tantos arremessos chovêram sobre elle, que o derribáram muito mal tratado. Vendo o Governador o risco, e perigo em que estava, e que os seus parecia que afracavão, adiantou-se com huma adarga embraçada, e hu-

ma formosa, e larga espada na mão; e pon-do-lhe diante de todos, lhes disse:

» Ali fortes, e esforçados Portuguezes,
 » hoje he o dia que vosso nome ha de su-
 » bir por todos os passados; não receeis cou-
 » sa alguma, passai adiante, que aqui está
 » o vosso Governador diante de vós offere-
 » cido aos mesmos riscos, e perigos; segui-
 » me, e fazei o que eu fizer.» E chegando á
 bandeira, achou já o Alferes em pé muito
 mal tratado dos tiros, e arremessos com que
 lhe deram, e levando-a diante, appellidou
 o Apostolo Sant-Iago, e começou a subir
 os vallos. Os Fidalgos, Capitães, Caval-
 leiros, e soldados em vendo o Governador
 diante a trepar os vallos, pegado á bandei-
 ra de Christo, remettêram com tão grande
 ímpeto, que desprezando tanto genero de
 instrumentos de mortes, como eram os que
 sobre elles cahiam, subíram em cima, lan-
 çando delles os inimigos com muito gran-
 de estrago, e assim os foram seguindo até
 os encerrarem nas estancias.

O Governador foi passando adiante, com
 duas fréchas cravadas na adarga, e muito
 alegre, e gentil-homem fez arvorar a ban-
 deira de Christo sobre as estancias, donde
 algumas vezes foi derribado o seu Alferes,
 que logo se tornou a levantar. Aqui se ateou
 outra nova batalha; mas como os nossos le-
 va-

vavam aquella furia, e quasi victoria, apertaram tanto com os Mouros, que de todo lhe ganharam as estancias. Rumeçan tanto que teve recado do que passava, tornou a voltar pera as estancias, que já achou em poder dos nossos; e remettendo com elles pera lhas tornar a ganhar, se tornou a atear a mais cruel, e aspera batalha, que até então houve, em que todos fizeram cousas espantosas; e assim os Mouros por ganharem as suas estancias, como os Portuguezes pelas não perderem, aconteceram casos muito dignos de mui maior escriptura. Em fim, no cabo do negocio, depois de muitas mortes, e damnos, os Mouros se recolhêram desbaratados, e os nossos ficaram senhores das estancias.

CAPITULO II.

De como o Governador D. João de Castro apresentou batalha aos inimigos, e da crueza della, e de como os desbaratou, e ganhou a Cidade com morte de Rumeçan, e cativoiro de Juzarcan.

Tanto que Rumeçan se vio com as estancias perdidas, se foi retrahindo pera o campo, onde se ajuntou com Juzarcan, que se vinha recolhendo desbaratado de D. João Mascarenhas, e alli formou seus esquadrões pera pelear com os Portuguezes.

Conto. Tom. III. P. I.

S

IMPRESSA
NACIONAL

no campo largo. O Governador vendo que se preparavam pera lhe dar batalha, não a refusou, antes com grande determinação se fahio dos vallos, e estancias, e ordenou seus esquadrões, dando aquella dianteira a Dom Alvaro de Castro seu filho, que foi commetter os Mouros com mais ordem, dando sua furriada de arcabuzaria, de que cahíram muitos dos inimigos. Aqui se baralháram todos ás cutilladas, retinindo os golpes de armas, e atroando o Mundo com os espantosos gritos, e alaridos de huns, e de outros. Foi aqui a crueza mui grande, porque se feriam em descuberto, e sem amparo algum; mas como o poder dos inimigos era grande, e de todas as partes lhes foi acudindo sempre mais gente, estiveram os nossos quasi perdidos, e desbaratados; mas chegou áquelle tempo o Padre Fr. Antonio do Casal com o Crucifixo arvorado na lança, e passando por meio dos nossos, foi bradando alto: » Ah Cavalleiros de Christo, » aqui tendes a figura de vosso Deos, que » he o que vos guia: esforçai, e passai ávan- » te, porque com tal Capitão não ha que re- » cear; » e com isto se foi pôr diante de todos, chamando por Sant-Iago, como Varrão mui animoso, e Religioso. Tanta força tiveram aquellas palavras, e a vista de Christo crucificado, que infundio em todos

novos espiritos ; e rebentando como hum furioso torrente , que desce do alto Apenino , deram Sant-Iago nos Mouros , fazendo nelles tal estrago , que a pezar seu , e com morte de muitos os arrancáram do campo , começando-se a declarar a vitoria pelos nosos. Rumezan vendo-se quasi perdido , tornou a voltar animando os seus com palavras de muita obrigação , e com tanta furia tornou a dar nos Portuguezes , que os fez voltar com grande desmancho.

Aqui acudio o Governador , acompanhado de Lourenço Pires de Tavora , Garcia de Sá , Jorge Cabral , Manoel de Souza de Sepulveda , e de outros Fidalgos ; e apresentando-se diante de todos , tiveram o encontro aos inimigos , não deixando o Governador de arriscar sua pessoa , sem os que com elle andavam o poderem ter. D. Alvaro de Castro , e D. Manoel de Lima com suas companhias estiveram mui apertados ; e sempre acontecêra hum grande defarranjo , se elles não trouxeram tanto o tento nos seus , acudindo-lhes nas mores affrontas , e necessidades , fazendo-os ter , e apresentando-se elles com os Fidalgos de sua companhia ao encontro dos inimigos. Na volta que fez Rumezan esteve tudo perdido por todas as partes , porque não só pelejavam contra os nosos os que traziam armas , mas ainda to-

da aquella multidão de gente inutil , que lançavam sobre os nossos tantas pedras , tiros , e outros arremessos , que parecia choverem coriscos , e trovões do Ceo. E como o Custodio andava diante de todos animando-os , e esforçando-os , permittio o Senhor , por dar mór animo aos seus , que daquelles números infinitos de pedras que cahiam sobre todos , acertasse huma em hum braço do Crucifixo , que lho quebrou todo ; e vendo assim o Custodio , levantou a voz , e começou a dizer :

» Ali Cavalleiros de Christo , vedes aqui
 » a Imagem de nosso Deos ferida , e escandalizada
 » lavrada diante de vós ; que fazeis que não
 » vingais tamanha offensa , e injúria , feita
 » a hum Senhor , que vos remio pelo seu precioso Sangue ? Segui-me , filhos meus , e
 » Cavalleiros Christãos , vamos vingar nosso
 » Deos ; » e com isto remetteo com os inimigos , bradando por Christo.

Ouvindo todos aquellas palavras , e levantando os olhos , que lhe víram o braço dependurado do cravo pela mão , clamando todos a grandes brados , misericordia , misericordia , arrebutáram com aquella furia , que lhes fazia levar o desejo de satisfazerem , e vingarem aquella injúria feita ao Senhor ; e rompendo nos Mouros , com grande estrago delles , os arrancáram do campo ,

po, indo matando nelles até os metterem pela Cidade dentro; mas todavia não foi sem damno, porque alli cahiram muitos dos nossos mortos, e feridos, e entre estes Manoel de Souza de Sepulveda, que ficou no campo com muitas feridas.

A'quelle tempo chegou ao caes huma fusta, em que vinha de Baçaim Bastião de Sá, filho de João Rodrigues de Sá, de se curar da fréchada que lhe tinham dado em huma perna, (como fica dito no fim do Cap. VI. do II. Liv.;) e sabendo estar o Governador no campo, o foi logo demandar com alguns companheiros que trazia; e chegando áquelle parte, achou Manoel de Souza de Sepulveda estirado no campo, e chegando-se a elle, o alevantou. Elle lhe pedio que fossem ambos juntos em busca do Governador, porque se não havia de recolher sem elle. Bastião de Sá, que não se tinha achado naquelle conflicto, não querendo se acabasse sem elle, disse-lhe, que não era tempo; e passou adiante até chegar aos nossos, que andavam já dentro na Cidade envoltos com os inimigos; e pondo-se na dianteira com os primeiros, começou a pelejar como quem vinha de repreza, e deseioso de o fazer. Os Mouros como hiam já de arrancada, os nossos com aquelle animo, e furia acabaram de os desbaratar, e de os espalhar pela Cida-

de. Vendo D. Manoel de Lima (que pelejava na dianteira, e tinha feito grandes cousas) a vitoria por nós, apartou-se com o seu esquadrão, e foi apôs hum corpo de Mouros, que se hiam recolhendo pela banda da praia; e D. Alvaro de Castro, que aqui mereceo muito, foi sempre seguindo Rumeccan pela Cidade dentro, pelo caminho que vai ao Bazar, pelejando sempre.

D. João Mascarenhas tanto que desbaratou Juzarcan, o foi seguindo pela parte aonde hoje está a Ermida de nossa Senhora, que então era o lugar da forza, levando-o sempre diante até o metter pela porta da Cidade, aonde entrou de envolta, fazendo hum nui grande estrago nos inimigos. Juzarcan se foi ajuntar com Rumeccan (como já dissemos) com parte dos seus.

O Capitão chegou até o meio da Cidade, donde despedio recado ao Governador, como ficava nella, e os inimigos por aquella parte desbaratados. Este recado chegou ao Governador a tempo, que tambem já os inimigos que elle seguia, se punham em desbarato; e prometteo ao homem que lho levou, grandes alviçaras, porque até então não sabia de D. João Mascarenhas; e logo o tornou a despedir, mandando dizer ao Capitão Dom João Mascarenhas » que fosse recolhendo os seus, e esperasse aonde

de estava , até se elle ir ajuntar com elle. »

D. Manoel de Lima , que foi seguindo os Mouros , que tomáram o caminho da praia , levou-os sempre diante de si , fazendo nelles muito grande estrago até ás casas de ElRey , onde parou , e despedio recado ao Governador , que já tudo era rendido ; e em lho dando , deo muitas graças a Deos por tamanha mercê , e foi tomando o caminho da praia ; e chegando aonde elle estava , o levou nos braços , dando a elle , e a todos muitos , e publicos louvores. Estava D. Manoel de Lima com a sua bandeira arvorada sobre a artilheria , que os Mouros tinham á porta da Alfandega , que eram alguns bazaliscos , aguias , e salvagens de metal de maravilhosa grandeza. O Governador lhe disse » que pois elle ganhára aquellas peças , lhe fazia mercê em nome de ElRey de hum daquelles bazaliscos , o maior. » D. Manoel de Lima lhe fez sua inclinação pela mercê , acceitando-a ; mas disse logo , que tornava a fazer serviço della a ElRey. O Governador mandou ver se estava alguemas casas do Soltão Mahamude ; e achando-as vafias , mandou metter nellas huma companhia de cem soldados ; e tomando Dom Manoel de Lima consigo , tornou a entrar na Cidade pela porta da Alfandega , e fa-

hio ao Bazar grande, onde achou seu filho D. Alvaro de Castro, que até alli foi apòs os inimigos, em quem tinha feito grande destruição. Dalli o mandou, que com a sua companhia corresse a Cidade, e ajuntasse a si toda a gente desmandada, e o fosse esperar á porta que sahia por aquella parte ao campo; e o Governador com toda a mais gente foi encaminhando pera onde estava D. João Mascarenhas. D. Alvaro de Castro foi recolhendo os soldados, que com humra brutal crueza andavam pelas casas matando, e espedaçando mulheres, meninos, e velhos, não perdoando ainda até os brutos animaes; e foi a crueza tão espantosa, que corriam pelo meio de todas as ruas regatos de negro sangue, carregando-se todos de prezas, que pelas casas tomavam, de ouro, prata, aljofar, deixando as mais fazendas que eram muitas, e ricas, pelas não poderem levar. D. Alvaro de Castro depois de com muito trabalho recolher todos a si, esperou em meio do Bazar pelo Governador, que logo chegou; e assim foram marchando até darem com D. João Mascarenhas, que ainda estava ás lans com os inimigos, que tornáram a voltar a elle; mas vendo elles o poder, deixáram tudo, e se foram recolhendo pera fóra da Cidade.

O Governador ajuntou a si todas as ban-

deiras , e ao som de tambores , e pifaros foi marchando pera o campo , aonde sahio , e vio que se ajuntava todo o poder dos Mouros em hum corpo , e estavam á sua vista Rumecan , Accedecan , Juzarcán , Mojatecan , e Alucan com oito mil homens , postos em som de batalha , e em muito boa ordem , com determinação de tornarem a buscar os nossos. O Governador por não arrefecer da vitoria , mandou a D. João Mascarenhas , e a seu filho D. Alvaro de Castro , que cada hum por sua parte commettessem os Mouros , porque elle o queria fazer pela testa do esquadrão.

Apartados os Capitães , foram demandar os inimigos , e os commettêram com muito grande determinação , ateando-se antre todos hum muito arriscada batalha. O Governador os foi tambem demandar , depois de andarem já envoltos , e pegou com elles com tão espantosa furia , que com morte de muitos os começou a arrancar do campo. Os Capitães que pelejavam pelas illargas com D. João Mascarenhas , e com Dom Alvaro de Castro , tanto que víram que Rumecan começava a perder o campo , enfraqueceram de maneira , que se puzeram em desbarato. Os nossos vendo isto apertáram tanto com elles , que os fizeram ir retrahindo , com tanta desordem , que cahiam huns

sobre os outros. E foram-se mettendo tanto os nossos com os Mouros, que hum Gabriel Teixeira, mui bom Cavalleiro, passou tanto adiante, que chegou ao Alferes da bandeira, e derribando-o de hum golpe, lha tomou das mãos, e se recolheu com ella arrastando-a, e bradando *Vitoria, vitoria.*

Juzarcán pelejou muito bem; e depois de ter muitas feridas, e andar muito fraco, e cansado, cahio antre o tropel dos seus, que hiam fugindo; e sendo conhecido dos nossos, lançaram mão delle, e o leváram ao Governador, que o estimou muito, encomendando a alguns homens de recado, que o levassem á fortaleza, e o mandassem curar, e ter a bom recado.

Rumecán vendo-se de todo desbaratado, e indo-se recolhendo muito cansado, e fraco, por levar duas espingardadas, receoso de ir ter ás mãos dos Portuguezes, despio os trajos que trazia, e vestio-se de huma pobre cabaia por não ser conhecido; e achando hum cavouco com alguns corpos mortos, se lançou antre elles pera ver se por alli podia escapar; mas como não ha fugir á mão de Deos, alli lhe foi dar huma grande pedra na cabeça, ou fosse da mão dos nossos, ou dos seus, que lha fez em pedaços; e assim acabou no mais miseravel estado o mais poderoso, e soberbo Mou-

ro, que havia em todo o Reyno de Cambaya, nem em todos os do Oriente naquelle tempo.

Os nossos foram seguindo a vitoria pelo campo adiante por espaço de meia legua, até de todo desbaratarem os inimigos. Hum Jorge Nunes, bom Cavalleiro, que hia por aquella parte pera onde Rumecan se recolhio, (que parece levava o olho nelle,) e indo ter ao cavouco, achou aquelles Mouros mortos, e antre elles vio, e conheceo Rumecan, (porque o conhecia mui bem;) e cortando-lhe a cabeça, a lançou ás costas, e a levou ao Governador, que a estimou muito, e prometteo ao soldado de lhe fazer mercê, como depois lhe fez. Este homem viveo depois muitos annos, casado na Cidade de Damão, e tem ainda nesta era de noventa e sete, em que isto escrevemos, mulher, e filhos, e elle em quanto viveo se chamou Jorge Nunes Rumecan; e depois que faleceo se enterrou em S. Francisco de Damão, aonde hoje apparece sua sepultura com huma mão, e huma cabeça pelos cabellos tomada, e hum letreiro, que diz: » Aqui jaz Jorge Nunes, que matou Rumecan. » Desta verdade não achámos outra testemunha mais que esta; e parece que lhe deve de ficar o direito, pela muito antiga posse em que está, que nós lhe não queremos tirar.

O Governador tanto que vio a vitoria arrematada, se foi recolhendo pera a Cidade, que entregou liberalmente a faco aos soldados, que nella se cevaram bem; e elle se foi ás casas de ElRey, e nellas achou toda a recamara de Rumecan, de ouro, prata, peças ricas, cavallos, jaezes, armas de muitas sortes, o que tudo mandou pôr a bom recado; e a artilheria toda, que eram quarenta peças grossas de bazaliscos, até camelos de marca maior, e outras muitas de outras sortes.

Affolada a Cidade, se recolheo o Governador pera a fortaleza a descançar, e a dar folga á gente, que andava mui cansada, mandando recolher, e enterrar os mortos, e curar os feridos com muita diligencia, e resguardo. Sobre a tarde tornou a sair fóra com as bandeiras ordenadas, e entrou nas estancias dos inimigos, aonde se acharam muitas munições, mantimentos, armas, e huma grande somma de alviões, cudiões, machados, pás, padiolas, escadas, e todos os mais petrechos de minar: tudo isto mandou recolher pera a fortaleza, no que se gastou aquelle dia, e o outro.

Morreram na batalha dos Mouros cinco mil, conforme a huma carta que achámos do Governador D. João de Castro no Cartorio da Sé de Goa, que escreveu ao

Bis-

Bispo D. João de Alboquerque, quando lhe mandou as novas da vitoria, em que lhe relata em breves palavras esta jornada.

Foi cativo Juzarcán, e perto de seiscientos homens de armas.

Morreo Rumeçan, Accedecan, Alucan, e outros muitos Capitães.

Tomaram-se muitas bandeiras, armas, e outras muitas cousas, que no triunfo do Governador adiante melhor se veram.

Portuguezes morrêram trinta e cinco, e ficaram feridos duzentos e cincoenta. O Governador despedio logo hum Cidadão nobre, e Cavalleiro, chamado Diogo Rodrigues de Azevedo, em hum navio muito ligeiro, com cartas pera o Bispo, Capitão, e Cidade de Goa, em que lhes dava as novas da grande vitoria que tinha alcançado dos Capitães de ElRey de Cambaya. E á Cidade em particular escreveu huma muito honrosa carta, em que lhe representava as necessidades em que ficava de dinheiro pera a reformação daquella fortaleza, que lhe pedia lhe quizessem emprestar vinte mil pardãos sobre huns cabellos da sua veneranda barba, que pera isso lhe mandou dentro na mesma carta, prometendo-lhe de os desempenhar tanto que chegasse a Goa: e da jornada deste homem adiante daremos razão.

CAPITULO III.

Das cousas que mais succedêram: e de como Lourenço Pires de Tavora se embarcou pera o Reyno, e levou consigo Rax Nordin, filho de Rax Xarrafo, Guazil de Ormuz: e de como o Governador Dom João de Castro mandou D. Manoel de Lima a fazer guerra á costa de Cambaya: e de como destruiu as Cidades de Goga, Gandar, e outras.

AO outro dia, depois que o Governador despedio o recado pera Goa, tornou a correr a Cidade, tendo já recado certo, que toda a gente que escapou da batalha, era passada á outra banda da terra firme; e mandou desmanchar a ponte que hia da Alfandega pera a Villa dos Rumes, e desfazer a parede da contenda, e todas as estancias dos inimigos, que deram a todos muito trabalho, por serem muitas, e muito fortes, e a parede comprida, e muito grossa. Depois de tudo isto feito, tomou o Governador parecer com todos os Capitães, e Fidalgos velhos sobre a reparação, e fortificação daquella fortaleza; e de commum conselho se assentou; que se alargasse mais o sitio, por ser dentro muito estreita, e que se fizessem outros muros novos por fóra da cava, e se

abrisse á roda outra mais larga, e mais funda. Assentado isto, começou o Governador a pôr as mãos á obra com muita presteza.

Lourenço Pires de Tavora chegando-se-lhe o tempo de se ir embarcar, se despedio do Governador, que escreveu por elle a El-Rey muito largo, dos merecimentos dos homens que naquelle cerco se acháram, e de si muito pouco, porque se reportava em tudo ao Capitão mór das náos, como testemunha de vista. Foi embarcado pera o Reyno com Lourenço Pires de Tavora na sua mesma náos Rax Nordin, filho de Rax Xaraso, Guazil de Ormuz, que levou grande casa. O Governador ficou profeguindo na reedificação, e fortificação da fortaleza. E porque lhe deram por novas, que em Surat se esperava por duas náos de Meca muito ricas, despedio D. Manoel de Lima com trinta navios, em que hiam os mais dos Capitães que das outras vezes o acompanháram, dando-lhe por regimento, que em quanto as náos tardassem, fizesse por aquella encada toda a guerra que pudesse; mas que não tocasse na Cidade de Goga, por ser avisado que toda a gente que escapára de Dio estava alli recolhida.

D. Manoel de Lima foi seguindo sua jornada de longo da costa pera dentro da enseada; e ao segundo dia depois que par-

tio, lhe deo hum temporal da banda do Sul, com que estiveram os navios quasi perdidos; e correndo com traquetes, foram surgir nos poços de Goga á vista da Cidade, ficando em remanso por causa das restingas, e canaes, em que os mares quebram. Os da Cidade tanto que houveram vista da Armada, a começaram a despejar, e a se recolherem pera as aldêas do certão. Estava hum náó de Mouros do Zamaluco surta tambem em hum daquelles poços; e vendo os della o despejo da Cidade, como levavam cartaz, e eram de paz, começaram a capear com bandeiras aos nossos, pera que acudissem, e desembarcassem. Os da Armada bem víram o capear da náó; mas não entendendo o porque o fazia, pareceo-lhes que era náó de Cambaya, e que de confiada em sua fortaleza, e muita gente que trazia, lhes fazia aquellas algazaras, e os desafiava. Dom Manoel de Lima como era homem mui colerico, e desconfiado, vendo que o tempo lhe não dava lugar pera ir demandar a náó, estava pera arrebentar de pezar. E lançando a vista a hum lado, e a outra parte, vio o despejo da Cidade, e ir pelo campo grandes exercitos de mulheres, e meninos com suas fazendas ás costas em compridas fileiras, assim como se vem as providas formigas carregadas de seu mantimento a buscar as covas

vas em que se agazalham,) e entendendo então que o capear da náó era aviso que lhe dava daquelle despejo, que se fazia com receio da Armada, mandou chamar todos os Capitães, e lhes disse:

» Que bem viam, que o tempo lhes não dava lugar pera sahirem dalli; e que pois á sua vista se despejava aquella Cidade, e mostrava tanto temor delles, que pareceria fraqueza não seguirem a vitoria, e pôrem aquella Cidade (que era das maiores de Cambaya) a ferro, e a fogo, e darem nella humi bom cevo a seus soldados. Porém posto que trazia por regimento, que não tocassem nella, que a causa que movêra ao Governador a lho defender, fora, ser aviado que alli estava toda a gente que escapára da batalha de Dio, que era muita, pelos não pôr a perigo; mas que pois viam fugir os inimigos á sua vista com tanta desordem, parecia que se aventurava pouco em acabar de destruir as reliquias do exercito inimigo, se alli estava, e que vissem sem todos o que lhes parecia naquelle negocio. »

Como todos os que alli estavam desejavam tanto, ou mais, que o Capitão mór, desembarcar naquella Cidade, todos a huma voz disseram » que não era bem se perdesse huma tão grande occasião como aquella;

Conto. Tom. III. P. I.

T

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

» la ; que desembarcassem , e seguissem a vi-
 » toria em que havia tão pouco risco , pois
 » aquelles inimigos hiam desbaratados por si
 » propios. » Vendo D. Manoel de Lima a
 resolução de todos , como o tempo hia já
 cessando , embarcou-se logo em huma pe-
 quena galueta , e foi sondar o esteiro , por
 onde se entra á Cidade , (de quem já na quar-
 ta Decada no Cap. V. do Liv. VII. demos
 larga relação ;) e vendo que de baixa mar
 era forçado ficarem todos os navios em sec-
 co , notou huma coroa de arêa , que em meio
 do esteiro deixava a maré depois de vasia ,
 em que as fustas podiam ficar ; porque der-
 redor , distancia de hum quarto de legua , e
 em partes mais , era tudo vasa , que atolava
 até o pesçoço , por onde ficavam alli segu-
 ros de poderem ser commettidos. E visto tu-
 do mui bem , se tornou pera a Armada , e
 deo recado aos Capitães , pera que se fizes-
 sem prestes.

E tanto que a maré começou a encher ,
 commetteo a entrada do esteiro ; e pojando
 em terra , desembarcáram todos os Capitães
 com sua gente , e bandeiras , e o Capitão
 mór com o guião de Christo ; e pondo-se
 em ordem , começaram a marchar pera a Ci-
 dade pela banda do certão , por pontes que
 tinha , que atravessavam os esteiros , que a
 cercavam quasi á roda. E com grande deter-
 mi-

minação a entráram, achando pouca resistência, porque a gente da guerra occupou-se toda em salvarem as mulheres, e filhos; e alguma defobrigada que acudio a defender a entrada, foi logo desbaratada. D. Manoel de Lima mandou dar fogo á Cidade por algumas partes, por os seus se não desmandarem no roubo. E como nella havia muitas terecenas de mantimentos, manteigas, cizas, drogas, e muitas mercadorias, tomou tamanha posse, e alevantou ao Ceo tão grandes, espessas, e negras nuvens de fumo, que cubriam toda a Cidade. Os nossos foram por huma parte della até sahirem ao câmpo largo da outra banda, por onde se acolhia a gente, (de que aquelles campos hiam cubertos,) fugindo com tanta pressa, que lhes parecia que hiam apôs elles aquellas temerosas chammas. D. Manoel de Lima houve por desnecessario seguillos, e tocou a recolher; e primeiro que a maré vafasse, se embarcou, levando tres Baneanes cativos, e com todos os navios se recolheo pera a coroa da arêa, onde os ancoráram; e depois da maré vasia, ficáram em secco muito seguros.

O Capitão mór soube dos Baneanes, que a gente da guerra que estava na Cidade era pouca, e que toda a que viera de Dio, ou a mór parte della, se espalhára logo por es-

se certão , e que essa que havia , com os naturaes se foram recolhendo pera huma Villa , que estava dalli a huma legua. E informando-se do caminho , e de tudo o mais que quiz , tomou conselho com os Capitães sobre se iria commetter aquella Villa , aonde todos haviam de estar descuidados ; e assentando-se que sim , se fizeram todos prestes pera a outra maré , que lhe cahio no quarto d'alva. E desembarcando em terra , deixando cem homens repartidos pela Armada , se foram marchando com grande ordem , e resguardo , levando os Baneanes por guia. E antes da manhã romper , chegaram á Villa sem serem sentidos , porque não se receavam de tal ; e commettendo-a com grande ímpeto , tomando todos dormindo , e cansados do trabalho da fugida , fizeram em todos tamanha destruição , e usáram de tão grandes cruezas com todo o genero de gente que acháram , que foi espanto. E assim aquelles miseros , que foram fugindo da morte com tão grande trabalho , a foram achar , quando cuidavam que della estavam mais seguros , e na maior quietação , e repouso. O lugar foi todo abrazado , e todo o gado que pelos campos acháram foi morto , e lançado dentro em seus pagodes , por affronta de sua religião , e assim nos poços , e tanques de que bebiam , pera lhes ficarem immundos ,

e abominaveis pera sempre ; (porque aonde toca o sangue de vaca , não tem purificação alguma pera isso .) Depois de cortarem , assolarem , e destruirem tudo , mandou o Capitão mór enforcar os tres Baneanes que tomou em Goa , dentro no seu maior Pagode , o que foi pera os Gentios a maior abominação , e affronta que podia ser ; e com isto se recolhêram pera Goga , sem lhes acontecer desastre .

Embarcado o Capitão mór , se sahio pera os cânaes ; e como lhe o tempo deo lugar , se fez á véla , e atreveffou a enceeda á outra banda ; e acháram aquelle golfo tão furioso , que estiveram quasi perdidos , e alagados ; e tanto que lhes veio a vasante , foi-lhes necessario surgirem , o que fizeram em alguns poços , porque alli são todo alfaques , e em muitas partes de baixa mar ficam descubertos ; e quem não for muito bom Piloto daquella enceeda , e não tiver muito conhecimento dos surgidouros , ficará sobre elles a muito risco de se perder ; e muitas vezes se aconteceo ficarem alguns navios , parte sobre elles em secco , e parte em nado dependurados em muito perigo até tornar a maré .

He o fluxo , e refluxo no fundo desta enceeda tão soberbo , e impetuoso , que se perde a vista nelle ; e se acertar de dar hum

navio em parte que toque , em hum breve momento he feito pedaços. E quem está na Cidade de Cambayete , em começando a varfar a maré , em hum breve espaço vê tudo quanto a vista alcança , secco , e espraiado, fômente hum pequeno canal, em que ficam os navios escorados por ambas as partes, com vigas que pera isso trazem; e depois quando a maré torna a encher , vem com tanta soberba fazendo hum macareo tão medonho, que parece que quer encapellar toda a Cidade ; e traz consigo tamanho terremoto , que estando eu naquella Cidade , a primeira noite que o ouvimos nos poz muito grande medo , porque parecia que se sorvertia a Cidade ; e em muito pequeno espaço torna tudo a ficar hum mar de agua , que parece que não ha cousa que o seque. E querendo eu por curiosidade experimentar a ligeireza deste macareo , me puz na praia em hum bom ligeiro cavallo Arabio , (em parte que só aquella pequena onda da refaca podia chegar.) E em vendo vir o macareo com grande terremoto huma grande distancia , lhe puz as pernas ; mas antes de hum tiro de pedra passou por mim como hum raio, deixando-me bem molhado. E quem bem notar Plinio , e Ariano , Author Grego , falando da Cidade de Bagariza , (que sem dúvida he a de Cambayete , como em outro

lugar mostraremos,) verá que claramente fallam deste macareo; porque dizem, que a Cidade de Bagariza está em dezeseite grãos, e que tem hum grande rio, e revolvimento, e impeto de aguas.

E tornando á nossa Armada, passou toda a noite surta nos poços com grande trabalho; e chegada a manhã deram á véla, e foram ferrar terra defronte da Cidade de Gandar, que está situada por hum formoso rio assima, por onde entráram os navios; e chegando á Cidade, desembarcáram nella; e a commettêram com muito boa ordem; e entrando-a, a acháram sem defensão, por ser toda povoada de Gentios mercadores, que a despejáram em vendo a Armada; os nossos a mettêram a faco, e acháram nelle muitas, e muito ricas roupas, porque se fazem alli as melhores de todas as Cidades de Cambaya. Depois que os navios foram cheios, puzeram fogo á Cidade em que toda se consumio. Dalli se passáram pela enxada mais dentro, destruindo todos os lugares maritimos. E porque já estavam muito no faco, tornáram a voltar até Baroche, fazendo por toda a sua costa grandes damnos, e incendios, tomando muitos navios carregados de fazendas, e mantimentos. E acabando-se-lhes o tempo dos provimentos, tornáram a voltar pera Dio vitoriosos.

CAPITULO IV.

De como D. João Mascarenhas desistio da fortaleza de Dio , e o Governador Dom João de Castro a entregou a D. Manoel de Lima : e de como Antonio Moniz Barreto foi esperar as náos de Cambaya : e de como chegaram a Goa as novas da victoria : e de hum heroico feito que fizeram as matronas de Goa.

DAva o Governador D. João de Castro muita pressa ás obras da fortaleza por fer já em Fevereiro , tempo , em que lhe era necessario acudir a Goa pera prover nas coufas de Malaca , e Maluco. D. João Mascarenhas vendo a mereê que lhe Deos tinha feito , determinou de se ir pera o Reyno , sem embargo de não ter cumprido o tempo da sua fortaleza , porque não queria della mais , que a honra que lhe ficava daquelle cerco ; e pediu ao Governador que a provesse , porque sem dúvida elle se havia de ir com elle pera Goa. O Governador o quiz tirar daquelle proposito , dando-lhe muitas razões pera isso , e lembrando-lhe , que era muito necessario esperar alli recado de El-Rey , que forçado havia de ter muita conta com suas cousas : e por muitas que lhe disse sobre este negocio , o não pode acabar com

com elle. Vendo o Governador que lhe era necessario prover aquella fortaleza, commetteo alguns Fidalgos velhos com ella, e todos se lhe escusaram, dizendo por fóra publicamente, que pois D. João Mascarenhas havia de levar a honra, e gloria do cerco, que levasse tambem os trabalhos da fortificação da fortaleza. Isto foi ter ás orelhas do Governador, de que se muito enfadou, porque não se sabia determinar no que fizesse; e quando chegou D. Manoel de Lima, andava elle muito melancolizado; e estando hum dia praticando com elle sobre este negocio, o achou de feição, que se atreveo ao commetter com aquella fortaleza, pondo-lhe diante a muita conta que ElRey com elle tivera, e o grande serviço que naquillo lhe faria. D. Manoel de Lima posto que sabia que muitos lha tinham engeitado, não lhe dando por isso a desconfiança, lhe disse, » que pois elle havia que nisso servia a ElRey, que elle a accitava com muito gosto.» O Governador o metteo logo de posse della, e elle começou a correr com suas obrigações muito bem, proseguindo na obra da fortificação com muita pressa.

O Governador como trazia muitas intelligencias por todo o Reyno de Cambaya, foi avisado que em Surrate se esperava por algumas náos de Ormuz, pelo que logo com

muita pressa despêdio Antonio Moniz Barreto com quinze navios ligeiros, com regimento, que se fosse lançar na costa de Pôr, e Mangalor, aonde ellas haviam de vir de mandar a terra, e que as tomasse. Antonio Moniz Barreto se foi lançar naquella paragem, aonde se deixou andar; e nós tambem o deixaremos, porque he necessario continuarmos com Diogo Rodrigues de Azevedo, que atrás no fim do Cap. II. do Liv. IV. deixámos partido pera Goa com as novas da vitoria.

Este homem se deo tanta pressa, que em breves dias foi ter áquella Cidade, e deo as cartas ao Bispo, Regentes, e Vereadores, por que souberam da grande vitoria que Deos lhe dera; e espalhando-se as novas pela Cidade, começou-se toda a desfazer em festas, e alegrias, ordenando o Bispo muito solemnes Procissões, pera com ellas se darem louvores a Deos pelas mercês que lhes tinha feito; e despêdio logo cartas a Cananor, e a Cochim, aonde se fizeram tambem outras com muito grande devoção. Os Vereadores mandáram ajuntar o povo em Camara, e o do meio leu a carta do Governador, e dentro nella acháram o rico penhor da sua veneranda barba, embrulhado em outro papel; e vendo o que dizia na carta, fez sobre isso luma breve fal-

la a todos, em que lhes representava a necessidade em que estava o Governador, e como naquelle negocio hia toda a salvação, e remedio da India; que aquelle era o tempo em que os bons Portuguezes haviam de mostrar o grande amor, e zelo que tinham ao serviço do seu Rey, que os saberia muyto bem galardoar com honras, privilegios, e liberdades. Que era muita razão que todos acudissem, e emprestassem ao Governador aquillo, que boamente pudessem, porque assim o encomendava elle muito; e que a paga seria nos direitos da Alfandega, e nos dos cavallos.

Vendo os Cidadãos a honrosa carta do Governador, e a guedelha de sua branca barba, movidos do zelo Portuguez, disseram

» que estavam muito prestes pera venderem
 » (se fosse necessario) os filhos pelo servi-
 » ço de seu Rey, e pera a defensão de seu
 » Estado.» E sabidos dalli, foram a suas casas ordenar o que cada hum havia de dar, (porque este negocio não correo por força, nem com as delordens que em semelhantes casos acontecem, senão por gosto, e amor.)

Sabendo as mulheres dos Cidadãos aquella necessidade, levadas de hum honroso zelo, tiráram as manilhas de ouro dos seus braços, e os ricos colares esmaltados de seus pescoços, e os cintos de rica pedraria, com

que se costumavam arraiar nos dias de suas mórés festas ; e as que menos podiam , as cadeias , orelheiras , e anneis. E dando tudo isto aos maridos , lhes disseram » que tudo » se empenhasse , e vendesse pera o serviço » do seu Rey , e pera a defensão de sua pa- » tria. »

Louvem agora os Escretores aquella grande liberalidade , com que as matronas Romanas mandáram offerecer ao Senado suas joias pera as despezas da guerra , porque nenhuma dellas emprestou mais , que huma onça de ouro ; porque pela Lei , o pião não podia ter mais em joias lavradas. Os Cidadãos , ajuntando logo o dinheiro , que cada hum pode , o leváram á canjara , e com elle as joias das mulheres , que tudo prefazia maior quantia de dinheiro , do que o Governador pedia. E recolhendo tudo em hum cofre , e a guedellia da barba do Governador em outro pequeno , guarneccido de prata , lhe mandáram tudo pelo mesmo Diogo Rodrigues de Azevedo , escrevendo-lhe huma breve carta , em que lhe certificavam , » que se fosse necessario empenharem seus fi- » lhos pera o serviço de seu Rey , que to- » dos o fariam com muito gosto. » E em quanto este recado não chega ao Governador , continuaremos com Antonio Moniz Barreto.

Havendo poucos dias que estava furto na parte em que o deixámos, veio dar com elle huma formosa náó de Cambaya, cheia de muitos, e mui ricos mercadores da Persia, dos Reynos do Zamaluco, e Idalxá, que se nella embarcáram, por trazer seguro, e cartaz do Governador, que tomou antes que a guerra se rompesse. E indo-a demandar, amainou logo as vélas confiada no cartaz; e o Capitão que se chamava Nacao Nacacl, com alguns mercadores principaes, se mettêram no batel, e foram demandar a fusta do Capitão mór com o cartaz na mão. Antonio Moniz Barreto o guardou, e os reteve, mandando metter huma guarnição de soldados na náó pera a guardarem; e dando á véla, se foi com ella pera Dio, onde depois da náó chegar, mandou o Governador pôr os mercadores a bom recado, e descarregar a náó de toda a fazenda, que importou de vantagem de vinte mil cruzados, a fóra doze cavallos Persios, muito formosos. Os mercadores estrangeiros disseram ao Governador » que elles eram de Reynos amigos, e que se embarcáram naquella náó » por trazer seguro, e cartaz seu; que elles » não tinham culpa na guerra, nem eram vassallos de ElRey de Cambaya, pelo que » não podiam perder suas fazendas. » O Governador ouvindo-os de sua justiça, os man-

dou soltar , dizendo-lhes » que a fossem re-
 » querer a Goa , que lá lha fariam , se a ti-
 » vessem , » mandando a náó pera Goa , en-
 tregue a Simão Botelho , Veador da Fazen-
 da , pera lá vender alguma , que ainda lhe
 ficou , e fazer prestes os provimentos pera
 Malaca , e Maluco ; e na náó mandou em-
 barcar muita artilheria , e outras cousas das
 que se tomáram na Cidade.

Nesta conjunção chegou a Dio Diogo
 Rodrigues de Azevedo com as cartas , e em-
 prestimo da Cidade ; e lendo-as o Governador ,
 e abrindo os cofres em que vinha o
 dinheiro , e joias das mulheres dos Cida-
 dãos , sabendo pelas cartas , e de Diogo Ro-
 drigues de Azevedo o amor com que lhas
 mandavam , assim se moveo daquelle zelo ,
 e liberalidade , que lhe rebentáram as lagri-
 mas pelos olhos fóra. E vendo-se provido
 de dinheiro da náó , sem tocar em nenhu-
 ma cousa das que lhe mandáram , tornou a
 enviar tudo , assim , e da maneira que veio ,
 pelo mesmo Diogo Rodrigues de Azevedo ,
 por quem escreveo á Cidade huma muito
 honrosa carta , cheia de muitos offerecimen-
 tos , e agradecimentos , que se lhe deo.

E certo , que segundo ouvimos a algu-
 mas pessoas daquelle tempo , que quando
 as matronas de Goa víram outra vez as suas
 joias , sem se nellas bulir , que sentíram em

estremo ; e que antes tomáram que se desfizeram todas em moedas pera os gastos da fortificação da fortaleza de Dio , que tornarem-lhas a mandar : tanto pôde a affabilidade , virtude , e zelo Christão de hum bom Governador , que não só se faz senhor das fazendas dos homens , mas ainda de seus corações , e vontades , que Deos fez tão livres pera todos. E quanto ao revéz acontece ao Capitão austero , aspero , e tacanho , porque não faz mais que crear nos corações dos homens odio , e aborrecimento.

E deixando esta materia , chegadas as novas desta tomada da náó a ElRey Soltão Mahamude , que andava como doudo da perda de Dio , foi tamanha sua paixão , que arrebentou em furor , mandando levar diante de si Athanasio Freire , e Simão Feio , com todos os mais Portuguezes que estavam cativos , que eram perto de trinta , e alli os mandou cortar , e despedaçar , recebendo todo aquelle martyrio com grande constancia , e paciencia , e com os corações postos em Deos , por cujo serviço , e amor o soffriam. E assim de crer he , que iriam juntos receber aquella gloriosa coroa , que no Ceo está apparelhada pera os Martyres de Christo , que padecêram semelhantes tormentos por seu amor.

CAPITULO V.

Do tempo em que os Turcos tomáram a Cidade de Baçorá : e de como D. Manoel de Lima foi entrar na fortaleza de Ormuz : e D. João Mascarenhas tornou a ficar na de Dio.

A Ndava-se o Governador D. João de Castro negociando pera partir pera Goa, porque tinha já a obra da fortificação em boa altura (por fazer de novo hum muro por fóra da cava velha, e mais com outros baluartes maiores, e mais capazes, com os mesmos nomes dos velhos; e pela banda de fóra outra cava, que cortava de mar a mar, mais larga, e mais alta que a antiga.) Isto tudo pode fazer tão depressa, porque achou todas as cousas necessarias dentro na Ilha, que tinham os inimigos juntas pera suas fabricas, e edificios, e pedra da parede da contenda alevantou a mór parte dos muros. E andando o Governador concluindo com estas obras, chegou huma fusta de Ormuz, com cartas do Capitão Luiz Falcão pera o Governador, em que lhe dava conta de como os Turcos com o favor de alguns Arabios havia pouco tinham tomado a Cidade de Baçorá a Mahamede Afsenan, Rey della, que era amigo do Estado, depois de a

ter de cerco muitos dias por mar, e por terra; e que o Rey era recolhido pera o cerco; e que se ajuntára com Mir Raxete, e com Mir Marcar, com Coge de Lamixá, e com outros Capitães Arabios daquellas fronteiras; e que ficavam todos com dez mil cavallos no campo, fazendo guerra aos Turcos; e que os favoreciam os Gizares, (que são os Arabios, que vivem nas Ilhas que o Eufrates faz naquella parte, que por serem alagadiças não se receavam dos Turcos, nem elles os podiam conquistar.)

O Governador sentio aquellas novas, porque os Turcos não eram vizinhos com que se havia de dissimular; e bem entendeu que tanto que alli mettêram o pé, se haviam de estender por todo aquelle Estreito; e que ficava a nossa fortaleza de Ormuz tendo nelles huma muito ruim vizinhança. E querendo prover naquellas cousas, começou a negociar gente, e Armada, mandando recado a Chaul a D. Manoel da Silveira, que lá se estava curando, que se apressasse pera se vir embarcar pera Ormuz, porque lhe cabia o tempo daquella fortaleza, de que estava provido. E tendo negociada a Armada que havia de mandar, e que esperava por D. Manoel da Silveira, lhe trouxeram novas que era falecido; porque estes são os brincos da fortuna, quando hum homem

cuida lograr os frutos de seus trabalhos, então acode ella com seus revezes. O Governador sentio muito a morte deste Fidalgo por suas muitas, e boas partes. Era casado com hum irmã de Martim Correa da Silveira, de quem tinha hum filho menino, que se chamava D. Martinho da Silveira, que foi Capitão de Dio, como em seu lugar diremos. E porque D. Manoel de Lima era provido desta fortaleza de Ormuz, apòs D. Manoel da Silveira lhe mandou o Governador que se fizesse prestes, e se embarcasse logo, tratando de prover a fortaleza de Dio de Capitão; mas não ousava de commetter Fidalgo algum, porque lha tinham já engeitado muitos, (como dissemos atrás no Cap. IV. deste IV. Liv.,) de que andava muito desgostoso. D. João Mascarenhas entendendo-lhe suas melancolias, e que andava desconfiado dos Fidalgos dizerem, que pois elle havia de levar as honras, e satisfacções do cerco, levasse tambem o trabalho da reedificação da fortaleza, se foi ter com o Governador, e se lhe offereceo pera tornar a ficar naquella fortaleza até á vinda das náos, porque entendia cumpria assim ao serviço de ElRey. O Governador lho agradeceo com palavras muito honrosas, e logo o metteo de posse, e a D. Manoel de Lima despachou pera Ormuz, com dous galeões, e alguns na-

navios de remo; e D. Paio de Noronha, que com elle hia em hum galeão, havia de andar no Estreito de Baçorá, favorecendo os Arabios contra os Turcos.

Chegou D. Manoel de Lima a Ormuz por todo o Abril, e tomou posse da fortaleza, e ordenou logo com ElRey, e Guazil proverem-se as de Catifa, e Barém de gente, e munições, mandando-as reformar muito bem. E porque adiante havemos de tratar do que neste Estreito aconteceu, o deixaremos agora, por concluir com as cousas de Dio.

Depois que o Governador teve a fortificação da fortaleza em estado defensavel, ordenou-lhe quinhentos homens de presidio com seus Capitães pera lhes darem mezas; e deixou muito dinheiro pera se lhes pagarem quarteis, e muito trigo, arroz, vacas, e manteigas, legumes pera lhes darem; e muitas munições, e artilheria, que foi dos Mouros, repartio pelos baluartes; e só aquella peça muito façanhosa (que depois mandou ao Reyno por espanto, que agora está no forte de S. Gião) fez embarcar em huma grande barcaça, que custou muito grande trabalho a metter dentro. E na náó, em que foi pera o Reyno, por não poder entrar pelo cisbordo, a abríram ao lume da agua, por onde a mettêram; e em Portu-

gal, segundo ouvimos, nunca se pode tirar, senão depois da não estar no estaleiro. Esta peça com outras grandes, que ainda hoje estão nos baluartes de Dio, ficaram do primeiro cerco de Antonio da Silveira, porque o Baxá Solimão não as pode embarcar.

O Governador mandou lançar pregões por Gogalá, e pelas aldeas vizinhas, em lingua Guzarate » que todo o mercador afrim natural, como estrangeiro, Mouro, » ou Gentio, que se quizesse passar pera a » Cidade de Dio; e assim todos os mais officiaes de toda a mecanica, o pudessem livremente fazer, porque se lhes guardariam » todos os seus costumes, e se lhes faria favor, e justiça. » Com isto começaram a entrar alguns, e pouco a pouco se tornou a Cidade a povoar. E porque nas cousas da Alfandega não havia por então que prover, (por ser já entrado o inverno,) não bulidores, covoqueiros, e mais officiaes que de Goa levou, a que fez muito boas pagas. E de toda aquella fabrica de cudolins, picões, cestos, enxadas, padiolas, e de tudo o mais, deixou por olheiro hum Pero Fernandes, homem de baixa sorte, Gallego, por ser muito diligente, e esperto.

Deste se conta, que escreveu nas primeiras naos huma carta a El Rey D. João, em que

que lhe dava conta de como o Governador o deixára encarregado daquelle serviço, e de como aquelle anno se fizeram tantas bragas de muro, tantas de cava, tantos fornos de cal, e que andavam na obra tantos pedreiros, e destas particularidades muito. Esta carta estimou ElRey, e folgou de a ver, e lhe respondeo, encommendando-lhe que todos os annos o avifasse de todas aquellas cousas; o que elle sempre fez, e ElRey lhe respondia.

Sabido isto pelos Fidalgos, fizeram de Pero Fernandes o Pasquim de Roma, escrevendo alguns a ElRey em nome de Pero Fernandes, tudo o que queriam que elle fosse do governo de Portugal, e da India, em que se desenfadavão bem. E depois que as cousas da Alfandega se puzeram em ordem, proveo ElRey os cargos della em alguns Castelhanos, criados da Rainha Dona Catharina, o que não cahio no chão a Pero Fernandes, ou aos que fallavam por elle, e escrevêram huma carta a ElRey, em que lhe davam conta das obras, primeiro que tudo, e depois lhe dizia: » Huma cousa se » vio cá, que scandalizou muito a todos, » que foi prover V. A. os cargos desta Al- » fandega em Castelhanos, criados da Rai- » nha, havendo cá muitos Cavalleiros, que » pelejaram em ambos os cercos, e ficaram

310 ASIA DE DIOGO DE COUTO

» aleijados, que os mereciam melhor: tenha
» V. A. daqui por diante mais conta aos Por-
» tuguezes, que ficáram aleijados pela de-
» fensão da sua fortaleza, e achará quem o
» sirva com gosto em semelhantes perigos.»

Esta carta foi dada a ElRey, que a leu,
e dissimulou; mas não respondeu mais ao
Pero Fernandes. E certo, que quanto a nós,
a carta era sua, porque era hum homem sol-
to, e fallador, e dizia tudo; pelo que era
odiado dos soldados, porque poufava no ter-
reiro da fortaleza, e todas as madrugadas
se subia a hum eirado alto que tinha, e co-
mo Mouro em cima do Alcorão, bradava
tão alto, que o ouviam por toda a fortale-
za, chamando aos officiaes ao trabalho; e
muitas vezes chamava por alguns soldados
conhecidos, nomeando-os: foão, fahi de ca-
fa de vossa amiga foã; e vós foão da vos-
sa tal; e assim hia dizendo huma ladainha
do que elle queria.

O Governador depois de ter dado or-
dem a tudo, se despedio do Capitão, e dos
Fidalgos, e Cavalleiros, que alli ficavam, e
se embarcou pera Goa, deixando D. Jorge
de Menezes com seis navios pera andar o
resto do verão na enceada de Cambaya, de-
fendendo os mantimentos, que não passas-
sem a Cambaya. O Governador como leva-
va o vento em poppa, foi em quatro dias a
Goa,

Goa, e surgio naquella barra, onde foi visitado do Bispo, Regentes, e Cidade, e os Vereadores lhe pediram » se detivesse alguns dias, porque lhe estavam preparando o recebimento; porque era razão que triumphasse de huma tão grande vitoria, como lhe nosso Senhor dera.» Elle o fez assim, ficando em Pangim dando despacho a muitas coufas.

CAPITULO VI.

Do grande triumpho com que o Governador D. João de Castro foi recebido na Cidade de Goa.

E Steve o Governador em Pangim tres dias, porque chegou aos onze de Abril, huma quarta feita; e ao Domingo seguinte, que foram quinze do mez, fez sua entrada. Tinha a Cidade mandado fazer no Bazar de Santa Catharina hum formoso caes, pera nelle desembarcar o Governador, por querer entrar por aquella parte; e porque a porta do muro alli era pequena, rasgou-se-lhe toda de alto abaixo, e cubríram-se as paredes de huma parte, e de outra de peças de borcados, e de veludos de cores: em cima das paredes de huma, e da outra banda estavam dous grandes galeões de pedra com as gargantas, e cabeças douradas, e nos pei-

tos formosos escudos com as armas dos Castros, que são seis arruelas azues em campo de prata, como as trazem os da casa do Governador do Civel. O caes entrava muito na agua, e estava todo cuberto com formosos arcos de peças de sedas, e delle até á porta do muro que se rasgou, era hum formoso bosque de arvoredo, que fazia tudo muito sombrio. E todo aquelle campo de longo do muro, por onde havia de ir até o caes dos Paços dos Viso-Reys, estava toldado, alcatifado, e enramado, e pela banda do mar muitas peças de artilheria cevadas, todas enramadas, e com suas bandeiras; e o mesmo todas as náos, e galeões que estavam no rio. Acudiram mais todas as almadias de Goa, e de todas as Illhas vizinhas (que eram infinitas) enramadas, e embandeiradas; e era de feição, que cubriam o rio, que ficava parecendo hum verde bosque. As ruas do caes até á Misericordia, e della á Sé estavam custosamente guarnecidas, e as janellas armadas de pannos de ouro, e sedas com muitas, e muito custosas invenções. Tinham os Vereadores ordenado na boca do terreiro, que hoje he do Paço, huma fortaleza de madeira, cuberta de papel, ou teadas, com seus baluartes, e cubellos, pela traça da de Dio, e dentro nella muitos lascarins com foguetes, bombas de

de fogo , e algumas bombardas , e espingardas , muitas panellas de polvora , e outros artificios de fogo. Pela mesma maneira tinham ordenado muitas folías , e danças de invenções , muito custosas ; e destes regozijos tudo o que o tempo lhes deo lugar.

O Governador ao Domingo á tarde abalou de Pangim nesta ordem. As náos , galeões , caravelas , e todas as mais vasilhas de alto bordo diante , com todas as vélas dadas , formosamente embandeiradas ; e logo atrás aquella somma de fustas , que eram mais de oitenta , em ordem com muitas charamelas , trombetas , atabales , tambores , pifaros , pandeiros , folías , e outros instrumentos alegres , todas enramadas , e embandeiradas ., fazendo hum tamanho estrondo , que parecia que se desfazia o rio de Goa. O Governador hia detrás de toda a Armada em huma galeota toldada de borcado , e embandeirada de formosas bandeiras , e estandartes de sedas de cores. Hiam com elle embarcados todos os Fidalgos velhos da Armada.

Nesta ordem foram entrando pelo rio affima , por meio daquelle formoso , e alegre bosque de almadiás , batéis , e outras embarcações embandeiradas. E chegando os galeões defronte da fortaleza , surgio o São Diniz , que era do Governador , que hia di-

ante de todos com a bandeira Real na gavia, e salvou a fortaleza com as vélas em si ma illadas nos palancos; e pela mesma maneira todos os mais galeões, e náos, que foi a mais soberba cousa que se podia ver. Acabada a salva, chegou a Armada de remo, e deo a sua; e abrindo-se as fustas de huma parte, e de outra, foi passando o Governador por meio dellas; e poz a prôa no caes. O Condestabre mór, a quem era carregado aquelle negocio, mandou desparar toda a artilheria que estava em terra, que era muita, que tambem foi outro mui grande terror, e espanto.

O Governador desembarcou no caes, que entrava muito pela agua, ao som de muitos instrumentos. Vinha vestido em huma roupa Franceza de setim cramezim, toda guarnecida de ouro, com golpes pelas mangas, tomadas com botões ricos, e hum jubão do mesmo theor, huns altos de grã á Portugueza antiga, com alguns golpes; por si ma do jubão levava huma coura de laminas, assentada em bocado, e cravada de prégos de prata; na cabeça levava huma gorra de veludo preto com formosas plumas, e espada, e adaga de ouro. No caes o estavam esperando o Capitão da Cidade D. Diogo de Almeida Freire, e os Vereadores, que o recebêram com muito grande

des cortezias. O Governador se deteve alli até desembarcar toda a gente da Armada, e se pôr em ordem, assim como entráram na batalha, com suas bandeiras desenroladas, ao som de tambores, e pifaros, não postos em fileiras por causa das cousas do triunfo, que haviam de ir no meio, mas a modo de procissão de longo das paredes.

Posto tudo em ordem, abalou o Governador do caes em meio do Capitão, e Vereadores; e chegando á porta do muro que se rompeo, achou hum Cidadão, chamado Thomé Dias Cayado, que lhe fez huma falla em Latim mui eloquente, e elegante, toda em louvor da vitoria, que lhe nosso Senhor deo dos Capitães de ElRey de Cambaya, com que toda a India ficava segura, e fóra de receios; louvando-lhe sua prudencia, segurança, e presteza. Acabada a falla, desfizeram-se os instrumentos todos, que parecia que o Mundo se fundia. Aqui se disparáram algumas peças de artilheria de boca larga, que estavam apontadas pera o ar com pouca polvora, cheias todas de mactapães, empenadilhas, fartens, e outras curiosidades desta sorte, que em lhes dando o fogo, as lançou a força da polvora por esses ares; e como hiam fracas, tornáram a calir sobre grandes cardumes de moços, Mouros, Gentios, e de todo o mais povo.

Os Vereadores estendêram hum muito rico pallio , e tomáram o Governador debaixo d'elle ; e hum Cidadão chamado Tristão de Paiva , que era Procurador da Cidade , chegou a elle , e lhe tirou a gorra da cabeça com muita cortezia , e reverencia , e a poz em hum formoso prato de bastiães dourado , e a levou diante do pallio alto ; e ao mesmo tempo hum Vereador lhe poz na cabeça huma coroa de palma , e na mão hum formoso ramo della ; e assim começou a entrar pela Cidade pela rua do Hospital , que vai de longo do muro pera o terreiro do Paço. Hia junto d'elle seu filho D. Alvaro de Castro , e diante do pallio o Padre Fr. Antonio do Casal , Custodio de S. Francisco , vestido em huma sobrepelliz , e com o mesmo Crucifixo que tirou na batalha , levantado na haste da lança , com o braço quebrado da pedrada que lhe deram.

Diante hum pouco d'elle hia a bandeira Real das Armas de Portugal , e diante della Juzarcán , Capitão de ElRey de Cambaya , que foi cativo na batalha , vestido em huma cabaya de veludo pardo , em meio do Secretario Cosme Anes , e do Ouvidor Geral Antonio Martins. Levava as mãos cruzadas , os olhos baixos ; diante d'elle hiam sete bandeiras dos Capitães de ElRey de Cambaya , e hum muito grande guião ar-

rastando-se todas pelo chão. Diante dellas hiam as dos nossos Capitães arvoradas, e antre humas, e outras hiam todos os cativos de Cambaya, que passavam de seiscientos, mettidos todos em correntes, que levavam arrastando. Diante delles hiam dous Trabucos, e algumas carretas de artilheria miuda, porque a grossa não pode levar-se, nem ainda menear-se. E diante outras muitas carretas, carregadas dos despojos da guerra, armas, espingardas, saias de malha, lanças, croques, mascaras de ferro, e outras muitas invenções de petrechos de guerra.

Nesta ordem foram até o terreiro do Paço, onde estava a fortaleza armada, que começou a desparar sua artilheria pera o ar, e despedir bombas de fogo, e foguetes, e arremessar panellas de polvora pera huma parte, que pera isso estava despejada, tudo com muito boa ordem, e compasso; coufa que o Governador folgou muito de ver: Dalli atravessou toda a rua direita, que estava formosa coufa pera ver, com muitas Damias pelas janellas, com rosas, boninas, aguas de cheiro, que de cima derramavam sobre o Governador. Os Gentios, e officiaes de todos os officios foram alli offerrecer cousas pertencentes a seus officios: os ourives do ouro, ouro batido feito em pedacinhos; os da prata o mesmo; os merca-

dores das sedas, estendiam por baixo dos pés do Governador pedaços de peças, e lançavam pelo chão finos caramabandos; e os das roupas finas, beitilhas, beirames, e outras muitas peças, tudo com mui grande regozijo de todos.

O Governador foi todo o caminho muito alegre, e risonho; e assim desta maneira chegou á Misericórdia, aonde entrou, e fez a sua oração, e offerecco sobre o Altar huma rica peça de borcado. Dalli foi pela rua do Crucifixo, e virou pera S. Francisco, aonde os Frades estavam esperando em procissão da banda de fóra, e o recebêram com *Benedictus, qui venit in nomine Domini*, cantando; e assim entrou na Igreja, aonde fez devota oração, e offerecco outra peça de borcado. Dalli se foi á Sé, a cuja porta estava o Bispo D. João de Alboquerque vestido em Pontifical, acompanhado de todos os Conegos, e Cleresia em procissão, esperando ao Governador com o Santissimo Lenho da Cruz em suas veneraveis mãos. O Governador tanto que chegou a elle, se debruçou, e lançou a seus pés com grande acatamento, e reverencia, com o rosto, e venerandas cans banhadas em lagrimas, e beijou a santissima Reliquia, e detrás a foi acompanhando até o Altar, aonde o Governador fez sua oração, e offerecco duas for-

mosas peças de borcado. E posto que era costume não acompanharem os Vereadores aos Governadores mais que até á Sé, quiseram estes pelo mais honrar, trazello até sua casa, que eram as do Sabayo. E ao entrar do terreiro, que estava todo feito hum formosissimo, e espesso bosque, largáram muitas lebres, perdizes, rollas, e outros passaros, que huns começáram a correr por antre a gente, outros a avoar por esses ares, que foi huma das mais formosas cousas que se podia ver. Com esta alegria, e regozijo chegáram aos Paços, onde os Vereadores se despedíram do Governador, já de noite, que toda se passou em folias, tangeres, e outros sinaes de alegria, andando o povo pelas ruas bradando a altas vozes: *Viva o nosso Libertador da patria*, titulo tão bem merecido, e tão bem dado, como os Romanos deram a Furio Camillo.

E querendo-o os Vereadores gratificar pelo amor que a todos mostrava, e pelo muito que merecia, o mandáram tirar pelo natural em hum formoso painel, e o puzeram na Camara de Goa, junto de Affonso de Alboquerque. Este auto se fez com grandes festas, e céremonias, que tudo o Governador agradeceo, assim com palavras, como com obras, solicitando com ElRey muitos favores pera aquella Cidade. Não faltou a

este triunfo pera se igualar com todos os dos Romanos, mais que aquelles carros de cavallos, que costumavam levar por ornato de seus triunfos. E souo tanto por toda a Europa este, que quando o contáram á Rainha D. Catharina, disse » que D. João de Castro vencêra como Christão, mas que » triunfára como Gentio.»

Naquelle parte do muro, que se rompeo pera o Governador entrar, mandou elle logo fazer hum Altar ao Bemaventurado S. Martinho, em cujo dia houve aquella grande vitoria, com hum formoso retabolo de oleo; e ordenou com a Cidade » que » todos os dias daquelle Bemaventurado Santo se fizesse huma solemne Procissão, e » se dissesse Missa, e houvesse prégação em » memoria da vitoria que Deos nosso Senhor » lhe deo naquelle dia; » o que se guardou até hoje, e deve de guardar sempre, por ser cousa memoravel, e de louvor de nosso Senhor, de cuja mão nos vem todos os bens.

CAPITULO VII.

Das cousas , que neste tempo aconteceram em Ceilão: e de como o Governador Dom João de Castro mandou Antonio Moniz Barreto com huma Armada em soccorro de ElRey de Candea: e de como D. Jorge de Menezes tomou a Cidade de Baroche.

NO Cap. IV. do Liv. II. da quinta Decada démos larga conta das grandes guerras que se levantáram em Ceilão, entre os Reys de Ceitavaca Madune Pandar, e Banoega Bao Pandar da Cota seu irmão, por lhe querer tomar seu Reyno; e como por se livrar delle o Rey da Cota, casou sua filha com Tribuly Pandar, por não ter filho macho que lhe herdasse o Reyno. Dantre este casamento nasceo Drama Bolla Bao Bandar, que foi o que ElRey D. João levantou em Lisboa por Principe, e herdeiro do Reyno da Cota, despedindo os Embaixadores que a isso foram, em cuja companhia mandou alguns Frades de S. Francisco, cujo Custodio foi o Padre Fr. Antonio do Padrão, Varão Religioso, que foi o primeiro Commissario Geral que á India passou. Estes Frades foram assignados pera se repartirem pela Ilha de Ceilão, pera plantarem naquellas terras bravias a Doutrina do

Couto. Tom. III. P. I.

X

NEVAN-RENSA
NACIONAL

Evangelho, (porque os Reys de Portugal sempre pertendêram nesta Conquista do Oriente unir tanto os dous poderes, espiritual, e temporal, que em nenhum tempo se exercitasse hum sem o outro.) Chegados estes Varões Apostolicos a Ceilão em companhia dos Embaixadores, foram mui bem recebidos de ElRey da Cota, dando-lhes licença pera poderem prégar a Lei de Christo por todos seus Reynos. E não se descuidando estes conquistadores Evangelicos de sua obrigação, começaram a romper em algumas partes o mato bravio, e semear nelle a semente Evangelica, que começou a fructificar como aquelle grão de mostarda do Evangelho, alevantando alguns Templos, em que o Altissimo Deos começou a ser honrado, e venerado de todos. E os primeiros lugares em que se fizeram, foram Panaturé, Macú, Berberi, Galle, Belliguão, tudo pórtos de mar, em que trouxeram ao gremio da Igreja hum grande número daquelles Gentios.

E passando ao coração da Ilha, chegaram ao Reyno de Candea hum Fr. Pascoal, com dous companheiros, que foram bem recebidos daquelle Rey Javira Bandar, primo com irmão do Madune, filho de hum irmão de seu pai, que os favoreceo em tudo; tanto, que lhes deo hum grande cháão,

e todo o necessario pera fazerem huma Igreja, e casas, em que se agazalhassem. Alli começaram a lavrar aquella terra infructuosa, e esteril, que não dava outros frutos mais que cardos, e espinhos de idolatrias nefandas, semeando em seu lugar a semente da vida. E achando sitio em ElRey pera o convidarem ás vodas do Senhor, o apalpáram, praticando com elle em cousas da nossa Fé, e Lei, mostrando-lhe claramente a verdade della, e a cegueira, e engano de seus Idolos; e tanto o vieram a molificar, que o renderam, porém não que recebesse a agua do santo Bautismo, porque teve grande medo de o matarem os seus. E não querendo os Padres que se perdesse aquella ovelha á mingoa, fizeram com elle que escrevesse ao Governador da vontade que tinha, e que lhe pedisse hum Capitão com gente pera o favorecer contra os seus, se tentassem alguma alteração com a mudança da Lei. Com esta carta foi hum daquelles Padres, que chegou a Goa poucos dias depois do Governador D. João de Castro triunfar. E vendo-se com elle, e dando-lhe conta de tudo, e lendo a carta, e entendendo por ella a vontade daquelle Rey Gentio, não quiz perder aquella tão boa occasião; porque sabia muito bem, que a principal droga, e a mais rica pedraria, que os Reys de Portugal pertencem

diam desta Conquista do Oriente, eram almas pera o Ceo. E movido tambem de seu bom zelo, poz aquelle negocio em consellio, e assentou-se nelle » que lhe mandasse » sem hum Capitão com duzentos homens » pera invernar, e assistir com aquelle Rey, » até o segurarem na Fé, e no Reyno. »

Pera esta jornada elegeo o Governador logo Antonio Moniz Barreto, a quem deo sete fustas, em que levaria cento e sincoenta homens, despedindo-o com muita pressa, dando-lhe Provisão pera em toda a parte a que chegasse, em que achasse navios novos, os levasse consigo; escrevendo por elle cartas de muitos minios áquelle Rey; e mandando-lhe peças, e brincos curiosos. Antonio Moniz Barreto se fez á véla já em fim de Abril, e de sua jornada adiante daremos razão.

Poucos dias depois desta Armada partida, chegou a Goa Fernão de Sousa de Tavora com os Castelhanos, que o Governador recebeu muito bem, mandando-lhes logo pagar quarteis, e dar mantimentos, dando licença pera os que quizessem ir pera o Reyno, o poderem fazer, dando-lhes pera isso ajuda de custo; e os que quizeram ficar na India, sempre foram favorecidos dos Governadores. Com este recado despedio logo o Governador hum galeão, que já es-

tava prestes com provimentos pera Maluco ; e juntamente proveo em outras cousas necessarias , porque se hia acabando o verão , por ficar desoccupado pera as cousas do Idalxá , de que logo daremos razão , porque o cerco de Dio nos não deo até agora lugar pera isso ; e entre tanto concluiremos com todas as cousas do verão , porque nos não fiquem , que temos ainda D. Jorge de Menezes na enxada de Cambaya , com quem he necessario continuemos.

Tanto que o Governador o despedio , andou por toda ella defendendo , que não passassem mantimentos a Cambaya , tomando algumas cotias carregadas delles. E andando ao mar da Cidade de Baroche , achou huma almadia pescando bem ao pégo ; e tomando-a , fez aos que estavam nella perguntas , do modo em que estava aquella Cidade ; e os pescadores lhe disseram , que Madre Maluco , genro de Coge Çofar , (que era senhor della ,) era ido á Corte de Amadabá , e que tinha partido o dia dantes ; e que a Cidade estava só sem mais gente , e que os mercadores , e officiaes , porque toda a da guerra levára consigo. D. Jorge estimou muito aquellas novas ; e mettendo dentro no seu navio os pescadores , foi demandar Baroche de noite. E entrando por aquelle rio assima , chegou á Cidade de ma-

drugada, e desembarcando logo, primeiro que fosse sentido, e entrando-a, tomou seus moradores nas camas, e descuidados de tal sobressalto, em que fizeram grandes cruezas, não perdoando a sexo, nem a idade. Todos os que pudéram escapar se foram recolhendo pera o certão, com tanta pressa, que os pais deixavam os filhos, e mulheres, e ellas os teiros filhos, e crianças em seus braços, tratando de salvar cada hum suas vidas. As casas foram entradas dos nossos, matando, e espedaçando os que achavam; e assim foram correndo a Cidade como leões famintos até chegarem aos muros, onde acharam muita, e mui formosa artilheria, e algumas casas cheias de munições.

D. Jorge de Menezes tomou alli conselho sobre o que faria, e assentou-se » que » pela grandeza da Cidade se não podia sufficientar com menos de seiscentos homens; » que se arrebentasse a artilheria, já que se » não podia embarcar; e que se recolhessem » primeiro, que houvesse algum desmancho.»

D. Jorge de Menezes mandou embarcar algumas peças pequenas, e todas as mais mandou carregar de polvora até ás bocas, deixando por todo o muro grandes carreiras della, e sahindo-se dos murros lhe deram fogo, e chegando ás bombardas arrebentaram por esses ares, com tamanho estron-

do, e braveza, que parecia fundir-se o Mundo.

Feito isto, embarcáram-se os nossos cheios de despojos, pondo primeiro fogo á mór parte das casas. Está esta Cidade fundada em hum alto, que quer imitar ao Castello de Lisboa: será do tamanho de Santarem, cercada toda á roda de muro de ladrilho, que fica cingindo o monte pelo pé, com muitos baluartes, e guaritas. Por cima dellas se descobre toda a Cidade da banda do mar, e fica como alevantada no ar. Toda ella he de formosas, e altas casarias de dous, e tres sobrados, tão custosas, e ricas, que havia muitas janellas de sacadas pera fóra com gelosias, que affirmáram custarem dous, e tres mil cruzados; de formosas obras de mace-naria, com grades, e tornos de marfim, e páo preto, mui polido tudo, e com grandes, e claras vidraças, e outras curiosidades destas. São as ruas tão estreitas todas, que não podem por ellas passar dous homens a cavallo juntos, ou ao menos pelas mais dellas. Ha nesta Cidade officiaes mui primos de toda a sorte de mecanica, principalmente tecelões das mais finas roupas, que se sabem no Mundo, que são os bofetás de Baroche tão estimados.

Possuia o Madre Maluco esta Cidade com outras Villas de redor, e mais de quinhem-

tas aldêas. Sustentava finco, e seis mil homens de cavallo, e muito grande casa que tinha. D. Jorge de Menezes se sahio pera fóra do rio muito a seu salvo, e despedio logo hum catur, de que era Capitão hum Henrique Salgado, com cartas pera o Governador, e com algumas peças de artilheria, que em Baroche tomou, deixando-se elle ficar na enceeda fazendo guerra por todos aquelles portos.

O Catur chegou a Goa em breves dias; e espalhando-se as novas, foram muito festejadas, e invejadas de todos, porque foi muito venturoso feito. Dalli por diante ficou D. Jorge de Menezes tomando aquelle muito honrado sobre appellido de Baroche, porque foi muito conhecido de todos.

Madre Maluco foi logo avisado da destruição da sua Cidade; e deixando tudo, acudio a ella com muita pressa, achando-a toda abrazada, e assolada. ElRey de Cambaya sentio em estremo aquellas cousas, e assentou com seus Capitães de ir em pessoa com todo o seu poder cercar a fortaleza de Dio, e não se ir de sobre ella até de todo a destruir, mandando logo fazer grandes preparamentos, e chamamento de vassallos por todos os seus Reynos.

CAPITULO VIII.

De como o Madune persuadio a ElRey de Candea alevantar-se contra os Portuguezes : e do que aconteceo a Antonio Moniz Barreto na jornada : e de como atravessou toda a Ilha de Ceilão com as armas nas mãos , pelejando com o poder daquelle Rey.

SAbendo o Madune de como ElRey de Candea tratava de se fazer Christão , e que tinha mandado pedir ao Governador D. João de Castro favor , e ajuda pera isso , receando que fosse aquillo meio de sua destruição , e que ficasse tendo todos aquelles Reys por inimigos , tratou de atalhar a tudo , com mandar persuadir a ElRey de Candea , que se não fizesse Christão ; porque tanto que o fosse , lhe haviam os Portuguezes de tomar o Reyno ; e que quando o elles não fizessem , que seus proprios naturaes haviam de tratar de o matar , por não serem governados por homens de differente Lei. Os homens que o Madune mandou com este negocio , tantas cousas disseram áquelle Rey , e assim lhe representáram medos , que não só o trastornáram de todo , mas ainda assentáram com elle de matarem todos os Portuguezes , que hiam com An-

tonio Moniz Barreto, do que já tinham avifo; tratando-se este negocio com tanto segredo, que os Padres o não entendêram, nem alcançaram.

Antonio Moniz Barreto seguindo sua viagem, até dobrar o cabo do Camorim, e de longo da outra costa, foi até passar os baixos de Manar, aonde armou dous navios que alli achou, e os levou consigo, e deo volta á Ilha pera ir tomar o porto de Batecalou, aonde levava por regimento desembarcar, pera dalli passar ao Reyno de Candea, como levava por orden do mesmo Rey. Em Gale tomou mais alguns navios que alli achou, que ainda que tinha pouca gente, foi-lhe assim necessario pera se espalhar a fama pela terra, que levava muita Armada.

E chegando ao Porto de Batecalou com doze navios de remo, desembarcou em terra, e mandou tirar alguns berços, e munições, e escolheo cento e vinte homens, porque os mais deixou em guarda dos navios, e foi caminhando pera Candea, guiado dos Embaixadores daquelle Rey, que foram a Goa em companhia do Frade de S. Francisco; e assim caminhou alguns dias até chegar á Cidade de Candea; e entrando já por ella, foi avisado da determinação daquelle Rey, e de como estava concertado com o

Madune pera o matar a elle, e a todos os da sua companhia; e não se soube de que parte se lhe deo o aviso. Antonio Moniz Barreto vendo aquelle negocio, e que não soffria dilação alguma, tomou huma mui apressada, e resoluta determinação, que foi mandar logo no mesmo instante queimar todo o fato que comfigo levavam, sem deixar mais que o que tinham nos corpos, com hum pouco de biscouto, e as armas, e disse aos seus:

» Bem vedes, valorosos soldados, e companheiros meus, o apressado aviso que nos deram; pera o que he necessario outra apressada determinação pera segurarmos nossas vidas; e não se me offereceo outra melhor que esta, de nos pormos á ligeira; e caminhar-mos com as armas nas mãos pera a parte de Triquinimalle, pera dahi nos passarmos á Cota, onde temos Rey amigo, porque pera tornarmos pera a Armada, receio tenhamos os caminhos tomados, e que todos nos serem inimigos; e pera estoutra parte temos hum Rey, que nos ha de recolher, e agazalhar mui bem; por isso lembro-vos, que a vida de cada hum está na defensão de seus braços, e de suas mãos, (deixando ás de Deos, que ellas são as que nos hão de defender, e livrar nesta jornada,) por isso segui-me:»

e tomando a espingarda ás costas, começou a marchar pera fóra da Cidade.

ElRey de Candea, que estava dissimulado, esperando por elles pera depois de agalhados, e espalhados lhe fazer a traição, tanto que teve recado da determinação de Antonio Moniz Barreto, e do que fizera, bem entendeu que fora avilado; e suspeitando que sería dos Frades, os mandou logo prender, e despedio com muita pressa alguns Modiliares com muita gente, pera irem apôs os nossos, como fizeram; e dando-se pressa, os encontráram já huma boa distancia fóra da Cidade; e commettendo-os com grande determinação por algumas partes, não deixou Antonio Moniz Barreto seu caminho, no mesmo compasso que levava, pondo-se elle na retaguarda pera nór segurança dos seus; dando ordem pera que a espingardaria fosse laborando de feição, que nunca cessasse, pera com isso irem entretenendo os inimigos, como fizeram. E assim foram caminhando todo o dia com muito trabalho, sem terem tempo de repousarem hum momento, nem comerem, senão mastigando o biscouto secco, e pelejando. Tanto que anoiteceo, tiveram mais algum folego, e foram caminhando sempre, mas com menos trabalho; porque ainda que os inimigos sempre os perseguiram, foi mais floxamente;

mas tanto que amanheceo , tornáram a apertar com grandé determinação , porque recrefécêram tantós , que passavam de oito mil.

Os nossos vendo que lhes era necessario defender as vidas , e que não podiam ter socorro de parte alguma , fizeram todos tão grandes cousas , que não ha cópia de palavras com que se possam encarecer ; porque chegáram muitas vezes a andarem baralhados com os inimigos a braços , e todavia sempre elles ficáram escalavrados , ficando-lhes de huma vez nas mãos hum Modeliar cativo , que Antonio Moniz Barreto estimou muito , e o mandou levar no meio a bom recado , pera se aproveitar delle quando lhe fosse necessario.

Deste Modeliar soube que os inimigos determinavam de apertar com elle em huma ponte que estava adiante , aonde haviam que todos os nossos lhes ficariam nas mãos , por ser o passo muito estreito. Isto não poz , nem causou temor algum em Antonio Moniz Barreto , nem em todos os mais , sómente em hum Gallego , que dando-lhe o medo da morte , desejava de salvar a vida , foi fazendo seus discursos , e assentou de se entregar aos inimigos ; e porque não podia ser de outra maneira , fez que caçava , deixando-se cair no chão como morto , dizendo que já não podia mais. Antonio Moniz Bar-

reto como não só trabalhava por se fahir dos inimigos, mas ainda por não perder hum só homem, acudio alli esforçando ao Gallego com palavras brandas, dizendo-lhe que o mór trabalho era já passado, que Deos que os tinha livrado até então, o faria de tudo o mais que estava por passar. O Gallego lhe disse, que já não podia comsigo, nem com as Armas, que o deixasse alli morrer. Antonio Moniz Barreto o fez alevantar, e lhe tomou a espingarda, e a poz ás suas proprias costas, e assim mesmo tudo o mais que o podia pejar, e o metteo no meio dos soldados, e o fez caminhar; mas como elle levava já a morte repretentada na imaginação, dando-lhe grandes accidentes, tornou a cahir no chão, fazendo-se morto. Antonio Moniz Barreto, que levava o olho nelle, acudio logo pera o levantar, o que elle não quiz, dizendo que o deixasse, que não havia de passar dalli.

Entendendo Antonio Moniz Barreto que aquillo eram melancolias de medo, disse a hum soldado que lhe cortasse as pernas, ou o mataste logo, porque não queria que depois dissessem os inimigos, que lhe tomaram hum Portuguez. E querendo-lhe o soldado dar, saltou o Gallego tão vivo, e esperto, como se nunca tivera passado trabalho algum, e começou a caminhar em meio

de todos. Os inimigos nunca largaram os nossos, e todavia de longe, porque a espingardaria tinha feito nelles grande estrago; porque como elles haviam que tinham o negocio acabado ao passar da ponte, não se queriam arriscar; mas de longe varejavam os nossos com nuvens de frêchas, de que quasi todos hiam empenados. Desta maneira foram até á ponte, aonde apertáram com os nossos rijamente; e foi a cousa de feição, que se víram perdidos.

Antonio Moniz Barreto fez aqui o officio de muito experto Capitão, e de valeroso soldado; obrando taes cousas por seu braço, e assim mesmo todos os companheiros, que se desfizeram dos inimigos, que hiam já de mistura com elles.

Aqui acudio outra apreçada, e proveitosa determinação a Antonio Moniz Barreto, que foi mandar cortar as pernas ao Modeliar, que levava cativo, que era pessoa principal, e deitallo no caminho, pera que os inimigos se embaraçassem com elle, como fizeram; porque indo perseguindo os nossos, deram com o Modeliar daquella feição, e detiveram-se em o levantarem, e em o mandarem pera ser curado. Neste pequeno espaço se aproveitáram os nossos do tempo, e do caminho, de feição, que chegaram á ponte, ainda que perseguidos de alguns. Anto-

nio Moniz Barreto tanto que a tomou, se deixou ficar na retaguarda com os mais esforçados, e mandando passar os mais, ficando elles tendo o encontro aos inimigos com a espingardaria, até passarem poucos, e poucos; e elles o foram fazendo com infinitos trabalhos, franqueando tambem os que já estavam da outra parte a passagem com a arcabuzaria, que laborava sem cessar. Antonio Moniz Barreto, como foi da outra banda, mandou desfazer parte da ponte, por os inimigos o não seguirem, porque aquelle rio era tão alto, que se não podia vadear por parte alguma. Com isto ficaram os nossos desassombrados, e foram caminhando sem oppressão até Triquinimalle; e dali se passaram a Ceitavaca, aonde aquelle Rey os recebeo, e agazalhou muito bem, mandando-lhes dar todo o necessario.

Agora engrandeça Tito Livio o seu Decio, quando estando cercado no monte Gaurro dos Samnites, que com poucos Romanos sahio de noite por meio dos inimigos, salvando-se com todos; que posto que nós não temos tanta cópia de palavras, nem tão eloquente estilo pera realçar este feito, elle por si he tal, que contado assim sem mais ornamento, mostra quanta mais vantagem faz ao seu Decio; porque este Capitão não sahio de noite perante os inimigos, aonde a

escuridade della fez parecer aos Samnites muito maior o exercito inimigo ; mas na força do dia, e por meio da Cidade do inimigo, cercado de todas as partes, rompendo por meio delles, vendo-se bem que não passavam de cento e vinte, e não por espaço de meia hora, mas por tres dias continuos, sem perder hum dos seus companheiros.

O Madune nas práticas que teve com Antonio Moniz Barreto lhe deo a entender, que seu irmão Rey da Cota induzira ao Rey de Candea, pera que o mataste com todos os Portuguezes ; e que elle havia de mostrar quanto mór servidor de ElRey de Portugal era, que todos os Reys daquella Ilha, offerecendo-se-lhe pera tudo o que lhe cumprisse. Antonio Moniz Barreto teve com elle seus cumprimentos, e se despedio del-le ; persuadindo os Modeliares a ElRey, que o mataste com todos os Portuguezes, o que elle não quiz fazer pelo que lhe relevava, e importava. Antonio Moniz Barreto chegou a Columbo, aonde poucos dias depois chegaram Embaixadores de Candea, por quem aquelle Rey mandou dizer a Antonio Moniz Barreto, que estava muito arrependido de tomar o conselho do Madune, que lhe fez fazer aquelle desatino ; e lhe mandou os berços que lá ficáram ; e dez

Couto. Tom. III. P. I.

Y mil

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO

mil pardãos em dinheiro pera repartir com os soldados. E escreveo aos Frades de São Francisco, que Antonio Moniz Barreto levou comfigo, que se tornassem pera elle, porque queria cumprir sua palavra, e fazer-se Christão; o que Antonio Moniz Barreto não consentio até ir dar conta ao Governador; e como foi tempo, se embarcou pera Goa.

C A P I T U L O IX.

De como o Idalxá mandou alguns Capitães sobre as terras de Salfete: e de como D. Diogo de Almeida, Capitão de Goa, o foi buscar, e desbaratou.

JÁ que temos concluido com as cousas deste verão, entraremos nas do Idalxá, que guardámos pera este lugar de proposito, por ser assim necessario pera a ordem da historia. Na quinta Decada Cap. XI. do Liv. IX. fica dito, como o Idalxá se concertou com Martim Affonso de Sousa, sendo Governador, que lhe daria as terras de Salfete, e Bardés, de que lhe logo fez entrega; com condição, que mandaria Mealecan ou pera Portugal, ou pera Malaca, o que lhe não cumprio. E depois do Governador Dom João de Castro estar na India, lhe mandou requerer por algumas vezes » que lhe cum-

» prisse os contratos que estavam feitos an-
 » tre elle , e o Governador Martim Affon-
 » so de Souza , com mandar Mealecan pera
 » fóra de Goa , ou lhe tornasse a fazer en-
 » trega das suas terras » a que nunca o Go-
 » vernador lhe deferio. E vendo a pouca conta
 » que se com elle tinha neste particular , ha-
 » vendo por affronta soffrer tanto , porque não
 » só não mandára Mealecan pera fóra , como
 » estava assentado , mas ainda lhe tinha dado
 » em Goa muito honrada casa , cousa que el-
 » le sentia em estreño. E vendo este verão oc-
 » cupado o Governador na guerra de Cam-
 » baya , e cerco de Dio , despedio alguns Ca-
 » pitães com muita gente , que este Janeiro pas-
 » sado entráram pelas terras de Salsete , e Bar-
 » dês , e sem contradicção alguma se senhoreá-
 » ram dellas , e começaram a arrecadar seus
 » fóros , e rendimentos. D. Diogo de Almei-
 » da Freire , que era Capitão de Goa , a quem
 » logo chegáram estas novas , praticando-as
 » com o Bispo , Regente , e mais do Conse-
 » lho , assentáram » que pois em Goa não ha-
 » via cabedal pera se acudir áquillo , por
 » ser todo ao soccorro de Dio , que se pro-
 » vesse a fortaleza de Rachol de gente , e
 » munições , e os rios de Goa de algumas
 » manchuas pera sua guarda , até verem as
 » cousas de Dio em que paravam ; e que
 » vindo o Governador , proveria naquell-
 » las

Y ii

» las cousas de proposito; » e assim se fez ficando as terras em poder dos inimigos.

Depois do Governador D. João de Castro chegar de Dio, e de prover nas cousas de Malaca, e Maluco, começou a tratar destas; e pondo-as em conselho, se assentou, » que se mandasse acudir áquelle negocio com » cabedal, e que se fossem buscar os inimigos aonde estivessem; e que se arriscasse » tudo até os lançar fóra, porque vissem que » todas as vezes que a ellas viessem, os poderiam ir buscar. » Com isto ordenou o Governador, que passasse a Salfete o Capitão da Cidade D. Diogo de Almeida, assinando-lhe vitocentos Portuguezes; em que entravam cento e vinte de cavallo, Cidadãos de Goa, e mil Lascarins da terra. O Governador se foi pôr em Agaçaim pera dar ordem áquella guerra, donde despedio o Capitão que se poz da outra banda, e foi entrando pelas terras até á Villa de Margão, sem achar quem lhe resistisse. Alli por espias que trazia soube estarem os inimigos nas aldeias de Cocoly, e que seriam quatro mil; com o que poz a sua gente em ordem, e passou a ribeira á outra banda, e foi hum dia de madrugada marchando pera onde elles estavam; levando diante alguns cavallos ligeiros, em que hiam descobrindo o campo.

Os

Os Mouros, que tambem traziam suas espias, foram avisados de como o Capitão de Goa os lia buscar; e não ousando ao esperar, se foram recolhendo pera o certão, deixando todas aquellas terras livres, e desembargadas. Os nossos chegáram a Cocoly, que acháram despejado com medo, e logo mandou D. Diogo de Almeida pergoar seguros Reaes, pera que livremente pudessem vir grangear, e possuir suas terras, e fazendas, acudindo a ElRey de Portugal com os fóros, pelos mesmos foraes dos Mouros. Com isto acudíram todos os Gancares, e Pateis das aldeias, e foram dar de novo obediencia ao Capirão, que os recebeu bem, e os segurou. Daqui despedio suas espias, e soube por ellas, que os Mouros eram passados pera Pondá, do que avisou ao Governador, que lhe mandou se recolhesse, e deixasse hum Tanadar nas terras com quinhentos piães, como fez.

Recolhido elle, mandou o Governador a Francisco de Mello Pereira, que tinha vindo rico de Banda, que fosse estar em Rachol com duzentos soldados Portuguezes pera segurança das aldeias; e lhe deo titulo de Capitão mór das terras de Salfete, e mil pardãos de ordenado cada anno, pagos nos fóros daquellas aldeias. Francisco de Mello Pereira se passou á outra banda, e de Mar-

gão pera Rachol gastou todo o inverno , quietando , e segurando as terras , e arrecadando os fóros dellas. O Idalxá tanto que soube da fugida dos seus , e de como os noffos ficavam senhores das terras , sentio-o em estremo ; e despedio logo outro Capitão com mais quatro mil homens , pera ir diante tornar a tomar as terras , em quanto elle negociava mór exercito. Em companhia deste foi Gonçalo Vaz Coutinho , homem Fidalgo , que lá andava homisiado por casos grandes , que hia por Capitão de huma companhia , em que entravam alguns Portuguezes , que lá andavam arrenegados. Estimava o Idalxá muito este homem , por ser esforçado , e de grande animo , e assim o mostrou bem lá antre os Mouros ; e tinha naquelle Reyno rendas , e aldeias. Esta companhia partio da Corte de Visapôr este Julho em que andamos ; e do que passou , adiante daremos razão , porque he necessario que continuemos com Bernaldim de Souisa ; e com algumas cousas , que neste tempo succederam em Malaca.



DECADA SEXTA.

LIVRO V.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

Do que aconteceu na jornada a Bernaldim de Sousa : e de como huma Armada dos Achens foi a Malaca : e de como Dom Francisco Deça sabio apôs ella, e do que lhe aconteceu.

PARTIDO Bernaldim de Sousa de Malaca, (aonde o deixámos,) como fica dito no Cap. IV. do I. Liv. , foi na entrada de Dezembro passado tomar a Ilha de Ternate, e surgio defronte da fortaleza, e logo se embarcou em hum batel com seus criados, deixando ElRey na não, e defendendo a todos os que com elle hiam, que não dissessem que estava elle nella. Chegando a terra, foi á fortaleza, e no caminho

achou Jordão de Freitas, que não tinha ainda recado de cousa alguma; e vendo a Bernaldim de Sousa, ficou sobressaltado, porque logo lhe pareceo que hum homem daquella maneira não hia lá senão a cousas grandes; e depois de o receber, se recolhêram pera a fortaleza, aonde acudiram todos os officiaes, e apresentou suas Patentes, por cuja virtude tomou logo posse da fortaleza. Os filhos de ElRey acudiram logo a ella, sem saberem do pai. Bernaldim de Sousa os recebeo bem, e lhes disse, que o fossem desembarcar que estava na náó. Elles como não sabiam cousa alguma, foi tão grande o seu alvoroço, que como doudos se foram á praia, e desembarcáram ElRey, a quem Bernaldim de Sousa foi esperar á praia com todo o povo. Desembarcado ElRey, foi recebido com muito alvoroço, e alegria de todos, levando os grilhões, com que foi prezo pera a India, alevantados no ar na mão direita, pera que lhos vissem todos, e assim se recolheo pera sua casa. Dahi a tres dias o mandou Bernaldim de Sousa chamar, e a todos os Regedores, e povo, que todos se vieram pera a fortaleza, aonde estavam os officiaes; e como os teve todos juntos no terreiro della, tendo já presentes as cousas necessarias pera aquella cerimonia, fez novamente entrega daquelle Rey-

no a ElRey Aeiro, em nome de ElRey de Portugal, dando-lhe alli a posse delle; e os Regedores tambem lhe deram a obediencia a seu modo. De tudo isto mandou Bernaldim de Soufa fazer autos, e papeis affinados por todos. Este auto se celebrou com muitas festas de todo o povo, ficando ElRey Aeiro dalli em diante correndo com as obrigações do Reyno. E porque no principio do seu governo não houve cousa notavel, o deixaremos, porque he razão continuemos com as cousas, que neste tempo succedêram em Malaca.

ElRey de Viantana Soltão Alaudixá (que foi o que Pero Mascarenhas deitou de Bintão, como na quarta Decada Cap. III. do Liv. II. temos dito) tendo alguns agravos de ElRey de Patane seu vizinho; e havendo-se por muito affrontado, e offendido de elle por cousas que não são da essencia de nossa historia, convocou os Reys de Perú, Páo, e outros vizinhos pera o irem destruir, formando todos huma Armada de trezentas vélas, em que entravam galés, lancharas, bantins, e outras embarcações, em que embarcáram oito mil homens. Esta Armada se ajuntou no rio de Jor. De tudo isto foi avisado Simão de Mello, Capitão de Malaca, e com muita pressa despedio hum bantim muito ligeiro, por quem

escreveo a Diogo Soares de Mello , que es-
 tava por Capitão no porto de Patane , em
 que o avisava daquella Armada , e lhe pe-
 dia » que logo se fosse pera Malaca , e não
 » se quizesse achar naquella envolta , porque
 » como aquelles Reys estavam amigos do Ef-
 » tado , não era bem que se achasse em Pa-
 » tane , porque então seria necessario favore-
 » cer aquelle Rey contra estoutros , pois es-
 » tava em sua terra , do que poderia resul-
 » tar algum grande escandalo ; porque de
 » toda a maneira que succedesse , seria gran-
 » de desgosto ; e desbaratando-se os Reys da
 » liga , haviam de lançar a culpa aos Portu-
 » guezes , que favoreceram o inimigo , e to-
 » mariam dahi occasião pera darem traba-
 » lhos a Malaca. E se o Rey de Patane fos-
 » se vencido , não podia ser sem grande da-
 » mnino dos Portuguezes ; que estava certo
 » serem os primeiros que o recebessem , por-
 » que sobre elles havia de carregar todo o
 » pezo da guerra ; pelo que melhor seria es-
 » cusar desgostos , e recolher-se a Malaca. »

Esta carta deram a Diogo Soares de
 Mello ; e parecendo-lhe bem o conselho de
 Simão de Mello , despedio logo alguns na-
 vios de Portuguezes , que estavam alli pera
 a China ; e elle se embarcou nas suas galeo-
 tas com setenta Portuguezes , em que entra-
 vam estes Fidalgos : **Mahuel de Mello** seu

irmão, (que era Capitão de huma das ga-
leotas,) Ruy de Mello, hum foão de Sam-
paio, Belchior de Siqueira, Balthazar Soa-
res de Mello, filho do mesmo Diogo Soa-
res de Mello, e outros. E tomando o ca-
minho de Malaca, tanto ávante como os
Ilheos de Calatão, (que estam em seis grãos
e meio da banda do Norte, perto de vinte
e cinco leguas de Patane,) houveram vista
da Armada dos inimigos, que cubria o mar.
E como aquelles Reys estavam todos ami-
gos do Estado, pareceo-lhe a Diogo Soa-
res de Mello que era obrigação visitallos,
já que se não podia desviar delles; e assim
foi demandar a galé de ElRey de Vianta-
na, e com muita confiança entrou dentro.
ElRey, que já sabia quem elle era; o recebeu
bem, fazendo-lhe grandes gazalhados. Dio-
go Soares de Mello teve com elle grandes
cumprimentos; e despedindo-se logo delle,
foi visitar os outros Reys, que o agazalhá-
ram honradamente. ElRey de Pão lhe deo
huma carta pera os seus Regedores, em que
lhes mandava » que tomando Diogo Soares
» de Mello o seu porto, e querendo nelle
» esperar a monção pera Malaca, (que ha-
» via de ser no fim de Agosto,) o recolhes-
» sem, e lhe désssem todas as çousas de que
» tivesse necessidade.» E por virtude desta
carta tomando aquelle porto, lhederam tu-
do

do o que pedio, despejando os navios, e varando-os, porque se haviam de deter mais de hum mez.

Neste tempo, que sería em Julho, succedeo lançar o Rey de Achém huma Armada de vinte vélas, em que entravam quatro galés muito formosas, de que era Capitão mór hum Mouro muito atrevido. Esta Armada se foi pôr no Estreito de Sabão, aonde fez algumas prezas em juncos, que hiam pera Malaca; e depois que por alli andou hum mez e meio, voltou pera Malaca, aonde chegou de noite. E chegando-se bem á terra, vendo que não era sentido, desembarcou da banda dos Chelins, pera ver se podia fazer alguma preza; mas como tudo estava fechado, não achou mais que huns patos, que ficáram de fóra a hum Chelim rico, e conhecido do Achém, e tomando-os, tornou-se a embarcar. Todavia isto não pode ser tão encuberto, que não fossem sentidos; e dando-se rebate na fortaleza, acudio o Capitão Simão de Mello, que mandou logo sahir fóra D. Francisco Deça seu cunhado com alguma gente, e achou a povoação dos Chelins toda alvoroçada, e posta em armas; e acudindo á praia, vio que os inimigos eram já embarcados, que se hiam recolhendo muito ufanos com os patos que levavam ao Achém, de sinal de como des-

embarcáram em Malaca, e foram correndo a costa de Perá, e Quedá ás prezas.

Simão de Mello mandou hum bantim ligeiro a espiar esta Armada, e negociou com muita pressa alguns navios que havia no porto, pera mandar apôs elles. E andando neste trabalho, chegou á barra de Malaca Diogo Soares de Mello com duas galeotas, o que Simão de Mello estimou muito, porque com ellas fazia Armada bastante pera ir buscar os inimigos. Tinha já negociados dous caravelões de mercadores, de que eram Capitães Diogo Pereira, que depois foi sogro de D. Pedro de Castro; e Gemes Barreto, e seis fustas, de que tinha feitos Capitães seu cunhado D. Francisco Deça, que havia de ser cabeça de toda a Armada, Affonso Gentil, André Toscano, João Soares, Belchior de Siqueira, e D. Manoel Deça, com alguns bantins, de que eram Capitães Antonio de Lemos, Fernão de Alvares, e alguns Chelins; e as duas galeotas de Diogo Soares de Mello, em que elle hia, e seu irmão Manoel de Mello.

Prestes a Armada, em que hia todo o cabedal de Malaca, a despedio o Capitão, dando por regimento a D. Francisco Deça, que fosse apôs os inimigos; e que passados dez dias, (porque não levavam mantimentos pera mais,) se tornasse a recolher; en-

com-

commendando-lhe muito, que não fizesse cousa alguma; sem conselho de Diogo Soares de Mello.

Esta Armada foi correndo a costa de Perá, sem achar novas dos inimigos; e passando adiante, chegaram a Pulo Botum, que he Ilha, entrando por antre ella, e a terra firme, e alli acháram novas que estavam em Quedá. E querendo D. Francisco Deça ir buscar a Armada, houve reboição na gente della, dizendo os mais dos Capitães » que » não haviam de passar a Quedá, que era » longe, porque se lhes passavam já os dias » do provimento; » e assim se quizeram tornar alguns. D. Francisco Deça tratou de os quietar com brandura, mas não pode. A isto acudio Diogo Soares de Mello, estando todos presentes, e disse com paixão: » Que » todo o que tratasse de deixar o seu Capi- » tão mór, que o havia de apregoar por » Judeo, e covarde; e que jurava a Deos, » que o havia de matar, e que pera isso ha- » via de tornar a Malaca apôs elles, por- » que por isso lhe havia ElRey de fazer mui- » ta mercê, pois eram occasião de se não to- » mar huma Armada, que tinha feito tão » grande affronta áquella fortaleza, tendo-a » nas mãos; e em parte que lhe não podia » escapar. » Disto disse tanto, que fez calar a todos; e quietando-se, foram seguindo o seu

seu Capitão mór. Chegados a Quedá, doze leguas de Pulo Botum, souberam que as galés estavam mais adiante oito leguas, em hum rio que se chama Parlés. Aqui houve nos da Armada outro reboliço, dizendo: » Que aquillo era já defatino, andarem de » rio em rio, » e quizeram-se tornar alguns escondidamente. Disto foi o Capitão mór avisado, e acudio a isso com muita prudencia, temperando-os, e affirmando-lhes, que se não achassem em Parlés, que se tornariam; porque já que tinham chegado até alli, não era razão que por mais oito leguas deixassem de ir buscar os inimigos, já que na jornada estava mettido tão grande cabedal. E fazendo alli aguada, e negociando as armas á sua vontade, se detiveram aquelle dia, e a outro se partíram.

C A P I T U L O II.

De como a nossa Armada achou os inimigos no rio de Parlés: e da vitoria que os nossos alcançaram: e de como foi revelado ao Padre Mestre Francisco Xavier da Companhia de Jesus, estando prégando, e a denunciou logo a todos.

PArtida a nossa Armada do rio de Quedá, ao outro dia sobre a tarde chegaram a Parlés, onde surgiram da banda de fóra. E alli souberam de hum embarcação

estar a Armada dentro pelo rio affima, tres leguas junto daquella Cidade. O Capitão mór tomou conselho com todos os Capitães sobre o que faria naquelle negocio, e affentou-se, que fossem buscar os inimigos, e pelessem com elles, onde quer que estivessem. Com aquella resolução encomendou a Diogo Soares de Mello que fosse fondar a barra pera ver se podiam as caravelas entrar por ella, promettendo-lhe a dianteira daquelle negocio. Diogo Soares meteo-se logo em hum balão ligeiro com hum Piloto, e foi entrando a barra; e sondando os canaes por todas as bandas, achou que poderiam as caravelas entrar descarregadas; e chegando a terra, mandou cortar grandes ramos de arvores, com que abalizou o canal por onde haviam de entrar, porque por derredor eram bancos, e baixos.

Feito isto, e dada informação ao Capitão mór, mandou descarregar as caravelas, repartio o fato dellas pelos navios, e á toa as meteo Diogo Soares de Mello dentro, furtas da boca do rio pera dentro junto da terra. Já sobre a tarde despedio o Capitão mór hum João Soares com cinco companheiros em huma almadia ligeira, pera que fosse espiar os inimigos, e notar a ordem em que as galés estavam. João Soares foi pelo rio affima até descobrir a povoação, e de-
ram

ram com huma almadia que andava tarra-
fando; e porque os não conhecessem, por
não darem aviso aos Achéns, tornáram a
remar pera traz sem virar, (porque a alma-
dia tinha dous lemes,) e todavia não pu-
deram fazer isto tão apressado, que os pes-
cadores não enxergassem os murriões que le-
vavam nas cabeças, e reluzião ao longe,
notando que aquella gente era nova. E vi-
rando pera a povoação, deram conta ao Ca-
pitão mór das galés, daquillo que víram;
e que lhes parecêra gente desacostumada. O
Mouro mandou logo algumas pessoas, que
fossem a algum outeiro alto, donde descu-
brissem a barra, pera verem se havia nella
alguns navios. Estes enxergáram só os mast-
ros, e gaveas das caravelas, e as fustas não,
por estarem cozidas com a terra. Com estas
novas se tornáram ao Mouro, Capitão mór
da Armada, que assentou que aquillo eram
navios de mercadores; que hiam fazer pi-
menta; com o que se seguiu, e quietou,
havendo-os por tomados; e porque já era
noite, se deixou estar pera o outro dia os
mandar buscar. João Soares tornou com o re-
cado a D. Francisco Deça, dizendo-lhe » que
» não pudêra chegar a reconhecer bem as ga-
» lés por causa da almadia que encontrou,
» e que por não ser reconhecido se tornára. »

Esta noite passáram os nossos em gran-
Coito. Tom. III. P. I.

Z

N I M de R E N S A
N A C I O N A L

de vigia com as armas nas mãos. Ao outro dia, que foi Domingo seis de Dezembro, dia de S. Nicoláo Bispo, se poz a nossa Armada em ordem; e levando ancora, se foram pelo rio assima a buscar os inimigos. Diogo Soares de Mello levava a dianteira, e as suas duas galeotas; e Belchior de Siqueira, e João Soares levavam á toa as caravellas de Diogo Pereira, e Gemes Barreto. O Capitão mór dos Achéns tambem tanto que amanheceo, despedio duas galés, e doze lancharas, pera que lhe trouxessem os navios que estavam na barra; e vindo pelo rio abaixo, houveram os nossos vista delles. O Capitão mór D. Francisco Deça tanto que os vio, despedio quatro bantins, Antonio de Lemos, Fernão de Alvares, e outros, pera que fossem diante commetter os inimigos, a fim de elles despararem nelles a primeira carga, porque por resteiros lhes não podiam fazer danno, e terem os mais navios tempo de ferrarem delles. Os bantins foram com remo em punho demandar as galés, e atiráram-lhe algumas berçadadas, e os inimigos de soffregos, alheios de mais consideração, disparáram toda a sua artilheria, que toda lhes foi por alto.

Era isto na volta de huma ponta que entrava no rio, que ficava encubriendo ambas as Armadas; a nossa hia de longo da

terra, e em voltando a ponta, deram de rosto com elles. E como os inimigos vinham já com a sua artilheria descarregada, deo-lhes a nossa Armada huma formosa salva, acertando hum camello, que se atirou da caravela de Diogo Pereira em huma das galés; e tomando-a hum pouco diante da prôa, a foi varando de parte a parte, mettendo-a logo no fundo. E como os nossos hiam avia-dos pera cima, e os inimigos vinham com a mesma furia pera baixo, não podendo voltar, investio-os logo Diogo Soares de Mello, e ferrou da outra galé, e os mais navios cada hum do seu, começando-se entre todos huma muito cruel batalha, em que todos os nossos mostráram bem o valor, e esforço Portuguez. O Capitão mór aſferrou de huma lanchara, que logo axorou, e passou adiante a favorecer os mais, que pelejavam muito valorosamente.

Diogo Soares de Mello como levava hum navio muito possante com sincoenta bons, e esforçados companheiros, tanto trabalhou, que a poder de golpes se lançou na galé inimiga acompanhado dos seus, e dentro nella á espada se averiguou aquelle negocio, matando todos os inimigos, sem escapar hum só vivo; e tomando a galé á toa, a trouxe consigo. Os mais navios, que estavam investidos dos nossos, foram rendidos,

e cinco delles mettidos no fundo ; e foi a destruição tão grande nos inimigos , que o rio se tornou da côr do sangue. Acabou-se de arrematar a vitoria ás nove horas do dia. E depois de tomarem alguma refeição , e a darem aos marinheiros , chamou o Capitão mór todos a conselho , e lhes disse : » Que » pois Deos lhes tinha feito mercês tão gran- » des , que o bom seria não arrefecerem , » nem deixar enxugar o sangue das espadas , » e passarem ávante a acabar de concluir » com aquella Armada , porque os inimigos » haviam de estar medrosos , e que havia » pouco que fazer com elles. » Os casados de Malaca disseram » que deviam de se con- » tentar com a vitoria que tinham alcança- » do ; que além dos inimigos estarem bem » castigados de seu atrevimento , e ousadia , » não era bem que fossem pelejar com a » mais Armada nas barbas do Rey da ter- » ra , que era amigo do Estado , e Mouro » como os outros , e que forçado se havia » de escandalizar , e affrontar daquelle ne- » gocio ; que melhor era darem-lhe a enten- » der , que se lhe tinha aquelle respeito , » porque os nossos navios costumavam ir al- » li todos os annos a fazer suas fazendas. » Não pareceo isto mal ao Capitão mór , e ao outro dia mandou tirar os navios pera fó- ra ; e querendo-se ir pera Malaca , se des-

pedio delle Diogo Soares de Mello, porque lhe era necessario chegar a Pegú, e lhe pediu a galé dos Achéns, que elle rendeo, e a levou consigo, e foi pera Pegú, onde o deixaremos até que tornemos a contar as cousas que naquelle Reyno lhe acontecéram, que foram muito grandes.

D. Francisco Deça se fez á véla pera Malaca; e em quanto não chega, daremos razão do que succedeo naquella fortaleza. Atrás do J. Cap. do V. Liv. démos conta de como o Rey de Viantana com outros amigos, e confederados ajuntáram huma grande Armada contra o Rey de Patane; e depois que fizeram este negocio, que foi concertarem-se, tornáram a voltar pera Jor. E sabendo como a nossa Armada era em busca da do Achém, e que Malaca ficava com pouca gente, como andava espreitando todas as occasiões pera ver se podia lançar mão de alguma em que tomasse aquella fortaleza, que fora dos Reys seus antepassados, foi-se com toda aquella Armada pôr no rio de Muar, seis leguas de Malaca; e dalli despedio hum seu Capitão com huma carta a Simão de Mello, que estava por Capitão daquella fortaleza, em que lhe dizia: » Que elle fora informado, que a Armada do Achém desbaratára a dos Portuguezes, de que estava muito anojado; que elle como

» amigo , e irmão de ElRey de Portugal ;
 » a cujas cousas mostrára sempre ter grande
 » amor , não se quizera recolher sem tomár.
 » satisfação dos Achéns ; que lhe pedia lhe
 » dêsse licença pera surgir naquelle porto com
 » toda sua Armada , porque tinha por cer-
 » to , que os Achéns triumphadores da vitoria
 » dos Portuguezes , pertendiam vir sobre a-
 » quella fortaleza , por lhe parecer que se-
 » ría muito facil tomalla. E que elle estava
 » prestes pera arriscar toda sua Armada ;
 » Reyno , e ainda a vida pelo serviço de El-
 » Rey de Portugal , e pela defensão daquel-
 » la fortaleza ; e que até não ter resposta sua ;
 » se não bulliria daquelle lugar. » E avisou
 ao que levava as cartas , que notasse a gen-
 te que havia na fortaleza , e o modo de co-
 mo estava.

Esta carta causou em todos grande con-
 fusão ; mas o Capitão Simão de Mello com
 muita segurança , assim porque o Embaixa-
 dor lha notasse , como por curar as descon-
 fianças que havia nos rostos de muitos , lhe
 respondeo com os mesmos cumprimentos ,
 e offercimentos , affirmando-lhe » que pera
 » o servir contra seus inimigos tinha muita
 » gente , muitas armas , e muitas munições ,
 » e sobre tudo vontade ; e o amor que sem-
 » pre tivera a suas cousas. E que quanto ás
 » novas da Armada , que eram falsas as que

» lhe deram , porque elle tinha já recado ,
 » que os seus desbaratáram aos Achéns , e
 » que esperava por horas por toda a Arma-
 » da ; e que com ella o poderia ainda ser-
 » vir , se quizesse tornar contra seu inimi-
 » go. Por onde podia escusar o trabalho ,
 » que lhe elle serveria muito bem , e reco-
 » lher-se pera seu porto. » E com isto des-
 » pedio o Embaixador , que deo novas a El-
 » Rey do que víra , e da confiança que no-
 » tou no Capitão , e da certeza que tinha de
 » sua Armada ter vencida a dos inimigos. Es-
 » ta nova por animar a todos tinha elle man-
 » dado espalhar pela terra , com o que o Rey
 » Malayo não bullio consigo ; mas deixou-se
 » ficar no rio de Muar vinte e tres dias , que
 » parecêram aos nossos outros tantos annos ;
 » porque com não terem certeza da Armada ,
 » e verem hum inimigo tão poderoso , lhe ti-
 » nha tirado o somno a todos ; e todavia o
 » Capitão Simão de Mello proveo a fortale-
 » za de guarda o melhor que pode , e lançou
 » espias sobre os inimigos de que cada dia era
 » avisado.

Estavam todos neste estremo , e receio ,
 que o Padre Mestre Francisco Xavier traba-
 lhou por remediar com práticas mui espiri-
 tuaes , e consolatorias , que muitas vezes fez
 em público ; até que estando prégando o mes-
 mo Domingo em que os nossos alcançaram

a vitoria, naquelle mesmo ponto que se concluiu, fez huma extraordinaria mudança no rosto; e deixando o fio do Sermão, fíctou os olhos no Ceo hum pequeno espaço, e depois arrebetando num espirito inflamado, disse: » Que dessem graças a Deos nosso Senhor, que acabára a nossa Armada » de vencer a do Achém. » E assim deo relação da batalha, como se estivera presente a ella, porque particularizou os casos della; com o que todo o auditorio arrebetou em lagrimas, dando graças ao Altissimo, e poderosissimo Deos. E logo o mesmo dia á tarde fez na Ermida de nossa Senhora outra prática espiritual, em que tornou a declarar, e fallar mais particularmente na batalha, o que deo tal animo a todos, que já não havia tristezas, nem desconfianças. Poucos dias depois chegarani novas, que o Rey Malayo era recolhido, e depois a nossa Armada vitoriosa, com que a fortaleza se desfazia em festas, e louvores de Deos nosso Senhor.

CAPITULO III.

De como o Idalxá mandou outros Capitães sobre as terras de Salsete : e do recado que o Governador D. João de Castro teve de Dio : e das Armadas que este anno partíram do Reyno.

Ficou o Idalxá tão affrontado de lhe lançarem os seus Capitães fóra das suas terras, que determinou de entrar naquelle negocio com todo o cabedal que pudesse. E depois que despedio os Capitães, de que atrás fallámos no Cap. IX. do IV. Liv., enviou logo apôs elles outros com mais cinco mil homens, e hum Capitão dos principaes do seu Reyno sobre todos, com regimento, que logo se tornasse a apossar de suas terras, o que elles fizeram, lançando outra vez mão dellas, sem fazerem mal aos moradores, antes lhes deram liberdades, e lhes fizeram favores. Os nossos se recolhêram na fortaleza de Rachol sem lhes poderem resistir, por ser o poder grande.

Tanto que o Governador teve recado, bem vio que lhe havia aquelle negocio de dar trabalho, e despedio com muita pressa alguns navios pera andarem nos rios, e em guarda daquella fortaleza; e mandou Dom Diogo de Almeida, Capitão de Goa, com

cento e vinte de cavallo , e trezentos de pé , e mil Lascarins da terra , pera ajuntar a si o mais cabedal , que trazia Francisco de Mello Pereira , e pela banda de Rachol ir buscar os inimigos. Esta gente foi toda por mar; e chegados a Rachol , assentaram seu arraial fóra no campo , e dalli fizeram algumas entradas pelas terras até Margão , tendo algumas escaramuças com os inimigos , sem nunca se encontrar o poder junto ; e todavia os Mouros ficáram arrecadando os fóros , e senhoreando as terras , sem os nossos lho poderem defender.

O Governador poz este negocio em conselho , porque tratava de passar em pessoa ; e assentou-se » que não podia por então ser , » porque era a força do inverno , e as terras estavam alagadas , e intrataveis pera os » Portuguezes poderem andar por ellas ; que » se esperasse o verão , que viriam as náos » do Reyno com gente , e que então se fizesse aquelle negocio : que se segurasse Rachol com gente , e se recolhesse o Capitão , porque não fazia mais , que gastar o » tempo em vão , e fazer despesas ; » no que logo o Governador proveo em tudo muito bem , mandando dar muita pressa á Armada , porque determinava de ir fóra no verão ; visitando elle todos os dias a ribeira , e vendo com os olhos os galeões , e os mais

navios. E aos Domingos, e dias Santos fazia exercitar os bombardeiros, e os soldados no campo, em barreiras que pera isso tinha; porque este lie o verdadeiro officio do Governador, e esta era a razão, por que então os soldados se prezavam das armas; e se esmeravão em as trazerem limpas, e concertadas, e não empenhadas. Etanto favorecia este Governador os soldados que tinham boas armas, e se prezavam dellas; que passando hum dia pela rua de nossa Senhora da Luz, poz os olhos em huma casa terrea, em que pousava hum soldado; que se chamava Francisco Gonçalves, e vio-lhe de frente da porta hum cavide com algumas espingardas, espadas, e alabardas, mui limpo tudo, e concertado; e tendo o quartão em que hia, chegou-se bem á porta, e perguntou quem pousava alli? O soldado acudio de dentro á porta, e elle o festejou inuito, gabando-lhe as armas; e mandou que lhe déssem logo trinta pardãos pera azeite pera as untar, e disse-lhe, que como se lhe acabasse, pedisse mais azeite; e o mesmo fez a outros muitos soldados, porque naquellê tempo folgavam os Governadores de fallar com elles, e de os favorecer, e honrar.

Era já entrado o mez de Agosto, e o Governador andava dando pressa ás cousas,

porque tinha muito que fazer aquelle verão. E sendo vinte e dous dias do mez, chegou á barra de Goa hum catur, que vinha de Dio, de que era Capitão Francisco de Moraes, que trazia cartas de D. João Mascarenhas, que o Governador vio, e nellas lhe affirmava » que ElRey Soltão Mahamude tinha hum muito grosso poder, pera com » elle vir em pessoa sobre aquella fortaleza; » que o bom sería acudir elle logo em principio do verão, porque como lá o visse, » poderia ser se retrahisse, e mudasse o pensamento. » O Governador com estas novas despedio logo recado á Cidade de Cochim a pedir-lhe, que o quizessem ajudar nesta necessidade, que de novo se lhe offerencia, com os mais navios, e gente que pudesse. O mesmo escreveo áquelle Rey, pedindo-lhe dous mil Nayres, mandando ordem pera se lhe darem embarcações, e todo o mais necessario. E despedio o mesmo Francisco de Moraes, com cartas a D. João Mascarenhas, em que lhe fazia a saber, que se ficava fazendo prestes; e que tanto que as náos do Reyno chegassem, logo se embarcaria. E escreveo por elle ás Cidades de Chaul, e Baçaim, encomendando-lhes que estivessem prestes pera o acompanharem todos os que pudessem, porque folgaria de os achar negociados, por se não deter. Estas novas

corrêram logo pela Cidade de Goa; e ajuntando-se os Vereadores em Camara, fizeram chamamento do povo, e lhe lembráram a necessidade que de novo se offerecia, e que era razão que não faltassem a ella; que se-ria bom fazerem seus offercimentos ao Governador, pois elle era tal, que da outra vez lhe não quizera aceitar cousa alguma. E parecendo bem a todos, foram os Vereadores ao Governador, e lhe fizeram seus cumprimentos, certificando-lhe que estavam todos prestes pera o servirem com o amor, e vontade que sempre nelles achou. O Governador lhes agradeceo aquillo com palavras muito honradas, e lhes pediu dez mil pardáos, que lhe elles logo negociáram.

E passando nesta materia ainda mais adiante, além do dinheiro que lhes pedíram, houve muitas mulheres de Cidadãos ricos, e honrados, que tomáram suas joias em cofres, e bocetas, e as mandáram por suas filhas meninas apresentar ao Governador, pedindo-lhe » que pois da outra vez que lhas » mandáram, as não quiz gastar, ou porque » não fosse necessario, ou por outra alguma » razão, que pera isso teria; que estimariam » muito servir-se elle por então dellas, pois » era pera cousa tão importante, e neces- » saria. » Vendo o Governador aquella grande lealdade, amor, e liberalidade, ficou

admirado ; e não tocando nas joias , lhas tornou a mandar com palavras de grandes agradecimentos , dizendo : » Que mais estimava » aquelle amor , e vontade , que todos os » thesouros da terra ; » e ás meninas , que levavam as joias , deo peças de damasco , e de outras sedas. E por aqui se verá o amor , e gosto com que todos serviam o seu Rey , porque achavam nos seus Governadores este primor , honra , e verdade.

Andando o Governador dando pressa á Armada , mandando-a lançar ao mar , e provella de mantimentos , munições , e de todas as mais cousas necessarias , sendo dez dias de Setembro , chegaram á barra de Goa duas náos , de seis que partíram do Reyno , sem trazerem Capitão mór , de que eram Capitães Balthazar Lobo de Sousa , e Francisco de Gouvea. Das quatro náos que faltavam , eram Capitães D. Francisco de Lima , que trazia a Capitania de Goa , que vinha na náo S. Philippe , e Francisco da Cunha no Zambuco. Estas duas náos partíram tarde do Reyno , e chegaram a Goa a vinte e tres de Setembro. Da outra náo , que era a Burgaleza , era Capitão Bernardo Nacer , que foi tarde tomar Sacotorá , onde invernou , e foi tomar Goa em Maio. Da outra náo que faltava , era Capitão D. Pedro da Silva da Gama , filho do Conde Almirante ,

te, que hia provído com a fortaleza de Malaca, que por ruim navegação do seu Piloto se foi perder nas Ilhas de Angoxa; mas salvou-se toda a gente, que se passou a Moçambique, e foi á India repartida pelas outras náos de Francisco de Gouvea, e Balthazar Lobo.

Este anno mandou EIRey ao Governador » que logo lhe mandasse fazer huma fortaleza em Moçambique muito forte, e capaz de recolher todos os moradores, porque se receava de Rumes; e que a fizesse na ponta de sobre a barra, aonde estava a Igreja de nossa Senhora do Baluarte; porque tratava de segurar seus vassallos, ainda que fosse com despezas de sua Fazenda, e commercio das Minas de Çofala, e Cuama, e tambem por ser a principal escala das náos do Reyno, aonde se vão refazer, e prover de tão longa viagem; e mettendo alli pé os Rumes, além de ser perda notavel, dariam grande oppressão a toda a India. »

CAPITULO IV.

De como o Governador D. João de Castro partio pera Pondá, e tomou aquella fortaleza: e de hum Embaixador que o Rdo mandou ao Governador: e das pazes que com elle se assentáram.

CHegadas as náos do Reyno, se começou logo o Governador a fazer prestes pera passar, e buscar os inimigos ás terras de Salfete; e fazendo alardo da gente Portugueza, achou tres mil soldados, que repartio em cinco bandeirás, de que deo as Capitanías a seu filho D. Alvaro de Castro, e a D. Bernardo, e D. Antonio de Noronha, filhos do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, e a Manoel de Sousa de Sepulveda, e a Vasco da Cunha; e D. Diogo de Almeida Freire, Capitão da Cidade, levava duzentos de cavallo, em que entravam todos os moradores de Goa. Das Tanadarias vizinhas se ajuntáram todos os piães da terra, que com os que estavam em Rachol, fariam número de mil e quinhentos. O Governador mandou recado a Francisco de Mello, que estava em Rachol com trezentos homens, e quinhentos piães, que estivesse prestes, pera como elle entrasse nas terras pela banda de Agaçaim, que partisse elle de lá,

e se juntassem na Villa de Margão. Os inimigos tiveram logo aviso dos preparamentos, que o Governador fazia pera os ir buscar; e tomando antre si conselho, assentaram de não esperarem aquelle poder, e de se passarem á fortaleza de Pondá, como fizeram, deixando as terras em poder dos Rendeiros. O Governador estando ultimamente pera se passar á outra banda, teve rebate de como os Capitães do Idalxá eram recolhidos a Pondá; e tomando parecer sobre o que faria, assentou-se » que lá se fosse sem buscar, e que os desbaratassem de todo, porque não convinha ao Governador acudir ao Norte, deixando aquelles Capitães juntos tão perto; que em se elle embarcando, logo se haviam de tornar a metter nas terras. » Com isto se foi o Governador pôr em Benestarim, donde começaram a passar as bandeiras; e como estivessem da outra banda, dormiram alli aquella noite. Ao outro dia de madrugada passou o Governador, e começou logo a marchar pera Pondá; e chegando a huma ribeira, que está a meio caminho, acharam da outra banda huma companhia de dous mil homens, que os esperavam pera lhes defenderem a passagem. D. Alvaro de Castro, que levava a dianteira, tanto que chegou á ribeira, o começaram da outra banda a festejar com a

Couto. Tom. III. P. I.

Aa

ar-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

arcabuzaria. Elle como levava boas espias, o encaminháram pera huma parte por onde começáram a passar a váo, com a agua por cima do giolho, jogando tambem a sua espingardaria em roda viva. As mais bandeiras tambem chegáram á ribeira, e foram todas commetter a passagem por diferentes váos.

D. Alvaro de Castro se poz da outra banda, aonde travou com os inimigos huma boa escaramuça, em que os nossos apertáram tanto com elles, que os arrancáram do campo, e se foram recolhendo pera Pondá. O Governador passou a ribeira á outra banda, e foi marchando em muito boa ordem, levando a gente de cavallo pelas ilhargas do exercito; e por todo aquelle caminho foram achando muitos estrepes, em que alguns dos nossos se encraváram, levando sempre os inimigos diante, jogando com sua espingardaria; e assim foram até chegarem á vista da fortaleza. E da banda de fóra acháram todos os Capitães do Idalxá postos em som de batalha.

O Governador mandou a seu filho, que rompelle nelles por huma parte, e D. Diogo de Almeida, Capitão de Goa, com toda a gente de cavallo por outra; e arrancando elles com grande furia, appellidando o Apostolo Sant-lago, aos primeiros golpes

pes viráram os inimigos as costas, e foram fugindo, não pera a fortaleza, mas pera o certão, porque se não atrevêram a defendella. D. Alvaro de Castro chegou a ella, e da banda de fóra esperou o Governador, que lhe mandou que entrasse dentro, como fez, sem achar pessoa viva, nem fato, mais que algumas cousas de pouca importancia, por onde pareceo que tinham já os inimigos recolhido tudo, com tenção de largarem a fortaleza.

O Governador tomou parecer sobre o que faria naquelle negocio; e assentou-se que se recolhessem sem tocar na fortaleza, nem derriballa; porque visse o Idalxá o pouco caso que della fazia, porque todas as vezes que a quizessem tomar, o podia fazer. O Governador tornou a voltar pera Goa, aonde chegou aquelle dia, tratando logo de se embarcar; e estando pera o fazer, chegou hum Embaixador de ElRey de Canará, mui grandemente acompanhado. Reinava então naquelle Reyno Cidoça Ráo, que andava havia muitos annos em grandes guerras com o Idalxá. Este sabendo as differenças que havia antre elle, e o Governador, desejava de se confederar com os Portuguezes, pera juntamente com elles lhe fazer guerra, e o destruir de todo, despedio este Embaixador, que era hum dos prin-

Aa ii

N I M C I E N S A
N A C I O N A L

cipaes Capitães do seu Reyno, e dos mais chegados de sua casa.

Sabendo o Governador da sua chegada, lhe mandou ordenar grande recebimento, como se lhe fez, e o recebeu em sala com grande apparato; e depois de passadas as palavras da visitação, lhe deo as cartas de ElRey, e algumas joias ricas, e curiosas, que lhe mandava de presente. O Governador como estava de caminho, o ouviu logo ao outro dia, e o Embaixador lhe disse » que ElRey seu Senhor desejava muito de ter paz, e amizades com elle Governador; e que estava prestes de sua parte pera tudo o que fosse justo, e honesto; » porque sempre os Reys seus antecessores » corrêram em muita paz, e amizade com os Governadores passados. » O Governador lhe respondeu » que estimava muito que » rer ElRey Cidoça Ráo ser amigo de ElRey de Portugal seu Senhor; que elle » estava de caminho pera fóra, e por con- » cluir primeiro aquelle negocio, elle remet- » tia o assento das pazes ao Veador da Fa- » zenda, e Secretario, e que se ajuntasse logo com elles, e as concluíssem, porque » elle desejava muito de servir ElRey de Ca- » nará em tudo. » O Embaixador folgou com aquella resolução; e ajuntando-se os Officiaes affirma nomeados com elle, dando luns,

e outros seus apontamentos, vieram a concluir os Capitulos seguintes:

» Que ElRey de Portugal, e o de Canará seriam amigos de amigos, e inimigos de inimigos; e que sendo necessario, se ajudaria hum ao outro com todas as forças, e poder que tivessem contra todos os Reys da India, tirando o Zamaluco.

» Que lhe deixariam tirar da Cidade de Goa todos os cavallos que a ella viessem de Persia, e de Arabia, e que nenhum passaria ao Idalxá, nem a porto seu: e que elle ElRey de Canará seria obrigado a fazer comprar todos os que se levassem a seus pórtos, e faria dar breve despacho aos mercadores que com elles fossem.

» Que ElRey de Canará não consentiria que mantimento algum, de qualquer sorte que fosse, sahisse de porto algum seu pera os Reynos do Idalxá; e que todos se ajuntariam em Onor, e Barcalor, aonde ElRey de Portugal teria Feitores pera os comprarem todos: e que os Governadores da India seriam obrigados a mandarem lá os mercadores Portuguezes aos comprar. E que pela mesma maneira ElRey de Canará defenderia, que de nenhum porto seu, nem lugar do certão, passasse pera o Reyno do Idalxá ferro, nem salitre; e que os mercadores dos seus Reynos le-

» variam estas fazendas aos pórtos marítimos
 » do Reyno de Canará, onde os Governadores da India os mandariam comprar logo, porque os donos não recebessem perda.

» Que todas as roupas do Reyno de Canará não iriam a algum dos pórtos do Idalxá, mas que iriam a Ancolá, e a Onor; e que pela mesma maneira obrigariam os Governadores aos mercadores Portuguezes a que as fossem lá comprar, e lhes levariam cobre, coral, vermelhão, azougue, sedas da China, e todas as mais mercadorias que vinham do Reyno; e que elle se obrigava a lhas fazer comprar.

» Que vindo alguma Armada de Turcos á India, ou qualquer navio seu particular, que elle Rey de Canará os não agazalharia em porto algum dos seus; e todos os Turcos que nelles viessem, os mandaria prender, e prezos os enviaria ao Governador da India, que pelo tempo fosse.

» Que concertando-se ElRey de Canará com o Governador da India, pera ambos fazerem guerra ao Idalxá, que em tal caso todas as terras que se tomassem seriam do Rey de Canará, excepto as que jazem do Gate pera baixo, desde Banda até o rio de Cintacorá, porque todas estas por antiguidade pertencem ao senhorio, e jurisdicção da Cidade de Goa; e que estas fi-

» cariam pera todo sempre da Coroa de Por-
» tugal. »

Estes contratos , que foram escritos pelo Secretario Cosme Annes , se juráram logo pelo Governador , e pelo Embaixador de Canará , com as solemnidades costumadas , e logo se pregoáram por toda a Cidade de Goa com grandes festas. Feito tudo isto , despedio o Governador o Embaixador , mandando por elle a ElRey hum muito rico presente de cavallos formosos , peças de escarlatas , e de veludos de cores ; e deo outras ao Embaixador , com que se foi muito satisfeito. O Governador se começou a embarcar ; e em quanto o fez , nos pareceo bem darmos razão do fundamento deste Reyno de Canará , e de todos os seus Reys por ser cousa muito curiosa , e que até hoje ninguém escreveo.

C A P I T U L O V.

Do fundamento deste Reyno Canará , e origem de seus Reys com todos os que até hoje reindram : e donde nasceo chamarem a este Reyno de Bisnagá , e de Narsinga.

E Ste Reyno de Canará , segundo suas escrituras , teve principio quasi nos annos de mil duzentos e vinte de nossa Re-

dempção. O seu proprio nome he Charná Thucá, que de corrupção em corrupção se veio a chamar Canará. E porque, como já muitas vezes temos dito, todos estes Gentios do Oriente fabulão mil patranhas, pera virem dar hum honroso principio a seus Reys, assim estes o fazem, e contam muitos desbarates.

E continuando ao pé da letra com suas escrituras, affirmam que todos estes Reynos, antre o Indo, e Gange, foram povoados de diversas castas de Gentios, repartidos em muitos Senhorios, e Reynos, com este titulo de a Ayas, que eram como Juizes, e cabeças de Tribus, debaixo de cujo governo vivêram muitas centenas de annos em mui grande liberdade, sem conhecerem Rey, Imperador, nem até os annos affirma ditos; e que naquella parte aonde depois se fundou a formosa, e rica Cidade de Bisnagá (como logo diremos) se levantou hum Bragmane de vida santa, e religiosa antre elles, e lhes começou a prégar, e dar leis, e costumes novos. Deste affirmavam que não comia mais que humia vez na semana, e ainda essa hum pouco de leite, que lhe costumava a levar hum pastor daquelles campos, que lia ao mato aonde se elle aposentava, e aonde muitas vezes o achava enlevado em contemplação. Tanto continuou este pastor

isto,

isto, que nunca lhe faltou com o seu ordinario serviço, aquelle dia determinado. E hum delles o achou em hum grande extase, e arrebatamento, que lhe durou grande espaço. E tornando em si, achou o pastor a parte de si com a reção do leite; e pondo-lhe a mão na cabeça, o benzeo, dizendo-lhe: » Tu » serás Rey, e Imperador de todo este Indústão, e eu o pedirei a Deos. »

Isto se soube logo antre os pastores, e começaram a tratar aquelle com differente veneração, e o fizeram cabeça de todos. Elle como era sagaz, e astuto, ajuntando hum grande exercito delles, se fez jurar por Rey, e sahio a conquistar aquelles Rayas, e seus Estados, que estavam já reduzidos a linco; porque fazendo a cubiça seu officio, os que mais pudéram, lançáram mão dos Estados dos outros; e assim tinham constituidos cinco Reynos mui prosperos, e grandes, que eram os do Canará, Taligás, Canguivara, Negapatão, e o dos Badagás. E assim o favoreceo a fortuna, que se senhoreou de todos estes Reynos, e Estados. E vendo-se tão grande Senhor, se intitidou Boca Ráo, que quer dizer Imperador. Sabendo hum Rey do Dely como aquelle pastor se tinha alevantado com tantos Reynos, o foi buscar com muito grande exercito, e juntos ambos em huns campos, que se chama-

van Quis Quedá, vieram a batalha, em que o Rey do Dely foi desbaratado; e em memoria daquella vitoria fundou o Bocá Ráo, no mesmo lugar em que a batalha se deo, huma formosissima Cidade, a que poz nome Visfajá Nager, que quer dizer, Cidade de vitoria, a que nós corruptamente chamamos Bisnagá, e ainda damos della o nome a todo o Reyno, não se chamando antre os naturaes senão o Reyno de Canará.

Este Bocá Ráo, tendo reinado vinte e cinco annos, entregou o Reyno a hum filho seu, chamado Harcará Rayo, e elle se recolheo a acabar em vida solitaria, no mesmo lugar em que aquelle Bragmane santo viveo. O filho que lhe succedeo foi homem valoroso, e conquistou muita parte dos Reynos do Decan; e depois de reinar quarenta annos faleceo, deixando por herdeiro hum filho, chamado Dava Rayo, que conquistou todos os Reynos do Balagate, e reinou vinte annos. Por sua morte lhe succedeo no Reyno seu filho Visia Ráo, que foi valoroso, e muito rico de thesouros, teve grandes guerras com o Rey do Dely, que era Mouro, com quem confinava da parte do Norte; e em huma batalha que ambos tiveram, foi este Visia Ráo morto, tendo reinado vinte annos. Succedeo-lhe nos Estados seu filho Diva Ráo, que foi vingar a morte do pai,

e conquistou os Reynos do Dely , e mandou , e reinou dez annos , ficando-lhe dous filhos meninos , a que não foubemos os nomes , que ambos reináram , hum doze annos , e outro dezeseis. E em tempo do primeiro irmão , que ficou menino em poder de tutores , tornáram-se-lhe a rebelhar os Reynos do Dely , e Mandou , e aquelle Rey (que era Xano Saradim , como João de Barros lhe chama , e as escrituras Canarás , Tagalaca , como já na quinta Decada temos dito) entrou pelos Reynos do Decan , perto dos annos de mil trezentos e doze , com grandes exercitos , e os conquistou todos , deixando nelles hum sobrinho por Governador. O Rey do Canará ficou recolhido na Cidade de Visaya Nager , com todos os Reynos que possuíram seus primeiros fundadores , que são os cinco que atrás ficam nomeados.

Falecidos estes dous irmãos , filhos de Diva Ráo , sem terem herdeiros , lhes succedeo no Reyno hum tio irmão de seu pai ; chamado Narsinga , que foi muito valoroso. Este não quiz tomar o titulo de Ráo , que he de Imperador , nem o de Rayo , que he o de Rey , (como alguns dos Reys passados se intituláram ,) mas tomou o de Naique por mais humilde , que he tanto como dizer Capitão , ou Duque , e assim se ficou chamando Narsinga Naique. E porque este

viveo muitos annos, e foi valoroso, e fez sempre muitas guerras aos Mouros, foi muito nomeado no Mundo; e os Estrangeiros Italianos, que antes dos Portuguezes vieram á India por terra, como este Reyno era o mais rico de todos os do Oriente, e o Rey Narfinga grande favorecedor de Estrangeiros, e todos o continuavam mais, diziam cá na Europa, que vinham do Reyno de Narfinga, ou que hiam pera o Reyno de Narfinga, dando a todo o Reyno o nome do Rey; e assim o nomeam João de Barros, e Damião de Goes, porque lhes não souberam dizer a razão deste nome.

Viveo este Rey vinte annos, e succedeo-lhe Crisna Ráo, que foi o mais valoroso Rey de todos, e tornou a conquistar o Reyno do Dely, onde já reinava Soltão Hammed, filho de Togalaca. E aos vinte e oito annos do reinado deste Crisna Ráo se levantou o grande Tamurlang, que foi perto dos annos de Christo de mil trezentos e noventa e quatro, e teve com este Crisna Ráo aquella asperissima batalha, que contra Ruy Gonçalves de Clavijo no seu Itinerario, quando foi por mandado de El Rey D. Henrique IV. ao Grão Tamurlão (como já na quinta Decada temos dado mais particular razão.)

E porque este Crisna Ráo levava no seu

exercito grande número de Christãos , dos que fez o Apóstolo S. Thomé , que eram seus vassallos , houve Ruy Gonçalves de Clavijo , que aquelle Rey era Christão ; e assim o affirmia no seu Itinerario. Reinou este Crisna Ráo trinta annos. Succedeo-lhe Rama Ráo , que reinou sessenta e dous , e já em seu tempo o Decan era todo possuido de Mouros. Por sua morte herdou o Reyno Marfanay Ráo , e succedeo-lhe seu filho Crisna Ráo , que teve grandes guerras com o Idalxá , porque em seu tempo se alevantáram aquelles Capitães com os Reynos de Decan (como na quinta Decada dissemos.) E o Idalxá lhe tomou as fortalezas de Rachol , e Mundager , que eram os estremos de seus Reynos. Reinou este vinte e cinco annos , e em seu tempo descobrio aquelle valoroso Capitão Vasco da Gama a India. E segundo Fernão Lopes de Castanheda , este foi o que mandou offerecer as terras de Salfete , e Bardés a Ruy de Mello , Capitão de Goa , sendo o Governador Diogo Lopes de Siqueira no Estreito de Meca ; mas João de Barros diz , que no desbarato do Idalxá , depois que este Crisna Ráo lhe deo batalha , e tornou a ganhar as suas fortalezas , que lançáram mão das terras de Salfete , e Bardés huns Gentios , de alcunha os Gijs , que estavam em poder de hum Mou-

ro vassallo do Idalxá, e que este vendo que os Gentios se levantaram contra elle, mandára:n recado a Ruy de Mello, Capitão de Goa, que fosse tomar posse daquellas terras, como fez; mas como quer que fosse, ellas foram dadas a ElRey de Portugal.

Por morte de Crisna Ráo succedeo seu filho Trimal Ráo, que ficou continuando a guerra com o Idalxá. Este faleceo depois de reinar dezeseis annos, sem deixar herdeiro, e succedeo-lhe hum tio seu, chamado Uche Tima Ráo, que era hum doudo, como o nome o declara, porque Uche em lingua Canará quer dizer doudo, e Tima era o seu nome proprio. Este fez tantos desatinos, e tantas destruições nos Reynos, e thesouros, que não o podendo soffrer os povos, o matáram, tendo reinado tres annos; e alevantáram por Rey hum sobrinho de Crisna Ráo, filho de seu irmão, chamado Achita Ráo, que reinou quinze annos, e faleceo sem herdeiro. Os Grandes alevantáram por Rey hum menino de pouco mais de treze annos, chamado Cidoça Ráo, que era neto de Crisna Ráo, e he este, em cujo nome vieram os Embaixadores do Capitulo atrás ao Governador D. João de Castro.

Tanto que este moço foi jurado por Rey, acudio á Cidade de Bisnagá Rama Rayo, que era casado com huma filha de ElRey.

Crisna Ráo , e Capitão geral de feu Reyno , que estava governando aquella parte dos Badaguas , e Taligas ; e como era muito poderoso , e grande Capitão , metteo-se na Corte , e lançou mão do Rey moço , e o metteo em huma torre fortissima , com grandes vigias , e portas de ferro , aonde o teve em quanto viveo , como huma estatua , com o nome só de Rey ; mas com todas as despesas , gastos , e apparatus que pudéra ter , se fora , e estivera livre. Tinha este Rama Rayo outros dous irmãos , antre quem repartio o governo do Reyno ; convem a saber , Atrimal Rayo , a quem deo tudo o que pertencia á Justiça ; a Vingata Rayo tudo o da Fazenda , ficando elle só com o cargo de Capitão geral , e Governador de todo o Reyno. E pera encubrirem sua tyrannia , hiam todos tres hum dia no anno á torre aonde estava o Rey , e se lhe prostravam pelo chão , fazendo-lhe sua veneração como vassallos , e cativos , sendo-o na verdade o Rey delles. Este Rama Rayo foi grande Capitão , e fez grandes guerras a todos os Reys Mouros do Decan , como pelo discurso da historia com o favor Divino contaremos. E desta maneira fica bem clara , e entendida a origem , e principio deste Reyno , de seus Reys , e tirada a confusão que havia em seus nomes.

CAPITULO VI.

Da grande Armada com que o Governador D. João de Castro partio pera o Norte : e de como mandou seu filho D. Alvaro de Castro a Surrate, e do que lhe aconteceu.

DEspedidos os Embaixadores do Rey do Canará, se embarcou logo o Governador em navios ligeiros, pondo-se no mar com huma Armada de cento e sessenta fustas, em que entravam algumas que já eram chegadas de Cochim, com que se fez á véla. Os Capitães que nellas o acompanharam, foram, D. Alvaro de Castro seu filho, D. Roque Tello, D. Pedro da Silva da Gama, D. João de Abranches, D. Jorge Deça, D. Bernardo da Silva, Vasco da Cunha, D. Francisco de Lima, Francisco da Silva de Menezes, D. Jorge de Menezes Baroche, Manoel de Soufa de Sepulveda, Cide de Soufa, Duarte Pereira, Diogo de Soufa, Garcia Rodrigues de Tavora, D. João de Taide, D. João Lobo, Gaspar de Miranda, D. Braz de Almeida, Jorge da Silva, D. Pedro de Almeida, Pero de Taide Inferno, Antonio Moniz Barreto, Cosme Anes Secretario, Belchior Correia, Bastião Lopes Lobato, Antonio de Sá

o Rume , Alvaro Serrão , D. Antonio de Noronha , Diogo Alvares Telles , Antonio Henriques , Aleixos de Abreu ; Antonio Dias , Balthazar Lopes da Costa , Danião de Sousa , Manoel de Sá , Fernão de Lima , Affonso de Bonifacio ; Antonio Rabello , Antonio Rodrigues , Antonio Dias Pereira , Belchior Cardoso , Cosme Fernandes , Nuno Fernandes , Francisco Marques ; Duarte Dias , Diogo Gonçalves ; Francisco Alvares , Francisco Varela , Luiz de Almeida , Francisco de Brito , Gonçalo Gomes ; Gregorio de Vasconcellos , Gomes Vidal , Capitão da guarda do Governador ; Antonio Pessoa , Veador da Fazenda da Armada , Gonçalo Falcão ; Gonçalo de Valladares , Galaor de Barros , Gaspar Pires , João Fernandes de Vasconcellos , Fernão de Alvarez Cernache , João Soares , Ignacio Coutinho , João Cardoso ; João Nunes Homem ; João Lopes , Lopo de Faria , Manoel Pinto , Lopo Soares , Manoel Pinheiro , Lopo Fernandes , Manoel Affonso , Marcos Fernandes , Nuno Gonçalves de Leão , Pero de Caceres , Pero de Moura , Ruy Paes , Pedro Affonso , Pero Preto , Luiz Lobato , Simão de Arede , Francisco da Cunha , Simão Bernardes , Thomé Branco , Patrão mór da ribeira , que hia no galeão S. João , carregado de mantimentos , e munições , Coge

Percoli, lingua. E os navios que vieram de Cochim, de que eram Capitães, Francisco de Siqueira, Vasco Nunes, Balthazar Dias Nobre, Francisco de Siqueira o moço, Francisco Fernandes o Moricale, que traziam quinhentos Nayres, que ElRey de Cochim mandava, e mais navios de Cochim, e Cannanor, que chegáram, indo já o Governador á véla, de que eram Capitães, Luiz da Veiga, Guilherme Pereira, Gomes Carvalho, João Fernandes, Pedralvares, Lançarote Gonçalves, Paulo de Pedrosa, Pedro Anes, Rodrigo Ribeiro, Simão Ferreira, João de Magalhães, Cosme Brandão, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros, que nesta jornada foram em navios seus, a que não achámos os nomes. Com toda esta frota foi o Governador surgir na barra de Bagaïm, donde despedio espias a Cambaya, pera saber da determinação de ElRey. E escreveo a D. João Mascarenhas, como já ficava tão perto d'elle, pera que o avisasse de todas as cousas.

Estando o Governador aqui dando despacho a muitas cousas, teve aviso que Caracen, Genro de Coge Çofar, estava por Capitão de Surrate, e que tinha muito pouca gente, e tão descuidado, que muito facilmente se podia tomar aquella fortaleza. O Governador como não dormia nesta ma-

teria, nem hia buscar alvitres, nem fazendas, despedio logo seu filho D. Alvaro de Castro com oitenta navios, dos melhoes da Armada, dando-lhe por regimento, que tomasse de noite o rio de Surrate, e mandasse em muito segredo espiar a fortaleza; e achando que estava com tão pouca gente, como lhe tinham dito, lhe dêsse hum assalto, e a commettesse, e levasse nas mãos, porque elle hia logo apôs elle. D. Alvaro de Castro deo á véla, e ao terceiro dia chegou a Surrate; e entrado de noite o rio, surgio no primeiro poço, e despedio logo sete navios ligeiros, pera que fossem até haver vista da fortaleza, e a reconhecessem bem, e trabalhassem por tomar alguma espia, que lhes dêsse razão do estado em que ella estava. Estes navios foram entrando o rio com o começo da enchente, e chegaram até haverem vista da fortaleza, donde lhes atiraram algumas bombardadas, porque foram sentidos; e sem aguardarem mais, voltaram pera o Capitão mór, brádando Dom Jorge Baroche (que era hum dos Capitães) » que não se recolhessem sem verem de que, » porque as bombardadas não os coniam; » e todavia elles se foram retrahindo. E como já eram sentidos de todos, passando por huma estancia, que estava da banda da Villa dos Abexins, lhes atiraram algumas bom-

bardadas ; e como elles hiam já desconfia-
dos , chegando á falla , assentáram que des-
sem naquella estancia , por se não recolhe-
rem sem fazerem alguma cousa. E arman-
do-se , puzeram as prôas em terra , onde sal-
táram com grande determinação ; e remet-
tendo com as estancias , as entráram a poder
de golpes , matando alguns Mouros , que
alli estavam em guarda de algumas peças de
artilheria , que alli tinham pera defenderem
aquelle canal , que tomáram todas , e em-
barcáram muito a seu salvo , e foram-se re-
colhendo com a vasante da maré.

D. Alvaro de Castro , depois de despe-
dir estes sete navios , o fez logo a outros dous ,
de que eram Capitães Francisco da Silva de
Menezes , e João Fernandes de Vasconcel-
los , pera que fossem ver se podiam tomar
alguma pessoa em terra , de quem se pudes-
sem informar do que passava na fortaleza.
Estes foram pelo rio assima com a mesma
maré até hum Pagodinho , que está antes da
Villa dos Abexins , que he hum poço , em
que surgem as náos de Meca , e alli desem-
barcáram em terra , mandando Francisco da
Silva os marinheiros do seu navio com al-
gumas vasilhas , pera fazerem agua em hum
tanque que estava hum tiro de espera pela
terra dentro , ficando os Capitães com sua
gente em terra pera os favorecerem. Caracen ,
Ca-

Capitão de Surrate, tanto que vio voltar os nossos navios, e ouviu as bombardadas nas estancias dos Abexins, deitou logo quinhentos homens, pera que fossem soccorrer os seus, porque logo entendeu que pelejavam. Estes quando chegaram, acharam já a estancia, e artilheria perdida; e passando adiante, foram até o pagode, aonde os outros dous navios estavam, sem saberem huns dos outros, sómente terem os nossos rebate por alguns moços que andavam desviados, que appareciam Mouros.

Francisco da Silva de Menezes ficou enfadado, porque os seus marinheiros estavam fazendo aguada, e se lhos mataassem, ficaria elle arriscado a se perder, ou ao menos o navio; e disse a João Fernandes de Vasconcellos, que elle havia de ir buscar os seus marinheiros, e arriscar-se a tudo. João Fernandes lhe disse, que o acompanharia. E assim se foram com setenta soldados, que ambos tinham, em que entravam trinta de espingardas; e póstos em muito boa ordem, foram demandar o tanque, e recolhêram os marinheiros todos. E voltando pera as fustas por antre hum palmarinho, que alli estava, acharam mais de duzentos Mouros mettidos nelle, que lhes tinham tomado o caminho das fustas. Os nossos cerráram-se em hum esquadrão, repartindo as espingardas

das pelas ilhargas ; e assim com muita determinação commettêram os inimigos, desparando sua arcabuzaria. E passando ávante, os dividíram, rompendo por antre elles ; e naquella ordem se foram recolhendo , e pelejando pera todas as partes sem cessar a arcabuzaria , com que derribáram muitos Mouros. Desta maneira chegáram á vista das fustas a tempo , que as sete de cima vinham emparelhando com aquelle lugar. E vendo D. Jorge Baroche os dous navios furtos , e ouvindo a espingardaria em terra , poz nella a prôa , e desembarcou com os seus soldados , e achou ainda os nossos baralhados com os inimigos ; e dando de refresco nelles , os fizeram recolher , e com isto todos se embarcáram a seu salvo com poucos feridos , e com hum só menos , que os Mouros matáram , porque o acháram no palmarinho subido em huma palmeira pera lhe tirar os cocos ; e depois de morto o despíram , e lhe acháram derredor da cinta hum corrião com duzentos Venezzeanos , que não fiava senão de si , com que determinava de se embarcar aquelle anno pera o Reyno. Embarcados os nossos , se foram ao Capitão mór , aonde já estavam os outros seis navios , que tinham dito a D. Alvaro de Castro tantas carrancas da fortaleza de Surrate , que desistio do negocio ; posto que D. Jorge Baroche gritou ,

e brádou sobre isso , dizendo a D. Alvaro de Castro , que lhe roubavam sua honra. D. Alvaro de Castro despedio hum catur ligeiro ao Governador com novas de tudo o que era passado , deixando-se elle ficar surto nos canaes da barra.

C A P I T U L O VII.

Das cousas que o Governador D. João de Castro fez: e de como chegou a Surrate, e passou a Baroche, onde achou ElRey de Cambaya com hum poderoso exercito: e de como desembarcou á sua vista: e do mais que lhe aconteceu.

O Governador depois de despedir seu filho D. Alvaro de Castro , ficou dando ordem , e despachou a algumas cousas. E como além de ser muito Cavalleiro , era fofarrão , e roncador , sabendo que andava gente de Cambaya naquella Cidade , que forçado havia de escrever lá novas , deitou fama que havia de ir até á Cidade de Amadabá , e tomar ElRey ás mãos , e que o havia de espetar , e assar vivo. E mandou fazer na ferraria (que elle muitas vezes visitava) huns espetos de ferro mui grandes , dizendo » que eram pera assar ElRey , e os » seus Capitães. » E porque sobre isto aconteceu huma galantaria de hum soldado com

o Governador , não deixaremos de a contar.

Estando o Governador hum dia na praia , onde estava a ferraria vendo os espetos , atravessou hum pouco affastado hum soldado , chamado Fausto Serrão de Calvos , filho de Vasco Serrão , que foi Juiz do Terreiro do trigo de Lisboa. Hia este soldado em corpo , com suas armas , como todos atavam , e levava na cinta detrás huma machadinha de Rume mui bem feita , que era cousa que costumavam a trazer os soldados , porque lhes servia , quando entravam em algum navio de inimigos , de cortar huma enxarcea , huma driça , e huma amarra ; e além disso servia tambem de arrombar caixões , e fardos pera tomarem suas prezas. Isto estranhava o Governador muito , e tinha má opinião do soldado que trazia estas machadinhas ; porque dizia , que mais andava com o tento em roubar , que em pelejar. E como elle conhecia este Fausto Serrão do Paço , aonde servio ElRey limpamente , vendo-o passar , chamou-o , e lhe disse : » Se quer vós senhor soldado , pera que trazeis essa machadinha ? » O outro entendendo-o , lhe respondeo : » Trago-a , Senhor , pera es- » quartejar ElRey de Cambaya , e seus Ca- » pitães , quando os vossa Senhoria mandar » assar nesses espetos , porque inteiros não o

» po-

» poderáõ fazer bem.» O Governador lhe gabou muito a resposta , e lhe disse , que folgava muito com aquillo.

Acabados os negocios que o Governador tinha pera fazer , se embarcou , e foi ter á barra de Surrate , aonde D. Alvaro seu filho havia oito dias que estava. E de huma espia que D. Jorge Baroche tinha tomado de novo , soube como a fortaleza estava soccorrida de muita gente ; e não se querendo deter alli , foi passando adiante até á barra de Baroche , onde entrou , e mandou Francisco de Siqueira , Capitão dos Nayres de El-Rey de Cochim , que fosse sondar todo o rio , e espiasse a fortaleza , e trabalhasse por saber do modo que estava. Elle o fez assim , e foi pelo rio assima até perto da fortaleza , e vio nos campos della (que são mui grandes) assentado o exercito de El-Rey de Cambaya , em que havia mais de cento e sincoenta mil homens , que tinha alli chegado aquelle dia em soccorro das fortalezas de Baroche , e Surrate , por lhe terem dado aviso , que o filho do Governador estava sobre Surrate , e que elle ficava em Baçaim com grande poder pera se ir ajuntar com elle. O Siqueira tanto que soube as novas pela gente de huma almadía que tomou , voltou pera o Governador , e lhe disse tudo o que víra. E como elle estava já determina-

do a entrar dentro, e haver vista da fortaleza, dando-lhe a desconfiança, não querendo que em algum tempo se dissesse que se recolhêra de medo de ElRey de Cambaya, determinou de lhe dar vista. E para isso mandou embandeirar toda a Armada, e pôr toda a gente em armas; e tanto que a enchente começou, entrou pelo rio affirma com aquella multidão de fustas, que o entulhavam todo. E chegando á vista da fortaleza, menos de meia legua della, poz a prôa em terra, e mandou desembarcar todo o poder, ordenando, e formando hum muito formoso esquadrão. Estava ElRey de Cambaya á vista do Governador pera o certão, com o seu exercito em fôrma de lua, com oitenta peças de artilheria de campo na testa delle, e diante della lançou seis mil homens pera a encubrirem, porque se os nossos o commettessem, o fossem estes levando até os metter na artilheria, com que esperava de o desbaratar, como já o fizera o Turco Selym, quando nos campos Calderanês desbaratou o Xequé Ismael.

Estavam antre o nosso exercito, e o de ElRey de Cambaya humas grandes varzeas de milho já alto, e crescido, por antre quem se mettêram alguns Portuguezes desmандados com seus arcabuzes, pera verem se podiam derribar alguns dos inimigos. O Go-

ver-

vernador ajuntando os Capitães, lhes disse;
 » que a elle lhe parecia bem dar batalha a
 » ElRey de Cambaya, por honra, e credito
 » do Estado da India; porque não era bem
 » que dissessem, que o Governador della se
 » recolhêra, e refusára batalha alguma; que
 » elle esperava em Deos havia de alcançar
 » huma muito honrosa vitoria com pouco ris-
 » co, e perigo; e que quando seus pecca-
 » dos fossem grandes, retrahindo-se com as
 » costas na sua Armada, que estava com as
 » prôas em terra, cuja artilheria varejava to-
 » do aquelle campo, não podia acontecer
 » defastre, » dando-lhe sobre isto outras mui-
 » tas razões. Os Capitães todos não só foram
 » de contrario parecer, mas antes lhe reque-
 » rêram » que não quizesse pôr a India em
 » balanço, porque o poder do inimigo era
 » muito grande, e que já começava a cingir
 » todo aquelle campo. » (E assim era, porque
 » ElRey de Cambaya, tanto que vio o Go-
 » vernador em terra, assentou de lhe dar ba-
 » talha; e fez o seu exercito em fórma de lua,
 » vindo cingindo todo o campo, sahindo até
 » o rio com duas pontas, em que havia dis-
 » tancias de huma a outra de mais de huma
 » legua,) dizendo-lhe os Capitães » que atten-
 » tasse bem naquelle negocio; porque se an-
 » tre os nossos soldados, que eram bisonhos,
 » começasse a haver desmancho, que pode-

» ria acontecer huma grande desaventura á
 » embarcação ; que o bom sería contentar-
 » se com aquella honra de esperar alli na-
 » quelle lugar ElRey de Cambaya , com as
 » costas na sua Armada , pera se ElRey de
 » Cambaya o quizesse commetter , o espe-
 » rar de rosto a rosto ; e que se contentasse
 » com o que fez o Imperador Carlos V. ,
 » quando esperou o Turco Soleimão em Vie-
 » na , porque tudo o outro mais era teme-
 » ridade. » O Governador vendo todos con-
 tra si , desistio de sua opinião.

Vendo D. Jorge Baroche , que o Gover-
 nador mudára o conselho , pedio-lhe qui-
 nhentas espingardas pera se metter antre ar-
 quelles milharacs , pera dar dous pares de
 cargas nos inimigos ; e que esperava em Deos
 de lhes derribar huma cópia delles , e que
 não quizesse mór honra , que fazer-se aquel-
 la affronta nas barbas do seu Rey. O Go-
 vernador lho concedeo ; e andando D. Jor-
 ge ajuntando os soldados de espingardas ,
 passou por hum que estava armado com a
 sua ás costas , muito bem posto no chão , e
 de muita pessoa. D. Jorge lhe perguntou se
 hia com elle ? o soldado lhe disse » que não ,
 » porque aquillo era desatino ; e que estava
 » certo quantos lá fossem , ficarem todos es-
 » pedaçados , e seus corpos , pera mantimen-
 » to das gralhas , e adibes daquelles cam-
 » pos

» pos de Baroche.» Foi isto em parte que o Governador o ouviu; e chamando o soldado, lhe perguntou o que dizia? Elle lhe disse: » Não vedes, Senhor, aquella multidão de Mouros, que cobrem os campos; » pera que deixais arriscar quinhentos homens perantre aquelles milhos, aonde se » houver hum desmancho, todos se hão de » perder? » O Governador tomando aquillo por agouro, mandou a D. Jorge que sobreestivesse na ida; e havendo tres horas que estava em campo, se embarcou muito a seu salvo, sem os inimigos o inquietarem, nem commetterem; e com a vasante da maré se sahio pera fóra, ficando ElRey de Cambaya affrontado de o Governador desembarcar á sua vista, e de elle o não commetter, nem lhe dar batalha.

C A P I T U L O VIII.

De como o Governador D. João de Castro passou a Dio, e metteo de posse daquella fortaleza a Luiz Falcão, e D. João Mascarenhas se embarcou pera o Reyno: e de como o Governador destruiu as Cidades de Pate, e Patane.

PArtido o Governador de Baroche, foi atravessando pera Dio, mandando alguns navios diante, e outros por dentro da

enceada a fazerem toda a guerra que pudessem, como fizeram, tomando muitos navios, e dando em muitos lugares, que puzeram a ferro, e a fogo, sem deixarem coufa em pé. O Governador chegou a Dio, aonde D. João Mascarenhas o foi buscar á barra, e elle desembarcou em terra, e Dom João Mascarenhas lhe pediu logo que provesse aquella fortaleza de Capitão, porque era tempo de se elle ir embarcar pera o Reyno, como ficára assentado na entrada do inverno passado. O Governador lhe disse que sim, e mandou que se negociasse, tratando de prover a fortaleza, sem saber determinar o que nisso faria, porque já o verão passado lhe engeitáram alguns, e não ousava de commetter a alguem com ella.

Estando nesta indeterminação, chegou áquella fortaleza Luiz Falcão, que vinha de servir a Capitania de Ormuz, aonde ficava D. Manoel de Lima, que foi bem recebido do Governador, porque logo determinou de lhe dar aquella fortaleza, sem embargo de ter delle grandes culpas, que de Ormuz lhe mandáram; porque além de ter muitas partes, era rico, e tinha que gastar. E logo ao outro dia estando ambos fós, lhe disse » que elle como seu amigo que era, » desejava de pôr suas cousas em bom estado, e de não chegarem a ElRey as culpas

» pas que delle havia ; e que pera isso não
 » havia outro melhor meio , que acceitar el-
 » le aquella fortaleza , e servir ElRey nel-
 » la , porque então lhe ficaria lugar pera rom-
 » per suas devassas , e escrever a ElRey co-
 » mo o ficava servindo naquella fortaleza ,
 » que muitos lhe engeitáram por estar rota ,
 » e aberta. » Luiz Falcão lhe teve em mer-
 » cê aquella lembrança , e desejo que mostra-
 » va de lhe fazer mercê , dizendo-lhe » que
 » estava muito prestes pera servir a ElRey af-
 » sim naquillo , como em tudo o mais que
 » lhe mandasse , e despender quanta fazen-
 » da tinha com muito gosto. » O Governador
 lho agradeceo muito , e logo lhe deo
 a posse da fortaleza , e D. João Mascaren-
 has se embarcou pera Cochim , e dahi pe-
 ra o Reyno.

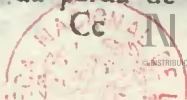
Passado este negocio , que foi em bre-
 ves dias , se embarcou o Governador , e se
 passou á costa de Pór , e Mangalor , e por
 toda ella fez huma cruelissima guerra , des-
 truindo , e assolando de todo as Cidades de
 Pate , e Patane , que eram formosissimas ,
 posto que as acháram despovoadas de seus
 moradores , que se tinham recolhido pera o
 certão com medo do açoute Portuguez. A
 Cidade de Pate tinha a huma banda hum
 formoso , e forte Castello , com tres muros
 mui fortes , e tres cavas mui largas ; as por-

tas eram de madeira mui grossas, todas chapadas, e atravessadas de barras de ferro, grandes, e fortes, que o Governador desejou de mandar levar pera Goa; mas não pôde ser por sua grandeza, e os soldados as tiráram de seus couces, e as lançáram no mar. Aqui acháram duas costas de balêa tamanhas, que depois em Goa (pera onde o Governador as mandou embarcar) fizeram dellas hum arco na boca da rua, que vai dos açougues pera a porta da Cidade, que tomavam do canto onde poufa hum livreiro, até o outro onde está hum cirgueiro, que será de largura de treze passos. Este arco durou alli até o tempo do Governador Francisco Barreto. Nesta Cidade de Pate tomáram os nossos muitas fazendas, que seus moradores não pudéram recolher; e em seu porto, e em outros se queimáram perto de duzentas embarcações de toda a sorte, em que acháram muitos mantimentos, de que se a Armada proveo, e algumas fazendas.

Destruida, e assolada toda esta costa, voltou o Governador pera Baçaim pera crescer ao Reyno, e desembarcou em terra, onde determinava de estar de vagar, porque queria gastar todo aquelle verão na guerra de Cambaya; e porque tambem em quanto ElRey Soltão Mahamude o visse andar por alli, não buliria comsigo. Daqui des-

pedio espias a Cambaya a saber o que lá hia ; e foi avisado , que tanto que elle se partio de Baroche , provêra ElRey aquella fortaleza , e a de Surrate , e se recolhêra á Cidade de Amadabá.

Aqui soube o Governador de hum mercador Gentio , (que ao tempo que D. Alvaro de Castro chegou a Surrate , estava naquella Cidade com sua fazenda ,) que Caracen , Capitão da fortaleza , tanto que soube estar a Armada de D. Alvaro de Castro sobre a barra de Surrate , fora tão grande o seu medo , que mandára suas mulheres , e thesouros pera as Cidades do cêrtão , ficando elle prestes , e á ligeira , pera se a Armada cômmettesse a fortaleza , largallá , e recolher-se. O Governador tanto que soube isto , quizera morrer de paixão , pondô a culpa daquelle negocio aos Capitães dos navios , que D. Alvaro de Castro mandou reconhecer a fortaleza ; ficando tão melancolizado , e triste de perder huma tamanha occasião , que não tinha gosto de cousa alguma , nem o viam rir. É hum dia solemne , estando na Igreja de nossa Senhora armando Cavalleiro Vasco Nunes , Capitão dos Nayres de ElRey de Cochim , sendo presentes todos os Fidalgos , e depois de fazer este officio , que foi feito com grande cêremônia , como a mágoa da perda de Surra-



te lhe não falhia do coração , chamou alli por Antonio Pessoa , Veador da Fazenda , e lhe disse : » Antonio Pessoa , quando vos » relevar alguma cousa de vossa honra , fa- » zei-a por vós , e não a encomendeis a ou- » trem. » D. Alvaro de Castro seu filho , e os Capitães que com elle foram naquella jornada , sentiram muito aquelle negocio , e andavam tão envergonhados , que não ou- savam de apparecer diante do Governador , que ficou escrevendo pera o Reyno , por ser já entrada de Dezembro.

C A P I T U L O IX.

*De como o Idalxá mandou Calabatecan so-
bre as terras de Salfete : e de como os
Vereadores de Goa não deixáram passar
D. Diogo de Almeida , Capitão da Cida-
de , em busca delles : e da pressa com que
o Governador D. João de Castro se em-
barcou pera Goa : e de como destruiu a
Cidade de Dabul.*

O Idalxá tanto que lhe deram as novas do desbarato dos seus Capitães , e de como o Governador lhe tomára a sua forteza de Pondá , e que estava outra vez de posse das terras de Salfete , havendo-se por muito affrontado , e offendido , despedio com muita pressa hum Capitão principal ,

chamado Calabatecan , com vinte mil homens , em que entravam tres mil de cavallo , mandando-lhe que tornasse a ganhar as terras , e se deixasse ficar nellas , fazendo guerra á Cidade de Goa. Este Capitão ajuntou a si os mais , que já andavam por Pondá , e por aquellas partes , que eram os que fugiram ao Governador ; e entrando pelas terras de Salfete , se tornáram a apossar dellas ; e Fernão de Araujo , Capitão de Rachol , com Diogo Soares Contador , que era Capitão da gente da terra , se recolhêram na fortaleza , aonde se fortificáram muito bem. As novas disto chegáram logo a Goa ; e ajuntando-se o Bispo , Capitão , e mais Regentes , praticáram sobre o modo que naquillo se teria , e o Capitão se offerceo pera ir com toda a gente que havia em Goa ; a lançar os inimigos fóra , dando razões pera assim ser necessario ; e parecendo bem a todos , assentáram que fosse. E logo se começou a preparar , e a fazer chamamento dos casados pera o acompanharem. Os Vereadores de Goa tanto que aquillo víram , sabendo que o poder dos inimigos era muito grande , e que acontecendo hum desastre ao Capitão , se poderia perder aquella Cidade , foram a casa do Bispo , aonde mandáram chamar o Capitão , e lhe requerêram que não passasse á outra banda , nem sa-

» hisse fóra da Cidade, e Ilha de Goa, por-
 » que lho não haviam de consentir, nem dei-
 » xar passar com elle os moradores, encam-
 » pando-lhe a Cidade, e Ilha de Goa. » O
 Capitão lhes disse » que não era credito do
 » Estado dissimular com aquelle negocio, que
 » Cavalleiros, Cidadãos, e soldados estavam
 » em Goa pera poderem dar batalha á pes-
 » soa do Idalxá, quanto mais áquelles Ca-
 » pitães, que ainda que traziam muita gen-
 » te, era toda fraca, e coitada; e que elle
 » esperava em Deos de os desbaratar com
 » pouco risco. » Os Vereadores replicáram
 » que em nenhuma maneira o haviam de con-
 » sentir; que pois não havia perigo na tar-
 » dança, que se sobreeestivesse, porque aquil-
 » lo não duraria mais que até á chegada do
 » Governador, e que então todos passariam
 » aos lançar fóra. » O Capitão não pode por
 então fazer cousa alguma, e despedio logo
 recado ao Governador de tudo o que era
 passado, provendo entretanto Rachol de gen-
 te, e munições, e os rios de navios, e man-
 chuas.

Este recado chegou ao Governador; e
 vendo as cartas, e o que era passado, es-
 bravejou contra os Vereadores por impedi-
 rem a passagem ao Capitão; e o mesmo dia
 tornou a despedir a mesma embarcação com
 cartas ao Bispo, e Capitão, de agradecimen-

tos, do modo de como procedêram naquelle negocio, affirmando-lhes que logo sería naquella Cidade; encommendando muito ao Capitão, que com toda a gente de cavallo, e de pé que houvesse o esperasse em Agaçaim, porque dalli pertendia de passar a Salfete. E aos Vereadores escreveo huma carta mui azeda, reprehendendo-os de impedirem a passagem ao Capitão, com palavras afperas.

Despedida esta embarcação, logo o Governador se embarcou, e deo á véla pera Goa. E chegando defronte da Cidade de Dabul, que he a principal escala que o Idalxá tem naquella costa, determinou tomar nella vingança do atrevimento que teve, em mandar seus Capitães sobre as terras que eram de ElRey de Portugal; e deo recado aos Capitães da Armada, pera que se fizessem prestes pera o outro dia, ficando fóra aquella noite. E tanto que foi o quarto d'alva, commetteo a barra, dando a dianteira a D. Alvaro de Castro, e foi pôr a prôa na praia da Cidade, por meio de todas as bombardadas que lhe atiraram. D. Alvaro de Castro, que levava ordem do Governador do que havia de fazer, saltou em terra com dous mil homens, e com os Nayres de ElRey de Cochim, e na praia achou o Tanadar da Cidade com hum grande cor-

po de gente, com quem travou huma formosa batalha, em que houve algum damno de parte a parte, mas todavia os inimigos foram arrancados do campo.

O Governador desembarcou com toda a gente, e fez della duas batalhas, huma deo a seu filho, e a outra tomou pera si, e assim foram commettendo a entrada da Cidade, onde acháram muito grande resistencia, porque pelejavam seus moradores pela defensão das mulheres, filhos, e fazendas. E posto que os nossos tiveram grande trabalho, e risco, por fim do negocio apertáram com os inimigos de feição, que os rompêram, entrando a Cidade de envolta com elles, tendo-lhes os inimigos sempre o rosto, e pelejando com muito valor; mas como os nossos hiam com aquelle impeto, e o Governador com todo o cabedal era já entrando, foram levados os Mouros de rondão com grande estrago seu, e de tal maneira apertáram com elles, que os deitáram fóra da Cidade, ficando ella em poder dos nossos, com hum muito grosso recheio, que se metteo a sacco; e foi de feição, que se enchêram todos os navios, sem se enfiar a terça parte da Cidade. E depois de todos fartos á sua vontade, puzeram fogo a tudo o mais que subejou, destruindo, assolando, derribando toda a Cidade de sorte, que na-

da della ficou em pé. Queimáram-se assim em terra , como no rio , muitas náos , e embarcações de toda a sorte , ficando aquella misera Cidade convertida em carvões , e cinza. Em fim o castigo foi tal , que em quanto durar a India , durará sua memoria.

O Governador se embarcou logo por se não deter , e deo á véla com muita pressa pera Goa , e foi demandar a barra de Murgão , que he a de Goa velha , por onde entrou , e foi surgir em Agaçaim , onde achou D. Diogo de Almeida , Capitão da Cidade de Goa , com cento e sincoenta de cavallo , com muitas barcaffas , e jangadas pera a passagem da outra banda. O Governador se deteve alli aquelle dia , tomando informação do estado das cousas , e despedio espias pera saber a ordem , e modo em que o inimigo estava. Ao outro dia pela manhã começou a passar todo seu exercito da outra banda de Salfete , no que gastou todo o dia , e noite.

CAPITULO X,

De como o Governador D. João de Castro passou a Salfete em busca dos inimigos, e batalha que lhes deo, em que os desbaratou de todo.

P Assado o Governador á outra banda ; teve logo aviso pelas espias, que Calabatecan estava com todo o poder na Villa de Margão, que teria duas leguas e meia dalli onde estava. E pondo sua gente em ordem, fez de toda a de pé duas batalhas de dous mil homens Portuguezes cada huma. A primeira, que era a vanguarda, deo a D. Álvaro de Castro seu filho, com quem haviam de ir todos os Nayres de Cochim, e Lascarins da terra, de baixo da bandeira do Tanadar mór de Goa. A outra batalha tomou o Governador pera si, com quem ficaram todos os Capitães, e Fidalgos velhos. Da gente de cavallo, que hia toda debaixo da bandeira do Capitão da Cidade, tambem fez duas batalhas, que haviam de ir pelas pontas do esquadrão da vanguarda; e nesta ordem foram caminhando em busca dos inimigos ás tres horas da tarde, deitando diante alguns cavallos ligeiros pera lhes descubrirem o campo. E antes de chegarem a Margão, distancia de meia legua, teve o

Calabatecan rebate do Governador ir em pessoa a buscallo ; e não ousando ao esperar, levou-se com tanta pressa, que deixou as tendas armadas, e os caldeirões no fogo com a cea, e passou o rio á outra banda pelos vallos, que logo mandou quebrar por os nossos o não seguirem, e se recolheo pera as aldeias de Cocoly. O Governador foi caminhando até Margão, e antes da Villa, teve recado que os inimigos hiam fugindo com muita pressa. E chegando ao lugar onde os inimigos haviam estado, achou o arraial com todas suas tendas, camas, e mezas, onde se todos aposentaram, e agazalharam á sua vontade, porque acharam tudo o de que tinham necessidade pera comer. Aquella noite passaram alli com grandes vigias; e ao outro dia, que foi do Apostolo S. Thomé, Padroeiro da India, se levantou o exercito, e foi marchando em busca dos inimigos, mandando o Siqueira diante com huma companhia de Nayres aos espiar, e a descubrir o campo; e chegando á ribeira, houve vista dos Mouros da outra banda, porque o Calabatecan tanto que amanheceo, acudio a tomar os passos da ribeira, porque o Governador não passasse. O Siqueira voltou logo ao Governador, e lhe disse, que alli tinha os inimigos da outra banda da ribeira. O Governador hia em hum palanquim,

de que em lhe dando as novas saltou logo fóra, e cavalgou em hum formoso cavallo melado; e tomando huma lança, e adarga, correo por todo o exercito muito rizonho, dizendo a todos:

» Eia, filhos, alli temos os inimigos: va-
 » mos a elles, que pouco tendes que fazer,
 » porque pera vosso esforço, e pera o alvo-
 » roço que em todos sinto, tomára que fo-
 » ram mais, pera que ficára a vitoria mais
 » gloriosa. »

E passando-se á dianteira, aonde hia seu filho D. Alvaro de Castro, e D. Diogo de Almeida com a gente de cavallo, lhes deo a nova, e mandou que se puzessem em ordem. E chegando á ribeira, querendo-a commetter a váo, a acháram muito alta; e indo demandar o vallo, tambem o acháram quebrado; mas com a pressa ficou ainda alguma parte pequena por onde os nossos de pé começaram a passar, e da outra banda acháram Calabatecan, que mandou hum Capitão que os accommettesse, como fez. E como aquella parte era estreita, carregando os inimigos sobre os nossos, os tornáram a lançar fóra dos vallos. O Governador acudio áquella parte; e vendo retirar os nossos, ficou tão enfadado, que começou a brádar com elles, dizendo-lhes, que fugiam. O Capitão D. Diogo de Almeida foi avisado, que abai-

xo fazia a ribeira hum váo , por onde a gente de cavallo podia passar com a agua pelas cilhas ; e indo-o demandar , chegou a elle , e começou a passar ; e sendo já com alguns da outra parte , chegou Calabatecan com dous mil homens , porque teve aviso que a nossa gente de cavallo passava pelo váo. Hia o Mouro em hum soberbo cavallo acubertado , e elle armado de armas inteiras , e fortes , e em lugar de elmo , e vi-feira , levava huma mascara de aço , que elles usam ; e chegando áquella parte diante dos seus , foi remettendo aos nossos. Dom Diogo de Almeida que o conheceo , assim pelos sinaes , como pelo capitanear que fazia , em o vendo , poz a lança no reste , e abalou pera elle , dizendo : » Ah cão , olha » por ti , que deste encontro se acabará tudo. » E encontrando-se ambos de meio a meio , barafustando os cavallos hum com o outro , foi Calabatecan do encontro ao chão ; e ainda não foi nelle , quando se levantou com o terçado na mão ; e lançando a esquerda ás redeas do cavallo de D. Diogo de Almeida , (que estava como atordoado da pancada ,) foi pera descer com o golpe , e sem dúvida o tratára mal se lhe dera ; mas foi sua dita tal , que hum pagem de cavallo que levava , com outra lança , chegou áquella hora pera lhe soccorrer com ella ; e

vendo o Mouro que levantava o braço, abaixou a lança, e poz as pernas ao cavallo, e tomando o Mouro pelos peitos, deo com elle no chão; mas tambem logo se tornou a levantar com grande furia, e remetendo com o pagem, lhe levou as redeas, e ao mesmo tempo desceo com hum tão faganhoso golpe, que tomando-o pela adarga, lhe cortou huma borda, e foi descendo aos peitos do cavallo, e o abriu todo, cahindo elle no chão. D. Diogo de Almeida, posto que o seu cavallo estava fraco, lhe poz as pernas, e encontrando o Mouro, o levou por debaixo dos pés, onde foi morto de alguns, que lhe puzeram tambem as lanças, sem se poder averiguar quem foi o que o matou, porque houve muitos que lhe tomáram peças de seu corpo; mas ficou melhor de partido hum Jorge Madeira, que lhe tomou o terçado, e adarga, que eram de ouro, com muita pedraria, e tambem algumas cadeias, e anneis ricos; e se affirma, que valêram as peças dez mil pardáos.

Os nossos de cavallo, que já a este tempo estavam da outra banda, andavam baralhados com os Mouros, assignalando-se de todos o Capitão Francisco da Silva de Menezes, Tristão de Taide, Alvaro da Gama, Antonio Pereira, Alvaro de Caminha, An-

tonio Ferrão , e outros , que todos matáram , e derribáram tantos , que o menos que coube a cada hum dos nossos sessenta de cavallo , (que não passaram mais até então ,) foram tres.

Andando assim a cousa baralhada , correo a nova pelo exercito da morte de Calabeteacan , com o que os seus se foram recolhendo. D. Alvaro de Castro pela outra banda do vallo commetteo outra vez a entrada ; e os seus soldados envergonhados do que lhes o Governador disse , a pezar de golpes entráram por elle , e se puzeram da outra banda. O Governador como vio o vallo franco , passou com o resto do exercito , e achou o filho baralhado com os inimigos , que acudíram alli ; e remettendo com a sua batalha , (porque o campo era muito grande ,) deo Sant-Iago por huma banda , e appellidando o Bemaventurado Apostolo São Thomé , cujo dia era. Salvador Fernandes , Alferes da bandeira Real , se foi mettendo com ella no meio dos inimigos , a que acudio o poder , e se travou huma muito aspera batalha de parte a parte. D. Diogo de Almeida , Capitão da Cidade , tanto que (por onde passou) se vio desapressado dos Mouros , ajuntou toda sua gente a si , e foi demandar a batalha , porque vio a bandeira Real da outra banda. E rompendo

nos inimigos por huma ilharga , começou a fazer nelles grande destruição.

Estando a cousa neste estado , chegou a nova da morte de Calabatecan aos outros Capitães ; e em lha dando , largáram o campo , deitando a fugir , e desamparando tudo. Os nossos foram seguindo o alcance , matando , e derribando nelles sem virarem , até á outra ribeira , aonde se lançáram á agua como desatinados , e alli fizeram os nossos nelles muito grande estrago. O Governador tocou a recolher , e mandou recado aos de diante , que se viessem pera elle , como fizeram , ficando o Governador no campo , em que houve a vitoria , vendo os mortos , e acháram dos de cavallo perto de duzentos , e seiscentos de pé , a fóra os que se matáram no alcance , que foram mais de dous mil. E muitos mais se perdêram , se não mettêram nas toucas ramos verdes , que era o final que os nossos piães Gentios traziam pera serem conhecidos dos nossos , com o que escapáram a mór parte delles. O Governador se tornou pera Margão , aonde descansou aquelle dia.

Foi esta vitoria tão celebrada , e festejada em Goa , que nos dias das festas nas folias , a que o Governador era muito afieçoado , se lhe cantava hum Romance , que hum curioso fez , que começa :

*Pelos campos de Salfete
 Mouros mal feridos vão,
 Vai-lhes dando no alcance
 O de Castro D. João:
 Vinte mil eram por todos, &c.*

Ao outro dia disse o Governador aos soldados : » Filhos, e Cavalleiros meus , com- » vosco hei de ir tomar o Idalxá pela barba : » fazei-vos prestes , ide consoar a Goa , que » eu vos vou esperar em Pangim , que te- » mos muito que fazer. » E partindo-se dal- li , se embarcou no rio de Agaçaim , e á vis- ta da Cidade , que lhe fez grande salva , se foi pera Pangim , aonde teve a festa , e to- da a gente ficou em Goa. Alli em Pangim acabou o Governador de escrever pera o Reyno , e pelas Oitavas despedio as vias pe- ra Cochim , e tomáram as náos de verga de alto , e até vinte de Janeiro se fizeram todas á véla , e tiveram boa viagem.

Nestas náos foi D. João Mascarenhas , que ElRey recebeu muito honradamente , pe- lo grande cerco que sustentou em Dio , e lhe fez depois muitas honras , e mercês. Es- te Fidalgo nunca mais quiz tornar á India , e dizia-se que fora muitas vezes commetti- do pera a ir governar. ElRey o fez do seu Conselho do Estado , e lhe deo tenças , e Commendas grossas ; e depois sendo o Car-

416. ASIA DE DIOGO DE COUTO

deal D. Henrique Rey de Portugal, foi hum dos cinco Governadores do Reyno. Foi filho de D. Nuno Mascarenhas, filho segundo do primeiro Capitão dos Ginetes D. Fernão Martins Mascarenhas. Casou, depois que da India veio pera o Reyno, com Dona Helena, filha de D. João de Castello-branco: deo-lhe ElRey a Alcaidaria mór de Castello de Vide: teve dous filhos, D. Nuno Mascarenhas, D. Pedro Mascarenhas.

C A P I T U L O X I.

De como o Governador D. João de Castro proveo nas cousas das terras de Salsete: e de como partio pera o Norte, e destruiu toda a costa do Idalxá.

Como o Governador D. João de Castro pertendia continuar na guerra do Idalxá, e destruir-lhe todos os seus pórtos do mar, naquellas Oitavas proveo nas cousas de Salsete, deixando ordenado o Capitão D. Diogo de Almeida com cento e vinte de cavallo, e mil piães da terra pera quietar, e segurar aquellas aldeias; e nos rios de Rachol deixou alguns navios da Armada pera guarda delles, cujos Capitães eram, Gaspar Fernandes, Gonçalo Gomes, Luiz de Almeida, Jorge Fernandes, Ignacio Cour-

tinho, João Pires, João Homem, e outros. E deixando dado ordem a outras muitas cousas, tanto que a festa passou, logo se embarcou na mesma Armada, acudindo-lhe toda a gente, sem faltar huma pessoa, porque andavam todos satisfeitos, e contentes; e o de que andavam mais, era das palavras, honra, e amor com que o Governador os tratava; e assim desejavam de se aventurar debaixo de sua bandeira, e pôr as vidas a todos os riscos, e perigos. Pelo que devem de trabalhar muito os Governadores, e Viso-Reys de ganharem os corações dos homens, se querem vir a ser famosos no Mundo, com aquellas tres cousas, em que o grande Capitão Gonçalo Fernandes encerrava todas as leis da guerra, que eram Capitão clemente, mão larga, e boca prudente; porque nenhuma cousa ata mais os corações dos homens, que prudencia nas palavras, presteza nas obras, humanidade na execução. Anno 1548.

E tornando ao nosso fio, recolhendo o Governador toda a Armada, sahio pela barra fóra na entrada deste mez de Janeiro de quarenta e oito, em que com o favor Divino entramos; e começando no rio de Chaporá, duas leguas de Goa, que he o primeiro do Estado do Idalxá, mandou assolar, derribar, e queimar tudo, e que se não

perdoasse a cousa alguma, nem se deixasse em pé arvore de fruto, nem palmeira, que era toda a sua substancia. E em muitas partes, em que o Governador desembarcou em pessoa, tanto que via a algum soldado cortar huma palmeira, ou qualquer outra arvore, o abraçava, dizendo-lhe: » Ah soldado, agora mataste dous Mouros. » Tanto trazia os olhos nos serviços dos homens, que nunca algum fez couza boa, que não fosse logo louvada publicamente delle, e depois satisfeita conforme ao tempo, e á posse do Estado. E assim foi destruindo Banda, Meludi, Achará, Tamboná, Mazagão, Carapatão, Rayapor, e todos os mais lugares daquella costa até Dabul, fazendo as mores cruezas, e damnos que se podiam imaginar.

É porque hia avisado que a Cidade de Dabul de cima estava com hum grosso recheio, porque se tinham recolhidos os mais dos mercadores do derredor a ella, pela haverem por segura por estar duas leguas pelo rio affima, deo recado aos Capitães pera que se fizessem prestes pera o outro dia, porque determinava de a destruir. E sendo no quarto d'alva, entrou com toda a Armada pelo rio dentro, e passáram pela Cidade, que estava ainda escondida debaixo das cinzas, e carvões, em que havia pouco a

deixáram os nossos consumida, e chegaram á outra Cidade ao romper da manhã; e pondo as prôas em terra, saltou nella D. Alvaro de Castro com sua companhia, porque em todas estas cousas sempre levou a dianteira; e commettendo a Cidade, a acháram despejada de gente, e fazendas, porque o terror, e espanto do que o Governador hia fazendo por aquella costa, fez recolher tudo o mais pera o certão. E não achando os Portuguezes em que executar sua furia, o fizeram nos antigos, e soberbos templos, e edificios, por ser a Cidade em si mui populosa; e deixáram assolado, e destruido até os derradeiros alicerces, dando fogo a tudo, que consumio as pedras em cinza, cortando, e destruindo as hortas, fazendas, e palmares, sem deixarem huma arvore em pé; e o mesmo fizeram a todas as aldeias, que havia pelo rio assima, de huma, e outra banda, em que cativáram alguns mequinhos, matando muito gado grosso, e miudo; e em fim ficou tudo pera muitos annos não tornar em si.

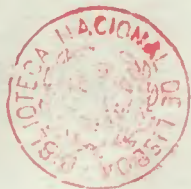
Dalli se embarcou o Governador, e foi dando, e destruindo todas as mais povoações, que havia até o rio de Cifardão, que divide o Estado do Idalxá do Melique, não deixando cousa em pé, de sorte que por toda aquella costa não havia outra cousa, se-

não nuvens de espesso fumo , que cubriam os ares , e escondiam a claridade do Sol. Chegado a Chaul , entrou no rio a dar despacho a alguns negocios , e alli ouviu na sua galé hum Embaixador do Melique , que havia dias alli estava esperando por elle , por quem aquelle Rey lhe mandou fazer muitos offerecimentos pera contra o Idalxá , porque não estavam amigos. O Governador o ouviu bem , agradecendo-lhe aquella vontade , confirmando com elle novamente as pazes com os Capitulos em danino do Idalxá , e despedio o Embaixador muito satisfeito.

Acabado este negocio , se foi pera Baçaim , donde despedio D. Antonio de Noronha , filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha , com vinte navios ligeiros pera continuar na guerra de Cambaya , da outra banda da costa de Dio até Pór , e Mangalór ; e o mesmo fez a D. Jorge Baroche com outros tantos navios , pera andar de Agaçaim até Baroche , defendendo aquelle mar , porque não entrasse cousa alguma em Cambaya , nem sahisse pera fóra , por lhe dar perda em suas entradas , e Alfandegas , como lhe deo notavilissima. Em Baçaim desembarcou o Governador em terra , e mandou dar quatro mezas aos soldados , cujos Capitães eram , D. Alvaro de Castro , D. Bernardo de Noronha , filho do Viso-Rey D. Garcia de No-

ronha, D. Pedro da Silva da Gama, filho do Conde Almirante, que descobriu a India, e Gomes Vidal, Capitão da guarda do Governador; deixando-se alli ficar, com determinação de se não recolher, senão a invernar; porque dalli queria mandar fazer guerra a Cambaya, e ao Idalxá, por ficar em meio de ambos aquelles Reynos, como fez, espalhando navios por suas costas, que lhe fizeram toda a que lhe pudéram fazer, tomando-lhes muitas embarcações carregadas de fazendas, e mantimentos. E porque não houve cousa notavel que succedesse a estas Armadas, concluimos com ellas assim em somma, porque temos outras muitas cousas que nos chamam, a que he necessario acudir.

FIM DO LIV. V. DA DECADE VI.



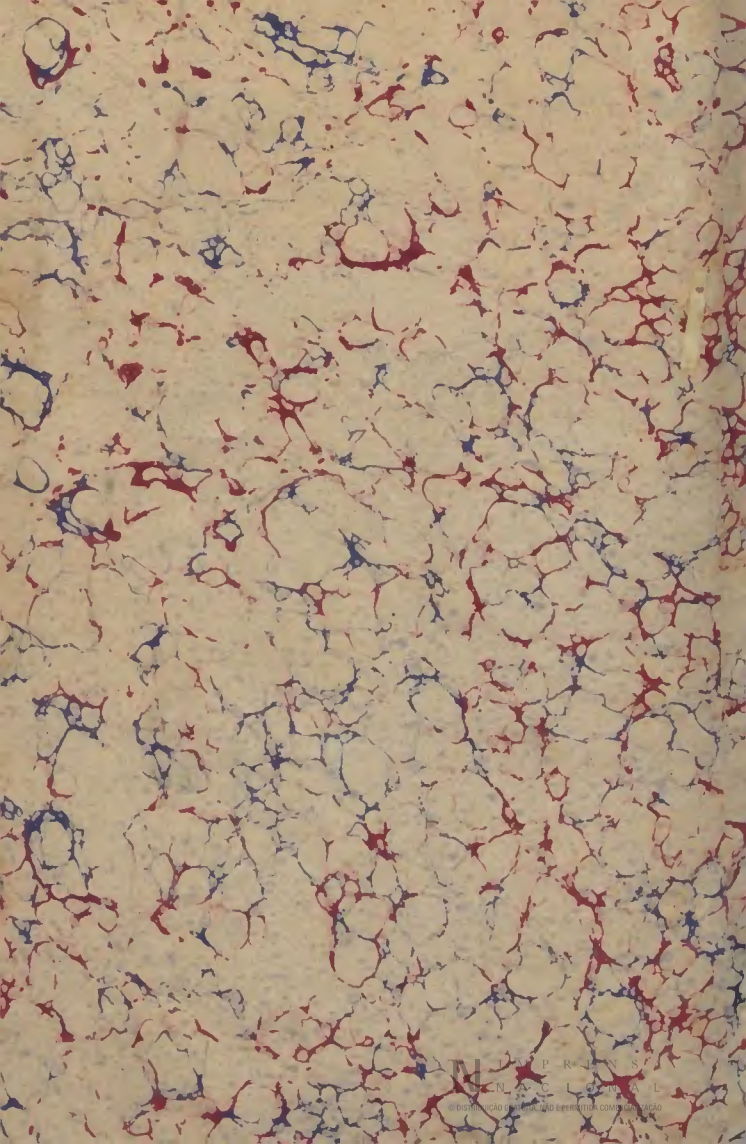
BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO

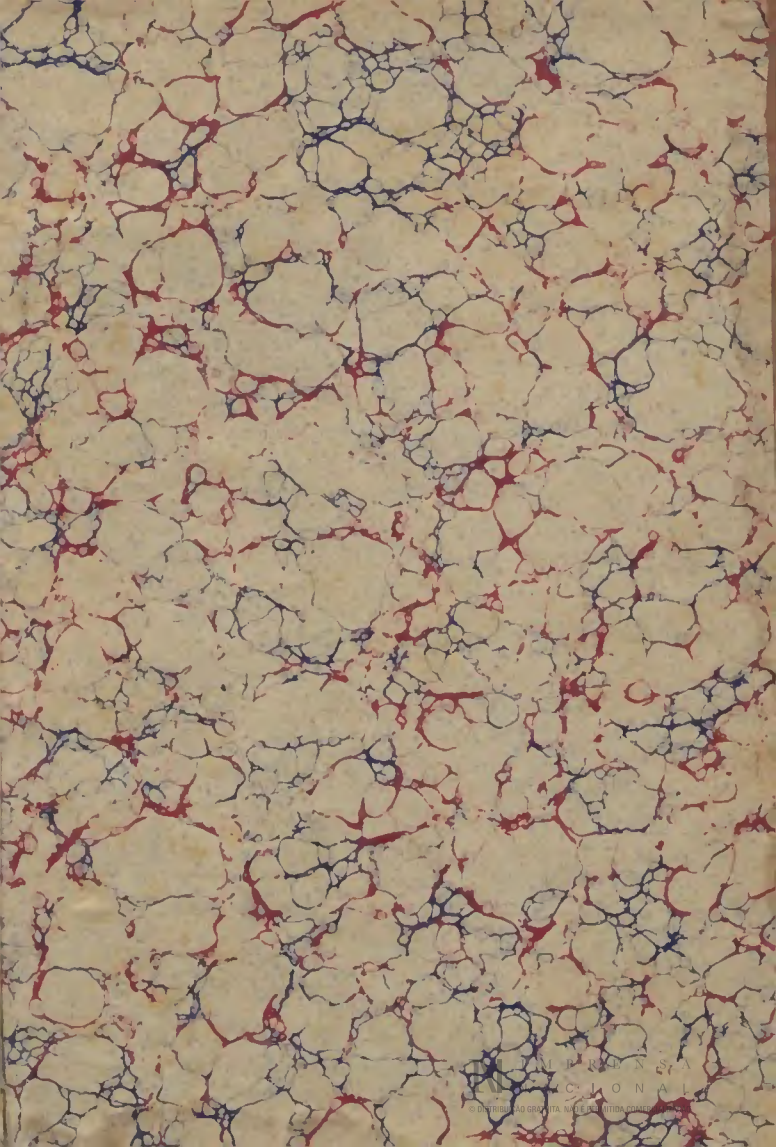
THOME JOSE DE BARROS QUEIROZ

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO





ALFONSO
ACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA NA REDE NACIONAL DE COMÉRCIO

NB



S A
C A L

•EFG000000104•